

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

VIRGINIA LAURA FERNÁNDEZ

**A inserção externa da Argentina: um estudo sobre a relevância dos recursos naturais no padrão de exportações, a competitividade e o comércio intra-industrial, no período de 1985 a 2010.**

Curitiba  
2014

VIRGINIA LAURA FERNÁNDEZ

**A inserção externa da Argentina: um estudo sobre a relevância dos recursos naturais no padrão de exportações, a competitividade e o comércio intra-industrial, no período de 1985 a 2010.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Econômico.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Luiz Curado

Co-orientador: Prof. Dr. José Gabriel Porcile Mierelles

Curitiba  
2014

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Virginia Laura Fernández**

**“A INSERÇÃO EXTERNA DA ARGENTINA: UM ESTUDO SOBRE A  
RELEVÂNCIA DOS RECURSOS NATURAIS NO PADRÃO DE EXPORTAÇÕES, A  
COMPETITIVIDADE E O COMERCIO INTRA-INDUSTRIAL, NO PERÍODO DE  
1985-2010”**

**TESE APROVADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
DOUTOR NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, PELA SEGUINTE  
BANCA EXAMINADORA:**

**Prof. Dr. Marcelo Luiz Curado**

**(Orientador UFPR)**

**Prof. Dr. Clésio Lourenço Xavier**

**(Examinador/ UFU)**

**Prof. Dr. Celio Hiratuka**

**(Examinador/ Unicamp)**

**Prof. Dr. Armando João Dalla Costa**

**(Examinador/ UFPR)**

**Prof. Dr. Mauricio Vaz Lobo Bittencourt**

**(Examinador/ UFPR)**

**15 de dezembro de 2014**

A meu pequeno Ernesto e seu irmãozinho, que está a caminho.

## AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas de quem recebi apoio ao longo do caminho desta pesquisa. Algumas com reflexões e sugestões, outras com sua presença e suporte emocional, dando-me forças para continuar. Todas são merecedoras do meu afeto. A algumas, em especial, gostaria de mencionar.

Quero começar por meu orientador, Marcelo Luiz Curado, que me deu soberana liberdade durante o trabalho, sem deixar de delinear, com sutileza e mestria, o foco da investigação. Meu sincero agradecimento às suas cuidadosas provocações iniciais e às sólidas contribuições para que minhas inquietações tomassem a forma de uma tese de doutorado.

A Gabriel Porcile, meu co-orientador, que com humildade e afeto – pouco habituais nestes tempos – sempre esteve a postos para fazer sugestões e recomendações, assim como me auxiliar com as bases de dados da CEPAL.

A Nelson Correa e Danilo Spinola, da CEPAL, que me ajudaram enormemente com a base de dados TRADECAN, e me capacitaram para usá-la.

A Clésio Xavier, por guiar-me com muita disposição nas últimas etapas, auxiliando-me na obtenção e tratamento dos dados para a construção do Índice de Comércio Intra-Indústria.

Aos professores do programa de doutorado, muito importantes para a minha formação, que me receberam de forma acolhedora: Marco Cavalieri, Armando Dalla Costa, João Basílio Pereima Neto, Fernando Motta Correia e Maurício Bittencourt, estes últimos também coordenadores do programa, sempre receptivos e solícitos para a resolução de qualquer problema. E à Aurea, sempre disposta a resolver, com cordialidade, as questões administrativas.

A meus colegas – amigos – de curso, em especial, José María Las Heras, Eduardo Gelinski Jr., Nelson Granato, Kaio Vital, Eduardo Araújo, Francisco Lira, Cleiton Silva e Eduardo Drumond, com quem compartilhei lindas experiências e que fizeram essa jornada mais divertida.

A meu companheiro de vida, Rodolfo, que mesmo não sendo economista de formação foi meu principal interlocutor. Sua leitura crítica e questionamentos foram essenciais para a investigação. Agradeço-lhe, enormemente, haver lido e retrabalhado a versão em português, dando-lhe, sempre que possível, mais clareza e fluidez ao texto.

Por fim, quero agradecer a meus pais, irmãs e avós, pela força de seu carinho cotidiano e por sua incondicionalidade em todos os momentos da vida – mesmo à distância.

## RESUMO

As economias latino-americanas são caracterizadas historicamente por possuir estruturas produtivas heterogêneas, nas quais coexistem setores altamente qualificados e setores primários artesanais de baixa produtividade. Essas estruturas também se caracterizam por baixa diversificação produtiva, dependência do capital estrangeiro, baixa participação dos trabalhadores na renda nacional e uma balança comercial, independentemente de ser deficitária ou superavitária, baseada na exportação de produtos primários e *commodities*. Para um conjunto de autores latino-americanos (Raúl Prebisch, Celso Furtado, Aldo Ferrer e Fernando Fajnzylber, dentre outros), que contribuíram com o desenvolvimento do pensamento estruturalista da região e que influenciaram em grande medida a constituição e o fortalecimento da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL), essas características das economias latino-americanas limitaram o potencial de crescimento e desenvolvimento da região, já que sua inserção internacional e lugar na divisão internacional do trabalho se definiram pela dependência externa. Essa dependência se deu em função da demanda externa, já que a exportação de produtos primários e a determinação do preço das *commodities* locais são definidas no mercado internacional – altamente volátil e instável. Além disso, essa dependência se torna ainda mais aguda com os fluxos de capital externo, que atuam como restrição externa ao crescimento do investimento e financiamento das economias da América Latina. Assim, o objetivo principal é analisar o padrão de exportações da Argentina, aplicando a Matriz de Competitividade de Fajnzylber e Mandeng, tendo como foco o período de 1985 a 2010. Mais especificamente, buscar-se-á identificar as interações existentes entre a estrutura de exportações do país e a evolução da estrutura de diferentes mercados – países industrializados, asiáticos em desenvolvimento, MERCOSUL e mercado mundial. Adicionalmente, estuda-se o Índice de Comércio Intra-Indústria da Argentina com os principais sócios comerciais desses mercados – Estados Unidos da América, Brasil, China e MUNDO, o que permite fazer inferências sobre a integração comercial e produtiva entre os países. Finalmente, pretende-se estabelecer alguns nexos de causalidade entre um padrão de exportações com preponderância nos recursos naturais, e a competitividade internacional. A hipótese central da pesquisa é que apesar de os países industrializados terem forçado historicamente a primarização do padrão de exportações dos países da América Latina, em especial da Argentina, observa-se que nas últimas décadas os países em desenvolvimento vêm influenciando em maior medida o comércio internacional e, por conseguinte, tal padrão de exportações. Destarte, enquanto os países da Ásia em Desenvolvimento aprofundaram o processo de primarização, reinserindo a Argentina como exportadora de *commodities* e bens primários no começo do século XXI; o MERCOSUL favoreceu um padrão de exportações mais sofisticado, com preponderância de exportações de manufaturas não baseadas em recursos naturais.

**Palavras-chave:** Padrão de Exportações Argentino. Matriz de Competitividade Fajnzylber e Mandeng. Índice de Comércio Intra-Indústria. Recursos Naturais.

## ABSTRACT

The Latin American economies are historically characterized by having heterogeneous productive structures in which coexist highly skilled sectors and craft primary sectors of low productivity. These structures are also characterized by low production diversification, dependence on foreign capital, low participation of employees in national income and a trade balance, whether surplus or deficit, based on the export of primary products and commodities. For a set of Latin American authors (Raúl Prebisch, Celso Furtado, Aldo Ferrer and Fernando Fajnzylber, among others), which contributed to the development of structuralist thought in the region and influenced largely the creation and strengthening of the Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), these characteristics of Latin American economies have limited the potential for growth and development of the region, as its international position and place in the international division of labor is defined by the external dependency. This dependence was due to external demand, since the export of primary products and the determination of the local commodity prices are set in the international market - highly volatile and unstable. In addition, this dependence is even more acute with the external capital flows, which act as external constraint to the growth of investment and financing of the Latin American economies. Thus, the main objective is to analyze the pattern of exports from Argentina, applying the Competitiveness Matrix of Fajnzylber and Mandeng, focusing on the period from 1985 to 2010. More specifically, we will try to identify the interactions between the structure of the country's exports and trends in the structure of different markets - industrialized countries, Asian developing, MERCOSUR and the world market. In addition, we study the Intra- Industry Trade Index of Argentina with major trading partners such markets - United States, Brazil, China and WORLD, allowing inferences about the commercial and productive integration between countries. Finally, we intend to establish some causal links between a pattern of exports with a preponderance on natural resources, and the international competitiveness. The central hypothesis of the research is that while industrialized countries have historically forced the commodities in the pattern of exports from Latin American countries, especially Argentina it is observed that in recent decades, developing countries have been influenced to a greater extent trade international and therefore such a standard export. Thus, while Asian countries in development deepened the process, reinserting Argentina as an exporter of commodities and primary goods in the early twenty-first century; MERCOSUR favored a pattern of more sophisticated exports, with a preponderance of exports of manufactures not based on natural resources.

**Keywords:** Export Pattern of Argentine. Competitiveness Matrix Fajnzylber Mandeng. Intra-Industry Trade Index. Natural Resources.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL: UMA ABORDAGEM LATINO-AMERICANA SOBRE A ESTRUTURA PRODUTIVA E A INSERÇÃO EXTERNA.....</b>	<b>13</b>
2.1. ASPECTOS DA DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA ACERCA DOS RECURSOS NATURAIS E SUA RELAÇÃO COM A COMPETITIVIDADE E A INSERÇÃO EXTERNA DA AMÉRICA LATINA	
<b>3. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DE FAJNZYLBER E MANDENG.....</b>	<b>34</b>
3.1. A COMPETITIVIDADE DOS PAÍSES E OS RECURSOS NATURAIS	
3.2. COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL E ESPECIALIZAÇÃO	
3.3. OS CONCEITOS E A METODOLOGIA: A DEFINIÇÃO DE COMPETITIVIDADE	
3.4. O MODELO	
3.5. A FERRAMENTA CAN E O TRADECAN	
<b>4. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DA ARGENTINA.....</b>	<b>54</b>
4.1. ARGENTINA E O MUNDO: ESTRUTURA DE MERCADO E COMERCIAL	
4.1.1. A estrutura do mercado MUNDO e OCDE	
4.1.2. A estrutura comercial Argentina	
4.1.3. A desagregação dos dez primeiros grupos de exportação da Argentina aos mercados MUNDO e OCDE	
4.1.4. A Matriz de Competitividade Argentina com destino MUNDO e OCDE	
4.2. ARGENTINA E MERCOSUL: ESTRUTURA DE MERCADO E COMERCIAL	
4.2.1. A estrutura de mercado do MERCOSUL	
4.2.2. A estrutura comercial Argentina	
4.2.3. A desagregação dos dez primeiros grupos de exportação da Argentina ao MERCOSUL	
4.2.4. A Matriz de Competitividade Argentina com destino MERCOSUL	
4.3. ARGENTINA E ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO: ESTRUTURA DE MERCADO E COMERCIAL	
4.3.1. A estrutura de mercado da ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	
4.3.2. A estrutura comercial Argentina	
4.3.3. A desagregação dos dez primeiros grupos de exportação da Argentina à ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	
4.3.4. A Matriz de Competitividade Argentina com destino ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	
4.4. O MUNDO	
4.4.1. Os dez primeiros grupos de exportação do MUNDO	
4.4.1.1 Destino OCDE	
4.4.1.2 Destino MERCOSUL	
4.4.1.3 Destino ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	
4.4.2. A Matriz de Competitividade do MUNDO	
4.4.2.1 Destino OCDE	
4.4.2.2 Destino MERCOSUL	
4.4.2.3 Destino ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	
4.4.3. A Matriz de Competitividade dos dez primeiros grupos de exportação do	



## MUNDO

<b>5. O ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DA ARGENTINA .....</b>	<b>107</b>
5.1. Os principais fundamentos econômicos do comércio intra-indústria	
5.2. O significado do Índice de Comercio Intra-Indústria e sua medição	
5.3. A construção do Índice de Comercio Intra-Indústria para Argentina	
5.4. Principais resultados para Argentina	
<b>6. REFLEXÕES FINAIS .....</b>	<b>125</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>131</b>
APÊNDICE 1 – Tabelas com dados referentes às Quotas de Mercado nas importações e exportações do MUNDO, OCDE, MERCOSUL, ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO. Por blocos e países. (TRADECAN 2012).....	138
APÊNDICE 2 – Tabelas de harmonização dos grupos do CUCI Revisão 2 e Revisão 3, dados desagregados a três dígitos de acordo com a classificação de Mandeng 1993.....	145
APÊNDICE 3 – Tabelas com dados dez primeiros grupos de exportação do MUNDO aos mercados: OCDE, MERCOSUL, ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO.....	149
APÊNDICE 4 – Tabelas com dados de Saldo Comercial, Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) da Argentina, variação do ICII com os sócios comerciais: MUNDO, Estados Unidos da América, Brasil, China (COMTRADE 2014).....	152

## 1. INTRODUÇÃO

As economias latino-americanas são caracterizadas historicamente por possuir estruturas produtivas heterogêneas, nas quais coexistem setores altamente qualificados e setores primários artesanais de baixa produtividade. Essas estruturas também se caracterizam por baixa diversificação produtiva, dependência do capital estrangeiro, baixa participação dos trabalhadores na renda nacional e uma balança comercial, independentemente de ser deficitária ou superavitária, baseada na exportação de produtos primários e *commodities*.

Há um conjunto de autores latino-americanos que contribuíram para desenvolver o pensamento estruturalista da região – dentre os quais se destacam Raúl Prebisch, Celso Furtado, Aldo Ferrer e Fernando Fajnzylber – que tiveram uma grande importância na constituição e fortalecimento da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL). Tais pensadores concordavam que essas características das economias latino-americanas, supramencionadas, limitaram o potencial de crescimento e desenvolvimento da região, já que sua inserção internacional e lugar na divisão internacional do trabalho se definiram pela dependência externa. Essa dependência se deu em função da demanda externa, já que a exportação de produtos primários e a determinação do preço das *commodities* locais são definidas no mercado internacional – altamente volátil e instável. Além disso, essa dependência se torna ainda mais aguda com os fluxos de capital externo, que atuam como restrição externa ao crescimento do investimento e financiamento das economias da América Latina.

É com esta discussão de fundo que buscamos analisar quais são as particularidades do padrão de exportações e de competitividade internacional da Argentina na nova ordem mundial, caracterizada pelas mudanças radicais nos padrões mundiais de produção, consumo e intercâmbio comercial, pelas quais os países foram reconfigurando suas estruturas produtivas e padrão de inserção internacional. Entendemos, portanto, relevante utilizar um corpo teórico próprio, latino-americano, para compreender esses fenômenos e vislumbrar alternativas de melhoras no crescimento e desenvolvimento da região.

Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar o padrão de exportações da Argentina utilizando a Matriz de Competitividade, desenvolvida por Fajnzylber e Mandeng. Fazendo uso dessa ferramenta, será possível identificar vínculos entre a estrutura de exportação argentina e a evolução da estrutura dos mercados de diversos destinos – MERCOSUL, Ásia em

Desenvolvimento, países industrializados e mercado mundial. A leitura da relação entre a estrutura produtiva argentina e a estrutura da demanda de vários mercados terá foco em alguns aspectos, como a preponderância dos recursos naturais e a competitividade do país.

Além da Matriz de Competitividade, desenvolveremos o Índice de Comércio Intra-Indústria da Argentina, com o que se pretende complementar e aprofundar a análise com uma leitura dos dados do comércio exterior total do país (exportações e importações). A elaboração desse indicador permitirá indagar acerca das articulações entre os fluxos de comércio por grupos de atividade, assim como a tendência desse comércio tanto com sócios de indubitável relevância, como Brasil, China, Estados Unidos, quanto com o mundo, considerando-se todos os países.

Nossa hipótese central é que, a despeito de terem sido os países industrializados, ao longo de séculos, os que definiram o padrão de exportações da América Latina e, em especial, da Argentina, nas últimas décadas os países em desenvolvimento adquiriram maior influência no comércio internacional e na definição deste padrão de exportações. Desta forma, é por força da demanda dos países asiáticos que a Argentina se reafirma como exportadora de *commodities* e bens primários, aprofundando, portanto, a pressão histórica exercida sobre sua matriz produtiva. Por outro lado, a demanda do MERCOSUL, em especial do Brasil, exerce influência em sentido contrário, importando produtos mais sofisticados, com alto valor agregado, possibilitando, com isso, melhoras na estrutura produtiva argentina.

Subsidiários à nossa hipótese central há dois elementos – que podemos denominar de hipóteses secundárias – que iluminam e aprofundam a discussão.

Ao longo do trabalho procuraremos demonstrar que a demanda dos países industrializados vinha evoluindo de forma favorável à estrutura produtiva argentina, já que permitiu, até o começo da década de 90, o aumento da participação das exportações de manufaturas não baseadas em recursos naturais. Com efeito, será possível verificar que a aplicação à risca dos preceitos do Consenso de Washington e a implantação do Plano de Conversibilidade, interromperam, de forma abrupta, uma trajetória positiva para o desenvolvimento da Argentina. Essa interrupção, por sua vez, foi consolidada pela ascensão da China na oferta mundial. A partir daí não há radicais transformações na matriz de importações dos países industrializados, razão pela qual não podem ser responsabilizados por eventual pressão para a primarização das exportações argentinas. Por outro lado, é possível inferir que as indústrias locais não lograram

competir com a oferta, principalmente asiática, de produtos manufaturados mais sofisticados<sup>1</sup>.

O segundo elemento que compõe as hipóteses subsidiárias está relacionado ao surgimento e fortalecimento do MERCOSUL. Trataremos de demonstrar que os acordos regionais entre Argentina e Brasil para incentivar a complementação econômica e melhorar o comércio bilateral foram determinantes para transformar o padrão de exportações argentino no sentido de uma estrutura com preponderância de manufaturas com maior valor agregado. Neste particular, assume especial relevância o Complexo Automotivo e de Autopeças, cuja cadeia produtiva é complementar entre os dois países. Como efeito, verificar-se-á a existência de um processo, ainda incipiente, de integração produtiva entre as economias argentina e brasileira, que certamente reflete os avanços do MERCOSUL.

Em quatro etapas, o trabalho está dividido da seguinte forma.

O marco teórico, apresentado no capítulo dois, terá como eixo revalorizar a existência de um corpo de pensamento e análise regional para entender e definir o processo de desenvolvimento da América Latina e, em especial, da Argentina, no que concerne à competitividade internacional e seu estreito vínculo com a estrutura produtiva e a inserção externa. As contribuições de Prebisch, nesta seara, adquirem relevância, e fazem-se acompanhar de uma caracterização, feita por Marcelo Diamand, sobre a estrutura produtiva desequilibrada da Argentina, fazendo-se foco nos empecilhos para o desenvolvimento. Ainda neste capítulo abordaremos os traços gerais do pensamento de Fernando Fajnzylber, concentrando a leitura nas oportunidades e desafios das economias latino-americanas diante um novo contexto de economias abertas e Estados menos intervenientes. Também, mencionam-se, de passagem, atuais contribuições latino-americanas a esse debate, em especial as de Cimoli e Porcile. Por fim, incorporam-se dois elementos centrais na discussão contemporânea acerca dos recursos naturais nas economias latino-americanas: a relevância das cadeias produtivas globais em torno destes (seguindo a abordagem de Ramos e Pérez); e os efeitos da China nos fluxos de comércio mundial, e como isso pode influenciar na tendência – histórica – da deterioração dos termos de troca da América Latina (seguindo Hiratuka e Mancini).

---

<sup>1</sup> Cabe destacar que a competitividade dessa oferta é espúria, baseada em salários reais muito baixos. Um tipo de competitividade que não está sendo promovida pela Argentina, visto que o país está seguindo desde 2003 uma estratégia de crescimento baseada na industrialização com criação de valor agregado, emprego, melhora na distribuição do ingresso e inclusão social.

No capítulo três, que trata da metodologia desta pesquisa, apresentamos os conceitos e procedimentos implicados na Matriz de Competitividade, elaborada por Fernando Fajnzylber e Ousmène Mandeng. Faz-se uma leitura cuidadosa, para este fim, de dois artigos publicados por eles na revista da CEPAL, no começo da década de 90. Os conceitos de posicionamento e eficiência são apresentados e explicados em sua utilidade para verificar a competitividade de um país, relacionando a demanda de um mercado com as exportações de um país. O processamento dos dados da Matriz de Competitividade é feito com a ferramenta TRADECAN, desenvolvida pela CEPAL, portanto, fazemos uma breve apresentação de suas potencialidades e limitações analíticas. Acerca da metodologia, importa dizer, ainda, que a conceituação e apresentação do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) foi deixada, por questões de organização discursiva, para o capítulo cinco.

Na quarta parte, eminentemente empírica, produzem-se e apresentam-se os dados da Matriz de Competitividade da Argentina para o período de 1985 a 2010, divididos em quatro subperíodos. São quatro mercados analisados: mundial (MUNDO), países industrializados (OCDE), mercado MERCOSUL e Ásia em Desenvolvimento (AD). Para a compreensão da inserção externa argentina fez-se necessária uma descrição da estrutura da demanda de cada mercado, comparando-a, em seguida, com a estrutura das exportações argentinas a esse mercado. Os produtos exportados foram agrupados, numa primeira análise, em grandes setores, como Recursos Naturais, Energia, Manufaturas Baseadas em Recursos Naturais e Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais, seguindo a classificação de Mandeng (1993). Assim, além dessa leitura mais geral, faz-se depois a análise mais específica dos dez primeiros grupos exportados a cada mercado.

No quinto capítulo, apresenta-se o Índice de Comércio Intra-Indústria com objetivo de verificar se há complementariedade entre a estrutura produtiva da Argentina e a de alguns sócios comerciais, em especial Estados Unidos, Brasil e China. O período de análise é de 1992 a 2010, dividido em três subperíodos. Ao aproximar os resultados desse indicador com os da Matriz de Competitividade, será possível corroborar nossas hipóteses sobre a Ásia em Desenvolvimento e o MERCOSUL.

Por fim, no capítulo final, apresentamos algumas reflexões finais sobre o papel dos recursos naturais na evolução do padrão de exportações argentino e as oportunidades de se erigir uma estrutura produtiva com mais valor agregado.

## **2. COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL: UMA ABORDAGEM LATINOAMERICANA SOBRE A ESTRUTURA PRODUTIVA E A INSERÇÃO EXTERNA.**

A presente investigação procura analisar as particularidades do padrão de exportações e de competitividade internacional da Argentina na nova ordem mundial, caracterizado pelas mudanças radicais nos padrões mundiais de produção, consumo e intercâmbio comercial. Assim, para acompanhar o enfoque analítico dos dados do padrão de exportação e interpretar o processo de crescimento e desenvolvimento da Argentina, considerou-se importante trazer à discussão um conjunto de ideias próprias do pensamento latino-americano, desenvolvidas na região. Destarte, o marco teórico terá como eixo a valorização de um corpo teórico e analítico latino-americano, que auxilie a compreensão do processo de desenvolvimento da América Latina e, em especial, da Argentina.

Importa mencionar que a literatura mais especificamente aplicável a essa investigação será analisada nos capítulos seguintes, concernentes à metodologia e ao Índice de Comércio Intra-Indústria. Com efeito, os conceitos, classificações e procedimentos analíticos mais específicos são expostos e detalhados, com revisão bibliográfica, nos capítulos seguintes. Neste momento, o que se propõe são pinceladas das principais problemáticas que incidem como pano de fundo desta investigação.

Portanto, primeiramente se fará uma apresentação abreviada das principais contribuições do pensamento estruturalista latino-americano, afetas ao objeto dessa investigação, em especial as feitas por Raúl Prebisch. Essas contribuições (aspectos estruturais que condicionam o subdesenvolvimento e elementos de superação), que deram origem a uma linha cepalina de pensamento, podem ser apresentadas, de forma muito sintética, da seguinte forma: a) deterioração sistemática dos termos de troca nos países periféricos; b) necessidade de industrialização substitutiva de importações, acompanhada da promoção de exportações; c) integração econômica regional; d) presença de um Estado forte para liderar esse processo.

A essa breve descrição das bases assentadas por Prebisch, se incorpora uma caracterização feita por Marcelo Diamand sobre a estrutura produtiva argentina, tendo como foco os empecilhos para o crescimento advindos da baixa produtividade relativa da indústria numa economia proeminentemente agroexportadora.

Na sequência, apresentar-se-ão as contribuições de Fernando Fajnzylber, emolduradas no que se denominou “neoestruturalismo latino-americano” (Rodriguez, 2006 e Bielschowsky, 2010), que, recuperando essas ideias pioneiras, levou-as adiante, ao contemplar as mudanças estruturais na nova ordem econômica mundial e analisar as particularidades das economias latino-americanas a fim de superarem o subdesenvolvimento. Como dito, no capítulo seguinte é que se detalham as contribuições mais específicas de Fajnzylber para esta investigação.

A continuação, esboçar-se-ão, em linhas gerais, as atuais contribuições latino-americanas, em que Cimoli e Porcile sintetizam as articulações internas que fundamentam o pensamento latino-americano acerca do desenvolvimento, e propõem focar a análise no progresso técnico e na mudança estrutural. Tratar-se-á, também, dos vínculos existentes com outras teorias heterodoxas, em especial as pós-keynesiana e pós-schumpeteriana (evolucionista). Essas contribuições são importantes para dimensionar e compreender os impactos que as mudanças no mercado internacional ou nas políticas aplicadas nas economias têm sobre o crescimento e a distribuição da renda.

Por fim, há também dois pontos de análise, que serão tratados adiante, que vêm ganhando destaque na discussão contemporânea acerca do papel dos recursos naturais nas economias latino-americanas. O primeiro consiste na utilização do conceito das cadeias produtivas globais vinculadas ao desenvolvimento de encadeamentos produtivos sobre os recursos naturais, abordado especialmente por Joseph Ramos e Carlota Pérez. O outro concerne aos efeitos da China como novo centro cíclico mundial, e como isso pode influenciar na modificação da tendência – histórica – da deterioração dos termos de troca da América Latina. Este ponto, de relevante importância para nosso trabalho, é tratado por Hiratuka e Mancini.

Antes, porém, de discorrer sobre o pensamento latino-americano, é importante destacar outras tradições que, ainda que de forma menos imediata, iluminam a problemática tratada neste trabalho.

Existe na literatura internacional, alinhada às teorias heterodoxas, a ideia de que o crescimento econômico se encontra limitado pelo desempenho competitivo e pela existência de desequilíbrios comerciais. Por um lado, Harrod (1933), Dudley Seers (1962) e Nicholas Kaldor (1970) enxergam o comportamento assimétrico das elasticidades renda das exportações e importações como o elemento determinante fundamental das diferentes taxas de crescimento

relativo entre os países, supondo a existência de um sistema internacional de crescimento interligado por fluxos de capital, comércio e tecnologia.

Por sua vez, Thirwall (1979) formaliza tais ideias, dando lugar a modelos de crescimento sustentável de longo prazo que trazem ao centro do debate a questão da competitividade externa dos países. É importante sublinhar que todas essas vertentes heterodoxas partem de dois supostos: que o comércio está equilibrado e que os termos de troca não variam. Assumem, também, que existe uma relação centro-periferia na qual os países periféricos exportam *commodities* e os países do centro, bens finais industrializados (Thirwall, 1983: 255).

Por fim, a tradição schumpeteriana mais recente mostra a existência de uma forte relação das elasticidades renda de exportação e importação com o padrão de especialização e a estrutura produtiva. Analisando a microeconomia dos processos de aprendizagem e de mudança estrutural, os schumpeterianos propõem que a estrutura produtiva está fortemente associada à trajetória anterior (*path dependency*) e à dinâmica do hiato tecnológico, ou seja, à diferente velocidade com que a inovação e difusão internacional de tecnologia avança em diferentes países (Dosi, Pavitt e Soete, 1990). O fio condutor dessa literatura é que a inserção internacional de um país varia no tempo à medida em que se altera a competitividade sistêmica – baseada em conhecimentos e capacidades tecnológicas – e isso afeta as taxas de crescimento relativas dos países. De acordo com essa linha de pensamento, os países poderiam, através de mudanças na competitividade sistêmica, reduzir as desigualdades de tecnologia e renda per capita e, portanto, alcançar posições diferentes na divisão econômica internacional.

Voltando-se à literatura latino-americana, de toda a bibliografia consultada, escolheram-se como autores centrais a serem citados, Raúl Prebisch e Marcelo Diamand<sup>2</sup>, embora não se deixou de cotejar a obra de outros pensadores relevantes, como Celso Furtado, Aníbal Pinto e Aldo Ferrer. Como guia das leituras, sempre se teve em conta os estudos realizados por Ricardo Bielschowsky (2010) sobre o pensamento cepalino, e por Octavio Rodriguez (2006) sobre o estruturalismo latino-americano.

Com efeito, as economias latino-americanas se caracterizaram historicamente por possuir estruturas produtivas heterogêneas, nas quais coexistem setores altamente qualificados e setores

---

<sup>2</sup> A rigor, Marcelo Diamand não pode ser definido como um pensador estruturalista. Entretanto, a leitura específica que faz sobre o empecilho ao crescimento da economia argentina, aproxima-o tanto de Prebisch, quanto da temática tratada nesta investigação.



primários artesanais de baixa produtividade. Essas estruturas também se caracterizam por baixa diversificação produtiva, dependência do capital estrangeiro, baixa participação dos trabalhadores na renda nacional e uma balança comercial, independentemente de ser deficitária ou superavitária, baseada na exportação de produtos primários e *commodities*.

Há um conjunto de autores latino-americanos que contribuíram para desenvolver o pensamento estruturalista da região – dentre os quais se destacam Raúl Prebisch, Celso Furtado, Aldo Ferrer e Fernando Fajnzylber – que tiveram uma grande importância na constituição e fortalecimento da CEPAL. Tais pensadores concordavam que essas características das economias latino-americanas, supramencionadas, limitaram o potencial de crescimento e desenvolvimento da região, já que sua inserção internacional e lugar na divisão internacional do trabalho foram definidas pela dependência externa. Entendiam também que essa dependência se dera em função da demanda externa, pois a exportação de produtos primários e a determinação do preço das *commodities* locais são definidas no mercado internacional – altamente volátil e instável. Além disso, essa dependência se torna ainda mais aguda com os fluxos de capital externo, que atuam como restrição externa ao crescimento do investimento e financiamento das economias da América Latina.

No momento histórico em que Prebisch escreveu, prevaleciam as ideias sobre comércio internacional baseadas na teoria das vantagens comparativas de David Ricardo (Bielschowsky, 2010:22). Essa teoria afirmava que através do intercâmbio comercial, por via da especialização produtiva em setores em que as economias têm menores custos relativos de mão de obra, os países poderiam reduzir ou eliminar a distribuição desigual da renda e, desta maneira, alcançar maior eficiência produtiva e de comércio.

Entretanto, Prebisch, analisando a realidade da América Latina – como integrante da periferia – critica essa teoria, sugerindo que a difusão “lenta e desigual” do progresso técnico em escala internacional dá origem às diferenças nos graus de desenvolvimento dos países. Prebisch o expressa da seguinte forma:

La falla de esta premisa consiste en atribuir carácter general a lo que de suyo es muy circunscrito. Si por colectividad sólo se entiende el conjunto de los grandes países industriales, es bien cierto que el fruto del progreso técnico se distribuye gradualmente entre todos los grupos y clases sociales. Pero, si el concepto de colectividad también se extiende a la periferia de la economía mundial, aquella generalización lleva en sí un grave error. Las ingentes ventajas del desarrollo de la productividad no han llegado a la periferia, en medida comparable a la que ha logrado disfrutar la

población de esos grandes países. De ahí las diferencias, tan acentuadas, en los niveles de vida de las masas de éstos y de aquélla, y las notorias discrepancias entre sus respectivas fuerzas de capitalización, puesta que el margen de ahorro depende primordialmente del aumento de la productividad. (1949: 297)

A conclusão de que há um hiato tecnológico entre os países centrais e os da periferia vem acompanhada da observação de que isso tem relações estreitas com a produtividade e os termos de troca. Para Prebisch existe uma penetração desigual do progresso técnico entre setores da periferia, o que gera ao interior dos países periféricos diferenças persistentes em suas produtividades. Assim sendo, dado que a técnica penetra apenas nos setores exportadores de matéria-prima e não nos demais (mais atrasados), geram-se na periferia sistemas duais, que obstaculizam o processo de industrialização da periferia. Foi isso que observou ao analisar a evolução da economia mundial entre os anos 1876 e 1947:

En general, parece que el progreso técnico ha sido más acentuado en la industria que en la producción primaria de los países de la periferia, según se hace notar en un reciente informe sobre las relaciones de precios (del Board of Trade). En consecuencia si los precios hubieran descendido en armonía con la mayor productividad, la baja habría tenido que ser menor en los productos primarios que en los industriales; de tal suerte, que la relación de precios entre ambos habría ido mejorando persistentemente en favor de los países de la periferia conforme se desarrollaba la disparidad de productividades (Prebisch, 1949:306).

Prebisch evidencia que a queda nos preços internacionais dos produtos primários não é acompanhada por uma dinâmica similar dos preços dos produtos industriais. Este fato contrapõe-se à teoria tradicional, incapaz de explicar que a melhora na produtividade da indústria não se traduz na redução dos preços dos produtos industriais.

Assim, os países que têm uma inserção externa baseada na exportação de bens primários encontrariam um obstáculo para seu crescimento, já que as divisas advindas da exportação perdem relativamente seu poder de compra. Esse desequilíbrio (em desfavor da periferia) entre a relação de preços das exportações e importações, que termina por obstruir as potencialidades de crescimento e desenvolvimento dos países periféricos, é conhecido como deterioração dos termos de troca. Prebisch, ao analisar a evolução da economia argentina e tratar dos problemas do desenvolvimento dos países latino-americanos, conclui:

Primero. Los precios no han bajado conforme al progreso técnico, pues mientras por un lado el costo

tendía a bajar a causa del aumento de la productividad, subían por otra parte los ingresos de los empresarios y de los factores productivos. Cuando el ascenso de los ingresos fue más intenso que el de la productividad, los precios subieron en vez de bajar.

Segundo. Si el crecimiento de los ingresos en los centros industriales y en la periferia hubiese sido proporcional al aumento de las respectivas productividades, la relación de precios entre los productos primarios y los productos finales de la industria no hubiese sido diferente de la que habría existido si los precios hubiesen bajado estrictamente de acuerdo con la productividad. Y dada la mayor productividad de la industria, la relación de precios se habría movido en favor de los productos primarios.

Tercero. Como en realidad la relación, según se ha visto, se ha movido en contra de los productos primarios entre los años setenta del siglo pasado y los años treinta del presente, es obvio que los ingresos de los empresarios y factores productivos, han crecido, en los centros más que el aumento de la productividad y en la periferia menos que el respectivo aumento de la misma.

En otros términos, mientras los centros han retenido íntegramente el fruto del progreso técnico de su industria, los países de la periferia les han traspasado una parte del fruto de su propio progreso técnico (Prebisch, 1949:308, 309).

O trecho supracitado põe em xeque a teoria tradicional sobre o comércio internacional baseado nas vantagens comparativas ricardianas e por sua vez afirma que não existe um “efeito derrame” surgido do progresso técnico das economias capitalistas pela via de melhoras produtivas e redução dos preços dos produtos industriais. E mais, se existir um efeito derrame ou transferência do fruto do progresso técnico será em sentido inverso, da periferia ao centro, como expressado no último parágrafo. Esses postulados constataam uma relação entre o crescimento econômico e a restrição externa gerada pela assimetria na elasticidade renda das exportações e importações nos países exportadores de matéria-prima e de produtos industriais.

É com base nesses fundamentos sobre a relação entre a produção nacional e a composição das exportações que Marcelo Diamand definiu, no começo da década de setenta, de forma precursora, a estrutura produtiva argentina e seu vínculo com o desequilíbrio na balança de pagamento.

O autor descreve a estrutura produtiva argentina como sendo “desequilibrada”, por remeter a uma estrutura composta por dois setores de diferentes níveis de preços: o setor primário, agropecuário, que trabalha com preços internacionais; e o setor industrial, que trabalha a um custo e preço muito superiores ao internacional. A dinâmica desses dois setores implica num modelo econômico caracterizado pela limitação crônica que o setor externo exerce sobre o crescimento.

La característica esencial de la nueva realidad económica de los países exportadores primarios en proceso de industrialización es lo que hemos bautizado como una estructura productiva desequilibrada. Se trata de una estructura productiva compuesta de dos sectores de niveles de precios diferentes: el sector primario -agropecuario en nuestro caso -, que trabaja a precios internacionales, y el sector industrial, que trabaja a un nivel de costos y precios considerablemente superior al internacional. Esta configuración peculiar, ni siquiera imaginada por las generaciones dedicadas a la elaboración de la teoría económica que hoy se enseña en las universidades, da lugar a un nuevo modelo económico, caracterizado por la crónica limitación que ejerce sobre el crecimiento económico el sector externo (Diamand, 1972: 01).

A dificuldade imposta por essa estrutura produtiva desequilibrada se apresenta na relação entre a produtividade industrial, os custos produtivos e o tipo de câmbio. Enquanto na maioria dos países do mundo a produtividade industrial determina o tipo de câmbio e as condições de vida, na Argentina, em razão de o setor agropecuário apresentar uma produtividade relativamente alta – resultado de vantagens naturais – o tipo de câmbio se baseia nas atividades desse setor. Como consequência, o setor industrial é relativamente caro frente ao mundo, perdendo competitividade<sup>3</sup>.

Se inicia un proceso de divergencia entre el crecimiento del sector industrial consumidor de divisas, que no contribuye a producirlas, y la provisión de estas divisas a cargo del sector agropecuario de crecimiento mucho más lento. Esta divergencia es responsable de la crisis de balanza de pagos en la Argentina y constituye el principal limitador de crecimiento del país. La expansión de la producción interna, cada vez que se produce, hace crecer las importaciones. Una vez que se agotan las reservas, el país se ve forzado a una devaluación. Esta se produce aun de no mediar un aumento previo de costos, que obligue a restablecer la paridad. Se trata de una devaluación de otro tipo, que resulta impuesta por el desequilibrio que nace en la estructura productiva misma, a raíz de la divergencia ya señalada entre el consumo y el abastecimiento de divisas (Diamand, 1972: 02).

O vínculo entre a competitividade internacional e a estrutura industrial argentina descrito pelo Diamand tem uma relação direta com a metodologia analítica de Fajnzylber e Mandeng, que utilizaremos para analisar o padrão de exportações argentino ao longo deste trabalho. Os passos para compreender o raciocínio são os seguintes: a) a perda de competitividade frente ao mundo gera uma carência de exportações industriais; b) a “baixa” exportação de produtos com alto

---

<sup>3</sup> Esse aspecto da economia argentina, que se verifica na maioria dos países latino-americanos, é conhecido por “doença holandesa”. Segundo Corden & Neary (1982), a doença holandesa surge quando a rentabilidade de um setor se reduz fortemente por causa de um *boom* ocorrido em determinadas indústrias produtoras de bens e serviços comercializáveis. Já autores latino-americanos como Palma (2005), Bresser-Pereira e Gala (2012), expressam que a doença holandesa seja uma falha de mercado gerada pela exportação de *commodities* por encarecer, relativamente, a produção nacional de produtos que demandam altos capitais e tecnologia de ponta. Para esses últimos autores, ao igual que para Diamand (1972), a doença holandesa tenderia a manter valorizada a taxa de câmbio, o que também seria um fator de retardo da economia, ampliando a dependência das economias domésticas ao capital externo.

valor agregado implica, por sua vez, numa discrepância entre a geração de divisas e o crescimento (pressionando a balança de pagamentos); c) essa discrepância não advém da menor produtividade absoluta industrial, mas da baixa produtividade relativa da indústria em relação ao setor agroexportador; d) esse círculo vicioso tende a manter a inserção externa do país (no caso, Argentina) baseada preponderantemente em recursos naturais, limitando as potencialidades do crescimento econômico.

O que Diamand recupera é a constatação de Prebisch de que a partir do comércio internacional existem elementos-chave para construir um processo de industrialização e desenvolvimento. Desta maneira, o padrão de exportação de um país condiciona e é condicionado pela estrutura produtiva nacional. Ou seja, o que um país exporta e importa não é um detalhe para compreender o crescimento econômico e, por sua vez, o desenvolvimento de um país, mas um aspecto central para a compreensão das condições do subdesenvolvimento. Com efeito, Prebisch jamais se opôs ao setor exportador de recursos naturais como gerador de divisas, mas sempre defendeu a tese da necessidade de uma complementariedade com setores industriais a fim de reduzirem-se as heterogeneidades das estruturas produtivas na periferia e, com isso, impulsarem-se processos de crescimento e desenvolvimento nos quais os ganhos do progresso técnico permaneçam nas economias da região.

Cuanto más activo sea el comercio exterior de América Latina, tanto mayores serán las posibilidades de aumentar la productividad de su trabajo, mediante la intensa formación de capitales. La solución no está en crecer a expensas del comercio exterior, sino en saber extraer, de un comercio exterior cada vez más grande, los elementos propulsores del desarrollo económico. Si no fuera suficiente el razonamiento para persuadirnos de la estrecha conexión entre el desarrollo económico y el intercambio, ciertos hechos que están ocurriendo bastarían para ponerla de manifiesto. La mayor parte de los países latinoamericanos han aumentado intensamente su actividad económica, y se encuentran en un nivel de ocupación relativamente alto, si se le compara con el anterior a la guerra. Este alto nivel de ocupación exige también elevadas importaciones, tanto de artículos de consumo, así inmediato como duradero, cuanto de materias primas y artículos de capital. Y en muchos casos, las exportaciones resultan insuficientes para satisfacer aquéllas. (Prebisch, 1949:298, 299).

De fato, a integração produtiva regional sempre foi tratada por Prebisch e vários pensadores cepalinos como um elemento fundamental para o desenvolvimento latino-americano. A construção de um mercado regional para dar escala à demanda de produtos de maior valor agregado e favorecer o desenvolvimento sempre foi tema do estruturalismo cepalino. Bielschowsky, ao refazer o percurso histórico da evolução desse pensamento, diz:

Al mismo tiempo, era parte fundamental de las propuestas formuladas en los años cincuenta para la creación de un mercado regional (Centroamérica y, después, en toda América Latina), entendido como el mecanismo que permitiría dar escala a la industrialización y atenuar la insuficiencia de divisas para la región en su conjunto (CEPAL, 1959). Años después (...), esa perspectiva sería esencial para definir la necesidad de crear stocks reguladores de bienes primarios en el ámbito internacional, así como esquemas preferenciales de acceso a los mercados centrales para los productos primarios e industriales de los países en desarrollo (Bielschowsky, 2010:22).

Tratando do tema, Bielschowsky (2010:24) expressa que Prebisch, na década de 70, propôs oferecer incentivos à exportação dirigida aos âmbitos regional e mundial. Ele considerava que para superar a vulnerabilidade externa era importante expandir simultaneamente o mercado interno e as exportações de bens industriais. Os impactos do mercado regional para o crescimento industrial e a modificação do padrão de exportação dos países latino-americanos serão analisados ao longo deste estudo, pois a relevância do MERCOSUL como demandante de produtos industrializados determinou mudanças significativas na estrutura comercial argentina nas últimas três décadas.

Por fim, importa dizer também que os conceitos e temas abordados acima são de extrema relevância para esta pesquisa, pois são eles que permitem articular a relação entre uma estrutura produtiva onde os recursos naturais são muito relevantes, o padrão de especialização e a competitividade.

Outro autor cujas contribuições importam a esse trabalho é Fernando Fajnzylber. Sua obra é extensa e vai desde estudos específicos sobre o tipo de industrialização e desenvolvimento dos países da região a análises mais gerais comparando tipos de economias e processos de desenvolvimento de países. Um elemento relevante sobre seus diagnósticos acerca das economias das regiões é que vêm sempre acompanhados ou sucedidos de linhas gerais para uma estratégia de política econômica a ser implantada nos países.

Em que pese a vasta obra do autor, este trabalho fará foco na produção dos anos de maturidade intelectual de Fajnzylber, tratando da caracterização e relação do tipo de industrialização, inserção externa e competitividade dos países da América Latina. Neste sentido, a série de estudos que começa com “La industrialización trunca de América Latina” (1983), prossegue com “Competitividad internacional: evolución y lecciones” (1988) e finaliza com “Inserción internacional e innovación institucional” (1991) é o foco de atenção de nossa revisão bibliográfica. Importa mencionar, sobre isso, que neste momento far-se-á apenas um

delineamento dos conceitos e discussões gerais propostos pelo autor, já que no capítulo seguinte vários conceitos e procedimentos serão tratados com detalhamento, como preparação para a parte empírica dessa investigação, em especial, a construção da Matriz de Competitividade.

Quando Fajnzylber se incorpora à CEPAL, no ano de 1983, a instituição passava por uma relevante mudança, já que as principais questões de conjuntura das economias latino-americanas centravam-se no endividamento externo e na alta inflação. Portanto, a instituição priorizava análises de estabilidade macroeconômica e, em especial, na trilogia dívida-inflação-ajuste. É importante destacar que durante a década de oitenta ocorria expansão de uma onda liberalizadora no mundo, que derivaria no neoliberalismo, ao qual Fajnzylber se opunha por considerar que o Estado tinha um papel importante no processo de desenvolvimento (Bielschowsky, 2010: 25).

Neste marco, Fajnzylber construiria a transição entre o estruturalismo e o neoestruturalismo, analisando as oportunidades e desafios das economias latino-americanas ante esse novo contexto de economias abertas e Estados menos intervenientes. Desta forma, o que fez foi por ênfase no progresso técnico baseado na acumulação de conhecimento, incorporando certos conceitos da literatura neoschumpeteriana (Bielschowsky, 2010:26).

O texto “La industrialización trunca de América Latina” (1983), ao comparar as economias da região com as dos países desenvolvidos, destaca o escasso avanço do setor de bens de capital. Trata também das dificuldades das estruturas produtivas para se especializar na produção desse tipo de bens, o que seria o empecilho para alcançar os níveis de crescimento e desenvolvimento das outras. Ou seja, uma industrialização desacompanhada da produção consistente de bens de capital caracterizaria a industrialização “trunca” de nossa região.

Para o autor, a industrialização numa versão setorial e tecnologicamente “trunca” (inacabada, incompleta) da matriz industrial dos países desenvolvidos, assim como certa forma de protecionismo estatal frívolo, ao invés de um protecionismo que visasse à aprendizagem, são os principais empecilhos ao desenvolvimento da América Latina (Bielschowsky, 2010: 26).

No obstante la enorme variedad en los regímenes políticos vigentes en los distintos países de América Latina y las modificaciones significativas que algunos de estos regímenes han experimentado en las últimas décadas, se comprueba que, en sus rasgos generales, comparten el patrón industrial trunco y distorsionado. [...] Las diferencias, que obviamente existen, se refieren al

grado de industrialización más que a su contenido. La modificación más significativa en el ámbito industrial ha sido la introducida recientemente por los esquemas neoliberales en el Cono Sur, que se apoyan en una alianza social significativamente más restringida que la que convergía en el ejercicio del poder en el modelo precedente (Fajnzylber [1989]. In: Torres Olivos, 2006: 227)

Feito o diagnóstico, Fajnzylber propõe que para a região superar suas limitações e crescer, ultrapassando a restrição externa e, com isso, melhorando as condições de vida de sua população, deve ser instituída uma nova industrialização, que seja eficiente, e por tanto, que inclua dois elementos: o crescimento e a criatividade.

De acuerdo con el concepto de "eficiencia" al que se hace referencia en esta formulación, la industrialización será "eficiente" en la medida en que contribuya al logro de dos objetivos principales: crecimiento y creatividad. Se podrá afirmar que se está construyendo una industria eficiente en la medida en que se generen condiciones para alcanzar un ritmo de crecimiento elevado y sostenido y que en el curso de ese proceso se desarrolle la creatividad a nivel individual y colectivo. (Fajnzylber [1989]. In: Torres Olivos, 2006: 229)

O binômio crescimento e criatividade, mencionado acima, deveria, por sua vez, vir acompanhado de uma forma de inserção externa assentada na construção da competitividade sistêmica, com o objetivo de penetrar e manter-se nos mercados internacionais. Dita competitividade, pela via do fortalecimento das cadeias produtivas locais e da introdução do progresso técnico, deve contribuir na reestruturação produtiva e na inserção internacional de médio e longo prazo.

Assim, o centro da combinação virtuosa que gera a competitividade sistêmica está no conceito de “competitividade autêntica”, que significa um tipo de competitividade que não está baseada nos baixos salários, numa taxa de câmbio sobrevalorizada ou nos recursos naturais com vantagens comparativas estáticas, mas na incorporação de progresso técnico e na qualificação dos trabalhadores. A competitividade autêntica garantiria a participação de todas as forças produtivas no processo de desenvolvimento. E, neste ponto, a equidade seria o elemento-chave da competitividade autêntica.

De lo expuesto se desprende que en el mercado internacional compiten no sólo empresas. Se confrontan también sistemas productivos, esquemas institucionales y organismos sociales, en los que la empresa constituye un elemento importante, pero integrado en una red de vinculaciones con el sistema educativo, la infraestructura tecnológica, las relaciones gerencial-laborales, el aparato



institucional público y privado, el sistema financiero, etcétera (Fajnzylber, 1988:22).

Portanto, se a inserção externa de um país se dá em termos de competitividade autêntica, o impacto sobre a estrutura produtiva do país exportador será positivo, alavancando o desenvolvimento econômico e social. Por sua vez, a melhora na estrutura produtiva de um país (diversificando-a e conduzindo-a a maior valor agregado) é fator fundamental para que o crescimento do produto tenha impactos favoráveis sobre a geração de empregos e sobre uma possível redistribuição da renda, tornando-a mais equitativa. Porém, restrições de qualificação, educação, espírito empreendedor, níveis de investimento, assim como inércia das elites, são empecilhos a serem vencidos, para que se dê início a um círculo virtuoso.

A caracterização da competitividade de uma economia frente a determinado mercado – objeto do próximo capítulo – implica na exposição de conceitos como eficiência e posicionamento. Esses conceitos combinados permitirão a construção da matriz de competitividade. Sobre isso, portanto, é importante sublinhar que a análise da competitividade de uma economia – é dizer, as qualidades de sua estrutura produtiva e seu padrão de exportação – é relevante, segundo Fajnzylber, para compreender e superar as limitações do subdesenvolvimento.

Como dito acima, foi Fajnzylber quem, na década de oitenta, trouxe à teoria estruturalista do desenvolvimento, de forma consciente, vários conceitos e elementos neo-schumpeterianos, como tecnologia, inovação e economia do conhecimento, ainda que Prebisch, na década de 50, haja esposado, sem sabê-lo, ideias muito próximas às de Schumpeter (Cimoli & Porcile, 2011: 02). E, segundo Bielschowsky (2010: 42), a fusão dessas visões foi aprimorada por Katz, Ocampo e Cimoli nas décadas seguintes. Todas essas contribuições destacam a noção de inovação de Schumpeter numa versão ampla, como a capacidade de criar novas atividades e também novas formas de realizar as já existentes. E embora seja impossível fazer justiça às contribuições valiosas de cada autor, dada as finalidades específicas desta pesquisa, centramos-nos nos trabalhos mais recentes de Cimoli<sup>4</sup> e Porcile, por destacarem a importância do comércio exterior na determinação do potencial de crescimento sustentável a médio e longo prazo nas economias da América Latina.

---

<sup>4</sup> O enfoque foi encabeçado por Cimoli, com a colaboração de outros intelectuais. Dentre as publicações da época vale destacar Cimoli e Correa (2005), Cimoli e outros (2005), Cimoli, Primi e Pugno (2006) e CEPAL 2007.

Os autores formalizaram o arcabouço do pensamento estruturalista e neoestruturalista numa modelização sofisticada, e por sua vez simples, para interpretar os processos de crescimento e desenvolvimento da região, utilizando as contribuições pós-keynesianas (que analisam o crescimento a partir da dinâmica da demanda internacional) e as pós-schumpeterianas (que vinculam o crescimento com os setores de alta tecnologia). Destarte, os autores desenvolvem a Teoria Estruturalista do Desenvolvimento, procurando analisar como os fatores estruturais das economias centro-periferia, mesmo em pleno século XXI, reproduzem e perpetuam empecilhos a um processo virtuoso de crescimento para modificar a inserção externa dos países da região.

Neste sentido, buscando elementos que permitam alcançar uma convergência das economias latino-americanas com as desenvolvidas, destacam que o comportamento do comércio internacional é a principal restrição ao crescimento, já que a evolução de tal comércio – medido pela elasticidade das exportações e importações – reflete a competitividade dos países.

Para esses autores, a possibilidade de convergência das economias (em desenvolvimento e desenvolvidas) depende do aumento da produtividade dos países em desenvolvimento com relação aos desenvolvidos, o que por sua vez está diretamente vinculada com a redução do hiato tecnológico entre as estruturas produtivas dos países em desenvolvimento e dos desenvolvidos. Por isso, eles concluem ser necessário à região reorientar a modalidade produtiva e exportadora para bens com maior conteúdo tecnológico e, por sua vez, agregar valor mediante cadeias setoriais mais extensas. O objetivo é diversificar as estruturas produtivas de modo a superar as estruturas produtivas heterogêneas com “enclaves” nas quais a difusão do progresso técnico é impossível. Assim, a redução do hiato tecnológico dos países em desenvolvimento é central na mudança estrutural e, por sua vez, no crescimento e desenvolvimento. Adicionalmente, os autores reforçam a ideia de competitividade sistêmica, exprimindo que a estrutura socioprodutiva é o pano de fundo para gerar convergência:

Con el avance de la industrialización y la apertura de las economías regionales, la antigua heterogeneidad evolucionó hacia un nuevo patrón en que no solo predominan diferencias de productividad inter e intra-sectoriales, sino también diferencias en la capacidad de generar y difundir el cambio tecnológico en los agentes económicos. El cambio tecnológico explica los cambios estructurales con la aparición de nuevos productos y sectores. En las economías capaces de absorber los nuevos paradigmas y trayectorias tecnológicas se modifica la composición sectorial de su industria y se difunde el cambio tecnológico al resto de la economía. Independientemente de la cantidad de información y conocimiento que produzca o reciba exógenamente una sociedad, si no hay vinculación entre el conocimiento codificado y las diversas competencias (y el conocimiento tácito) que se materializan en las empresas y sectores

productivos, el país no será capaz de traducir esos conocimientos en innovación y en un sendero de desarrollo estable. (Cimoli et al, 2005: 05)

Desta feita, a melhora na estrutura produtiva de um país (diversificando-a e conduzindo-a a maior valor agregado) é fator fundamental para que o crescimento do produto tenha impactos favoráveis sobre a geração de empregos e sobre uma possível redistribuição da renda, tornando-a mais equitativa. Porém, restrições de qualificação, educação, espírito empreendedor, níveis de investimento, assim como inércia das elites, são empecilhos a serem vencidos, para que se dê início a um círculo virtuoso.

## 2.1. ASPECTOS DA DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA ACERCA DOS RECURSOS NATURAIS E SUA RELAÇÃO COM A COMPETITIVIDADE E A INSERÇÃO EXTERNA DA AMÉRICA LATINA

Na atualidade, dois pontos vêm ganhando destaque na discussão sobre o papel dos recursos naturais nas economias latino-americanas. O primeiro consiste na relevância das cadeias produtivas globais vinculadas ao desenvolvimento de encadeamentos produtivos sobre os recursos naturais, haja vista a peculiaridade do tipo de inserção externa baseada nos recursos naturais de países como Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Este ponto será analisado a partir da bibliografia focada na estratégia de desenvolvimento baseada nos complexos produtivos em torno dos recursos naturais, em especial, Joseph Ramos (1998) e Carlota Pérez (2010). O segundo ponto, tratado mais adiante, faz foco nos efeitos da China como grande importadora de *commodities* e alimentos, assim como de exportadora de bens manufaturados, e como isso pode influenciar na tendência – histórica – da deterioração dos termos de troca da América Latina. Este ponto, de relevante importância para nosso trabalho, é tratado por Hiratuka (2014) e Mancini (2014).

Começando pelo estudo de Joseph Ramos, encontramos uma importante contribuição sobre a conformação dos complexos produtivos baseados nos recursos naturais na América Latina. O autor destaca a relevância de encontrar um caminho de desenvolvimento baseado na industrialização dos recursos naturais e as fases pelas quais a economia deve passar para alcançar dito objetivo. Em oposição às visões que consideram os recursos naturais como uma

“maldição”<sup>5</sup>, no sentido de que é fator fundamental do subdesenvolvimento, a tese do autor é de que é necessário desenvolver uma cadeia de atividades produtivas *a partir* dos recursos naturais.

El desarrollo acelerado de América Latina y el Caribe, una región rica en recursos naturales, dependerá de la rapidez con la que aprenda a industrializar y a procesar sus recursos naturales, así como a desarrollar actividades proveedoras de insumos y equipos para ellos. Será, pues, un desarrollo no tanto basado en la extracción de recursos naturales, como ahora, sino a partir de los recursos naturales y las actividades que naturalmente tienden a formarse y aglutinarse en torno a ellos (los complejos productivos o clusters). (Ramos, 1998: 106)

Há três razões, diz o autor, que fundamentam sua tese. Primeiro, a experiência dos países atualmente desenvolvidos com abundante dotação de recursos naturais, como os nórdicos, Austrália, Canadá, e Nova Zelândia. O ponto central seria que tais países conseguiram transformar as rendas derivadas da exportação de recursos naturais em rendas geradas por maior produtividade, pela via do investimento. De isto deriva, segundo o autor, que o desempenho favorável ou não dos países ricos em recursos naturais depende mais da idoneidade da política econômica neles implantada do que do fato de possuírem recursos naturais.

Segundo, a oportunidade de se desenvolverem as cadeias produtivas para frente e para trás dos recursos naturais, já que tais as manufaturas e serviços não estão sendo aproveitados por nenhum conjunto importante de países em desenvolvimento ou desenvolvidos. Acerca da questão, Ramos diz que são muitos os países que seguem os caminhos do Japão, República de Coreia e Taiwan, isto é, exportar inicialmente manufaturas intensivas em mão de obra para finalmente especializar-se na exportação de manufaturas com maior valor agregado. Mas estes países, incluindo China e Índia, não terão outra opção que se especializar nas manufaturas mais leves, uma vez que não possuem grandes dotações de recursos naturais.

Terceiro, as atividades produtivas com uso intensivo em recursos naturais apresentam importantes aumentos de produção e notáveis melhoras na produtividade desde os anos oitenta. Neste sentido, propõe-se que desde finais dos anos setenta e com mais relevância desde meados dos oitenta, surgem novas unidades produtivas cujos processos de produção, contínuos, são ditados pelos equipamentos. O que permite que os níveis de produtividade de todos os fatores

---

<sup>5</sup> Como por exemplo é chamada por Auty (1994).

permaneçam muito próximos à fronteira tecnológica.

Com efeito, essa tese de Ramos fundamenta-se na definição de complexo produtivo, cujo conceito, transcreve-se:

(...) es una concentración sectorial y/o geográfica de empresas que se desempeñan en las mismas actividades o en actividades estrechamente relacionadas tanto hacia atrás, hacia los proveedores de insumos y equipos, como hacia delante y hacia los lados, hacia industrias procesadoras y usuarias así como a servicios y actividades estrechamente relacionadas –con importantes y cumulativas economías externas, de aglomeración y especialización (por la presencia de productores, proveedores y mano de obra especializada y de servicios anexos específicos al sector) y con la posibilidad de llevar a cabo una acción conjunta en búsqueda de eficiencia colectiva. (1998: 108).

Assim, segundo o autor, a eficiência coletiva nos complexos produtivos seria maior que a de cada empresa isolada, devido às externalidades geradas por cada empresa para com as outras. É por isso que a hipótese explicativa da formação dos complexos produtivos é que a competitividade da empresa é potenciada pelo conjunto de empresas e atividades do complexo ao qual fazem parte<sup>6</sup>.

Interessa ao presente trabalho, também, as fases pelas quais deve passar um complexo produtivo baseado nos recursos naturais para que seja maduro. Ou seja, as fases pelas que ainda deveria avançar para conseguir os níveis de competitividade internacional e estabelecer uma estratégia de desenvolvimento própria. Neste sentido, um complexo produtivo maduro e com êxito:

(...) parte de la extracción y comercialización directa del recurso natural hasta que el mismo está maduro, esto es, cuando puede mantener su competitividad en el mercado no solo por su ventaja comparativa natural, sino por las mejoras continuas en la productividad y la ampliación y profundización de su base productiva. En efecto, sin la acumulación de progreso tecnológico la evolución del complejo se frenará, limitándose a la “renta pura” de la fase extractiva. (Ramos, 1998: 113).

Com uma orientação similar, mas apresentando uma proposta integradora para obter dinamismo tecnológico com inclusão social nos países da América Latina, Carlota Perez expressa que

---

<sup>6</sup> No seu artigo Ramos detalha os seguintes enfoques teóricos que abordam e justificam a conformação dos complexos produtivos: A teoria da localização e da geografia econômica (North, 1955; Krugman, 1995; Borges Méndez, 1997); A teoria dos encadeamentos para trás e para frente (Hirschman 1957 y 1977); A teoria da interação e dos distritos industriais (Bianchi 1992; Bellandi 1996 e Dini 1992); O modelo de Porter (Porter 1991); E outras variantes com referência aos recursos naturais (Innis, 1954 y 1962; Watkins, 1963; Mackintosh, 1953; Scott, 1964; David e Wright, 1997).

existe uma estratégia de desenvolvimento produtivo baseada nos recursos naturais na qual a região manteria um espaço complementar de especialização internacional em indústrias de processos – em torno aos recursos naturais – enquanto a Ásia se focaria na indústria de montagem.

A autora assume, tal como os outros autores mencionados, que a Ásia tem um papel central no atual processo de globalização e por isso considera que é muito relevante identificar as áreas de potencial tecnológico onde Latino América consiga vantagens comparativas respeito da Ásia.

América Latina tiene cada vez más dificultades para competir en la fabricación, especialmente en las áreas de productos de alto volumen y bajo costo (...). Sin embargo, su rica dotación en recursos naturales y energía le ofrece una ventana de oportunidad para especializarse en “industrias de procesos”<sup>7</sup>. El problema tradicional de la monoexportación de materias primas podría transformarse en un futuro exitoso de tecnologías completas, variado perfil exportador y elevado crecimiento si se aprovecharan de manera inteligente las ventajas de poseer recursos naturales. (Pérez, 2010: 128)

Aqui vale reforçar que a discussão sobre o papel das *commodities* dentro da economia tem sido renovada e que longe de ter uma resposta única ou fechada é uma grande interrogação ante a complexidade da economia mundial. Por um lado, pelo impacto sobre a inserção externa das economias periféricas e especificamente da América Latina. Por outro, pela dificuldade de antecipar a intensidade e duração que o papel da Ásia em desenvolvimento gera no novo paradigma de globalização na transição do século XXI.

Interessa-nos, também, as reflexões da autora sobre a nova dinâmica dos preços dos recursos naturais, num paradigma de crescente globalização. Com efeito, Pérez expressa que dentro deste novo paradigma de globalização há uma tendência crescente no nível de preços dos recursos naturais, o que abre um caminho favorável para financiar o esforço tecnológico e de formação de capital humano vinculado a tais produtos. Porém, considera que a volatilidade destes preços continua a ser o principal elemento da inserção externa, quando não o grande empecilho. Arrazoa, entretanto, que isso poderia ser superado pela via da exportação de bens ou serviços vinculados aos recursos naturais, mas que permitam a segmentação de mercados e

---

<sup>7</sup> Segundo a autora a “industria de procesos” refere-se a à transformação direta de matérias primas por médio de métodos químicos, eléctricos, calor ou outros (aço, papel, molho de tomate, gasolina, plásticos) e serviços como as telecomunicações. A principal diferença com a “industria de fabricación” é que na “industria de procesos” o processo de produção tem lugar “dentro” do sistema de equipamentos e os trabalhadores supervisam e dão apoio ao processo mas não o executam. (Pérez, 2010: 128)

a diferenciação de produtos e preços.

La estrategia implicaría el escalamiento tecnológico constante de las actividades basadas en recursos naturales y la mejora gradual del perfil de las exportaciones mediante innovaciones continuas en productos, procesos y actividades auxiliares, sobre todo con la visión de crear nichos de alto valor diferenciándolos de los tradicionales mercados de productos básicos (*commodities*). Esto supone la transformación gradual de toda la economía. La idea sería comprometerse en un esfuerzo concentrado por dominar las tecnologías de las industrias de procesos, desde los *commodities* en gran escala (acero, aluminio, papel, refinación, cerveza, petroquímica y ciertos alimentos), pasando por las especialidades de escala intermedia (química, biotecnología, nanotecnología) hasta los materiales en pequeña escala hechos a la medida y los químicos especiales u otros productos de nicho. (Pérez, 2010: 128)

Dentre suas conclusões, e a modo de síntese, a autora entende que América Latina deveria se inserir neste novo contexto mundial como exportadora de insumos materiais, alimentos e outros bens agrícolas – desde os mais básicos até os mais sofisticados.

Passemos agora a outro aspecto fundamental da discussão. Este segundo ponto, como dito anteriormente, trata do papel da China no comércio internacional, e consiste na hipótese de que o gigante asiático poderia estar pondo em xeque a tendência da deterioração dos termos de troca dos países periféricos latino-americanos, em razão de exercer pressão positiva no preço das *commodities* e nos alimentos, mantendo-se os preços dos bens manufaturados em patamares relativamente mais baixos. Neste ponto analisar-se-á um aspecto interessante e específico para esta pesquisa, tendo em vista a valorização do enfoque estruturalista ao longo da tese. Isto é, traremos à discussão uma tese apresentada por Hiratuka (2014), na qual analisa a evolução dos termos de troca da periferia latino-americana num contexto no qual a China é o novo centro cíclico de referência, e não os Estados Unidos. Essa mudança de centralidade referencial traz desafios à inserção externa da América Latina, e em especial da Argentina, no século XXI. Por fim, traçaremos algumas características do novo padrão de crescimento chinês pós-crise de 2007, detalhando os impactos que, na qualidade de demandante e oferente global, gera no padrão de exportações argentino (Mancini, 2014).

Com efeito, nas últimas décadas verifica-se uma mudança no papel dos recursos naturais para o desenvolvimento das economias e sua inserção externa. A tradição estruturalista – em especial

os primeiros pensadores dessa linha teórica – e os autores desenvolvimentistas sempre afirmaram que os recursos naturais consistem, paradoxalmente, no principal empecilho ao desenvolvimento dos países latino-americanos, em razão da dificuldade de se agregar valor e trabalho a esses produtos. Essa riqueza natural também dificulta a indução de avanços técnicos pela via da homogeneização da estrutura produtiva, já que as atividades industriais são, segundo esses pensadores, as mais propícias para gerar um processo virtuoso de mudança estrutural e evolução técnica.

Esses aspectos derivam num problema de difícil solução: a constante e progressiva deterioração nos termos de troca, verificado ao longo do século XX, em prejuízo dos países periféricos exportadores de matéria-prima e alimentos. Atualmente essa tese está sendo posta em xeque devido ao novo paradigma de crescimento e desenvolvimento do comércio mundial.

A recente ascensão dos países da Ásia em Desenvolvimento, e em especial da China, como relevantes consumidores e produtores no comércio mundial traz novidades a serem consideradas com grande atenção para refletir sobre os desafios das economias latino-americanas na sua estratégia de inserção externa e de competitividade internacional. Como aproveitar a crescente demanda por recursos naturais, sem valer-se exclusivamente deles?

Neste ponto Hiratuka faz observações que interessam sobremaneira à discussão. Segundo ele, a tese de Prebisch, apresentada em 1949, acerca da tendência à deterioração dos termos de troca das economias periféricas, tinha validade num contexto histórico em que os Estados Unidos atuavam como novo principal centro cíclico, em substituição à Inglaterra.

[Essa nova realidade] inseria no sistema de comércio internacional um país que não apenas importava muito menos matérias-primas dos países periféricos em momentos de expansão, como também competia com estes como exportador de produtos primários. Além disso, do ponto de vista da produção de manufaturas observava-se por um lado a consolidação de estruturas oligopolizadas nos países centrais em grande parte dos setores industriais, mantendo elevadas margens de lucro. De outro, havia a crescente sindicalização do trabalho, forçando o aumento dos salários, o que também contribuía para manter elevado o preço relativo das manufaturas. (2014: 9)

Isto é, a deterioração dos termos de troca se reforçaria no contexto de liderança mundial da economia norte-americana já que haveria uma tendência à queda da demanda das *commodities* e bens primários com impactos negativos em seus preços, ao tempo que os preços dos bens



manufaturados manter-se-iam em patamares altos. Isso ocorreria apesar de os incrementos da produtividade tenderem a reduzir os preços dos manufaturados – a forma de organização industrial dos Estados Unidos (oligopolizada e com presença forte dos sindicatos) garantiria termos de troca a favor dos países centrais e em prejuízo dos periféricos.

No entanto, utilizando um marco analítico similar para refletir sobre as características do comércio internacional, dos termos de troca, e dos novos consumidores e produtores mundiais que emergem no século XXI, não há clareza sobre o efeito nos países periféricos latino-americanos, haja vista uma arena de negociações onde há excedente de produção e importação de bens primários. Neste sentido, Hiratuka propõe que, ao se considerar a China o novo centro cíclico principal, em substituição aos Estados Unidos:

(...) é possível entender a inversão dos preços relativos, uma vez que a escassez relativa de recursos naturais da China a torna uma grande importadora de commodities, fato que com a aceleração do processo de urbanização adquiriu uma escala capaz de afetar a demanda global. Ao mesmo tempo, percebe-se a incorporação de um enorme contingente de mão de obra na atividade de manufatura com níveis salariais reduzidos, sem organização sindical e em setores e etapas produtivas que, como destacado anteriormente, estão justamente se organizando de maneira diferente da forma de operação dos oligopólios tradicionais até os anos 1970. Essa nova forma de organização permite entender a tendência a redução dos preços relativos de manufaturas. (2014: 10)

Destarte, o que propõe Hiratuka é que os elementos-chave que garantiam a deterioração dos termos de troca das economias periféricas latino-americanas no contexto do século XX mudaram com a ascensão da China no comércio mundial. Por um lado, porque a demanda pelos bens primários e, em especial dos alimentos, não tem uma previsão clara de queda – pelo contrário, há indícios de que o novo ciclo de crescimento da China seja focado na expansão de seu mercado interno com grande expansão da população urbana<sup>8</sup>, o que implicaria na manutenção dos preços dos alimentos. Por sua vez, analisando o papel da China e da Ásia em Desenvolvimento na produção manufatureira mundial, o autor também considera difícil uma tendência ascendente dos preços dos produtos manufaturados a curto prazo, devido a que as atividades manufatureiras intensivas em mão-de-obra continuariam tendo um contingente de trabalhadores à espera de serem incorporados a baixo custo de produção, tanto advindos da

---

<sup>8</sup> Como se verá a continuação, a China encontra-se numa fase de mudança de seu padrão de crescimento desde um modelo baseado em altos níveis de investimento a outro focado no consumo. É importante ressaltar que o consumo privado na China é de apenas 35% do PIB – enquanto na Argentina e no Brasil é aproximadamente 65%, segundo os indicadores do Banco Mundial.

China como da Ásia em Desenvolvimento.

Some-se a isso o fato de a expansão da economia global entre 2003 e 2008 ter sido bruscamente interrompida a partir da crise de 2007-2008. De fato, isso implicou numa desaceleração do crescimento do preço das *commodities*, em simultâneo a um aprofundamento da concorrência mundial pela exportação de produtos manufaturados, aspecto que não tinha sido visualizado durante os primeiros anos do século XXI. Esse aspecto deixa ainda mais clara a mudança de paradigma apontada por Hiratuka.

Em consonância com o que foi dito, Mancini (2014) descreve que desde o processo de reformas e abertura econômica nos anos 90, a China vem desempenhando crescente papel de protagonismo na economia global e que na atualidade o gigante asiático encontra-se em situação de transição no que concerne ao seu padrão de crescimento, com relevantes e evidentes implicações às economias latino-americanas.

Por um lado, do ponto de vista da demanda, a economia chinesa estaria evoluindo de um padrão de crescimento baseado nos investimentos a outro focado no consumo interno. Este ponto influiria nos preços e volumes da demanda por bens primários prejudicando os países exportadores de metais básicos (como Chile e Peru), mas beneficiando os países exportadores de alimentos, em especial os vinculados com o complexo oleaginoso e mais especificamente com o biodiesel (como Argentina e Brasil).

Por sua vez, do lado da oferta, a China estaria caminhando num processo de *catching up* e de mudança da estrutura de exportações pela qual iria de uma especialização em manufaturas intensivas em trabalho a outra de manufaturas mais sofisticadas de média e alta tecnologia. Este ponto afetaria a inserção externa dos países centrais e dificultaria ainda mais as possibilidades dos países da região de sair de uma inserção externa baseada nos recursos naturais.

Há outro elemento que influencia tanto a demanda como a oferta da China. As crescentes melhorias sociais, salariais e laborais ocorrendo na China fazem com que as perspectivas de consumo mudem notavelmente, o que poderia, eventualmente, levar a que os preços dos manufaturados deixem de se manter num patamar baixo.

Por fim, importa dizer que a complexidade deste novo paradigma de globalização impossibilita uma resposta única e geral para todas as economias regionais e demanda um estudo

aprofundado de cada realidade particular. Os próximos capítulos buscam, por intermédio da análise dos dados, oferecer alguns elementos que permitam delinear uma estratégia de inserção externa da Argentina para as décadas futuras, focando-se no crescimento do valor agregado incorporado em cada elo dos complexos produtivos vinculados aos recursos naturais, assim como em outros grupos econômicos mais sofisticados da estrutura produtiva.

### **3. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DE FAJNZYLBER E MANDENG**

Fernando Fajnzylber e Ousmène Mandeng publicaram, em 1991, artigos<sup>9</sup> na revista da CEPAL analisando a relação entre o padrão de exportações e a competitividade dos países. O objetivo de fundo era contribuir com ferramentas para o desenho de estratégias e políticas nacionais e setoriais às economias da América Latina. O objetivo imediato era analisar a estrutura das exportações de vários países, principalmente latino-americanos, e seu nível de competitividade, no período de 1979 a 1988.

Com a finalidade de interpretar a base de dados do comércio mundial da Divisão de Estatística das Nações Unidas, eles desenvolveram um sistema de análise sem precedentes, que nos atrevemos a chamar de “metodologia Fajnzylber-Mandeng”. Esta metodologia trabalha conceitos como *posicionamento* e *eficiência*, os quais, por sua vez, derivam numa classificação quaternária – designada Matriz de Competitividade. Essa matriz permite verificar a competitividade setorial de um país em relação à expansão da demanda. Esta forma de analisar o padrão de inserção internacional dos países resultou inclusive em um software desenvolvido pela CEPAL, o TRADECAN.

Esta metodologia – seus conceitos, classificações e modelo – será utilizada para analisar a estrutura de exportações da Argentina entre 1985 e 2010, e por isto merece ser apresentada detalhadamente.

Entretanto, é importante primeiramente fazer uma breve apresentação das conclusões a que Fajnzylber e Mandeng chegaram a princípios dos anos 90 sobre as exportações das economias

---

<sup>9</sup>Fajnzylber, Fernando: *Inserción internacional e innovación institucional*. Revista da CEPAL n. 44, agosto de 1991. Mandeng, Ousmène Jacques: *Competitividad internacional y especialización*. Revista da CEPAL n. 45, dezembro de 1991.

latino-americanas (e outros países em desenvolvimento) e seu nível de competitividade, que servirão de parâmetro à leitura da evolução do padrão de inserção internacional da Argentina.

### 3.1. A COMPETITIVIDADE DOS PAÍSES E OS RECURSOS NATURAIS

Quando Fajnzylber publicou o texto “Inserción internacional e innovación institucional”, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Tesouro dos Estados Unidos estavam difundindo um conjunto de reformas políticas neoliberais, sistematizadas no que se chamou o Consenso de Washington (Williamson, 1990), que tinha como eixo o ajuste fiscal e a liberalização comercial e econômica das economias em desenvolvimento<sup>10</sup>.

Na década seguinte haveria uma intensificação da competição entre os países, que fora prevista por Fajnzylber e que, de certo modo, orientou suas preocupações. Ele previu que para a década de 90 haveria “una intensificación de la competencia internacional, basada crecientemente en la incorporación y difusión de progreso técnico en un contexto de difundida valoración económica y política de la sustentabilidad” (1991: 149).

Neste sentido, tratando de compreender os efeitos possíveis dessa tendência de intensificação da competição num ambiente de liberalização das economias nacionais, Fajnzylber buscou criar instrumentos de análise que permitissem os países orientar suas estratégias e políticas setoriais a fim de melhorar suas posições no comércio mundial.

Para isto, ele realiza uma leitura do padrão de exportações de 51 países e os classifica em vencedores e perdedores no mercado importador da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico<sup>11</sup> (OCDE).

Em suas conclusões, relativamente ao decênio analisado (1979-1988), somente seis países latino-americanos podem ser considerados “vencedores”: Brasil, Chile, Costa Rica, México, República Dominicana e Uruguai. Por sua vez, os dez países que perderam espaço no mercado da OCDE foram: Argentina, Bolívia, Colômbia, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras,

---

<sup>10</sup> Para uma leitura crítica sobre o Consenso de Washington e os impactos sobre a economia argentina ver Basualdo (2013).

<sup>11</sup> Embora atualmente sejam 34 países integrantes da OCDE, este trabalho, para manter certa coerência analítica e possibilitar uma comparação mais fiel, considera apenas 24 países, que integravam à OCDE à época da análise de Fajnzylber e Mandeng. Quais sejam: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Luxemburgo, Noruega, Nova Zelândia, Holanda, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça. Quando este trabalho fale em OCDE são esses os países considerados.

Paraguai, Peru e Venezuela.

Analisando os dados, Fajnzylber pôde concluir que os países ganhadores são mais dinâmicos, possuem um nível médio de renda por habitante mais alto, maior coeficiente de gasto público em relação ao PIB e apresentam coeficientes de exportações similares.

Ressalta também, que em ambos os grupos de países há situações muito heterogêneas com relação ao nível de desenvolvimento, de estrutura produtiva e de configuração institucional. Este ponto é essencial em sua pesquisa, já que expressa a complexidade de elementos a serem considerados para avançar no desenho de estratégias e políticas que favoreçam a inserção internacional. É com esta mirada que ele propõe uma metodologia que meça a competitividade dos países, combinando os conceitos de *posicionamento* e *eficiência*, que em breve serão expostos.

Um dos aspectos de sua pesquisa que especialmente nos interessa é a relação entre a competitividade dos países e os recursos naturais. Com efeito, Fajnzylber destaca que a economia vencedora se baseia menos em recursos naturais que as perdedoras. Assim, a diferença fundamental entre um grupo e outro é o peso relativo que as manufaturas não baseadas nos recursos naturais têm nas exportações. A conclusão é a seguinte (ainda que os dados, no trecho abaixo transcrito, se refiram à totalidade dos países analisados):

En el grupo de ganadores predominan las exportaciones que no están basadas en recursos naturales (58%), las que equivalen a más de dos y media veces las exportaciones de recursos naturales, incluido el petróleo (21%). En los “perdedores”, en cambio, las exportaciones más importantes son las de recursos naturales, incluido el petróleo (50%), mientras que las exportaciones de manufacturas no basadas en recursos naturales constituyen el 30%. El peso relativo de las manufacturas basadas en recursos naturales es idéntico en ambos casos. (1991:156).

O fato de que os recursos naturais sejam determinantes para o padrão de exportações é fundamental para a presente investigação, e os resultados a que chegou Fajnzylber serão mais adiante comparados com os do período de 1985 a 2010, para Argentina.

Acerca dos recursos naturais e do setor manufatureiro, Fajnzylber afirma também que os países da América Latina possuem em comum certo tipo de industrialização orientada ao mercado interno, que se concretizou sem potenciar adequadamente o acervo de recursos naturais e, em

alguns casos, à custa deste.

Em outras palavras, a relação entre o setor manufatureiro e o de exploração dos recursos naturais não é de mútuo estímulo, mas independentes na melhor das hipóteses e, em muitos casos, conflitiva. Uma das explicações a este fenômeno, diz o autor, é que a concepção de industrialização que prevaleceu na América Latina por muito tempo “contraponía la modernización urbana con el arcaísmo de la sociedad tradicional identificada con la base de recursos naturales” (Fajnzylber, 1991:166).

Em contrapartida, existem países membros da OCDE que também mantém uma inserção internacional superavitária nas atividades vinculadas com os recursos naturais e deficitária no setor manufatureiro, como Canadá, Estados Unidos, Noruega, Dinamarca e Reino Unido. No entanto, nestes países, ressalta Fajnzylber, o progresso técnico da indústria manufatureira está inexoravelmente ligado aos recursos naturais.

Esta industrialización que asume la potencialidad de los recursos naturales (en marcado contraste con la experiencia latinoamericana) tiene efectos directos sobre la capacidad de estos países para impulsar no sólo una nueva concepción económica que integra progreso técnico, recursos naturales y medio ambiente sino, lo que es aún más importante, para desencadenar una amplia gama de innovaciones tecnológicas con este propósito (1991:167).

Há duas reflexões adicionais do autor que são relevantes para esta pesquisa. A primeira é que América Latina não é o principal oferente de recursos naturais à OCDE e ao MUNDO<sup>12</sup>. Em 1989 a região participava com 10% das importações de recursos naturais e apenas 5% das manufaturas baseadas em recursos naturais (Fajnzylber, 1991:171).

Aun cuando los recursos naturales son muy importantes para la inserción de América Latina en el comercio internacional, esta región es sólo un componente modesto del conjunto de países que satisfacen las necesidades internacionales de recursos naturales. (1991:167).

A segunda é que durante o período analisando as importações, realizadas pela OCDE, de manufaturados baseadas em recursos naturais reduziram sua participação, passando de um terço

---

<sup>12</sup> Cabe destacar que durante o período analisado, 1979-1988, os principais oferentes de recursos naturais da OCDE eram Canadá, Estados Unidos, Noruega, Reino Unido e Dinamarca (1991: 154,155).

a um quarto do total. Isto, segundo Fajnzylber, “refleja y confirma la tendencia a la reducción del uso de recursos naturales y particularmente de energía en la actividad económica de los países desarrollados” (1991:169).

Essas duas observações serão confrontadas com os dados da Argentina relativos ao período que vai de 1985 a 2010. Cabe destacar, como antecipação, que houve um elemento que não foi considerado pelo autor (nem poderia haver sido, Fajnzylber faleceu em 1991) e que é relevante para a análise do comportamento do comércio internacional do período: a ascensão da China, Índia e outros países emergentes no mercado produtivo e de consumo mundial, o que reverteria esta tendência de estancamento da demanda de recursos naturais básicos e manufaturas baseadas em recursos naturais.

### 3.2. COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL E ESPECIALIZAÇÃO

Em 1991 Fajnzylber e Mandeng faziam parte da Divisão Conjunta CEPAL/ONUDI de Indústria e Tecnologia, da qual aquele era diretor. O artigo “Competitividad internacional y especialización”, de autoria de Mandeng, foi publicado na revista da CEPAL, na edição imediatamente posterior ao da publicação de Fajnzylber, o que reforça a ideia de que os trabalhos foram desenvolvidos conjuntamente.

De fato, o texto de Mandeng dedica mais espaço para explicar a metodologia e expor um modelo que está apenas pressuposto no trabalho de Fajnzylber. A apresentação do modelo e de vários conceitos como *adaptabilidade*, *especialização* e *competitividade* ocupam a maior parte do artigo, mas algumas conclusões e resultados são importantes para entender a relevância da especialização e a atração de mercado para medir a competitividade dos países.

Ou seja, o objetivo imediato de Mandeng não é analisar, especificamente, os países da América Latina, tal como o fez Fajnzylber, mas propor um marco de referência descritiva e analítica para interpretar as mudanças nas modalidades de competitividade e especialização do comércio internacional. Sua análise faz foco na interação entre a competitividade e os câmbios na estrutura do mercado.

El modelo mide la participación global que tiene un país en las importaciones de la OCDE como función de factores estructurales y competitivos, combinando elementos de análisis de la participación constante del mercado con los de planificación de carteras en la administración comercial (1991a:25).

Há duas hipóteses deste artigo que merecem atenção. A primeira é que cada país, independentemente da orientação atual de seu comércio, mantém um interesse pelo mercado da OCDE. Esta assertiva será posta em análise mais adiante ao se questionar a relevância que tal mercado tem para a Argentina, uma vez que tanto a conformação do MERCOSUL como a ascensão da China, Índia e outros países emergentes podem tê-la relativizado.

A segunda é que a eficiência global da competitividade depende da interação entre a participação no mercado e a atração do mercado. Estes dois elementos – participação e atração – conformam a matriz de competitividade. A partir desses elementos, Mandeng conclui que a competitividade não é um objetivo em si, mas um esforço dirigido aos mercados selecionados.

É pertinente transcrever a seguinte afirmação realizada por Condliffe (1958) sobre Baldwin (1958), relevante para a investigação de Mandeng, e que lhe serve de fundamento:

Los países que se aferran demasiado tiempo a mercados en decadencia pierden posiciones en los mercados mundiales. Los que tienen flexibilidad suficiente para moverse con los tiempos y mantenerse a la vanguardia de las nuevas demandas que van surgiendo, mantienen y aumentan su participación en el intercambio mundial (1991a: 26).

Para chegar a essas conclusões de cunho teórico, Mandeng fez uma análise empírica, da qual alguns resultados interessam a este trabalho. Estuda quatro países – Brasil, México, Coreia do Sul e União soviética tomados isoladamente de suas respectivas regiões – e quatro regiões – América Latina<sup>13</sup>, Sudeste Asiático<sup>14</sup>, Europa Oriental<sup>15</sup> e Grupo dos Sete<sup>16</sup> – que somadas abarcam 24 países<sup>17</sup>. Os dados da estrutura de exportações destes países e regiões, também denominados áreas, são analisados em combinação com a evolução da estrutura de

---

<sup>13</sup> Argentina, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, Peru e Venezuela.

<sup>14</sup> Filipinas, Malásia, Singapura e Tailândia.

<sup>15</sup> Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polónia, República Democrática Alemã e Romênia.

<sup>16</sup> Alemanha (Rep. Fed.), Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido.

<sup>17</sup> Os dados regionais são simplesmente a soma e ponderação dos resultados individuais. Os países foram selecionados por sua representatividade.



importações do mercado da OCDE.

Na análise empírica de Mandeng há três aspectos que interessam a presente pesquisa: o aumento ou diminuição que tiveram os grupos<sup>18</sup> nas importações da OCDE; a avaliação sobre a competitividade dos grupos; a adaptabilidade da estrutura de exportações dos países à estrutura de importações da OCDE.

O primeiro resultado a que Mandeng chega é que os grupos que tiveram uma ascensão no mercado da OCDE, alcançaram 70% das importações; enquanto um pouco menos de 30% do restante foram grupos cujas importações se reduziram.

Ao desagregar os dados para os países e regiões, os resultados revelam grandes diferenças a respeito da participação de mercado e sua evolução. O mesmo ocorre ao analisar a estrutura de competição, contribuição e especialização.

Nos grupos ascendentes (cuja demanda aumentou), por exemplo, Coreia do Sul e o Grupo dos Sete concentram cada um ao menos 80% de seu comércio; enquanto que para a União Soviética e a América Latina, este grupo alcança entre 15% e 20%, respectivamente. Isto quer dizer que a América Latina possui uma penetração no mercado da OCDE com mais ênfase em grupos cujo comércio está em decadência.

Outro elemento a ser notado é que há países que apresentam resultados muito distintos dos de sua região. Neste ponto se destacam Brasil e México, com resultados positivos em relação à América Latina; e a União Soviética, com resultados negativos em relação à Europa Oriental.

Interessa sublinhar que o Brasil melhorou em mais de 50% sua participação nos grupos ascendentes nas importações da OCDE, alcançado em 1988 uma quota de mercado de 0,84. A América Latina, por sua vez, tem indicadores inferiores, com uma variação da participação de 8,04%, alcançando uma quota de mercado de 0,42.

Outro dado relevante é que o Grupo dos Sete reduziu sua participação em quase 4%, mas ainda assim mantém sua quota de mercado em 60,4. Este dado já apontava a uma nova configuração do intercâmbio mundial.

Em que pesem as diferenças do resultado entre os países e blocos analisados, Mandeng conclui

---

<sup>18</sup> Os grupos estão desagregados a três dígitos da CUCI, revisão 2.

que existe uma tendência de adequação da estrutura de exportações desses países e regiões ao padrão de importação dos países da OCDE. Em síntese, o autor afirma que:

La evaluación basada en el crecimiento del mercado muestra aumentos en la participación de los grupos que incrementaron su participación en las importaciones de la OCDE. Estos aumentos fueron logrados por todas las áreas consideradas, salvo Europa oriental, pero el Grupo de los Siete sigue siendo el competidor dominante. Las variaciones en las modalidades de especialización indican que las áreas ajenas a la OCDE, salvo Europa oriental, registran una mayor penetración en los grupos ascendentes, lo que indica que orientan la estructura de su comercio crecientemente hacia aquellos grupos que han sido de dominio absoluto de la OCDE (1991a: 31).

Outra conclusão a que chega Mandeng, e que interessa ao decidir estratégias nacionais, é que existe uma tendência a ser competitivo em grupos que perderam participação no mercado importador da OCDE. Desta maneira, “salvo Brasil, Coreia y Asia sudoriental, todas las áreas lograron la competitividad en sectores declinantes, en promedio” (1991a: 32).

Finalmente, Mandeng realiza uma análise da adaptabilidade dos países mediante uma combinação da modalidade de competitividade e de especialização de cada estrutura de exportações. Os resultados mostram que em 1988 somente Coreia e o Grupo dos Sete possuem um índice de adaptabilidade positivo, o que indica que para eles os grupos ascendentes são proporcionalmente mais importantes que os descendentes na estrutura de intercâmbio.

Evidenciam-se também grandes diferenças ao interior dos blocos de países. Por exemplo, Brasil e México apresentam uma adaptabilidade muito maior que a da América Latina, assim como a Coreia com relação ao Sudeste da Ásia.

Por fim, o índice de adaptabilidade das áreas alheias à OCDE melhorou no período de 1979-1988, enquanto que o do Grupo dos Sete piorou. Isto, segundo o autor, poderia expressar uma mudança de tendência com possíveis efeitos nas estruturas de competitividade e especialização tradicionais de cada área (Mandeng, 1991a: 36).

### 3.3. OS CONCEITOS E A METODOLOGIA: A DEFINIÇÃO DE COMPETITIVIDADE

Embora a metodologia que Fajnzylber e Mandeng desenvolveram trabalhe sobre os mesmos dados com um só modelo, a terminologia utilizada pelos autores nem sempre coincide. Isto se deve aos objetivos pessoais de cada um, e também ao fato de que o artigo de Mandeng não foi escrito originalmente em castelhano, mas traduzido do inglês a esse idioma, e disso derivam algumas diferenças terminológicas que não prejudicam a compreensão do modelo. No entanto, os pontos de vista dos autores influenciam muito sobre os conceitos e sobre a forma de abordar os dados.

Fajnzylber, mais preocupado com as estratégias dos países, cria um sistema de classificação a partir dos conceitos *posicionamento* e *eficiência*, os quais, a depender de serem ou não favoráveis, geram quatro possibilidades: a *matriz de competitividade*.

Mandeng, por sua vez, mais interessado em explicar as regras gerais da competitividade e assegurar-se de que a metodologia desenvolvida seja válida, trabalha conceitos como *atração de mercado*, *especialização* e *adaptabilidade*.

Todos estes termos são fundamentais para compreender o conceito de competitividade proposto pelos autores: a variação da presença de cada país no mercado da OCDE.

Destarte, Fajnzylber, para medir a competitividade de um país, analisa estritamente os dados das estruturas de exportação de um país com relação à estrutura de importações da OCDE, definindo-o como vencedor ou perdedor e, a partir daí, aplica a matriz de competitividade para verificar em quais itens ou grupos ganhou ou perdeu participação de mercado. É nesta moldura que a discussão sobre recursos naturais, tecnologia e a matriz produtiva de um país ganha relevância.

Los aspectos que más peso parecen tener en la competitividad son la participación de las exportaciones de manufacturas no basadas en recursos naturales y el dinamismo de las economías nacionales. Pero aún en esos casos, la evidencia empírica está lejos de ser concluyente (Fajnzylber, 1991:150).

Com esta concepção de competitividade, simplificações tais como “a competitividade

aumentou com a renda *per capita*” ou “a competitividade dos países se vê favorecida pela diminuição relativa do tamanho do Estado”, não encontram “*asidero empírico riguroso*” (1991:150), diria Fajnzylber.

Acerca dos conceitos mencionados, Fajnzylber define o posicionamento como “el dinamismo de un rubro determinado en las importaciones de la OCDE, calificándolo de favorable cuando dicha participación aumenta y desfavorable cuando ella disminuye” (1991:151).

Por sua vez, Mandeng<sup>19</sup>, associando o conceito de posicionamento com o poder de atração do mercado, afirma que o posicionamento “se refiere a las variaciones estructurales provocadas ya sea por la demanda o por la oferta, en la estructura total de las importaciones de la OCDE” (Mandeng, 1991a: 26).

Ou seja, quando se mede o posicionamento são analisados, de forma dinâmica, todos os grupos exportados pelo país em relação aos grupos importados pela OCDE. Neste sentido, o posicionamento será favorável quando os grupos exportados se encontrem dentro dos que tiveram o aumento na demanda da OCDE.

A eficiência, por sua vez, é entendida como a “participación relativa del país en un rubro determinado, considerándola alta cuando dicha participación en las importaciones de la OCDE aumenta, y baja cuando disminuye” (Fajnzylber, 1991: 151).

Mandeng, que aborda a questão de outra forma, o faz analisando a eficiência das exportações para a especialização de cada país. De acordo com ele, “para cada país, la especialización se refiere a la importancia de un sector determinado con relación a su posición competitiva global y/o en relación con una estructura de mercado” (1991 a: 26).

Em outras palavras, a eficiência mede a participação de um país em um determinado grupo importado pela OCDE. Desta forma, a eficiência é alta quando aumenta a participação de mercado num determinado grupo, independente se este grupo haja ganhado ou perdido espaço na demanda da OCDE.

---

<sup>19</sup> Mandeng aborda o posicionamento considerando a *atração do mercado* e a *eficiência*, tendo em conta a especialização e adaptabilidade. Por questões de simplicidade seguiremos a denominação de Fajnzylber, isto não traz nenhum prejuízo à investigação, já que os conceitos medem as mesmas variáveis.

Sintetizando esses conceitos:

Se está mal posicionado cuando se exportan rubros de bajo dinamismo relativo, y se es poco eficiente cuando, cualesquiera sean los rubros en los que se participa, dicha participación disminuye respecto a la de otros países que exportan a la región indicada. (Fajnzylber, 1991: 151)

É importante mencionar, também, que os dados podem aparecer em diferentes formas de agregação. Por exemplo, os resultados de eficiência e posicionamento podem tanto ser analisados de forma global, considerando todos os setores e chegando a um indicador sintético; ou de forma desagregada a três ou quatro dígitos CUCI revisão 2, caso assim demande o estudo empreendido.

Para os autores, e mais especificamente para Fajnzylber, a eficiência global dos países permitiu classificá-los em vencedores ou perdedores, segundo sua participação no mercado da OCDE. Esta distinção inicial – já mencionada anteriormente – orientou sua pesquisa, no sentido de que buscou explicar por que e como os países chegaram a ganhar ou perder terreno em dito mercado, e qual a relação com a competitividade.

Por exemplo, vemos que no período analisado por Fajnzylber, a Argentina reduziu sua participação no mercado da OCDE, de 0,4% a 0,25%, razão pela qual é considerada “perdedora”. No entanto, a participação brasileira aumentou em 20%, obtendo em 1988 uma quota de mercado de 1,19. Portanto, é incluído no grupo dos países “vencedores”.

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO DE MERCADO (em % das importações da OCDE)

Países	1979	1988	Variação %
Argentina	0,4	0,25	-38
Brasil	0,99	1,19	20

FONTE: Fajnzylber (1991)

Depois de classificar os países em vencedores e perdedores, Fajnzylber analisa a composição de suas exportações combinando os conceitos de eficiência e posicionamento. Tal combinação, que permite identificar quatro situações do padrão de exportações, é chamada pelos autores de Matriz de Competitividade. São elas: *situação ótima*, *situação de vulnerabilidade*,

*oportunidades perdidas e situação em retirada.*

a) Situação Ótima: posicionamento favorável e eficiência alta.

As exportações nas que o país se encontra em Situação Ótima correspondem à parte de seu comércio em que esse país se especializa, ou seja, que tem uma vantagem produtiva com relação ao resto dos oferentes. Além disso, são grupos cujo dinamismo é crescente dentro das importações da OCDE. Quando os países possuem uma proporção grande de suas exportações em Situação Ótima, significa que é competitivo produtivamente e que sua especialização é em setores que estão ganhando espaço no mercado da OCDE. Os grupos em Situação Ótima representam resultados positivos do período em análise, e possibilitam perspectivas favoráveis para o futuro. Podemos dizer que os grupos em Situação Ótima mostram as possibilidades concretas de adaptabilidade de um país à estrutura de demanda da OCDE.

b) Situação de Vulnerabilidade: posicionamento desfavorável e eficiência alta.

A Situação de Vulnerabilidade revela que o país está se especializando ou sendo mais competitivo em produtos ou grupos que estão perdendo dinamismo no mercado da OCDE. Desta maneira, embora os dados remetam a uma situação presente (em relação ao período analisado) com resultados positivos, a Situação de Vulnerabilidade aponta para perspectivas negativas futuras, caso persista no tempo a queda da demanda desses grupos. Para o caso da América Latina, em que os recursos naturais são tão relevantes para definir o padrão de especialização comercial, a tendência de redução da demanda poderia evidenciar a vulnerabilidade de suas exportações.

c) Oportunidades Perdidas: posicionamento favorável e eficiência baixa.

As Oportunidades Perdidas, por sua vez, remetem àqueles produtos cuja demanda da OCDE vem se expandindo, mas a participação do país analisado diminui. Ou seja, são grupos que estão sendo cada vez mais demandados pela OCDE, mas o país, no que a eles tange, não está sendo competitivo produtivamente ou está perdendo especialização.

Em outras palavras, a estrutura de exportações do país nestes grupos não estaria se adaptando às mudanças na estrutura importadora da OCDE. Para este caso também é relevante analisar se a tendência crescente das importações destes grupos é conjuntural e se deve a alguma situação passageira ou se essa tendência se fortalecerá com o tempo. Neste caso, o país deveria ter como

estratégia alcançar os níveis de competitividade que já teve, ou ainda melhorá-los.

d) Situação em Retirada: posicionamento desfavorável e eficiência baixa.

As exportações em Situação em Retirada refletem grupos cuja quota de mercado do país está diminuindo e, ao mesmo tempo, a demanda destes grupos por parte da OCDE está declinando. Esta classificação da Matriz de Competitividade não revela aspectos de todo negativos, já que poderia mostrar uma situação de adaptabilidade por parte da estrutura de exportações do país às mudanças nas importações da OCDE.

Importa dizer que a classificação permite analisar a proximidade ou distância que existe entre a estrutura de exportações dos países e a estrutura de importações da OCDE e, a partir deste ponto, detectar quais podem ser os elementos que estão dificultando ou desfavorecendo o padrão de exportações de cada país.

Os dados da Matriz de Competitividade, para Argentina e Brasil no período de 1979-1988 são os seguintes:

TABELA 2 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE 1979-1988 (como % das exportações totais)

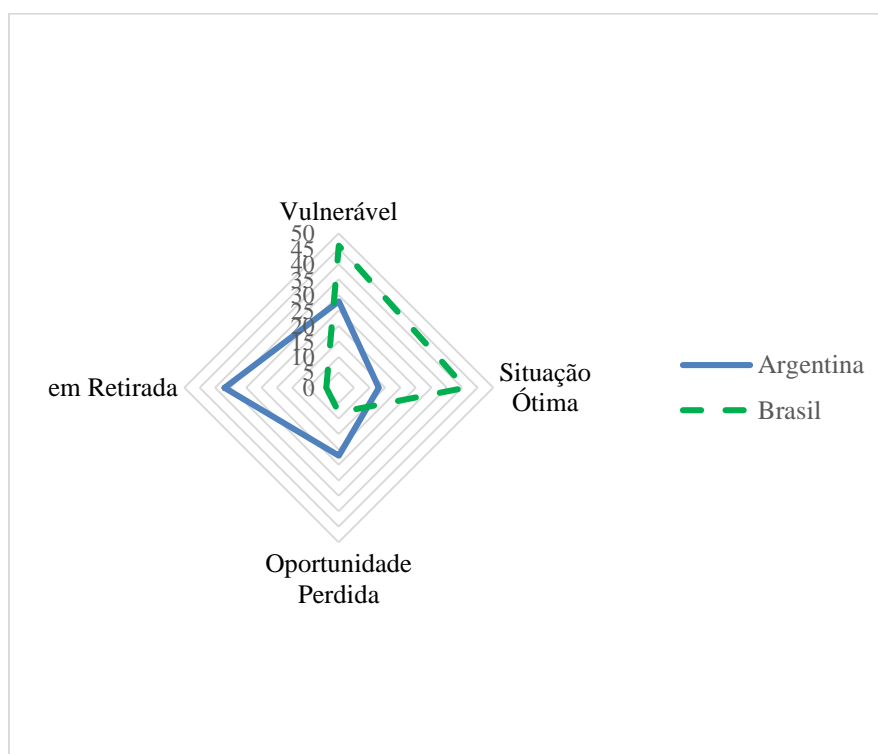
Países	Vulnerável	Situação Ótima	Oportunidade Perdida	em Retirada
Argentina	28	13	22	37
Brasil	46	41	8	4

FONTE: Fajnzylber (1991: 154-155)

O Brasil, como se vê, é um país ganhador, pois o percentual de exportações em Situação Ótima é muito elevado e o percentual de exportações em Situação em Retirada e de Oportunidades Perdidas é muito baixo. Para Argentina, país perdedor de mercado, acontece justamente o contrário.

Sobre a matriz de competitividade, cabe destacar que há uma forma gráfica de apresentação dos dados proposta por Fajnzylber, que permite uma rápida visualização da estrutura de exportações de um país. Abaixo estão expostas, nesta forma radial, as matrizes argentina e brasileira.

GRÁFICO 1 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE 1979-1988



FONTE: Elaboração própria com base em Fajnzylber (1991)

Como já mencionado anteriormente, o progresso técnico incide de forma integral na competitividade. Por um lado, pela via do posicionamento – já que geralmente o dinamismo está associado ao conteúdo tecnológico dos produtos em design e fabricação. Por outro lado, pela via da eficiência produtiva, isto é, pela capacidade sistêmica e organizacional da produção de fronteira, semelhantes à produtividade dos competidores do mercado internacional<sup>20</sup>.

Neste sentido, contemplar a composição das exportações é fundamental para compreender a inserção internacional do país. Como já dito anteriormente, os países cujas exportações concentram-se em Recursos Naturais (RN) tendem a ser perdedores de mercado. No entanto, aqueles países em cuja estrutura preponderam Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais (MnoBRN) costumam ser ganhadores. Para Argentina e Brasil não é diferente:

<sup>20</sup> O posicionamento e a eficiência podem ser entendidos como uma aproximação às perspectivas keynesiana e schumpeteriana, respectivamente, sobre a dinâmica das exportações dos países. Para um detalhamento dessas perspectivas ver Catela e Porcile (2010).



TABELA 3 - A ESTRUTURA DE EXPORTAÇÕES EM 1988 (em %)

Países	RRNN	Energia	Manufaturas	
			Baseada RRNN	Não Baseada RRNN
Argentina	36	3	43	18
Brasil	30	3	29	38

FONTE: Fajnzylber (1991: 154-155)

### 3.4. O MODELO

O modelo proposto por Mandeng (1991a e 1991b) deriva da adaptação do *Constant Market Share Analysis* – CMSA<sup>21</sup>, que serve para analisar a competitividade das empresas frente ao mercado mundial. Ou seja, foi ineditamente adaptado para descrever e identificar mudanças no paradigma de competitividade e de especialização dos países no comércio mundial.

Neste modelo, parte-se de uma equação única da CMSA<sup>22</sup> reduzindo-o a um enfoque bidimensional – competitividade setorial e adaptabilidade ao mercado. A análise se baseia no conceito e metodologia *Competitive Analysis of Nations* – CAN, segundo o qual, a posição global de uma economia está determinada por sua competitividade setorial e pela capacidade que tem a mesma para se adaptar à evolução da estrutura de mercado. O enfoque supõe que a estrutura do mercado é atomística e que cada setor é suficientemente pequeno para influenciar o padrão global das importações.

Desta maneira, a análise mede a participação global de um país nas importações da OCDE como função de fatores estruturais e competitivos. Esses fatores podem ser resumidos em função da competitividade setorial, da capacidade de adaptação às condições de mercado e das vantagens comparativas. Por questão de simplicidade se considera que as vantagens comparativas são um fator de competitividade e, portanto, estão incorporadas à competitividade setorial. (Mandeng 1991a: 27).

Assim, a participação total de um país ( $S_j$ ) num determinado momento será igual ao produto ponderado da participação de suas importações de determinado grupo setorial ( $s_{ij}$ ) e a

<sup>21</sup> Um breve detalhe do CMSA se encontra em Magee (1975).

<sup>22</sup> O CMSA considera quatro elementos que afetam a evolução da participação global de um país no mercado: a) crescimento do comércio mundial, b) crescimento diferencial por produtos, c) crescimento diferencial do mercado, e d) um resíduo ou fator competitivo.

relevância desse grupo nas importações do mercado ( $s_i$ ).

$$1) S_j = \sum_{i=1}^n \frac{M_{ij}M_i}{M_iM} = \sum_{i=1}^n s_{ij}s_i$$

Onde:

$i$ : é um produto ou grupo setorial, denominado grupo.

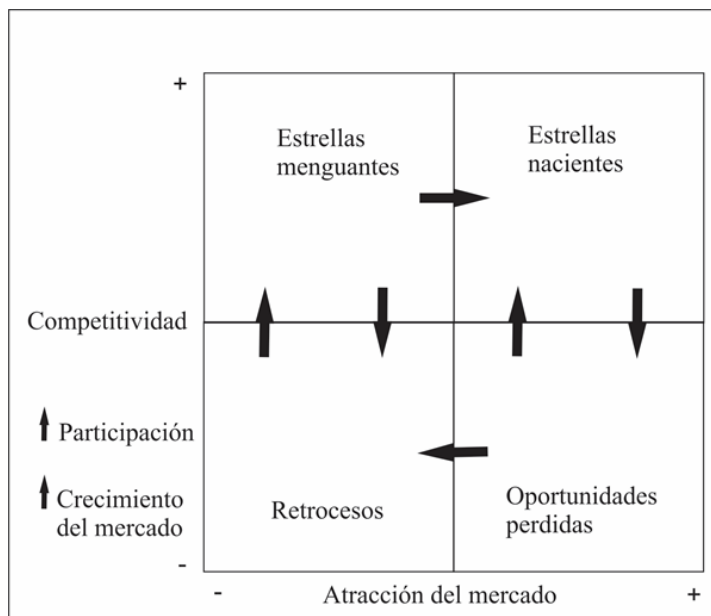
$j$ : é um país

$M$ : são as importações totais da OCDE

As variações de  $S_j$  no tempo são determinadas para avaliar a orientação da competitividade com relação às estruturas cambiantes do mercado. A hipótese de participação constante requer que  $\Delta S_j = 0$ ; e a evolução diferencial dos grupos (ou atrativo mercantil) é obtida por variações de  $s_i$ .

Abaixo se apresenta uma matriz 2x2 – Matriz de Competitividade – baseada na equação 1, em que no eixo horizontal se mede a evolução dos grupos ( $\Delta s_i$ ) e no eixo vertical se mede a evolução do país ( $\Delta s_{ij}$ ). Desta maneira, os grupos são ascendentes quando  $\Delta s_i \geq 0$ , assim como são os países competitivos em determinados grupos, quando  $\Delta s_{ij} \geq 0$ .

FIGURA 1 – MATRIZ DE COMPETITIVIDADE



FONTE: Mandeng (1991a: 28)

A matriz de competitividade resume, como vimos anteriormente, os casos potenciais para cada país. Por razões de simplicidade seguiremos a denominação utilizada por Fajnzylber: Situação Ótima (estrellas nacientes): grupos ascendentes nos quais o país ganha participação de mercado; Vulneráveis (estrellas menguantes): grupos descendentes nos quais o país ganha participação de mercado; Oportunidades Perdidas: grupos ascendentes nos quais o país perde participação de mercado; Situações em Retirada (retrocesos): grupos descendentes nos quais o país perde participação de mercado.

Além disso, podemos conhecer a importância relativa que tem cada posição competitiva da matriz, através da estrutura comercial do país. Para isto, define-se a variável  $c_{ij}$ , que mede a contribuição de cada grupo para um determinado país, em que  $c_{ij} = M_{ij}/M_j$ . E por sua vez, as variações de  $c_{ij}$  demonstram a diversificação dessa estrutura comercial. Sendo  $\Delta c_{ij} \geq 0$  quando cresce a contribuição do grupo e  $\Delta c_{ij} < 0$  quando diminui.

Assim, a *especialização de mercado*,  $k$ , relaciona a contribuição de cada grupo, relativo a um país, com a estrutura de importações da OCDE.

$$2) k_{ij} = \frac{c_{ij}}{s_i} \text{ e } k_{ij} = \frac{s_{ij}}{S_j} \text{ }^{23} \text{ sendo que } k_{ij} \geq 1 \text{ para os grupos em que o país se especializa.}$$

Desta maneira as variações em  $k_{ij}$  estão determinadas pelas variações em  $c_{ij}$  e  $s_i$  e refletem a aproximação e o distanciamento que possui a estrutura do comércio do país em relação à estrutura de importações da OCDE. Sendo  $\Delta k_{ij} \geq 0$  para o primeiro caso e  $\Delta k_{ij} < 0$  para o segundo.

$$3) \Delta c_{ij} \begin{matrix} \geq \\ < \end{matrix} \Delta s_i \begin{matrix} \geq \\ < \end{matrix} \Delta k_{ij} \begin{matrix} \geq \\ < \end{matrix} 0$$

Assim,  $\Delta k$  apresenta a interação entre as mudanças na estrutura comercial de um país e a evolução da estrutura de mercado, sendo  $k_{inc}$  para os grupos crescentes e  $k_{dec}$  para os grupos decrescentes. Por sua vez,  $\Delta k$  pode refletir a evolução da competitividade setorial frente aos

---

<sup>23</sup> Onde  $k$  segue o índice de vantagem comparativa revelada, de Balassa (1965).  $k = M_{ij}/M_j : M_i/M$ ; trocando os denominadores alcançamos a seguinte equação:  $k = M_{ij}/M_i * M/M_j = s_{ij}/S_j$ .

resultados globais do comércio do país ( $S_j$ )<sup>24</sup>.

Adicionalmente, o autor expõe duas situações nos casos em que  $k > 1$ . A primeira, quando o valor de  $k$  é alto, em que provavelmente não aumentará muito mais se  $c_{ij}$  for muito superior a  $s_i$ , com a exceção de que exista uma especialização total. Desta maneira, caso o valor de  $c_{ij}$  seja muito alto, pode traduzir uma trajetória sub ótima de crescimento. Por outro lado, quando o valor de  $k$  é baixo, o mesmo poderia seguir aumentando se  $c_{ij}$  for o suficientemente baixo.

Este elemento é muito relevante para o padrão de exportações da América Latina, que possui um padrão muito concentrado nos grupos de recursos naturais, agrícola, pecuária e de minerais, motivo pelo qual normalmente possuem valores muito altos de  $c_{ij}$  e muito superiores a  $s_i$  nesses grupos. Com o que poderia ser que houvesse um limite no crescimento de  $k$ .

Essa poderia ser uma restrição do modelo, já que a melhora na especialização de um grupo, dada pela  $\Delta k_{ij}$ , pode ser relevante em grupos que foram inexpressivos para determinada economia ( $c_{ij}$  baixo); ou pelo contrário, a  $\Delta k_{ij}$  pode ser irrelevante em grupos essenciais para explicar o padrão de exportações da economia ( $c_{ij}$  alto). Um claro exemplo para Argentina é o complexo oleaginoso e os grupos vinculados à atividade agropecuária.

Por fim, a adaptabilidade total ao mercado de um país,  $K_j$ , se expressa pela especialização global e a competitividade de uma economia ante a evolução do mercado.

$$4) K_j = \frac{k_{iincj}}{k_{idecj}} \text{ e } K_j = \frac{s_{iinci}}{s_{ideci}} \text{ }^{25}$$

Assim,  $K_j$  admite dois critérios de interpretação. O primeiro opõe a participação dos grupos ascendentes e descendentes, em que  $K_j > 1$  significa uma competitividade absoluta maior em grupos ascendentes do que em descendentes. O segundo combina a orientação de mercado dos grupos ascendentes e descendentes, em que  $K_j < 1$  significa uma especialização relativamente maior nos grupos descendentes do que nos crescentes.

Nestes casos, a evolução de  $K$  no tempo,  $\Delta K = K_j^1 / K_j^0$ , representa a) a redistribuição da

---

<sup>24</sup> Em Mandeng (1991a: 28), há um detalhe maior sobre a evolução que podem tomar as curvas  $k_{ij}$ ,  $c_{ij}$  e  $s_i$  no tempo, apresentando uma possível constelação de  $\Delta k_{ij}$ ,  $\Delta c_{ij}$ ,  $\Delta s_{ij}$  baseada na equação 03.

<sup>25</sup> Isto deriva de  $(M_{iincj}/M_j : M_{inc}/M) : (M_{idecj}/M_j : M_{idec}/M) = (M_{iincj}/M_{inc}) : (M_{idecj}/M_{idec}) = s_{iincj}/s_{idecj}$ .

competitividade de um país com relação à evolução do mercado ou b) a mudança na especialização com relação ao crescimento de mercado.

Segundo o autor, as variações de  $K$  revelam, portanto, a ponderação dos grupos setoriais que aumentam ou diminuem dentro da estrutura nacional de comércio, e descrevem a forma em que os países competem e se especializam globalmente com relação à evolução do mercado.

Finalmente é necessário ressaltar as limitações que apresenta o modelo, as quais coincidem com as três limitações do CMSA. A primeira se refere à desagregação setorial, que é típica em qualquer problema de agregação. A segunda se refere ao período selecionado, que poderia ser resolvido utilizando números índices. De fato, o autor sustenta que o modelo é sensível quanto a esse aspecto. E a terceira se baseia no mercado de referência.

No estudo de Fajnzylber e Mandeng, a desagregação foi feita considerando a Classificação Uniforme para o Comércio Internacional (CUCI Revisão 2), que classifica 239 grupos setoriais a três dígitos. O período, como já dito, foi de 1979 a 1988, e o mercado de referência foi o da OCDE, por sua relevância no comércio mundial.

Na análise dos dados do presente artigo, utilizar-se-á a mesma desagregação setorial, ainda que para alguns casos se reagrupem os grupos nos ramos de Recursos Naturais (RN), Energia, Manufaturas Baseadas em Recursos Naturais (MBRN) e Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais (MnoBRN). Para este reagrupamento se utilizará a classificação de Mandeng (1993). O período selecionado é de 1985-1990, 1990-2000, 2000-2007 e 2007-2010. Os mercados de referência serão: mercado mundial (MUNDO), países industrializados (OCDE), MERCOSUL e Ásia em Desenvolvimento (AD), por considerá-los relevantes para o estudo do comércio da Argentina.

### 3.5. A FERRAMENTA CAN E O TRADECAN

O modelo apresentado já foi sistematizado utilizando-se a ferramenta computacional CAN, e hoje constitui o software TRADECAN, desenvolvido e atualizado pela CEPAL.

O TRADECAN é um conjunto de ferramentas informáticas cujo objetivo é dar suporte na análise de competitividade internacional dos países. Ele combina uma base de dados do

comércio mundial e um sistema computacional específico. A fonte de dados é a base oficial do comércio internacional mantida pela Divisão de Estatística das Nações Unidas (COMTRADE) e o sistema computacional é o CAN (CEPAL, 2012).

Os mentores do desenho original do sistema CAN foram Fernando Fajnzylber e Ousmène Mandeng. A programação da primeira versão do TRADECAN foi realizada por Ricardo Vásquez e atualmente é Andrés Herzobo quem cuida da programação e da base de dados (versão 2012); ambos vinculados à CEPAL.

O TRADECAN 2012 incorpora mais de 90% do comércio mundial e aglutina as informações de 73 países informantes. Os dados tomados do COMTRADE são valores em dólares correntes dos Estados Unidos da América do Norte, das importações anuais, por setor e país de origem, tal como foram informados por cada um dos países importadores, utilizando a CUCI, Revisão 2. As importações se registram nos seus valores de Custo, Seguro e Frete (CIF), na maioria dos casos.

Uma característica importante da maneira em que se processam os dados, antes de ingressá-los ao TRADECAN, é que são calculadas as médias móveis dos dados de três anos. Assim, os dados de cada ano se referem ao ano central de uma série de três anos, com exceção do último, em que apenas se faz a média dos últimos dois anos. Trabalhar com médias móveis traz a vantagem de descartar as flutuações cíclicas de curtíssimo prazo e, com isso, permite que se enfatizem as mudanças estruturais das séries.

Nossa investigação faz uso da ferramenta TRADECAN. Contudo, alguns cálculos foram feitos de forma manual e pudemos verificar que coincidiram pontualmente com os derivados do software.

#### 4. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DA ARGENTINA

Considerando que a Matriz de Competitividade estabelece relações entre a demanda de um mercado e as exportações de um país, para conhecer a estrutura das exportações argentinas é necessário descrever a evolução da estrutura do mercado mundial (MUNDO), dos países industrializados (OCDE), do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e da Ásia em Desenvolvimento (AD).

Neste particular, é importante mencionar que a ideia inicial deste trabalho era fazer a descrição independente de cada um dos mencionados mercados, a fim de compará-los com a estrutura comercial argentina. No entanto, no curso da investigação descobriu-se que as composições das demandas do MUNDO e da OCDE se mantêm praticamente idênticas ao longo do tempo. É notável, inclusive, que a participação de mercado da OCDE haja diminuído sem que as semelhanças entre as estruturas de importação tenham-se apagado. Os dados falam por si, as importações da OCDE no ano de 1985 representavam 83% das importações mundiais e 25 anos depois ainda alcançavam mais de 64%. Ou seja, a demanda mundial foi e segue sendo fortemente estimulada pela demanda dos países industrializados. Por este motivo Fajnzylber e Mandeng analisaram exclusivamente a demanda da OCDE.

É digno de notar, a presença da AD, que também ganhou espaço dentro das importações mundiais, absorvendo parte da redução da OCDE e mais que duplicando sua participação ao longo do período analisado, havendo alcançado, em 2010, 28% das importações mundiais.<sup>26</sup> Esse avanço da AD não foi previsto pelos autores antes mencionados.

É singular sobre isto que, embora as estruturas das demandas da OCDE e da AD tenham melhorado desde 1985 em favor das Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais, a estrutura de exportações argentina a esses mercados não tenha evoluído neste sentido. Paradoxalmente, a AD, como resultado de sua influência, reforçou a primarização do padrão de exportações da Argentina. Sobre esse aspecto, é importante antecipar que no ano de 1990 a Argentina concentrava 40% das exportações à AD em manufaturas de alto valor agregado, mas não logrou consolidar este patamar nas décadas seguintes.

O oposto aconteceu com as exportações argentinas ao MERCOSUL. Houve uma clara e expressiva redução da participação dos Recursos Naturais e da Energia na estrutura da demanda

---

<sup>26</sup> Ver em APÊNDICE 1 - Tabela Quota de cada Mercado nas Importações Mundiais.

do MERCOSUL. A mesma mudança estrutural ocorreu na matriz de exportações argentinas para este mercado: as Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais ganharam muita relevância. Em outras palavras, a demanda do MERCOSUL por produtos de maior valor agregado gerou um impacto direto e positivo sobre as exportações argentinas.

De fato, como já dissemos anteriormente, foram sempre os países industrializados que forçaram a primarização das economias latino-americanas. Era assim em 1949, quando Prebisch observou o papel específico de América Latina como produtor de alimentos e matérias-primas para os grandes centros industriais. Também era em 1991 quando Fajnzylber analisou a inserção internacional e a competitividade de América Latina. No entanto, na atualidade, podemos afirmar que são os países em desenvolvimento que desempenham um papel determinante na reformulação do comércio internacional, e portanto, no padrão de exportações da Argentina.

Feitas estas observações, antes de caracterizar cada mercado, apresenta-se a hipótese central deste trabalho: se não são os países industrializados os que forçam a primarização das economias latino-americanas no alvorecer do século XXI, e em especial da Argentina, são os da Ásia em Desenvolvimento. Por outro lado, os países do MERCOSUL fortaleceram sua posição como demandantes de produtos manufaturados mais sofisticados, favorecendo a melhora na estrutura produtiva argentina.

Pode se dizer que a demanda da AD acentuou a primarização da inserção externa da Argentina. A demanda da OCDE, por sua vez, não vem favorecendo o desenvolvimento industrial dessa economia. Em contrapartida, o MERCOSUL tem desempenhado um papel importante na melhora do padrão comercial da Argentina.

Neste capítulo, vamos apresentar a relação entre a estrutura comercial da Argentina e a estrutura dos mercados: mundial (MUNDO), dos países industrializados (OCDE), do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e da Ásia em Desenvolvimento (AD). Inicialmente, far-se-á a caracterização de cada mercado mediante a apresentação e leitura de dados, para num segundo momento analisar a estrutura das exportações argentinas para cada um deles. Depois, com a finalidade de conhecer especificidades da estrutura comercial argentina, serão apresentados os dez primeiros grupos de exportação. Finalmente, se construirá a Matriz de Competitividade para o total das exportações e para os dez primeiros grupos. Isto acontece em três etapas, primeiro para o mercado MUNDO e OCDE, depois para o MERCOSUL e finalmente para AD.



O período de análise se divide em quatro subperíodos: 1985-1990, 1990-2000, 2000-2007 e 2007-2010. Os anos entre as extremidades refletem a série completa do TRADECAN. Os subperíodos se relacionam, respectivamente, com a conformação do MERCOSUL, a década de implantação do Consenso de Washington na América Latina, a grande expansão dos países asiáticos como consumidores e oferentes mundiais e a crise mundial de 2007- 2008.

#### 4.1. ARGENTINA E O MUNDO: ESTRUTURA DE MERCADO E COMERCIAL

##### 4.1.1. A ESTRUTURA DO MERCADO MUNDO E OCDE

As estruturas dos mercados MUNDO e OCDE são muito semelhantes, como já foi dito, apresentando ao longo do tempo as mesmas variações e proporções.

Esses mercados nunca demandaram muito por Recursos Naturais. De fato, ao longo do período analisado houve uma queda da demanda, que passou de 16% a aproximadamente 11% de suas importações. Se a isso se somam os grupos de Energia, a redução passa de 34% a 21%. Este ponto é muito importante para o padrão de exportações da Argentina que, como vimos, historicamente apresenta um forte componente de RN e Energia.

TABELA 4 - ESTRUTURA DE MERCADO (importações por destino)

Participação setorial em %	MUNDO					OCDE				
	1985	1990	2000	2007	2010	1985	1990	2000	2007	2010
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	<b>16,33</b>	<b>14,54</b>	<b>10,31</b>	<b>10,43</b>	<b>11,34</b>	<b>16,11</b>	<b>14,56</b>	<b>10,48</b>	<b>10,18</b>	<b>10,98</b>
Agricultura	13,40	11,96	8,81	7,91	8,71	13,27	12,17	9,15	8,42	9,39
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	2,93	2,58	1,51	2,52	2,63	2,84	2,39	1,32	1,75	1,59
<b>ENERGIA</b>	<b>17,35</b>	<b>9,71</b>	<b>9,31</b>	<b>10,21</b>	<b>9,93</b>	<b>17,82</b>	<b>9,78</b>	<b>8,94</b>	<b>10,57</b>	<b>10,35</b>
<b>MANUFATURAS</b>	<b>64,86</b>	<b>73,98</b>	<b>77,85</b>	<b>71,77</b>	<b>70,05</b>	<b>64,54</b>	<b>73,82</b>	<b>77,48</b>	<b>71,47</b>	<b>69,51</b>
Manufaturas RRNN	5,67	5,79	4,78	5,02	4,78	5,89	5,85	4,75	4,81	4,16
Manufaturas Não RRNN	59,19	68,20	73,07	66,74	65,28	58,66	67,97	72,72	66,66	65,35
<b>OUTROS</b>	<b>1,47</b>	<b>1,78</b>	<b>2,53</b>	<b>7,60</b>	<b>8,68</b>	<b>1,54</b>	<b>1,84</b>	<b>3,10</b>	<b>7,78</b>	<b>9,16</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

A principal demanda mundial foi e segue sendo por Manufaturas. Estes grupos, ainda que tenham ganhado participação no período (de 1985 a 2010), saltando de 65% a 70%, é no ano 2000 que alcançaram seu ápice, com mais de 77% de participação. E não somente a principal demanda mundial é por Manufaturas, mas por Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais (MnoBRN), tanto que representam, em 2010, 94% das mesmas. Quer dizer, o MUNDO além de demandar proporcionalmente pouco por RN, também o faz por manufaturas de baixo valor

agregado.

Neste ponto é importante recuperar algumas considerações feitas por Fajnzylber. O dado que nos interessa é o de diminuição da participação das Manufaturas Baseadas em Recursos Naturais (MBRN). Ainda que baixa, passou de 5,67% a 4,78% no mercado MUNDO. A queda é ainda mais acentuada na demanda da OCDE, de 5,89% a 4,16%. Este dado, aparentemente irrelevante, mostra a tendência já apontada por Fajnzylber em 1991.

Preocupado com a política industrial latino-americana, Fajnzylber havia alertado sobre esta tendência decrescente, quando evidenciou uma redução, entre 1979 e 1989, na demanda da OCDE por esses grupos. Neste sentido, é relevante que a queda tenha sido mais acentuada na demanda da OCDE que na do MUNDO, porque dá um indício de que outros mercados, em especial da AD, pressionam de forma ascendente a demanda mundial por RN e MBRN. Em outras palavras, a expansão da demanda da China, Índia e outros mercados emergentes poderia estar a reverter essa tendência decrescente.

De fato, a tendência de queda anunciada por Fajnzylber incluía RN, Energia e MBRN, o que realmente ocorreu quando se observam as extremidades do período analisado. Entretanto, desde 2000 se verifica outra forte tendência no mercado MUNDO: aumentou a participação da demanda de Fibras Têxteis, Minerais e Minerais Metálicos (FTMM) e oscilou a demanda de MBRN, o que reforça nossa constatação sobre os mercados emergentes. No caso da demanda dos países industrializados, tanto as FTMM quanto as MBRN tiveram oscilações desde 2000.

Assim, embora a evolução desfavorável dos Recursos Naturais e suas Manufaturas possa ser muito prejudicial para as economias da América Latina, essa reversão desde 2000, acompanhada de uma evolução similar dos grupos de Energia – que a partir desse ano melhoram a participação em ambos os mercados – permite inferir que a demanda do resto do mundo (países não pertencentes à OCDE) por bens primários básicos e com algum grau de industrialização pode dinamizar o mercado dos países latino-americanos.

Com relação às MnoBRN é importante destacar que a participação em 2010 é a segunda menor do período analisado, superando apenas a participação de 1985. Além disso, desde 2000, a redução da participação dos manufaturados mais sofisticados na demanda do MUNDO e da OCDE foi muito intensa e, portanto, não foi absorvida pela demanda crescente dos grupos relacionados a RN e Energia, mas pelo aumento de outros grupos.

Por sua vez, a agregação Outros ganha muita relevância entre 2000 e 2010, alcançando quase 10% das importações do MUNDO e da OCDE. Em especial, o grupo 931, de “Operações e mercadorias não classificadas” concentra quase a totalidade de Outros. Entretanto, nesses mercados, enquanto o grupo 911, “Pacotes postais” vem perdendo participação, o grupo 951, “Veículos blindados, armas de guerra e munições, se mantém na agrupação Outros.

As constatações anteriores podem expressar uma demanda crescente por um conjunto de transações não contemplado em nenhuma classificação existente na CUCI Revisão 2. Ou seja, a demanda da agregação Outros aumenta progressivamente, o que mostra a existência de importações novas que ainda não foram classificadas. É muito provável que se tratem de serviços. O único dos mercados analisados que apresenta uma evolução diferente da agrupação Outros é o MERCOSUL.

#### 4.1.2. A ESTRUTURA COMERCIAL ARGENTINA

Os Recursos Naturais são determinantes na estrutura comercial argentina para os destinos MUNDO e OCDE. Esses grupos (excluída a Energia) conglomeram quase 56% e 66% das exportações em 2010, respectivamente. No entanto, em sintonia com o que foi expressado anteriormente, existem algumas particularidades relativas ao destino MUNDO que marca uma clara diferença entre o tipo de inserção externa da Argentina no MUNDO e na OCDE.

TABELA 5 - ESTRUTURA COMERCIAL DA ARGENTINA (exportações por destino)

Participação setorial em %	MUNDO					OCDE				
	1985	1990	2000	2007	2010	1985	1990	2000	2007	2010
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	<b>68,83</b>	<b>59,41</b>	<b>49,10</b>	<b>59,49</b>	<b>55,94</b>	<b>71,64</b>	<b>67,41</b>	<b>60,76</b>	<b>69,55</b>	<b>65,52</b>
Agricultura	65,77	55,81	46,57	56,39	53,06	68,24	63,66	57,13	64,41	60,82
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	3,06	3,60	2,52	3,11	2,88	3,40	3,74	3,63	5,14	4,71
<b>ENERGIA</b>	<b>6,38</b>	<b>6,49</b>	<b>17,86</b>	<b>7,50</b>	<b>7,53</b>	<b>6,32</b>	<b>5,10</b>	<b>12,44</b>	<b>5,79</b>	<b>5,85</b>
<b>MANUFATURAS</b>	<b>24,13</b>	<b>33,64</b>	<b>32,41</b>	<b>32,55</b>	<b>36,09</b>	<b>21,09</b>	<b>26,81</b>	<b>25,35</b>	<b>23,99</b>	<b>27,64</b>
Manufaturas RRNN	6,99	7,25	5,01	3,79	5,07	7,72	9,12	7,90	5,54	9,78
Manufaturas Não RRNN	17,15	26,38	27,40	28,77	31,01	13,37	17,69	17,45	18,45	17,86
<b>OUTROS</b>	<b>0,50</b>	<b>0,47</b>	<b>0,63</b>	<b>0,45</b>	<b>0,44</b>	<b>0,51</b>	<b>0,56</b>	<b>1,45</b>	<b>0,66</b>	<b>0,99</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

Para o MUNDO, a relevância dos bens primários foi decrescendo com maior intensidade e as manufaturas de maior valor agregado ganharam espaço nas exportações argentinas. É possível concluir que a estrutura comercial, em relação a esse destino, tem melhorado em termos de

crescimento da participação dos grupos de MnoBRN, que alcançaram 31% das exportações argentinas em 2010.

Por outro lado, com relação aos bens primários se observa uma tendência decrescente, marcada por uma queda mais acentuada dos grupos de Agricultura, combinada com a melhora da participação dos grupos de Energia e FTMM. Analisando os quatro subperíodos fica evidente que o ano de 2000 aparece como ponto de inflexão em que a Agricultura alcança seu menor valor e Energia, sua maior participação. A partir daí retornam a suas participações anteriores. Os resultados do destino MUNDO endogenizam a nova dinâmica comercial trazida pelos países da AD (ampliando a demanda por bens primários) e do MERCOSUL (ampliando a demanda por manufaturados de maior valor agregado). A combinação do tipo e volume do comércio para estes destinos possibilitar-nos-á delinear o novo padrão de exportações argentino.

É importante mencionar que os grupos da agregação Outros foram pouco significativos dentro das exportações argentinas ao mercado MUNDO, com uma participação que oscila ao redor de 0,5% durante toda a série.

Para a OCDE, por sua vez, se verifica uma tendência decrescente dos Recursos Naturais, cujo valor mais baixo aparece no ano de 2000. Tal como no caso do mercado MUNDO, isso se deve a uma queda das exportações de Agricultura, que, nos dados analisados, se reverte a partir de 2007.

Se incorporamos os grupos de Energia aos de Recursos Naturais, observa-se que a concentração de exportações nos mesmos teve algumas oscilações (sendo ao redor de 78% das exportações em 1985 e 75% em 2010), as quais derivam de variações nos grupos de Agricultura (decrescente) que, por sua vez, foram absorvidas pelos grupos de Energia (crescente). Nessa interação, no ano de 2000, Energia alcança sua melhor participação (12,44%), em oposição a Agricultura. A soma de RN e Energia tem o menor valor em 2010, com 71,37% das exportações. O mesmo ocorre no destino MUNDO.

Uma diferença da OCDE para com o MUNDO é que a participação das Manufaturas entre 1985 e 2010 aumentou de forma mais tênue. Embora em 2007 seu valor foi mais alto que o atual, as exportações de MnoBRN se mantiveram perto de 17,5% desde 1990. Para o MUNDO estas exportações alcançaram 31% do total exportado.

Ampliando a visão, podemos observar que a principal mudança estrutural aconteceu entre 1985 e 1990, quando as MnoBRN aumentaram radicalmente sua participação em ambos os mercados. Esta mudança é mais acentuada para o destino MUNDO, onde inclusive a participação seguiu aumentando ano a ano. Neste sentido, é notável que desde 1990 a participação dos produtos industrializados com maior valor agregado no destino OCDE tenha se mantido ao redor de 18%.

Este ponto é essencial já que nos ajuda a refletir sobre as dificuldades que a economia argentina encontra para melhorar seu padrão de exportações para a OCDE. No entanto, a mudança estrutural para o destino MUNDO sugere que os outros destinos analisados teriam um papel determinante para modificar a tendência da Argentina à inserção externa baseada nos RN.

Por fim, no que concerne à estrutura comercial argentina, há duas diferenças marcantes entre os dados para o destino MUNDO e a OCDE. A primeira é que as agregações FTMM e MBRN com destino à OCDE aumentaram sua participação no período (considerando as extremidades), o que expressa o aumento na venda desses bens aos países industrializados; em contrapartida, ao MUNDO a participação de ambas as agregações diminuiu. A segunda é que os grupos que conformam Outros são mais significativos à OCDE, alcançando 1% em 2010, o que representa o dobro do valor atribuído a essas exportações ao MUNDO.

#### 4.1.3. A DESAGREGAÇÃO DOS DEZ PRIMEIROS GRUPOS DE EXPORTAÇÃO DA ARGENTINA AOS MERCADOS MUNDO E OCDE

Os dez primeiros grupos de exportação mostram a grande concentração do padrão comercial da Argentina. Estes grupos representam 53% das exportações para o MUNDO e 64% para a OCDE.

Estes dez primeiros grupos sempre representaram aproximadamente 60% das exportações à OCDE, enquanto que para o MUNDO, no período de 1985-1990 este valor era menor, próximo a 46% das exportações. Ou seja, os principais itens exportados ao destino MUNDO já estiveram bem menos concentrados que ao destino OCDE. Neste sentido, é possível vincular esta maior concentração na demanda do MUNDO com a demanda dos países em desenvolvimento, que estariam concentrando seu comércio nos principais grupos de exportação e elevando, portanto, a concentração mundial.

É notável que ao longo de todo o período analisando as exportações tenham sido quase em sua totalidade de Recursos Naturais e Energia. No período de 1985 a 1990, as exportações para o destino MUNDO foram compostas quase exclusivamente de Agricultura, Energia (produtos derivados do petróleo, refinados) e MBRN (couro). A estes grupos se adicionam as exportações de alumínio para a OCDE.

Os grupos que conformam o Complexo Oleaginoso e o de Carnes são muito importantes para os destinos MUNDO e OCDE, ainda que algo mais para o último. No entanto, os grupos relativos ao Complexo de Carnes deixaram de estar entre os dez primeiros exportados ao MUNDO entre 1990 e 2000, o que não ocorreu para a OCDE, uma vez que estes grupos se mantiveram entre os dez primeiros até 2010.

O Complexo Oleaginoso é, sem dúvidas, o setor econômico mais relevante das exportações argentinas para ambos os destinos. Representado por “Alimentos para animais”, “Sementes e frutas oleaginosas” e “Azeites fixos de origem vegetal”, este complexo vem aumentando sua participação. Embora em 1985 a participação do complexo fosse de 25% das exportações para o MUNDO, houve uma queda para 20% em 1990, que somente demonstra aumento em 2007, quando alcança 30% das exportações para o MUNDO. Uma dinâmica similar se observa quanto à OCDE, onde o complexo oleaginoso representa 28% das exportações em 2007. Finalmente, em 2010, os grupos desse complexo que fazem parte dos dez primeiros são superiores no destino MUNDO, o que evidencia a influência da AD nos dados para o MUNDO.

A partir de 1990 aparece entre os dez primeiros grupos exportados para o destino MUNDO, um de alto valor agregado: “Automóveis para passageiros”. No ano de 2000 se acrescenta outro grupo da mesma cadeia produtiva, “Veículos automotivos para o transporte de mercadorias”, que em conjunto representam, em 2010, 10% das exportações argentinas. É notável que o mesmo não tenha ocorrido para o destino OCDE.

Os “Produtos derivados do petróleo, refinados” também aparecem entre os primeiros dez grupos para os destinos MUNDO e OCDE, ainda que somente nos dois primeiros períodos. A cadeia do petróleo, incluindo o grupo “Óleos de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin” teve seu ápice no subperíodo de 1990 a 2000, quando alcançou 15% para o destino MUNDO e 12% para a OCDE. Embora nos outros subperíodos a participação desses grupos em cada mercado tenha sido inferior, na ordem de um terço.

No subperíodo 2000-2007, o complexo mineiro passa a integrar a lista dos dez primeiros grupos exportados à OCDE, o que vem acontecer no subperíodo seguinte com as exportações ao MUNDO. Especificamente, o grupo “Minerais de metais comuns e seus concentrados” participa com cerca de 3% das exportações ao MUNDO e mais de 4% à OCDE.

Desta forma, conclui-se que o mercado MUNDO tem puxado a demanda do Complexo Oleaginoso e, em menor medida, do Petrolífero e de Minerais, atividades essencialmente extrativistas. No entanto, a cadeia produtiva automotiva está se fortalecendo desde 1990. Isto é muito importante já que se trata de um grupo de atividades cuja consolidação demonstra a existência de um processo de aprendizagem, conhecimento e inovação incorporado, que, por sua vez, pode difundir-se para outras cadeias produtivas que geram maior valor agregado nas exportações.

Há também outra constatação digna de nota: os grupos de MnoBRN estiveram entre os dez primeiros exportados pela Argentina à OCDE apenas desde 2007, com o grupo “Produtos químicos diversos”. Repare-se também que enquanto a demanda mundial dinamiza a cadeia de automóveis, a OCDE mantém a demanda por produtos do complexo de carnes e outros alimentos, e progressivamente concede participação ao complexo mineiro.

Esta diferença entre os dados relativos às exportações ao MUNDO e à OCDE, claramente expressa a crescente relevância do MERCOSUL, e em particular do Brasil, sobre a estrutura comercial da Argentina. O acordo de Complementação Econômica n. 14, firmado entre Argentina e Brasil no ano de 1990, assim como os acordos específicos para o complexo automotivo e de autopeças, resultaram em impacto direto na melhora do tipo de comércio da Argentina.

TABELA 6 - EXPORTAÇÕES ARGENTINAS AO MUNDO - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (ordenadas por % exportações no ano final)

Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1985	1990
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	em Retirada	10,23	8,47
Agricultura	222	Sem. e frutas oleósas inteiras, partidas o blandos	em Retirada	9,87	6,43
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Situação Ótima	4,72	6,02
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Vulnerável	4,97	4,56
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Vulnerável	4,89	4,34
MBRN	611	Couro	Oportunidade perdida	4,60	4,06
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Vulnerável	2,92	3,94
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	em Retirada	5,73	3,10
Agricultura	14	Preparados, conservas de carne e miúdos comestíveis	Vulnerável	2,41	3,00
Agricultura	34	Peixe fresco (vivo ou morto), refrig. Ou congelado	Situação Ótima	1,33	2,68
<b>10 primeiros totais</b>				<b>51,68</b>	<b>46,60</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1990	2000
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Vulnerável	1,33	10,22
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Vulnerável	8,47	9,26
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteiras ou partidas.	Vulnerável	6,43	5,15
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Vulnerável	4,34	4,85
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Vulnerável	4,56	4,76
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	Vulnerável	3,10	4,59
Agricultura	44	Milho sem moer	Vulnerável	2,04	3,65
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Situação Ótima	0,25	3,15
MBRN	611	Couro	Vulnerável	4,06	3,09
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Vulnerável	3,94	2,51
<b>10 primeiros totais</b>				<b>38,51</b>	<b>51,24</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2000	2007
Agricultura	81	Ração para animais(exceto cereais sem moer)	Vulnerável	9,30	12,51
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteiras ou partidas.	Situação Ótima	6,03	8,94
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Situação Ótima	4,38	8,93
Agricultura	44	Milho sem moer	Situação Ótima	3,74	4,68
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Vulnerável	3,11	3,93
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Oportunidade perdida	10,37	3,67
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	Oportunidade perdida	4,54	3,61
Energia	341	Gás natural e artificial	Oportunidade perdida	2,24	3,22
MnoBRN	782	Veículos automotores p/ o transporte de mercadorias	Vulnerável	2,10	2,90
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Vulnerável	2,17	2,60
<b>10 primeiros totais</b>				<b>47,98</b>	<b>55,00</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2007	2010
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Oportunidade perdida	12,51	13,94
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteiras ou partidas.	Oportunidade perdida	8,94	8,12
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	em Retirada	8,93	6,50
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Vulnerável	3,93	6,15
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Vulnerável	3,67	4,81
Agricultura	44	Milho sem moer	em Retirada	4,68	3,98
MnoBRN	782	Veículos automotores p/ o transporte de mercadorias	Vulnerável	2,90	3,55
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Situação Ótima	2,60	2,84
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc.nozes oleaginosas) frescas ou secas	Oportunidade perdida	2,49	2,29
FTMM	287	Minerais de metais comuns e seus concentrados	Vulnerável	2,54	2,26
<b>10 primeiros totais</b>				<b>53,19</b>	<b>54,44</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)



TABELA 7 - EXPORTAÇÕES ARGENTINAS À OCDE - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (ordenadas por % exportações no ano final)

Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1985	1990
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	em Retirada	14,22	13,42
Agricultura	222	Sem. e frutas oleósas inteiras, partidas o blandos	em Retirada	13,82	9,51
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Situação Ótima	5,98	8,72
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Vulnerável	3,17	5,00
Agricultura	14	Preparados, conservas de carne e miúdos comestíveis	Vulnerável	3,44	4,92
MBRN	611	Couro	Oportunidade perdida	4,62	4,86
Agricultura	34	Peixe fresco (vivo ou morto), refrig. Ou congelado	Situação Ótima	1,64	3,60
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Vulnerável	5,05	3,41
MBRN	684	Alumínio	Oportunidade perdida	2,18	2,37
Agricultura	58	Frutas em conserva e preparados de frutas	Situação Ótima	1,30	2,20
<b>10 primeiros totais</b>				<b>55,41</b>	<b>58,02</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1990	2000
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Vulnerável	13,42	17,57
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Vulnerável	1,17	6,70
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Vulnerável	5,00	5,61
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Vulnerável	3,41	5,25
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteiras ou partidas.	em Retirada	9,51	4,77
MBRN	611	Couro	Vulnerável	4,86	4,47
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	em Retirada	8,72	4,35
Agricultura	36	Crustáceos e moluscos limpo ou inteiro	Vulnerável	1,62	4,33
Agricultura	44	Milho sem moer	Vulnerável	1,74	3,50
Agricultura	34	Peixe fresco (vivo ou morto), refrig. Ou congelado	em Retirada	3,60	3,02
<b>10 primeiros totais</b>				<b>53,06</b>	<b>59,57</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2000	2007
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Vulnerável	17,57	22,86
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Vulnerável	5,61	6,05
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Vulnerável	4,35	4,99
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Oportunidade perdida	6,70	4,84
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Situação Ótima	1,42	4,54
Agricultura	44	Milho sem moer	Oportunidade perdida	3,50	4,35
FTM M	287	Minerais de metais comuns e seus concentrados	Oportunidade perdida	2,55	4,32
Agricultura	36	Crustáceos e moluscos limpo ou inteiro	Vulnerável	4,33	3,38
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteirasou partidas	em Retirada	4,77	2,84
Agricultura	58	Frutas em conserva e preparados de frutas	Vulnerável	2,09	2,27
<b>10 primeiros totais</b>				<b>52,89</b>	<b>60,43</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2007	2010
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Oportunidade perdida	22,86	24,44
MnoBRN	598	Produtos quimicos diversos	Situação Ótima	2,10	5,55
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Vulnerável	4,84	5,51
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Oportunidade perdida	6,05	5,28
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Situação Ótima	4,99	5,17
FTMM	287	Minerais de metais comuns e seus concentrados	Vulnerável	4,32	4,22
MBRN	971	Ouro não-monetário	Situação Ótima	0,29	3,88
Agricultura	112	Bebidas alcoólicas	Situação Ótima	2,26	3,32
Agricultura	36	Crustáceos e moluscos limpo ou inteiro	Situação Ótima	3,38	3,23
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteirasou partidas	Oportunidade perdida	2,84	2,95
<b>10 primeiros totais</b>				<b>53,94</b>	<b>63,56</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

#### 4.1.4. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA, COM DESTINO MUNDO E OCDE

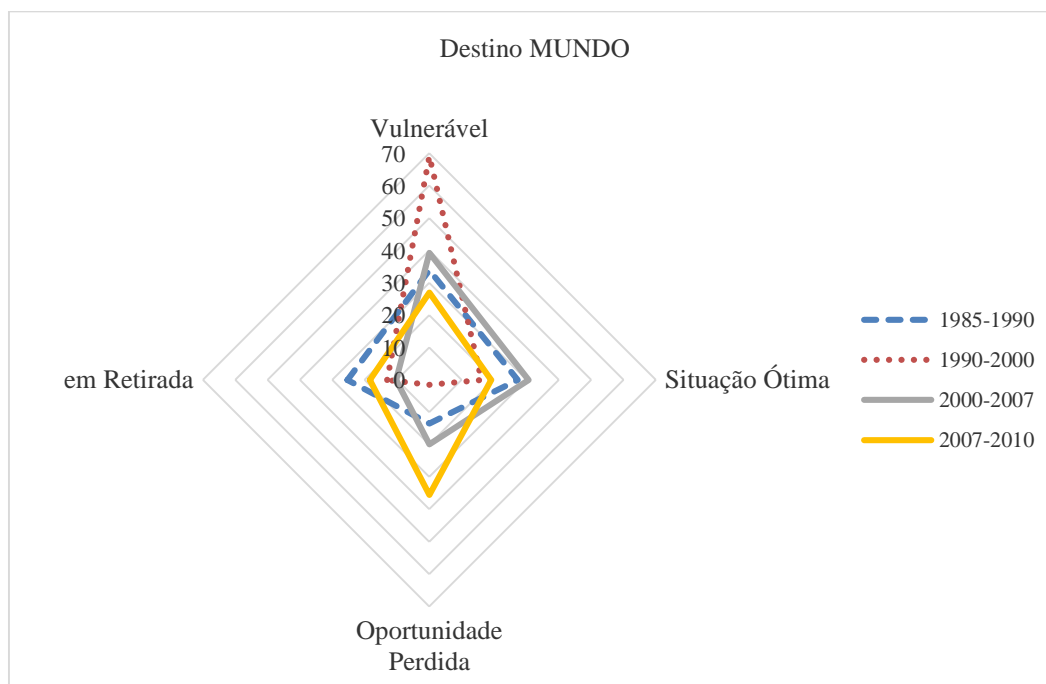
A Matriz de Competitividade (MC) da Argentina, como vimos, relaciona a evolução do padrão comercial de um país com a evolução de seu mercado. É possível visualizar por meio de radiais, para cada subperíodo da análise, como se compõem as exportações do país em termos da classificação quaternária: Situação Ótima, Vulneráveis, Oportunidades Perdidas e em Retirada. Os gráficos abaixo permitem uma observação rápida sobre o padrão de exportações argentino, mediante estática comparativa.

TABELA 8- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (por destino em % em ano final)

Exportações ao MUNDO	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	33,89	69,13	39,21	26,94
Situação Ótima	27,29	16,12	30,64	19,14
Oportunidade Perdida em Retirada	13,54	1,53	19,92	35,52
Exportação à OCDE	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	22,92	62,52	52,61	19,04
Situação Ótima	30,05	7,16	13,74	29,09
Oportunidade Perdida em Retirada	13,32	2,32	23,36	42,87

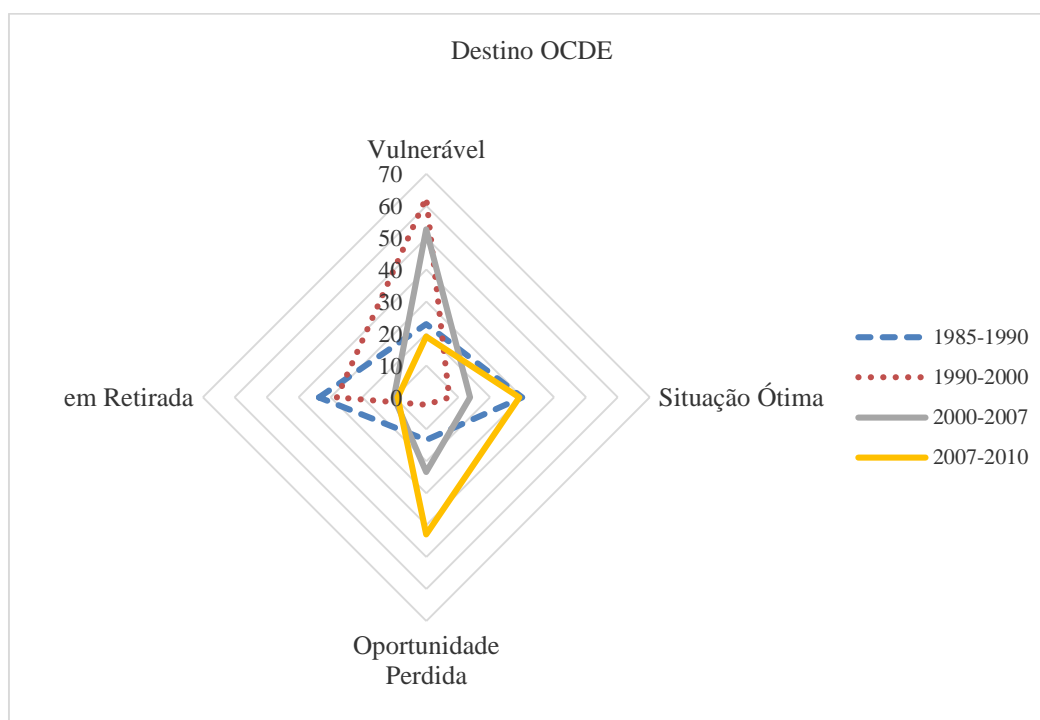
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 2 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (% das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 3 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (% das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

Para o MUNDO, o fato de os valores dos grupos Vulneráveis e em Retirada serem mais altos mostra que a Argentina tem um perfil de exportações em grupos cuja demanda está decrescendo, isto é, uma grande porção de suas exportações é em grupos pouco dinâmicos (59%, 82%, 50% e 45% das exportações de cada período, respectivamente). O pior período dos analisados é de 1990-2000, quando o país concentrou quase 70% de suas exportações em grupos Vulneráveis.

Apesar disso, verifica-se uma melhora entre os subperíodos 1990-2000 e 2000-2007, nos quais aumentou a participação das exportações em Situação Ótima e se reduziram as em Retirada e Vulneráveis. No entanto, o aumento das Oportunidades Perdidas mostra que o país poderia haver ganhado espaço em alguns mercados que se estavam dinamizando, e não o fez. Este processo fica ainda mais evidente entre 2007 e 2010, já que as Oportunidades Perdidas ultrapassam um terço do total exportado. E mesmo assim, este é o único período em que as exportações dinâmicas superam às não dinâmicas.

Para a OCDE, se visualiza uma péssima situação, já que a composição das exportações se concentra em setores cuja demanda está decrescendo, isto é, grupos Vulneráveis e em Retirada (56%, 90%, 63% e 28% das exportações de cada período, respectivamente). E embora no

subperíodo de 1985 a 1990, as exportações de grupos dinâmicos tenham ganhado um espaço significativo, alcançando 43% das exportações totais, essas exportações se tornaram ainda mais expressivas entre 2007 e 2010, com quase três quartas partes das exportações.

Finalmente, as exportações de grupos Vulneráveis são muito elevadas em 1990 (63%) e em 2000, superando 50% das exportações. Essa caracterização tem total vínculo com o que foi dito sobre a estrutura de exportações à OCDE, que concentra quase 75% das exportações em bens primários (manufaturados ou não).

Por outro lado, é importante destacar que no período de 2007 a 2010 a MC se modifica radicalmente. Em particular, as Oportunidade Perdidas representam quase 43% das exportações, e as em Situação Ótima, 29%. Vale mencionar que as mudanças desde 2007 não significam variações substantivas no padrão de exportações da Argentina. O que ocorre, na verdade, é que houve crescimento da demanda da OCDE por bens primários e alimentos: é isto que faz figurar como uma demanda que se está dinamizando. Esse é outro exemplo de que, ainda hoje, a demanda da OCDE por bens relacionados a recursos naturais não apresenta tendência decrescente.

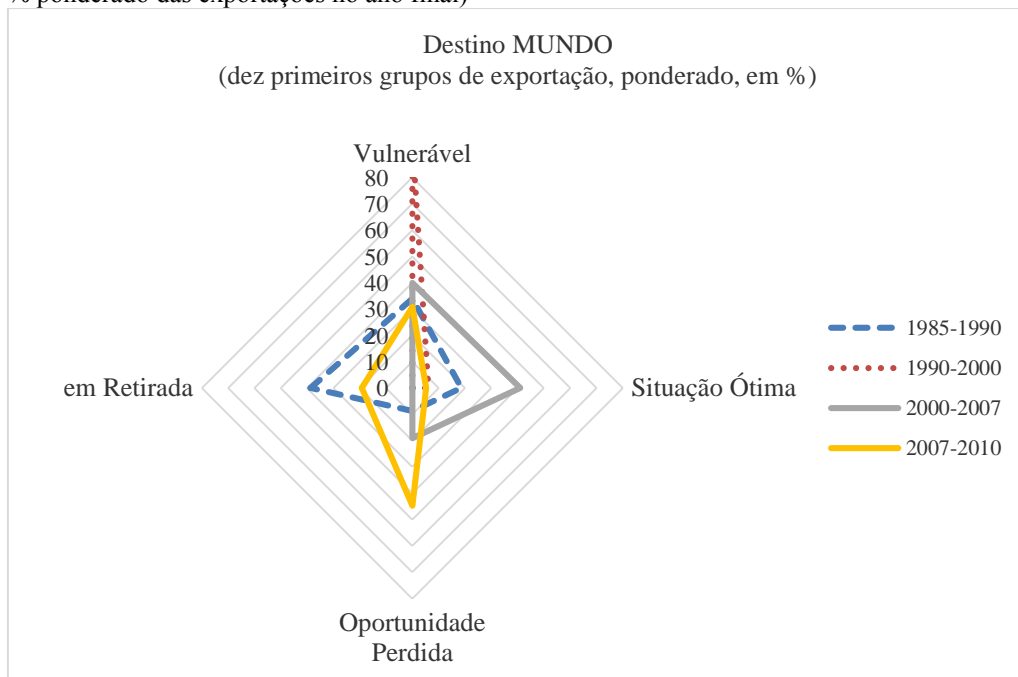
Se, além disto, comparamos a MC do total exportado com a MC dos dez primeiros grupos da Argentina, vemos que também existem algumas semelhanças entre os dados dos destinos MUNDO e OCDE. No primeiro subperíodo, para ambos os destinos, entre os dez primeiros os grupos em Retirada são os mais expressivos; também se destacam os grupos Vulneráveis; e os em Situação Ótima e Oportunidades Perdidas mostram menor relevância.

TABELA 9- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 DEZ PRIMEIROS GRUPOS (por destino, % ponderado em ano final)

Exportações ao MUNDO	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	33,99	93,85	39,89	30,82
Situação Ótima	18,66	6,15	41,01	5,21
Oportunidade Perdida em Retirada	8,72	0,00	19,10	44,73
	38,62	0,00	0,00	19,25
Exportação à OCDE	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	22,99	79,62	65,43	15,31
Situação Ótima	25,02	0,00	7,51	33,28
Oportunidade Perdida em Retirada	12,46	0,00	22,36	51,42
	39,53	20,38	4,71	0,00

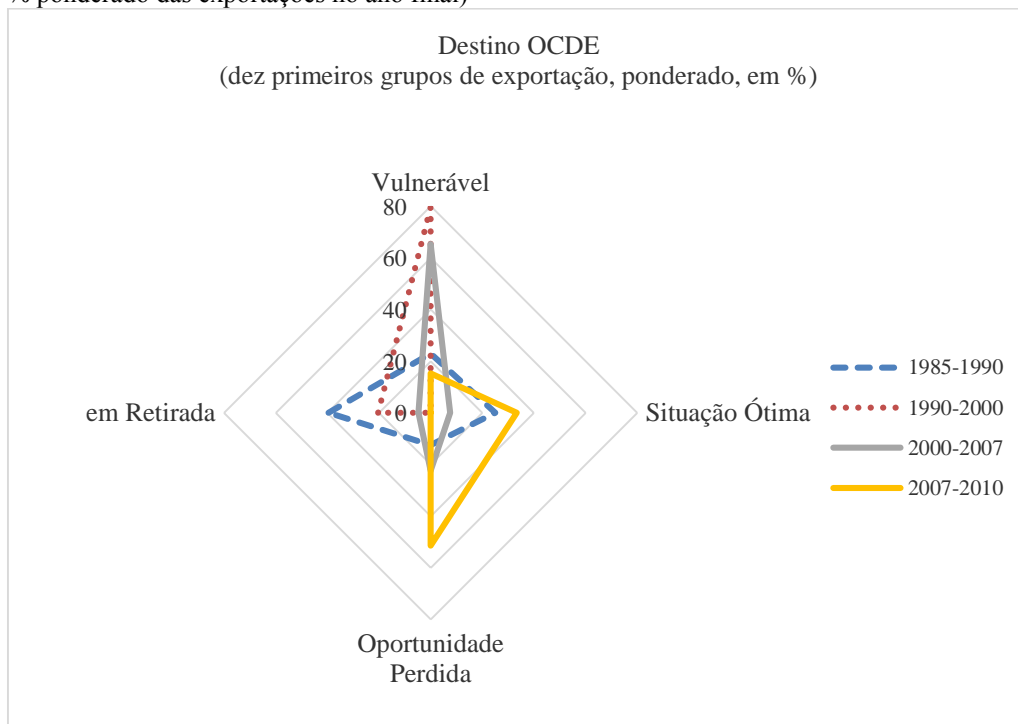
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 4 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (em % ponderado das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 5 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (em % ponderado das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

O principal dado a ser destacado é que durante a década de 1990 os grupos Vulneráveis são muito expressivos dentro dos dez primeiros grupos de exportação, representando 94% das exportações para o MUNDO e 80% para a OCDE. Isto claramente põe em evidência a fragilidade do padrão de inserção externa argentino durante a implantação e vigência do Consenso de Washington, quando do governo neoliberal de Carlos Menem e do Plano de Conversibilidade elaborado pelo ministro Domingo Cavallo.

Durante a década de 90, visualizamos o único caso em que os indicadores para o MUNDO são piores que os para a OCDE – os grupos Vulneráveis. No entanto, na mesma década, o resto das exportações dos primeiros dez grupos estavam em Situação Ótima para o MUNDO, e em Retirada para a OCDE.

Vale resgatar que o Plano de Conversibilidade consistiu na implantação da Lei de Conversibilidade (Lei Federal nº. 23.928/1991), que estabeleceu que a partir do 1º de Abril de 1991 haveria uma relação cambial fixa entre um peso argentino e um dólar estadunidense. Também instituía a exigência de reservas de divisas para respaldar a emissão de moeda. A lei teve como objetivo principal estabilizar a economia e eliminar a hiperinflação dos anos oitenta. Como resultado, após uma década de aplicação do plano, o país alcançou um desemprego de 18,3% e um 57,6% da população vivendo debaixo da linha da pobreza, dos quais cerca da metade era indigente.

Voltando à análise da MC, observa-se que durante o período de 2000 a 2007, as proporções entre as exportações totais e a dos primeiros dez grupos são bastante similares. O radial dos dez primeiros grupos exportado ao MUNDO está mais concentrado em grupos em Situação Ótima (41%) e menos em grupos em Retirada e Vulneráveis. Os grupos Vulneráveis e as Oportunidades Perdidas mantêm sua participação. Por sua vez, o radial para os países industrializados mostra maior concentração nos grupos Vulneráveis e uma menor participação dos grupos em Situação Ótima e em Retirada. Cabe destacar que ainda neste subperíodo quase dois terços das exportações dos dez primeiros grupos se agrupam entre os Vulneráveis e quase um quarto das mesmas são de Oportunidades Perdidas.

Neste mesmo subperíodo, se verifica que as Oportunidades Perdidas são muito expressivas em ambos os destinos analisados, tanto para o total de exportações como para os primeiros dez grupos. O mesmo se verifica para o MERCOSUL, onde inclusive as Oportunidades Perdidas

são maiores que para os destinos MUNDO e OCDE; e no caso dos dez primeiros grupos, estas exportações excedem em grande medida a participação que há para esses destinos.

Isto poderia estar revelando as dificuldades da Argentina para adequar a estrutura produtiva industrial e a oferta exportável à crescente demanda mundial – em particular do MERCOSUL – que se verificou nos começos do século XXI. Desta feita, após uma década de destruição da rede de indústria nacional, na qual as exportações foram quase em sua totalidade de grupos Vulneráveis, as possibilidades produtivas para atender a demanda nacional e internacional foram reduzidas<sup>27</sup>.

No subperíodo de 2007 a 2010, comparando a MC destino MUNDO com a MC dos dez primeiros grupos destino MUNDO, verifica-se como principal diferença que, nesta última, as Situações Ótimas representam 14 pontos percentuais a menos, enquanto que as Oportunidades Perdidas e os Grupos Vulneráveis são mais expressivos, expressando 9 e 4 pontos percentuais a mais, respectivamente. Destarte, podemos concluir que as exportações argentinas dos dez primeiros grupos são menos competitivas e menos dinâmicas que a totalidade dos grupos exportados.

A comparação entre as matrizes da OCDE, por sua vez, mostra que as Oportunidades Perdidas, nos dez primeiros grupos, são mais expressivas em 9 pontos percentuais e que a diferença positiva em 4 pontos percentuais das Situações Ótimas absorve a redução dos grupos Vulneráveis. Os grupos em Retirada desaparecem entre os dez primeiros grupos exportados.

Importa destacar, por sua vez, que a MC dos dez primeiros grupos exportados com destino OCDE, nos anos de 2007 a 2010, se compõe de 85% de grupos dinâmicos (Situação Ótima e Oportunidades Perdidas). Dentre as Oportunidades Perdidas, há uma participação muito forte de grupos vinculados com o complexo oleaginoso e, em menor medida, de alimentos classificados como “frutas e nozes frescas e secas (exceto oleaginosas)”. Isso ocorre tanto no destino OCDE quanto no destino MUNDO. Esses dados revelam que, no subperíodo de 2007 a 2010, as exportações do complexo oleaginoso argentino não puderam acompanhar o crescimento da demanda mundial e dos países industrializados por esses produtos.

---

<sup>27</sup> Uma descrição detalhada sobre as dificuldades das economias latino-americanas para adequar suas estruturas produtivas frente a choques que reduzem drasticamente a atividade da economia industrial e seus impactos sobre a taxa potencial de crescimento dessas economias encontra-se em Cimoli & Porcile (2011). Esta lentidão da adequação das estruturas produtivas e, em alguns casos, a impossibilidade de retornar aos indicadores de produção anteriores se conhece como “efeito histerese”.

## 4.2. ARGENTINA E O MERCOSUL: ESTRUTURA DE MERCADO E COMERCIAL

### 4.2.1. A ESTRUTURA DE MERCADO DO MERCOSUL

A estrutura de mercado do MERCOSUL mostra que, ao longo dos períodos analisados, houve uma grande mudança em sua composição, em especial na demanda por RN e Energia. No período inicial analisado, a soma desses dois grandes grupos perfazia 51% das importações. De fato, os grupos de Energia, que em 1985 representavam um terço das importações do bloco, foram os que mais se reduziram, seguidos dos de Agricultura.

TABELA 10 - ESTRUTURA DE MERCADO (em % das importações)

Participação setorial em %	MERCOSUL				
	1985	1990	2000	2007	2010
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	<b>16,97</b>	<b>15,41</b>	<b>9,52</b>	<b>7,74</b>	<b>7,16</b>
Agricultura	13,58	11,11	7,88	5,56	5,73
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	3,40	4,29	1,64	2,18	1,43
<b>ENERGIA</b>	<b>34,12</b>	<b>23,18</b>	<b>11,54</b>	<b>9,92</b>	<b>7,91</b>
<b>MANUFATURAS</b>	<b>48,83</b>	<b>61,33</b>	<b>78,80</b>	<b>73,50</b>	<b>77,60</b>
Manufaturas RRNN	2,90	3,31	2,71	3,05	2,56
Manufaturas Não RRNN	45,93	58,02	76,09	70,46	75,04
<b>OUTROS</b>	<b>0,08</b>	<b>0,09</b>	<b>0,15</b>	<b>8,84</b>	<b>7,33</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

Por outro lado, aumentou a demanda por Manufaturas, que passou de 49% a quase 78% das importações. A grande maioria da demanda de manufaturas é de MnoBRN (75% no ano de 2010). É importante destacar que no último subperíodo a composição da estrutura de mercado do MERCOSUL se assemelha muito à do MUNDO e à da OCDE, diferentemente do que ocorria no começo da série.

Outro dado relevante é que a demanda do MERCOSUL por MnoBRN, além de representar ao longo de todo o período a maior parte das importações, ocorre em uma proporção superior a dos outros mercados analisados. Neste sentido, vemos que a estrutura de mercado do MERCOSUL tem uma evolução bastante particular, que se diferencia dos outros mercados analisados. Enquanto a demanda do MERCOSUL por MnoBRN cresce até 2000, reduzindo-se daí até 2007, e tornando a aumentar no último subperíodo, a demanda dos demais destinos analisados (MUNDO, OCDE e AD) por MnoBRN também aumenta até 2000, mas depois disso perde participação e não apresenta tendência definida. No último subperíodo, a participação da



demanda por MnoBRN no MERCOSUL foi de 75%; nos mercados MUNDO e OCDE foi de 65%; e na AD foi inferior a 64%. Sem dúvidas, é um elemento da demanda do MERCOSUL sobre o qual os países do bloco deveriam se ocupar.

Além disto, como visto para os mercados MUNDO e OCDE, a demanda do MERCOSUL por MBRN sempre teve uma participação muito baixa, inclusive menor que naqueles mercados. A participação desses grupos tem sido ao redor de 3% das importações desde a origem da série, embora em 2007 a participação tenha sido maior. Outra agregação que tem uma participação muito baixa e evidencia flutuações similares é a de FTMM.

Do que foi exposto, fica claro que no MERCOSUL também encontramos um ponto de inflexão no ano de 2000 para a demanda de alguns bens primários e manufaturas de baixo valor agregado. São grupos que perdem participação até 2000, evoluem de forma ascendente até 2007, e novamente tornam a decrescer. No caso de Energia, especificamente, a redução da participação passa a ser menos significativa desde 2000. Uma vez mais observamos que os dados aparentemente irrelevantes podem nos ajudar a refletir sobre a tendência – decrescente apontada por Fajnzylber – na demanda por recursos naturais e suas manufaturas; assim como sobre uma possível reversão dessa tendência a partir do ano 2000, em consequência da nova demanda dos países em desenvolvimento, neste caso, da América Latina<sup>28</sup>.

#### 4.2.2. A ESTRUTURA COMERCIAL ARGENTINA

Não somente houve mudanças na estrutura da demanda do MERCOSUL, mas também a composição das exportações argentinas para esse mercado apresenta mudança estrutural radical. Em 1985 as exportações de Manufaturas eram pouco superiores a 30%, mas as exportações de Recursos Naturais e Energia chegaram a 68%. Em 2010, os valores se reverteram: as Manufaturas representam 70% do total importado e os Recursos Naturais e Energia não chegam a 30%.

Esta mudança é ainda mais notável quando observamos o aumento da participação das MnoBRN, que mais que triplicaram, alcançando 68,55% das exportações em 2010, o que

---

<sup>28</sup> Cabe destacar que no período 2001-2008 há outro elemento do contexto econômico mundial que influencia estas mudanças na estrutura de mercado do MERCOSUL, qual seja, a elevação do índice de preço das *commodities*, associada à ascensão da China e dos países asiáticos em desenvolvimento no comércio mundial.

demonstra a importância do MERCOSUL para a melhora da estrutura de exportações da Argentina.

TABELA 11 - ESTRUTURA COMERCIAL DA ARGENTINA (em % exportações)

Participação setorial em %	MERCOSUL				
	1985	1990	2000	2007	2010
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	<b>54,40</b>	<b>49,80</b>	<b>31,53</b>	<b>28,82</b>	<b>25,34</b>
Agricultura	52,37	48,03	30,01	27,37	24,55
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	2,03	1,77	1,52	1,46	0,79
<b>ENERGIA</b>	<b>13,68</b>	<b>7,50</b>	<b>19,03</b>	<b>5,03</b>	<b>4,35</b>
<b>MANUFATURAS</b>	<b>31,88</b>	<b>42,44</b>	<b>49,44</b>	<b>66,14</b>	<b>70,30</b>
Manufaturas RRNN	9,68	4,58	2,47	2,29	1,76
Manufaturas Não RRNN	22,20	37,86	46,98	63,86	68,55
<b>OUTROS</b>	<b>0,04</b>	<b>0,01</b>	<b>0,00</b>	<b>0,01</b>	<b>0,01</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

Analisando o interior dos grupos vemos que os de Agricultura e Energia se destacam dentro das exportações de bens primários. Tal como na análise dos mercados-destino, se observou que as variações nos grupos de Agricultura e Energia estabelecem certo jogo de equilíbrio no ano de 2000, em que a queda da participação do primeiro é absorvida, em parte, pela melhora do segundo. No entanto, é a partir deste ano que a soma de ambos componentes apresenta uma tendência decrescente mais acentuada, caindo de 50% a 35% das exportações argentinas. Apesar disso, a principal redução na participação da Agricultura ocorreu entre 1990 e 2000, enquanto que a de Energia foi entre os anos 2000 e 2007.

Ademais, é importante notar que dentre as Manufaturas exportadas ao MERCOSUL houve diminuição da participação das MBRN. No primeiro período analisado, as manufaturas baseadas em recursos naturais representavam quase um terço das manufaturas exportadas, em 2010, sua participação torna-se praticamente irrelevante.

Além disto, detendo-se na estrutura de exportações por subperíodos, evidencia-se que a oferta da Argentina para o MERCOSUL no subperíodo 1990-2000 apresentou uma evolução mais tênue das manufaturas que nos outros períodos. Neste sentido, podemos apontar uma relação comercial regional mais robusta, e baseada na indústria, tanto no governo de Alfonsín (1983-1989), como nos governos pós-crise de 2001, Duhalde (2001-2003), Néstor Kirchner (2003-

2007) e Cristina Fernández de Kirchner (2007-2010). Em sentido oposto, os dois governos de Carlos Menem (1989-1999) foram baseados na liberalização comercial e na fixação do tipo de câmbio em valor alto, o que dificultou a produção industrial e, por consequência, a exportação de bens com maior valor agregado.

Também no período de 2007 a 2010 verifica-se uma evolução mais tênue das exportações de manufaturas, embora, neste caso, poder-se-ia entender como um limite natural da expansão industrial vinculado à elevada utilização da capacidade instalada da indústria, cujo nível geral entre 2009 e 2010 estava próximo a 80%, enquanto que no biênio 2005-2006 girava em torno de 70% (conforme dados do *Instituto Nacional de Estadísticas y Censos*, INDEC Argentina). Assim, considerando também que no último período não houve mudanças fundamentais na orientação da política externa nem no comércio exterior da Argentina, é possível que a crise mundial de 2007, que produz um novo contexto internacional, tenha influenciado, de maneira indireta, a evolução da exportação de manufaturas argentinas ao MERCOSUL.

Além disso, é notável que ao comparar a evolução das exportações para o MERCOSUL com a dinâmica dos outros mercados, fica claro que o MERCOSUL foi o mais receptivo aos produtos industrializados argentinos. Ou seja, este mercado dinamizou a indústria nacional argentina, importando-lhe produtos de médio e alto valor agregado. Este é um ponto muito importante porque nos permite mensurar os impactos que os esforços pela formação e fortalecimento do MERCOSUL tiveram sobre o padrão comercial da Argentina.

Em resumo, apesar da Argentina ainda concentrar aproximadamente uma quarta parte de suas exportações em Agricultura, mantém uma tendência crescente das exportações de MnoBRN para o MERCOSUL. Sem dúvidas, o país melhorou notavelmente o padrão de exportações: em 1985 dois terços de suas exportações estavam concentrados em RN e Energia; em 2010 esta concentração era de MnoBRN.

#### 4.2.3. A DESAGREGAÇÃO DOS DEZ PRIMEIROS GRUPOS DE EXPORTAÇÃO DA ARGENTINA AO MERCOSUL

Os dez primeiros grupos de exportação da Argentina também mostram a grande concentração de seu padrão comercial. A concentração era menor em 1985, na ordem de 46%. Em 2010, esses

grupos passaram a representar 59% das exportações. Note-se que esta concentração é muito superior à do MUNDO (35%), como já se viu. As exportações dos dez primeiros grupos foram evoluindo no sentido de deixar de estar concentrados principalmente em RN. No final do período a concentração é em MnoBRN.

No subperíodo 1985-1990, as exportações de Agricultura tiveram quase exclusividade, acompanhadas da exportação de Energia (produtos derivados do petróleo e refinados). Entretanto, já neste período aparece a demanda de MnoBRN, com o grupo “Partes e acessórios de veículos automotivos”.

No primeiro subperíodo analisado destacam-se, dentre os RN, os Complexos de Cereais, de Frutas e Legumes e o de Carnes. Ao longo do tempo eles vão perdendo relevância. O Complexo de Cereais, por exemplo, reduziu sua participação de 19% a 8%; o de Frutas e Legumes passou de 11% a 4%; e o Complexo de Carnes que já representou 5% das exportações, deixou de figurar entre os dez primeiros.

Dentre as MnoBRN destaca-se o Complexo Automotivo e de Autopeças, que passou de 3% em 1990 a 17% em 2000. Em 2007, a participação era de 27% e, em 2010, 39%. Esta é, sem dúvidas, a principal mudança verificada.

A indústria química, por sua vez, ganha relevância a partir de 1990, com os “Produtos de polimerização”, aos quais se incorpora o grupo “Desinfetantes, inseticidas, fungicidas, herbicidas” a partir de 2000. O primeiro está vinculado ao Complexo Automotivo, e este último grupo, ao Complexo Oleaginoso.

Pode-se concluir que os dez primeiros grupos deixaram de ser em sua maioria de RN, para ser de MnoBRN, em especial os grupos integrantes do Complexo Automotivo. Outro elemento a se destacar é que as MBRN figuram entre os dez primeiros apenas no primeiro período, com o Grupo “Couro”.

TABELA 12 - EXPORTAÇÕES ARGENTINAS AO MERCOSUL - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (ordenadas por % exportações no ano final)

Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1985	1990
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	Vulnerável	16,34	8,77
Agricultura	48	Preparado de cereais e farinha fina	Situação Ótima	0,55	7,09
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Situação Ótima	5,89	5,65
Agricultura	54	Legumes frescos, refrigerados, congelados, conservados	Situação Ótima	4,20	5,09
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Oportunidade perdida	10,70	4,76
MnoBRN	611	Couro	Oportunidade perdida	8,74	3,56
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Vulnerável	3,74	3,15
Agricultura	44	Milho sem moer	Vulnerável	4,91	3,00
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig. ou congelados	Vulnerável	1,93	2,48
Agricultura	34	Peixe fresco (vivo ou morto), refrig. Ou congelado	Vulnerável	1,26	2,43
<b>10 primeiros totais</b>				<b>58,25</b>	<b>46,00</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1990	2000
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	Situação Ótima	8,77	11,95
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Vulnerável	1,03	8,97
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Situação Ótima	1,12	8,85
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Situação Ótima	4,76	6,65
MnoBRN	782	Veículos automotivos p/ o transporte de mercadorias	Situação Ótima	0,26	5,65
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Oportunidade perdida	3,15	3,09
Energia	341	Cás natural e artificial	Vulnerável	0,86	2,98
Agricultura	22	Leite e creme	Vulnerável	1,93	2,45
Agricultura	54	Legumes frescos, refrigerados, congelados, conservados	Vulnerável	5,09	2,33
MnoBRN	583	Produtos de polimerização y copolimerização	Oportunidade perdida	2,19	2,10
<b>10 primeiros totais</b>				<b>29,16</b>	<b>55,02</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2000	2007
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Oportunidade perdida	8,85	14,78
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	em Retirada	11,95	9,93
MnoBRN	782	Veículos automotivos p/ o transporte de mercadorias	em Retirada	5,65	6,73
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Situação Ótima	3,09	5,33
MnoBRN	583	Produtos de polimerização y copolimerização	Vulnerável	2,10	4,70
Energia	341	Cás natural e artificial	Oportunidade perdida	2,98	3,84
MnoBRN	591	Desinfetantes, inceticidas, fungicidas, herbicidas	Situação Ótima	0,88	2,44
Agricultura	54	Legumes frescos, refrigerados, congelados, conservados	Vulnerável	2,33	2,18
Agricultura	48	Preparado de cereais e farinha fina	Vulnerável	1,29	1,85
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Vulnerável	1,16	1,57
<b>10 primeiros totais</b>				<b>40,28</b>	<b>53,35</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2007	2010
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Situação Ótima	14,78	23,52
MnoBRN	782	Veículos automotivos p/ o transporte de mercadorias	Situação Ótima	6,73	9,95
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	em Retirada	9,93	5,92
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Situação Ótima	5,33	5,38
MnoBRN	583	Produtos de polimerização y copolimerização	Oportunidade perdida	4,70	3,73
Energia	341	Cás natural e artificial	Oportunidade perdida	3,84	2,41
Agricultura	54	Legumes frescos, refrigerados, congelados, conservados	Oportunidade perdida	2,18	2,40
Agricultura	48	Preparado de cereais e farinha fina	Situação Ótima	1,85	2,24
MnoBRN	591	Desinfetantes, inceticidas, fungicidas, herbicidas	Oportunidade perdida	2,44	1,85
Agricultura	57	Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas	Oportunidade perdida	1,57	1,70
<b>10 primeiros totais</b>				<b>53,35</b>	<b>59,11</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

#### 4.2.4. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA COM DESTINO MERCOSUL

A Matriz de Competitividade da Argentina com destino ao MERCOSUL apresenta, até o ano 2000, mais da metade das exportações em Situação Ótima, as quais somadas às Oportunidades Perdidas perfazem dois terços das exportações em atividades dinâmicas. No subperíodo de 2000 a 2007 o cenário é radicalmente diferente, com apenas 17% das exportações em Situação Ótima e 46% em grupos dinâmicos. Entretanto, no último subperíodo, houve uma melhora considerável na qualidade das exportações, eis que 50% encontra-se em Situação Ótima e 82% das exportações são de grupos dinâmicos. Some-se a isso o fato de apenas 5% serem grupos Vulneráveis.

É muito provável que, entre 2000 e 2007, o expressivo aumento da demanda do MERCOSUL por MnoBRN não tenha sido absorvido pela oferta da Argentina, haja vista o grande aumento das Oportunidades Perdidas, que passaram de 12% das exportações de 1985 a quase 29%. Isso revela que a estrutura produtiva industrial da Argentina demorou a se adaptar à nova e maior demanda regional e mundial por produtos com maior valor agregado. Além disto, dá indícios de que outros países competidores deste mercado ganharam espaço no MERCOSUL.

Neste sentido, é importante sublinhar que a quota de mercado da Argentina no MERCOSUL cresceu até 2000, alcançando o valor máximo de 9,11%, enquanto que, a partir de então, apresentou uma drástica redução<sup>29</sup>. Dois países ganharam espaço mais forte no mercado do MERCOSUL a partir de 2000, Brasil e China. De fato, Brasil, China e Argentina geram, juntos, mais de um quarto das exportações para o MERCOSUL. Mas o que é relevante é que a Argentina perde competitividade frente a Brasil e China a partir de 2000, o que se evidencia pela concentração de um terço de suas exportações em Oportunidades Perdidas.

Neste ponto é importante mencionar que a demanda dos países em desenvolvimento teve uma grande redução entre os anos de 1997 a 2001, produto de uma sequência de crises financeiras que afetaram as economias reais de todo mundo (em especial latino-americanas, asiáticas e do Leste da Europa). Inclusive o crescimento das exportações mundiais para a OCDE também sofreu uma desaceleração, no período referido.

Dos mercados analisados neste estudo, o MERCOSUL foi o mais prejudicado e as exportações

---

<sup>29</sup> Ver em APÊNDICE 1 - Tabela Quota de Mercado nas Importações do MERCOSUL.

da Argentina para este destino acompanharam a tendência. No entanto, a acomodação do comércio mundial, no início do século XXI, implicou num grande crescimento da demanda. Por exemplo, entre 2002 e 2007 a demanda do MERCOSUL cresceu 153%, a da Ásia em Desenvolvimento, 140% e a da OCDE, 76%.

Frente a isto, e apesar das exportações argentinas para o MERCOSUL entre 1995 e 2003 serem maiores que as do Brasil, o crescimento da demanda regional não pôde ser acompanhado pela produção argentina, sobretudo porque as exportações brasileiras e chinesas cresceram de forma exponencial a partir de 2002<sup>30</sup>. Novamente é possível inferir que a dificuldade do sistema produtivo argentino para se adaptar à maior demanda derivou do efeito histerese que se propagou na Argentina uma década após a destruição de seu tecido produtivo industrial.

No subperíodo de 2000-2007, houve crescimento expressivo dos grupos em Retirada, alcançando quase um quarto das exportações totais. Isto poderia ser indício de certa adaptabilidade da estrutura comercial argentina à estrutura de mercado do MERCOSUL, mas neste caso, trata-se de adaptação à redução da demanda, já que Argentina está perdendo quota de mercado em grupos cuja demanda está declinando.

É importante destacar, acerca do período de 2000 a 2007, que os grupos do Complexo Automotivo foram classificados como Oportunidades Perdidas e em Retirada. E tendo em vista que este complexo está ganhando espaço na estrutura comercial argentina, era de se esperar que sua classificação fosse muito importante para definir a forma da MC – tão expressiva em Oportunidades Perdidas e em grupos em Retirada.

Pois bem, a principal mudança na MC no último subperíodo também está relacionada com o Complexo Automotivo e de Autopeças. Com efeito, as exportações em Situação Ótima passam a ser 50% do total. Isso ocorreu porque os grupos do complexo são dinâmicos (já que a demanda por eles está crescendo) e a Argentina é competitiva (já que aumenta a sua participação de mercado). Isso ocorre especialmente nos grupos “Automóveis para passageiros” e “Veículos automotores para transporte de mercadorias”.

---

<sup>30</sup> Se considerarmos em forma conjunta as exportações da Argentina, Brasil e China para o MERCOSUL, visualizamos que enquanto a Argentina participava com mais da metade das exportações em 1990, reduziu sua quota de mercado a menos de um quarto em 2010. Por sua vez, Brasil tinha 42% e China 7% em 1990, enquanto em 2010, participavam com 30% e 48%, respectivamente. Destarte, Brasil ganhou espaço com relação a Argentina neste mercado, e China é o principal rival de ambos. Ver em APÊNDICE 1- Tabela Quota de Mercado Ponderada nas Importações do MERCOSUL.

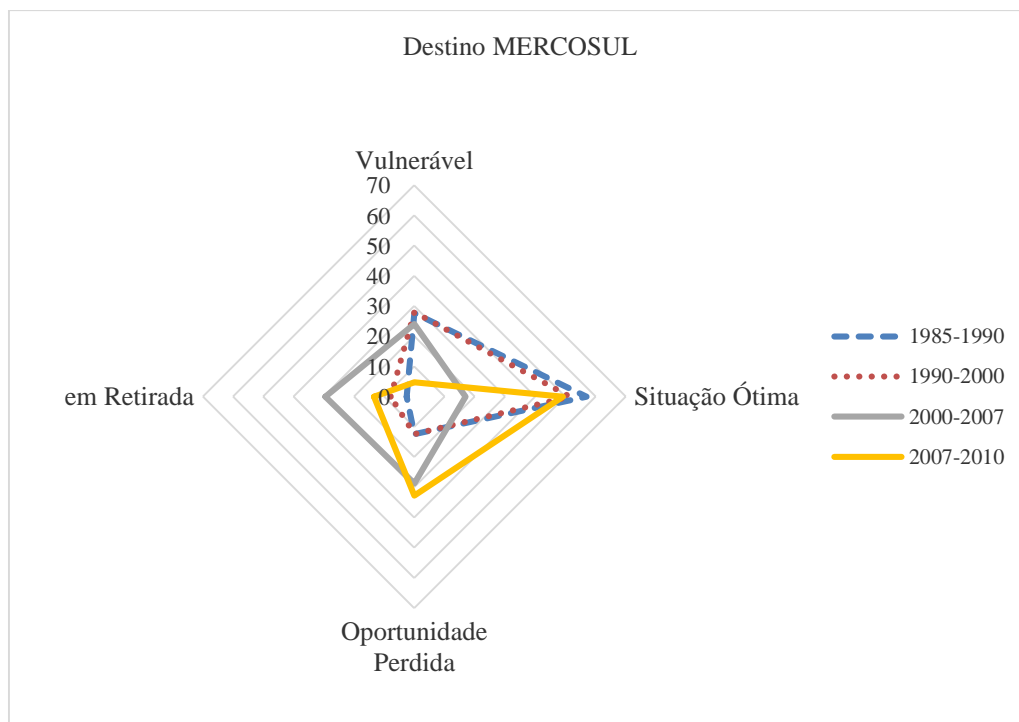
Algo similar também ocorre com o grupo “Gás natural e artificial”, computado até o ano 2000 como grupo Vulnerável e como Oportunidade Perdida até 2010.

TABELA 13- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (por destino em % em ano final)

Exportações ao MERCOSUL	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	27,68	27,96	23,99	4,74
Situação Ótima	57,05	51,46	16,97	49,17
Oportunidade Perdida	12,46	12,40	28,69	32,80
em Retirada	2,56	7,88	29,49	13,29

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 6 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (% das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

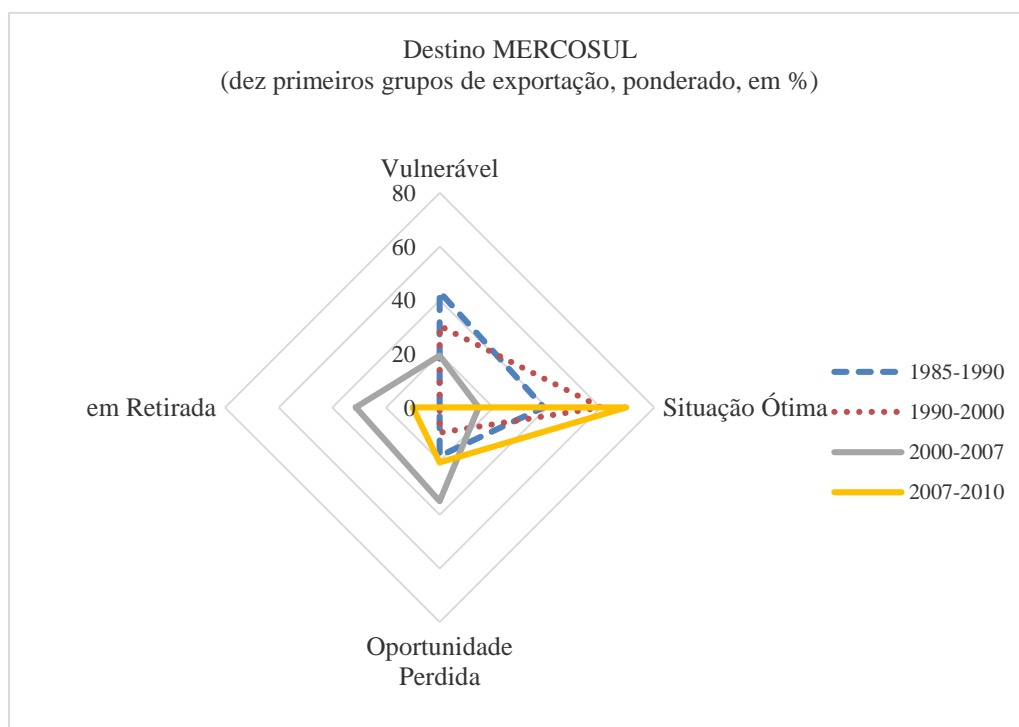
TABELA 14- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 DEZ PRIMEIROS GRUPOS (por destino, % ponderado em ano final)

Exportações ao MERCOSUL	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	43,14	30,40	19,31	0,00
Situação Ótima	38,76	60,17	14,58	69,51
Oportunidade Perdida	18,10	9,44	34,90	20,47
em Retirada	0,00	0,00	31,22	10,02

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas



GRÁFICO 7 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (em % ponderado das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

Analisando-se a MC dos primeiros dez grupos verifica-se a existência, no primeiro e no último subperíodos, de diferenças mais marcadas em relação à MC do total de exportações. No primeiro subperíodo, se destacam mais os grupos Vulneráveis e menos os em Situações Ótimas. No último subperíodo, os grupos em Situação Ótima adquirem relevância e decresce a relevância das Oportunidades Perdidas. Nos subperíodos intermediários as diferenças são mais sutis. Entre 1990 e 2000 se ressaltam as exportações em Situação Ótima, e entre 2000-2007, as Oportunidades Perdidas ganharam espaço.

O melhor radial da MC dos dez primeiros grupos é a do último subperíodo, em que 90% das exportações se concentram em grupos dinâmicos (sendo 70% em Situação Ótima e 20% em Oportunidades Perdidas). Por outro lado, não há grupos Vulneráveis e os em Retirada são só 10%. Essa MC é muito similar à do total de exportações ao MERCOSUL, na qual 82% são exportações em grupos dinâmicos.

O segundo melhor radial é o do subperíodo de 1990 a 2000, em que os dez primeiros grupos concentram mais de 60% em grupos em Situação Ótima, 30% de Vulneráveis e 10% de

Oportunidades Perdidas. Como já dissemos, isso deriva tanto da implantação do Acordo Econômico n. 14 entre Argentina e Brasil, quanto de acordos específicos do Complexo Automotivo, que buscaram estimular a complementariedade produtiva e a melhora no comércio entre ambos os países. Os resultados são claros: os grupos em Situação Ótima, que representam 50% dos dados analisados, referem-se a grupos pertencentes ao Complexo Automotivo e de Autopeças.

É importante ressaltar que entre 2000-2007 as Oportunidades Perdidas são mais expressivas nas exportações da Argentina (em especial, para o MERCOSUL, OCDE e MUNDO), tanto para o total de exportações como para os dez primeiros grupos.

Por outro lado, a composição de 2007-2010, em que predominam grupos em Situação Ótima – tanto na totalidade das exportações quanto nos dez primeiros grupos exportados – expressa que a demanda do MERCOSUL pôde operar como um mercado contra-cíclico, permitindo reduzir os impactos negativos da redução da demanda internacional imposta pela crise de 2007-2008<sup>31</sup>. Sublinhe-se que esses grupos em Situação Ótima pertencem todos ao Complexo Automotivo e de Autopeças.

#### 4.3. ARGENTINA E ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO: ESTRUTURA DE MERCADO E COMERCIAL.

##### 4.3.1. A ESTRUTURA DE MERCADO DA ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO.

A estrutura de mercado da Ásia em Desenvolvimento (AD) é bastante similar a dos mercados MUNDO e OCDE e difere da do MERCOSUL. O principal elemento a se destacar é que a estrutura de mercado da AD possui uma proporção maior de manufaturas com relação à estrutura de mercado do MERCOSUL. De fato, a participação das manufaturas no mercado da AD é muito maior no primeiro período (1985 a 1990), ainda que nos anos seguintes sejam muito similares, nos quais, inclusive, as manufaturas na demanda do MERCOSUL superaram as de AD (a partir de 2000).

---

<sup>31</sup> Entre 2007 e 2010, a demanda dos mercados analisados desacelerou e foi negativa para a OCDE e para o MUNDO. A particularidade desse subperíodo é que os países em desenvolvimento seguiram crescendo, embora a um ritmo menor que no período anterior. As exportações evoluíram da seguinte forma: ao MERCOSUL aumentou 13,26%; à AD aumentou 12,63%; à OCDE caiu 8,30%; ao MUNDO caiu 2,21%. Ver em APÊNDICE 3 - Tabela de Exportações Mundiais por Destino.

TABELA 15 - ESTRUTURA DE MERCADO (em % das importações)

Participação setorial em %	ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO				
	1985	1990	2000	2007	2010
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	<b>16,01</b>	<b>13,10</b>	<b>9,37</b>	<b>10,50</b>	<b>12,00</b>
Agricultura	12,53	9,61	7,07	5,87	6,73
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	3,49	3,49	2,31	4,63	5,27
<b>ENERGIA</b>	<b>14,81</b>	<b>8,82</b>	<b>11,50</b>	<b>10,36</b>	<b>10,26</b>
<b>MANUFATURAS</b>	<b>67,75</b>	<b>76,80</b>	<b>78,30</b>	<b>72,41</b>	<b>70,18</b>
Manufaturas RRNN	4,89	6,26	5,61	5,84	6,53
Manufaturas Não RRNN	62,86	70,54	72,69	66,57	63,65
<b>OUTROS</b>	<b>1,43</b>	<b>1,27</b>	<b>0,82</b>	<b>6,74</b>	<b>7,57</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

A principal demanda de AD foi e segue sendo por Manufaturas. Estes grupos, embora tenham ganhado participação no período, aumentando de 68% a 70%, alcançaram seu ápice no ano 2000 com mais de 78% de participação. Esta evolução no tempo é similar a dos mercados MUNDO e OCDE. No caso de AD, também a principal demanda de manufaturas é por MnoBRN, que representam em torno de 92% das mesmas.

Por outro lado, este mercado sempre demandou pouco por RN. De fato, ao longo do período houve uma queda na participação destes grupos, que passou de 16% a 12% de suas importações. Se adicionarmos os grupos de Energia, a redução passa de 31% a 22%. Este ponto é muito importante para o padrão de exportações de Argentina que, como vimos, sempre apresentou um forte componente de RN e Energia.

Em outras palavras, o que se observa sobre AD é que, tal como o MUNDO e a OCDE, demanda proporcionalmente pouco por RN e por MBRN. Entretanto, a composição dessas agregações é distinta e revela particularidades na estrutura da demanda de AD ao longo do tempo.

Em primeiro lugar, dentro das Manufaturas, a participação da demanda de MBRN no mercado AD cresceu entre as extremidades 1985-2010, enquanto caiu nos mercados MUNDO e OCDE. Além disto, os grupos de MBRN iniciam a série com uma participação menor no mercado AD que nos outros mercados analisados, o que se reverte em 1990. Algo similar sucede com o MERCOSUL, onde a participação das MBRN oscila nos períodos analisados, embora em 2007 tenha alcançado um peso maior que o inicial. Pois bem, a demanda da AD por MBRN seguiu crescendo até o fim da série, enquanto que nos outros mercados-destino não.

Em segundo lugar, analisando os RN, observa-se que por um lado os grupos de Agricultura têm um peso menor e caem de forma mais acentuada no mercado AD; e que, por outro lado, os grupos de FTMM apresentam participação maior, com uma diferença que aumenta ao longo do tempo no mercado AD. FTMM aumenta sua participação na demanda de AD, enquanto, entre pontas, reduz para os demais mercados.

Por último, os grupos de Energia mantiveram uma participação menor na estrutura da demanda de AD que na da demanda do MUNDO e da OCDE – com exceção do ano 2000. No entanto, o ponto de inflexão no mercado de AD ocorre no ano de 1990. Nos mercados MUNDO e OCDE este ponto ocorre em 2000, quando o peso dos grupos de Energia abandona a tendência decrescente e começa a ganhar espaço novamente.

Essas particularidades nos permitem fazer inferências sobre a estratégia dos países de AD para definirem sua estrutura de mercado. Está claro que na estrutura de demanda de AD os insumos intermediários são preponderantes. Quer dizer, as importações deste mercado são essenciais para o desenvolvimento de cadeias produtivas de valor, nas quais o principal processo industrial se realiza nos países de AD. Em outras palavras, AD demanda bens primários e intermediários (principalmente do Complexo Oleaginoso, do Complexo Mineiro, Alumínio, Algodão e Couro) para a produção de alimentos e bens de consumo básico (em especial da indústria branca, jogos, calçados) e eletrônicos, para então incorporar valor agregado a tais bens primários e intermediários.

Desta maneira, ainda que as transformações no mercado de consumo mundial associadas à ascensão dos países de AD nos fizessem pensar que sua linha importadora por bens primários de consumo se acentuaria, isso não ocorreu: o que sucedeu foi uma intensificação da demanda por bens primários intermediários. A análise dos dez primeiros grupos de importação de AD nos permitirá fazer afirmações mais precisas sobre este ponto.

Finalmente, e como principal ponto de análise, diga-se que as particularidades mencionadas são totalmente relevantes para refletir sobre a constatação realizada por Fajnzylber (1991: 169) sobre o mercado da OCDE, que não se visualiza para os países de AD. A preocupação de Fajnzylber com a política industrial latino-americana partia da constatação de uma redução, ao longo da década de 80, na demanda da OCDE por RN, Energia e MBRN. Houve a previsão de que essa queda na demanda seria contínua.

Porém, esta tendência decrescente não encontra respaldo nos dados relativos à demanda da AD. Pelo contrário, os grupos de RN – sobretudo de FTMM – e os de MBRN vêm ganhando participação na estrutura de demanda de AD desde o ano 2000, alcançando em 2010 um peso superior ao que tinham em 1985. Por sua vez, os grupos de Energia mostram uma tendência oscilante desde 1990.

Neste sentido, existem no mercado de AD três agregações econômicas cujas tendências são diferentes à anunciada por Fajnzylber: a participação de FTMM e MBRN cresce na estrutura de demanda, e a de Energia apresenta uma desaceleração decrescente. Ou seja, AD é o único mercado dentre os analisados que reverte a tendência de queda da participação por RN e MBRN, sugerida por Fajnzylber.

É importante recordar que nos outros mercados (MUNDO, OCDE, MERCOSUL) existe um ponto de inflexão no ano de 2000, a partir do qual FTMM, Energia e MBRN não apresentam uma tendência definida, embora não alcancem o peso que já tiveram em 1985. Existe outra exceção, a agregação de MBRN para o caso do MERCOSUL apresenta em 2007 um peso maior que no começo da série, ainda que isso não tenha se mantido no último subperíodo.

Desta maneira, o mercado de AD como impulsionador da demanda mundial – que não foi considerado por Fajnzylber e Mandeng em seus estudos – tem um impacto positivo em termos absolutos, pois a participação de AD nas importações mundiais mais que duplicou no período analisado, alcançando em 2010 mais de 28% de todas as importações mundiais<sup>32</sup>.

Além disto, AD pode contribuir ao dinamismo dos mercados latino-americanos e, inclusive, garantir uma demanda robusta e crescente por este tipo de bens para Argentina, que possui um alto componente destes grupos em seu padrão de exportações. Destarte, é possível afirmar que não são os países da OCDE os que reforçam a primarização das economias latino-americanas, mas os de AD. Esta é, portanto, a primeira parte da hipótese central de nossa investigação.

Por fim, importa mencionar que a agregação Outros ganha relevância na demanda a partir de 2007, representando ao redor de 7% das importações. O grupo 931, “Operação e mercadorias não classificadas” se destaca, tal como nos mercados MUNDO e OCDE.

---

<sup>32</sup> Ver em APÊNDICE 1 - Tabela Quota de Mercado de AD nas Importações Mundiais.

#### 4.3.2. A ESTRUTURA COMERCIAL ARGENTINA

Os RN são centrais na estrutura comercial argentina para Ásia em Desenvolvimento. Estes grupos (sem incluir Energia) concentram cerca de 86% das exportações. A relevância dos recursos naturais para este destino é muito superior à dos destinos MUNDO e OCDE (56% e 66%, respectivamente), e totalmente inversa à do MERCOSUL onde esses grupos representam em 2010 menos de 26%.

Dentro dos RN, a Agricultura aglutina quase a totalidade da participação, com quase 95%. Esta preponderância da Agricultura se verifica na estrutura comercial argentina para todos os destinos analisado.

TABELA 16 - ESTRUTURA COMERCIAL DA ARGENTINA (em % exportações)

Participação setorial em %	ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO				
	1985	1990	2000	2007	2010
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	<b>74,20</b>	<b>49,10</b>	<b>79,79</b>	<b>85,04</b>	<b>85,94</b>
Agricultura	70,68	40,94	75,39	80,73	81,19
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	3,52	8,17	4,39	4,31	4,75
<b>ENERGIA</b>	<b>0,00</b>	<b>3,19</b>	<b>4,91</b>	<b>6,20</b>	<b>4,54</b>
<b>MANUFATURAS</b>	<b>23,87</b>	<b>46,56</b>	<b>15,18</b>	<b>8,74</b>	<b>9,36</b>
Manufaturas RRNN	6,08	6,83	6,82	3,68	4,27
Manufaturas Não RRNN	17,79	39,74	8,36	5,06	5,09
<b>OUTROS</b>	<b>1,79</b>	<b>0,26</b>	<b>0,08</b>	<b>0,02</b>	<b>0,03</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

Ao observar a estrutura comercial argentina ao longo do tempo, vê-se um aprofundamento da primarização, acompanhado de duas mudanças estruturais relevantes. Por um lado, entre 1985 e 1990, melhorou o padrão de exportações argentino pela via do incremento na participação dos produtos manufaturados em geral (que passam de 24% a 47% das exportações) e das MnoBRN, em particular (que aumentam de 18% a 40%). Ou seja, em 1990 Argentina havia logrado exportar produtos manufaturados numa proporção muito alta, 47% das exportações. Este padrão de exportações, em que as manufaturas participam com quase a metade do comércio é atípico para a Argentina e apenas volta a ocorrer a partir de 2000 e unicamente nas exportações ao MERCOSUL.

Em contraposição, durante a década de 1990, observa-se uma reversão do caminho percorrido

pela Argentina quanto às exportações industriais, chegando ao ano 2000 com apenas 15% das exportações de manufaturas. Além disso, ocorre também a redução da participação dos produtos manufaturados mais sofisticados (MnoBRN, 8,36%). Isso reforça o que dissemos sobre a década de 1990, quando na Argentina se aplicaram as políticas neoliberais do Consenso de Washington e do Plano de Conversibilidade: o resultado é a debilidade do quadro industrial e a restrição efetiva à exportação de bens manufaturados, como efeito de um tipo de câmbio valorizado<sup>33</sup>. Isso nos ajuda a fundamentar parte de nossa primeira hipótese secundária: a estrutura comercial da Argentina relativa à OCDE mostrou evolução favorável até 1990 (com maior participação de exportações de MnoBRN), o que não se verificou posteriormente. Primeiro, em razão da implementação do Consenso de Washington e do Plano de Conversibilidade; segundo, em função da presença da China na oferta mundial.

Destarte, podemos dizer que a estrutura comercial argentina acompanhou a evolução da estrutura da demanda da AD entre 1985 e 1990 para as Manufaturas, tanto as MBRN como as MnoBRN (o crescimento na participação das exportações de MnoBRN da Argentina foi maior ao das importações de AD). Disso é possível inferir que até 1990 a Argentina ganhou mercado nos manufaturados mais sofisticados e, portanto, poderia ser considerada um rival entre os oferentes dos países em desenvolvimento. No entanto, as potencialidades alcançadas na última década do século XX não se materializaram nas décadas seguintes.

Ou seja, Argentina poderia ter mantido ou fortalecido um padrão de exportações para AD mais sofisticado, exportando manufaturas com maior valor agregado, mas isso não ocorreu. Neste ponto é importante refletir sobre a possibilidade que tiveram os países em desenvolvimento em geral, e os de América Latina em particular, para realizar uma mudança de longo alcance em sua inserção na divisão internacional do comércio, indústria e trabalho<sup>34</sup>.

Outro elemento que caracteriza a estrutura comercial argentina para AD desde 1990 é que aparecem os grupos de Energia, que não existiam no começo da série. Duplicam-se os grupos de FTMM e aumentam os grupos de MBRN. Estas mudanças se consolidam até 2007 para Energia, e até 2000 para MBRN. FTMM reduzem a participação em 2000, mantendo-se ao redor de 4%.

---

<sup>33</sup> Na página 69 apresentam-se alguns dos resultados econômicos destas medidas.

<sup>34</sup> Sobre essas reflexões é importante consultar o texto de Cypher (2010), em que ele discute a mudança de paradigma no capitalismo a partir de 2003 e as oportunidades perdidas pelos países latino-americanos.

Por sua vez os grupos de Agricultura, essenciais na estrutura comercial do país, reduzem sua participação de forma abrupta entre 1985 e 1990 (de 71% a 41%) e logo reverterem sua tendência, consolidando-se em 75% das exportações argentinas para AD a partir de 2000.

Observando todos os dados em conjunto, visualiza-se um jogo de compensações entre os grupos de bens primários básicos e os industrializados, que termina sendo prejudicial ao padrão de exportações vigente para a Argentina. Isto fica claro ao visualizar que a melhora na estrutura de exportações entre 1985 e 1990 implicou num aumento da participação de MnoBRN, FTMM e Energia, absorvendo a queda de 30 pontos percentuais dos grupos de Agricultura. No entanto, na segunda mudança estrutural, no subperíodo 1990-2000, o aumento de 34 pontos percentuais da Agricultura implicou quase exclusivamente na redução das MnoBRN.

Ou seja, Argentina se reforça, ao longo da década de 90, como exportador de *commodities*, bens primários em geral e manufaturados de bens primários para AD, e não logra inverter essa posição.

Em síntese, podemos dizer que a estrutura comercial da Argentina para AD consolidou-se nos grupos de RN e Energia, os quais perfizeram, no ano de 2010, mais de 90% das exportações a esse destino.

A mudança estrutural do começo da série mostrou que esses grupos reduziram suas participações a aproximadamente metade das exportações em 1990, e que, no entanto, esta posição não se consolidou. Assim, à diferença do que ocorreu nos destinos MUNDO e OCDE – em que a soma desses grupos primários se manteve ao longo do tempo – as manufaturas argentinas ganharam participação no mercado da AD, entre 1985 e 1990, tal como no mercado do MERCOSUL. (De fato, se olharmos o período completo, podemos dizer que a participação das manufaturas melhorou para o destino MUNDO e, em menor medida, para a OCDE).

Entretanto, a relação comercial com o mercado de AD não apresentou essa evolução. Pelo contrário, o padrão de exportações da Argentina para os países asiáticos piorou, em razão de as manufaturas terem reduzido sua participação de 24% a 9%, e as MnoBRN, de 18% a 5%. Cabe destacar que as MnoBRN já foram mais relevantes, participando com 40% das exportações em 1990.

Ampliando a visão, vemos que a principal mudança estrutural positiva no padrão de exportações



argentino a AD sucedeu entre 1985 e 1990, quando as MnoBRN aumentaram radicalmente sua participação (tal como no mercado MUNDO e, em menor medida, no mercado da OCDE). Por sua vez, a principal mudança estrutural negativa foi entre 1990 e 2000, em que houve redução drástica da participação desses manufaturados. Esta mudança estrutural negativa no padrão de exportações argentino não foi visualizada nos outros três mercados analisados. De fato, a estrutura mantém-se para o mercado da OCDE. Para o MUNDO, a participação das MnoBRN aumenta levemente. Para o MERCOSUL o aumento é significativo.

Em suma, a partir de 1990 há quatro resultados diferentes na estrutura comercial argentina em relação aos destinos analisados: a) redução drástica da participação dos produtos industrializados com mais valor agregado no mercado da AD; b) manutenção da participação desses produtos no mercado da OCDE; c) leve aumento da participação dessas manufaturas no mercado MUNDO; d) expressivo aumento da participação dessas exportações no MERCOSUL.

Isso contribui à fundamentação de nossa hipótese central de que, enquanto a demanda de AD vem forçando a primarização da Argentina, a demanda do MERCOSUL estimula a exportação de manufaturas com alto valor agregado.

#### 4.3.3. A DESAGREGAÇÃO DOS DEZ PRIMEIROS GRUPOS DE EXPORTAÇÃO DA ARGENTINA DESTINO ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO

Os dez primeiros grupos de exportação para AD definem de maneira quase exaustiva o total de exportações, uma vez que esses grupos aglutinam 91% do padrão comercial. Com efeito, essa concentração das exportações não é encontrada nos outros mercados analisados. Aliás, os dez primeiros grupos já foram menos expressivos. Por exemplo, em 1990 representavam 68% das exportações. De qualquer forma, mesmo quando esta porcentagem era menor, superava os outros destinos.

Os dez primeiros grupos apresentam uma diferença substancial entre o primeiro subperíodo e os seguintes. Os grupos de MnoBRN eram os mais relevantes, com quase 28% das exportações totais da Argentina para AD, seguidos ligeiramente pelos de Agricultura: juntos concentravam 55% das exportações. Já na década seguinte, os grupos de Agricultura conglomeram quase três quartos das exportações. No entanto, as MnoBRN eram só 3,72%. Nos períodos seguintes a

relação entre Agricultura e as MnoBRN se mantém, ainda que a diferença aumente (78% e 1%, respectivamente).

Neste sentido, observa-se também que entre os anos de 1985 a 1990 os dez primeiros grupos se mostram mais diversificados que nos outros subperíodos. Até 1990 havia três complexos produtivos que se destacavam, Siderúrgico (MnoBRN), Oleaginoso (Agricultura) e de Carne e Couro (Agricultura e MBRN).

Por sua vez, entre 1990 e 2000, o Complexo Oleaginoso ganha relevância, deixando pouca margem para outros grupos. De fato, esse complexo absorve 63% das exportações em 2000 e 70% em 2010, sem indícios de reversão.

Ainda que existam dois momentos bem marcados dentro da estrutura de exportações dos dez primeiros grupos para AD (com quebra no ano de 1990), visualizam-se algumas peculiaridades na composição dos grupos de FTMM, Energia e MBRN. Assim, FTMM era de exportações de Algodão (insumo para a indústria têxtil) e passou a ser de Minerais de Metais Comuns (insumo para a indústria da construção, principalmente). Energia era composta de produtos derivados do Petróleo e passou a ser de Óleos de Petróleo (embora entre 1990 e 2000 não estivesse entre os dez primeiros). Por fim, a indústria de couro é a única, dentre as MBRN, a estar entre os dez primeiros grupos em todos os subperíodos analisados.

Por sua vez, dentro dos grupos manufaturados mais sofisticados, vemos que até 1990 o complexo Siderúrgico se destaca, e é acompanhado por um grupo afeto ao Complexo Automotivo e de Autopeças (Produtos de polimerização e copolimerização). Na década de 90, o grupo relativo ao Complexo Siderúrgico, de “Tubos e acessórios de ferro e aço” esteve presente, apresentando uma queda acentuada entre 2000 e 2007, a um quarto do que representava no período anterior, e deixando de figurar no último período.

Cabe destacar que a produção e exportação de tubos de ferro e aço está em mãos de uma das principais empresas argentinas com dimensão internacional, o grupo econômico Techint<sup>35</sup>. Em 1990, a exportação dos tubos de ferro e aço era quase 13% das exportações nacionais. A abrupta queda da participação deste grupo dentre os primeiros dez é muito importante para nossa análise, visto que expressa a oportunidade perdida pela Argentina para manter uma posição

---

<sup>35</sup> Uma análise histórica sobre a constituição da empresa multinacional Techint, sua organização empresária, sua precoce internacionalização e o vínculo entre suas atividades na Europa e América Latina, encontra-se em Castro (2003, 2008 e 2011).

estratégica no mercado asiático.

Por sua vez, a aparição do grupo “Produtos medicinais e farmacêuticos” dentre os dez primeiros mostra a ascendência da indústria química, mais sofisticada, desde 2007.

Outro aspecto a se considerar é que, comparando esses dados com os de outros mercados, vemos que no de AD o Complexo Oleaginoso teve um crescimento vertiginosos entre 1990 e 2000, não visualizado nos outros destinos: representa 70% das exportações a AD e apenas 28% das exportações ao MUNDO e à OCDE. É notável, também, que este complexo sequer figure entre os dez primeiros grupos exportados ao MERCOSUL.

Por fim, enquanto os grupos de MnoBRN aparecem entre os dez primeiros exportados pela Argentina à OCDE apenas em 2007, até 1990 eram muito relevantes na composição das exportações à AD.

TABELA 17- EXPORTAÇÕES ARGENTINAS À ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (ordenadas por % exportações no ano final)

Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1985	1990
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Vulnerável	12,20	15,33
MnoBRN	678	Tubos e acessórios de tubulação de ferro e aço	Vulnerável	2,34	12,82
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	em Retirada	26,55	8,57
MnoBRN	672	Lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço	Situação Ótima	3,21	6,43
MnoBRN	674	Planos universais, chapas e pranchas de ferro o aço	Situação Ótima	0,00	5,69
MBRN	611	Couro	Situação Ótima	4,23	5,24
FTMM	263	Algodão	Situação Ótima	1,58	4,92
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Vulnerável	2,52	3,26
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Vulnerável	0,00	2,97
MnoBRN	583	Produtos de polimerização e copolimerização	Situação Ótima	0,37	2,67
<b>10 primeiros totais</b>				<b>52,99</b>	<b>67,90</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1990	2000
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteirasou partidas	Situação Ótima	2,55	32,55
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Vulnerável	15,33	16,40
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Vulnerável	1,72	14,04
Agricultura	44	Milho sem moer	Vulnerável	2,05	6,59
MBRN	611	Couro	Situação Ótima	5,24	6,59
FTMM	287	Minerais de metais comuns e seus concentrados	Vulnerável	0,34	3,25
MnoBRN	678	Tubos e acessórios de tubulação de ferro e aço	em Retirada	12,82	2,55
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Oportunidade perdida	3,26	1,32
MnoBRN	651	Fios de fibras textéis	em Retirada	2,39	1,17
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	em Retirada	8,57	1,04
<b>10 primeiros totais</b>				<b>54,26</b>	<b>85,51</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2000	2007
Agricultura	222	Sem. de frutas oleósas inteirasou partidas	Situação Ótima	32,55	34,63
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Situação Ótima	16,40	22,18
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Vulnerável	14,04	13,61
Energia	333	Óleo de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.	Situação Ótima	4,77	5,78
FTMM	287	Minerais de metais comuns e seus concentrados	Oportunidade perdida	3,25	3,89
MBRN	611	Couro	Vulnerável	6,59	3,46
Agricultura	44	Milho sem moer	em Retirada	6,59	3,42
Agricultura	41	Trigo (tb. espelta) e trigo com centeio, sem moer	Vulnerável	1,04	2,22
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Vulnerável	1,32	1,91
MnoBRN	678	Tubos e acessórios de tubulação de ferro e aço	Oportunidade perdida	2,55	0,74
<b>10 primeiros totais</b>				<b>89,11</b>	<b>91,84</b>
Cod. Mandeng	CodGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2007	2010
Agricultura	222	Sem. e frutas oleósas inteiras, partidas o blandos	Oportunidade perdida	34,63	33,13
Agricultura	423	Azeites fixos de origem vegetal	Oportunidade perdida	22,18	19,25
Agricultura	81	Ração para animais (exceto cereais sem moer)	Oportunidade perdida	13,61	17,72
Energia	333	Óleo de petróleo puro, óleos puros de min. Bitumin.	em Retirada	5,78	4,39
Agricultura	44	Milho sem moer	Vulnerável	3,42	4,25
MBRN	611	Couro	Vulnerável	3,46	3,95
FTMM	287	Minerais de metais comuns e seus concentrados	em Retirada	3,89	3,87
Agricultura	11	Carnes e miúdos comest., frescos, refrig.ou congelados	Situação Ótima	1,91	2,84
Agricultura	121	Tabaco bruto e resíduos de tabaco	Situação Ótima	0,39	0,83
MnoBRN	541	Produtos medicinais e farmacêuticos	Oportunidade perdida	0,41	0,58
<b>10 primeiros totais</b>				<b>89,69</b>	<b>90,81</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

#### 4.3.4. MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DA ARGENTINA COM DESTINO ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO

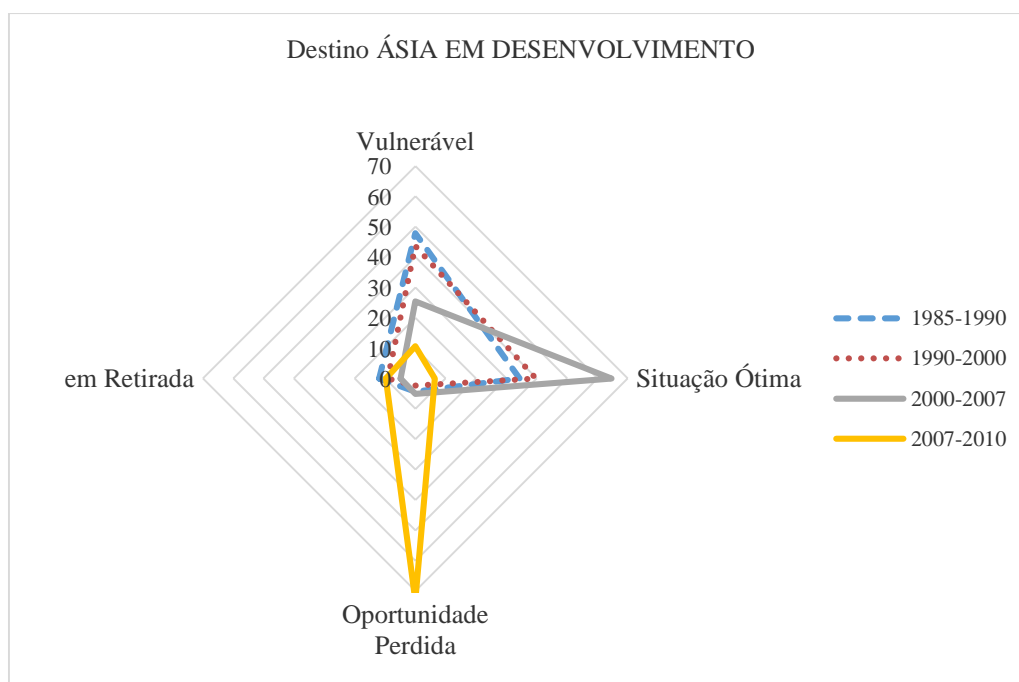
A Matriz de Competitividade da Argentina com destino à Ásia em Desenvolvimento mantém-se quase idêntica nos dois primeiros momentos analisados, quando os grupos Vulneráveis superam os Situação Ótima e juntos concentram mais de 80%. No subperíodo 2000-2007, esses grupos concentram mais de 90% das exportações argentinas, invertendo-se apenas a ordem: os grupos em Situação Ótima superam os Vulneráveis. Desta forma, resta evidente que a MC se caracteriza pela expressiva composição de exportações em grupos em que a Argentina é competitiva, isto é, em grupos nos quais ganha participação de mercado, independentemente de os grupos serem ou não dinâmicos. E apesar de os grupos poucos dinâmicos apresentarem alguma expressão, mantêm tendência decrescente e mais acentuada, desde 2000.

TABELA 18- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (por destino em % em ano final)

Exportações à ASIA EM DESENVOLVIMENTO	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	47,85	43,61	25,38	10,68
Situação Ótima	34,35	39,70	64,67	6,40
Oportunidade Perdida	4,33	2,35	5,04	73,04
em Retirada	11,96	9,10	4,82	9,75

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

GRÁFICO 8 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (% das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

Se aproximamos a MC das exportações totais da MC dos dez primeiros grupos, vemos que são quase idênticas, o que era de se esperar, pois os dez primeiros grupos representam mais de 90% das exportações.

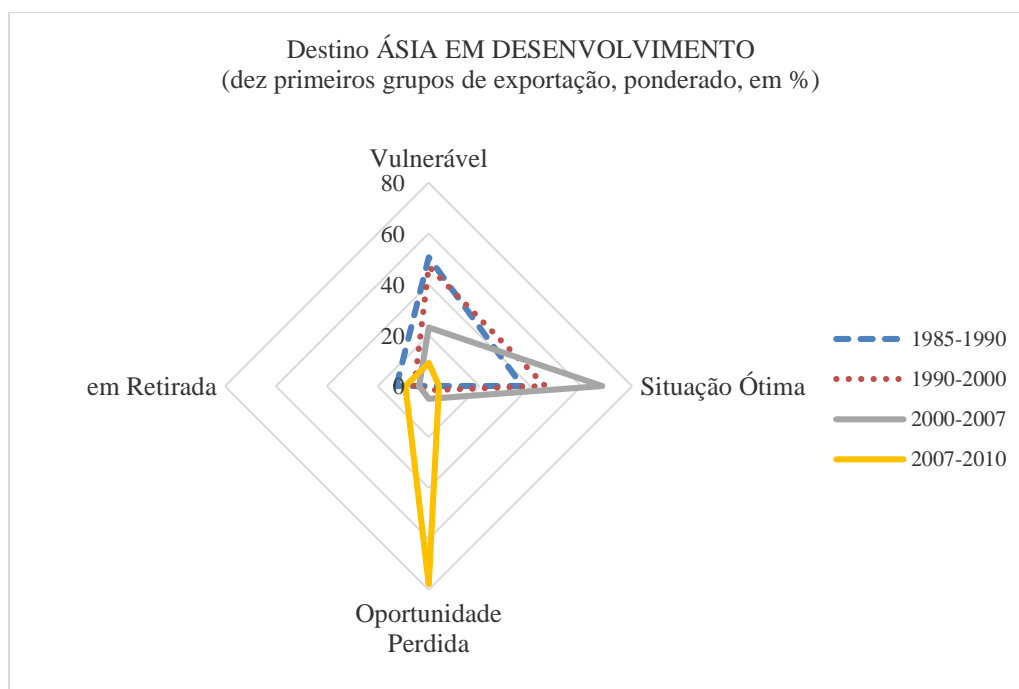
Os grupos em Retirada representam ao redor de 10% das exportações, reduzindo-se entre 2000 e 2007 a 5%. Já as Oportunidades Perdidas foram as menos expressivas até 2000, alcançando 5% das exportações (tanto das totais como dos dez primeiros) e, no final da série, tornam-se realmente expressivas.

TABELA 19 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 DEZ PRIMEIROS GRUPOS (por destino, % ponderado em ano final)

Exportações à ASIA EM DESENVOLVIMENTO	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	50,64	47,11	23,08	9,03
Situação Ótima	36,74	45,77	68,15	4,04
Oportunidade Perdida	0,00	1,54	5,04	77,83
em Retirada	12,62	5,57	3,73	9,10

FONTE: Elaboração própria com base na TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

GRÁFICO 9 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 DEZ PRIMEIROS GRUPOS (em % ponderado das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base na TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

Com efeito, no último subperíodo da série, a MC muda radicalmente. Os grupos competitivos passam a ser 17% e as Oportunidades Perdidas quase três quartas partes de todas as exportações.

Adicionalmente, analisando-se os grupos que conformam as exportações competitivas, vemos que estão, até 2007, concentradas no Complexo Oleaginoso e no do Petróleo (em especial no grupo “Azeites de petróleo cru”. No final da série, os grupos do Complexo Oleaginoso passam a ser de Oportunidades Perdidas e os do Complexo Petrolífero, em Retirada. Isto revela que a demanda de AD por produtos do Complexo Oleaginoso cresceu mais que as possibilidades produtivas ou de exportação da Argentina. Por outro lado, evidencia, também, que não pôde prosseguir com a oferta dos grupos de Energia, ao passo que houve queda na demanda por esses grupos.

De forma sintética, podemos dizer que os grupos não dinâmicos (Vulneráveis e em Retirada) superaram 50% das exportações até 2000, embora sua tendência decrescente fez que no último período restassem em 20%. Os grupos competitivos (Situação Ótima e Vulneráveis) se elevam no período analisado e concentram mais de 90% das exportações entre 2000 e 2007. Entretanto, o subperíodo 2007-2010 se caracteriza por uma forte expansão em Oportunidades Perdidas, que absorve uma intensa redução das exportações de Situação Ótima.

Ao compararem-se esses resultados com os dos destinos MUNDO e OCDE, vemos que durante 1990 não houve um grande aumento dos grupos Vulneráveis. Ademais, os grupos em Retirada e de Oportunidades Perdidas não foram tão relevantes na MC de AD até 2007, quando estas últimas passam a caracterizar a expansão de exportações desses destinos. Por sua vez, comparando com o destino MERCOSUL, a MC destino AD possui menos exportações em Situação Ótima (com exceção de 2000-2007) e mais grupos Vulneráveis durante todo o período. Entretanto, concentra menos Oportunidades Perdidas até 2007.

#### 4.4. O MUNDO

Neste item, apresentamos uma leitura rápida das exportações do MUNDO, isto é, os dados aglomerados de todos os países analisados na base de dados TRADECAN. O objetivo é delinear algumas particularidades no padrão de exportações do MUNDO frente à evolução dos mercados analisados: OCDE, MERCOSUL e AD. A finalidade é comparar o padrão mundial de exportações com o padrão argentino. Nesta seção serão analisados exclusivamente os primeiros

dez grupos de exportação do MUNDO e a Matriz de Competitividade do MUNDO, tanto do total das exportações, como dos dez primeiros grupos.

#### 4.4.1. OS DEZ PRIMEIROS GRUPOS DE EXPORTAÇÃO DO MUNDO<sup>36</sup>

Os dados aglomerados para todos os países do mundo demonstram que os dez primeiros grupos de exportação têm similaridades nos três destinos analisados, com algumas variações quanto à participação de cada grupo no total exportado. Isto é, à diferença do que sucede com as exportações da Argentina, vários dos dez primeiros grupos de exportação com destino OCDE também formam parte dos dez primeiros para os destinos MERCOSUL e AD (com exceção do grupo 781 “Automóveis para passageiros”). Isto denota certa semelhança na composição do mercado das diversas regiões do mundo (sempre considerando os principais dez grupos).

Os dez primeiros grupos exportados pelo MUNDO estão menos concentrados que os exportados pela Argentina. De fato, a concentração das exportações do MUNDO à OCDE foi aumentando ao longo do tempo, passando de aproximadamente um quarto, em 1990, a mais de um terço, em 2010.

Por sua vez, as exportações do MUNDO para o MERCOSUL já estavam mais concentradas no começo da série, e a partir do período 1990-2000, a participação dos primeiros dez grupos no total do exportado se assemelha aos valores da OCDE, alcançando no último período 35,17% das exportações totais.

Com relação à AD, vemos que as exportações a esse mercado estavam menos concentradas até 1990, aglomerando 26,12% do total. A partir de 2000, as exportações dos dez primeiros grupos passam a superar à dos demais mercados, concentrando 42% do total. AD é o mercado com demanda mais concentrada em poucos grupos.

Poderíamos dizer que as exportações do MUNDO, independentemente do destino, concentram-se nos grupos de MnoBRN e Energia. Além disso, o grupo Outros é expressivo desde o começo da série em relação ao mercado OCDE, enquanto que para o MERCOSUL e AD só figura entre os dez primeiros a partir de 2007. Já o padrão de exportações da Argentina – que varia ao longo

---

<sup>36</sup> Ver em APÊNDICE 3 – Tabelas Dez Primeiros Grupos de Exportação do MUNDO, por destino.



do tempo – configura-se principalmente de RN e Energia, à OCDE e AD; ao MERCOSUL, as exportações se concentram em MnoBRN e Agricultura.

#### 4.4.1.1. DESTINO OCDE

O Complexo Automotivo e de Autopeças lidera as Manufaturas, e o Complexo Petrolífero à Energia no destino OCDE. As exportações de “Automóveis para passageiros” e de “Óleos de petróleos puros” disputam o primeiro lugar nas exportações deste destino em todos os subperíodos. Outros grupos importantes presentes ao longo da série são “Máquinas para elaboração automática de dados”, “Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas” e “Equipamentos de telecomunicações e partes e acessórios”.

A exportação de “Aeronaves e equipamentos conexos e suas partes” forma parte dos primeiros dez grupos entre 1985-2000, entretanto, este grupo nunca alcançou 2% das exportações.

As indústrias absorvedoras de mão de obra também estiveram presentes, ainda que com pouca participação (cerca de 1,5%): “Papel e papelão” esteve entre os dez primeiros entre 1985 e 1990 e “Móveis e suas partes”, entre 2000 e 2010.

Dentro de Energia, o grupo “Gás natural e artificial” aparece no subperíodo 2000-2007 e continua até 2010.

Entre um período e outro, há compensação entre os grupos de Energia e MnoBRN. Entre o primeiro e segundo subperíodo eleva-se fortemente a concentração dos dez primeiros, passando de aproximadamente 27% a 34% das exportações. Nesta variação são as MnoBRN as que ganham espaço. Por sua vez, é entre o segundo e o terceiro subperíodo que o grupo Outros ganha participação, reduzindo-se a participação das MnoBRN e elevando-se, sutilmente, a de Energia.

#### 4.4.1.2. DESTINO MERCOSUL

Analisando os dados das exportações do MUNDO para o MERCOSUL, observa-se, em primeiro lugar, uma semelhança entre a estrutura comercial do MUNDO para a OCDE, o que

não se verificou no padrão comercial da Argentina. Esta semelhança se aguça entre 1990-2000. Em outras palavras, o MUNDO exporta ao MERCOSUL os mesmos produtos que exporta ao mercado OCDE e em proporções similares (sobretudo a partir de 1990).

Entre os dez primeiros grupos estão, ao longo do período analisado, quase exclusivamente MnoBRN e Energia. Mas houve uma mudança. No princípio, os grupos de Energia preponderavam, no entanto, a partir de 1990 há uma ascensão das MnoBRN. E o grupo de “Minerais de metais comuns e seus concentrados”, que figura no primeiro subperíodo, desaparece, dando lugar a “Operações e mercadorias especiais não classificadas”, que no último subperíodo alcança o primeiro posto.

A diferença dos outros mercados-destino, Energia perde participação progressivamente nas exportações ao MERCOSUL. Outra diferença são os componentes de Energia, dentre os quais identifica-se a presença de “Hulha, Ignito, e turfa” e “Gás natural e artificial” em 1985-1990. Há uma tendência decrescente nestes grupos, que em seguida desaparecem, deixando-se substituir pela exportação de “Óleos de petróleo puro” que, com maior nível de sofisticação, alcança 6,29% entre os anos 2000 e 2007.

É importante notar que os grupos vinculados ao Complexo Automotivo e de Autopeças também estão presentes nas exportações ao MERCOSUL, embora se reforcem a partir do segundo subperíodo. Uma particularidade é que as exportações de “Automóveis de passageiros” aparecem entre os dez primeiros grupos em 1990-2000 e com uma participação relativamente baixa, 2,59% das exportações, ocupando o sétimo lugar. No entanto, entre 2007 e 2010 as exportações de automóveis passam à segunda posição, com 5,11% das exportações, superando o valor relativo à exportação à OCDE (4,74%).

#### 4.4.1.3. DESTINO ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO

No destino AD, as exportações do Complexo Automotivo lideram as Manufaturas e o Complexo Petrolífero a agregação de Energia, tal como nos outros mercados. Entretanto, as exportações de “Automóveis para passageiros” não aparecem em nenhum dos momentos analisados entre os dez primeiros grupos. Como era de se esperar, AD importa do MUNDO componentes e partes para a produção de bens finais industrializados, o que também ocorre

com o Complexo Automotivo. “Azeites de petróleo crus” disputa, no início da série, o primeiro lugar nas exportações com destino AD, ainda que nos subperíodos seguintes o grupo que se afirma seja “Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo”, do Complexo Automotivo, com cerca de 12% das mesmas.

Os grupos que conformam “Outros”, através do grupo 931 “Operações e mercadorias especiais não classificadas” passam a ser expressivos a partir de 2007, chegando ao segundo posto no final da série.

Há grupos muito importantes, que são insumos de diversos complexos produtivos (automotivo, eletrônico, têxtil, couro) presentes na maior parte dos períodos: “Equipamentos de telecomunicações e peças e acessórios”; “Máquinas para elaboração automática de dados”; “Maquinária têxtil e para trabalhar couros e suas partes”; “Equipamentos elétricos para empalme de circuitos elétricos”; e “Máquinas e equipamentos elétricos”.

A exportação de “Aeronaves e equipamentos conexos e suas peças” formam parte dos dez primeiros grupos já no primeiro período analisado, contudo, o grupo nunca alcançou 2% das exportações.

Uma diferença para com os dados do destino OCDE é que as indústrias absorvedoras de mão de obra não estiveram presentes entre os dez primeiros grupos em nenhum dos momentos analisados. O mesmo acontece com as exportações com destino MERCOSUL. Isso é de se esperar, já que os países em desenvolvimento possuem mais mão de obra à disposição e a menor custo para que se incorporem no sistema produtivo.

Neste destino também ocorre a compensação entre os grupos de Energia e MnoBRN ao longo dos períodos. Aqui também ocorre o forte crescimento da concentração dos dez primeiros grupos nos primeiros dois subperíodos analisados, sendo que as MnoBRN são as que mais absorvem essa mudança.

Já no terceiro subperíodo aparece entre os primeiros dez o grupo Outros, que vai absorvendo a queda de participação dos grupos de Energia e MnoBRN. Entre 2007 e 2010 aparece FTMM entre os primeiros dez, alcançando 2,15% das exportações ao destino. Por sua vez, Outros e Energia mantêm porções semelhantes, ao redor de 8%, e MnoBRN, 25% das exportações.

AD é o único destino que tem entre os primeiros dez grupos FTMM, o que demonstra a

relevância dessa agregação para sua estrutura de mercado. Isso reforça nossa hipótese de que a tendência decrescente da demanda desses grupos estaria se revertendo com a aceleração das economias em desenvolvimento.

#### 4.4.2. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO

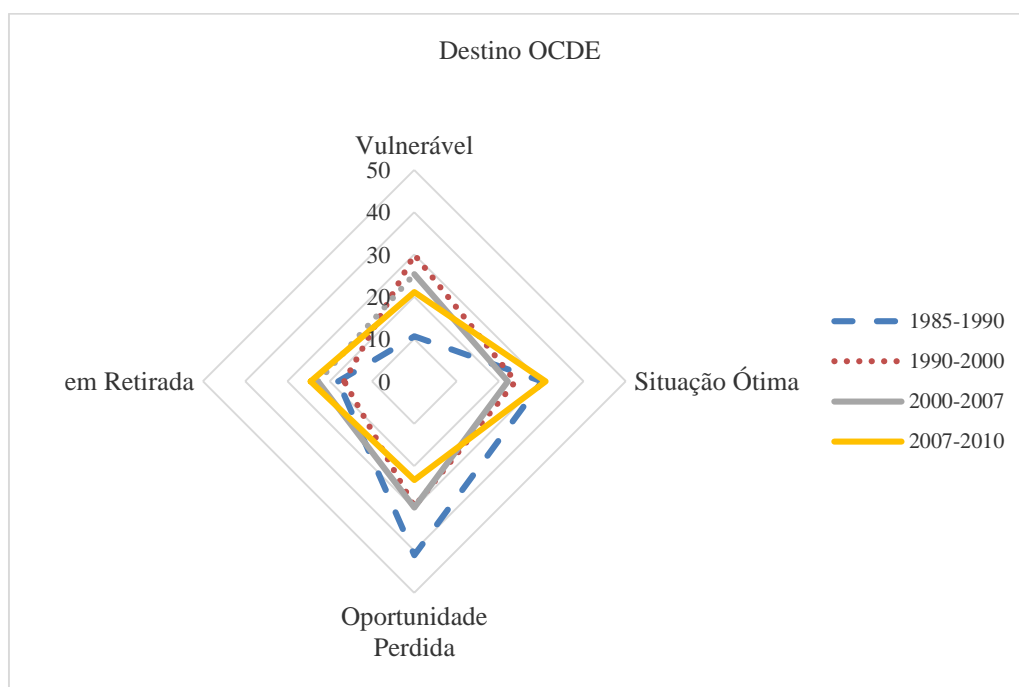
Os radiais da MC do MUNDO mostram que para todos os destinos analisados, houve perda de dinamismo e competitividade. A evolução da MC com destino OCDE apresenta resultados piores que a do destino MERCOSUL, em termos de dinamismo; e melhores que a do destino AD, em termos de competitividade de exportações.

TABELA 20 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 (por destino em % no ano final)

Exportações à OCDE	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	10,68	30,00	25,34	21,11
Situação Ótima	30,23	23,89	22,10	31,04
Oportunidade Perdida em Retirada	41,12	29,57	29,81	23,31
	17,97	16,55	22,74	24,54
Exportações ao MERCOSUL	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	35,31	17,14	34,42	24,52
Situação Ótima	45,02	29,03	38,02	25,64
Oportunidade Perdida em Retirada	17,71	43,54	15,54	40,69
	1,95	10,29	12,02	9,15
Exportações à ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	21,98	28,79	21,26	22,49
Situação Ótima	46,31	21,25	39,93	20,70
Oportunidade Perdida em Retirada	19,75	33,85	19,28	24,56
	11,93	16,11	19,53	32,26

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

GRÁFICO 9 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 (% das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

#### 4.4.2.1. DESTINO OCDE

Desta maneira, enquanto no subperíodo de 1985-1990 as exportações de grupos dinâmicos (Situação Ótima e Oportunidades Perdidas) foram majoritárias para o destino OCDE, com cerca de 70% das exportações, no período seguinte ocorre a redução desses grupos. Apenas no último período tornam a crescer, mas sem alcançar a proporção original (54% das exportações).

Outra particularidade para este destino é que os grupos Vulneráveis ganham muita relevância entre o primeiro e segundo subperíodo, triplicando sua participação. Entretanto, os valores se reverterem no último subperíodo, alcançando 21% das exportações. Considerando em conjunto as exportações em Situação Ótima e Vulneráveis (grupos competitivos), visualiza-se que o MUNDO melhorou sua inserção externa neste sentido, alcançando mais de 50% das exportações no final da série.

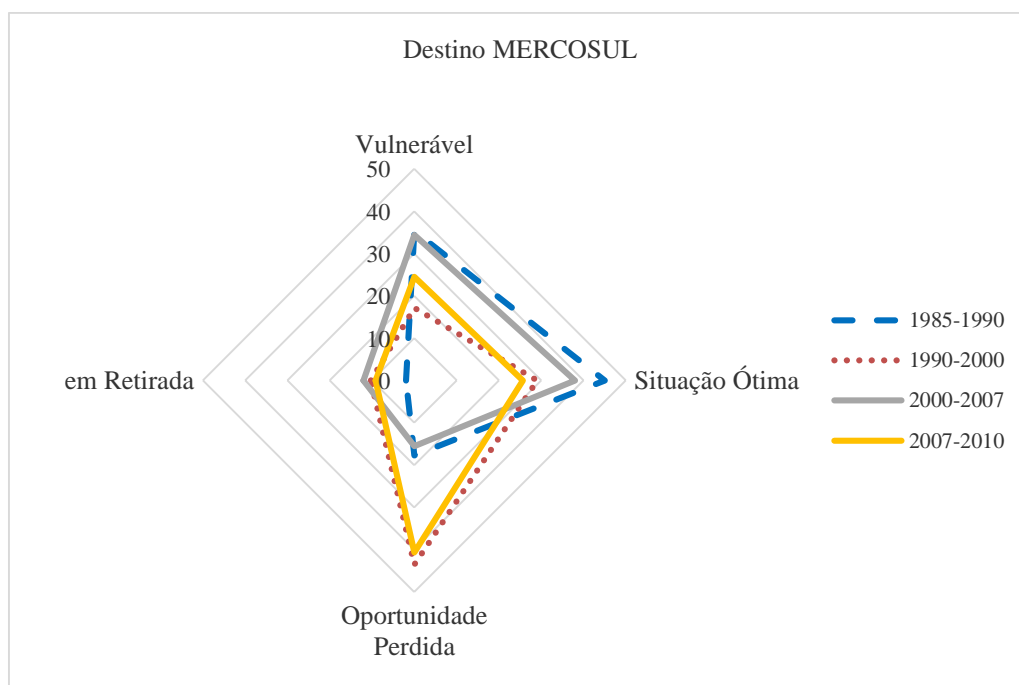
Por fim, os grupos em Retirada crescem notavelmente entre o segundo e o terceiro subperíodos, e se mantêm muito expressivos até o fim da série, com cerca de um quarto das exportações ao destino OCDE.

#### 4.4.2.2. DESTINO MERCOSUL

A MC destino MERCOSUL apresenta, entre pontas, uma evolução favorável, em termos de dinamismo, e desfavorável, em termos de competitividade. Analisando-se por subperíodo, entre 1985 e 1990, a MC concentrava 63% das exportações em grupos dinâmicos (Situação Ótima e Oportunidades Perdidas) e 80% em competitivos (Situação Ótima e Vulneráveis). Nos períodos seguintes, as variações dos dinâmicos e competitivos foram-se compensando, chegando ao final da série com uma MC mais concentrada em exportações dinâmicas (66%) e menos competitiva (50%).

As principais alterações ocorreram nas Oportunidade Perdidas, que começam a série ao redor de 18%, passam por variações muito intensas e alcançam 40% no último subperíodo. O inverso ocorre com os grupos em Situação Ótima, que iniciaram com 45% e caem para aproximadamente 25% das exportações. Os grupos em Retirada nunca foram muito expressivos, concentrando cerca de 10% das exportações desde 1990. Por fim, os grupos Vulneráveis vão se reduzindo até chegar a 25% das exportações no final da série.

GRÁFICO 10 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 (% das exportações no ano final)



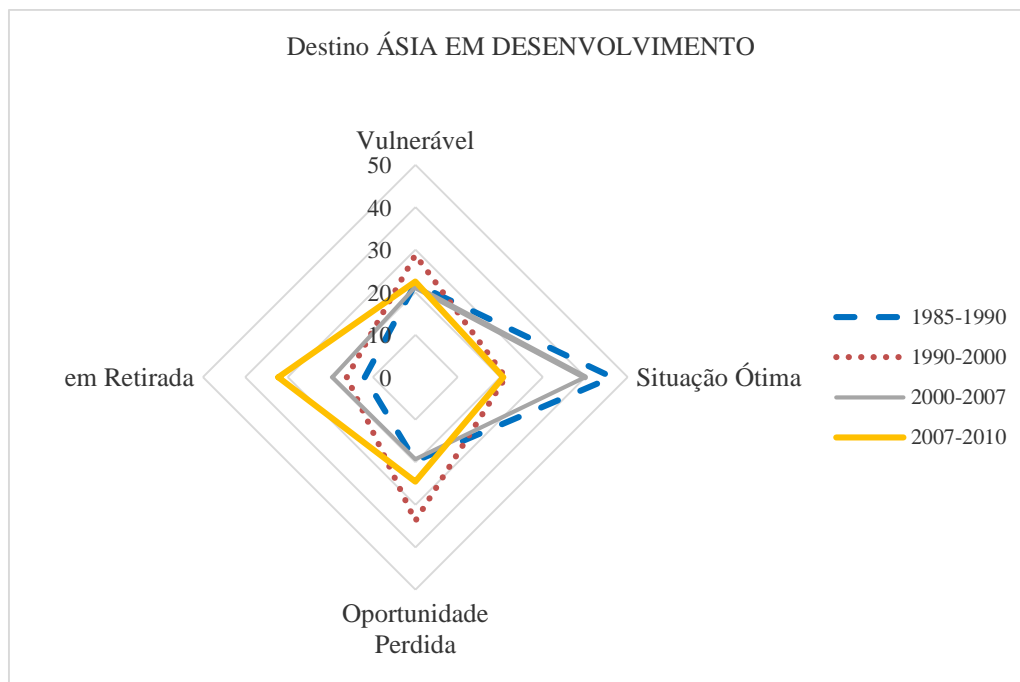
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

#### 4.4.2.3. DESTINO ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO

A MC destino AD é a que apresenta a pior evolução entre pontas. A diferença da MC destino MERCOSUL, esta matriz apresenta uma evolução desfavorável tanto em termos de dinamismo quanto de competitividade. É dizer, a exportação do MUNDO à AD no final de série é em grupos menos dinâmicos e menos competitivos que no começo.

Observando os dados por subperíodo, no começo a MC concentrava 66% das exportações em grupos dinâmicos e 68% em competitivos. Entre 1990 e 2000 essas participações se reduzem, melhorando levemente no período que vai de 2000 a 2007. Por fim, tornam a piorar, caindo a níveis inferiores aos do início da análise. No período de 2007 a 2010, a MC destino AD concentrava 45% em exportações dinâmicas e 43% em grupos competitivos. Além disso, os grupos em Retirada passam a um terço das exportações, absorvendo grande parte dos que antes eram de Situação Ótima. Os grupos Vulneráveis não apresentam muitas variações, terminando a série com 22,5% das exportações.

GRÁFICO 11 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 (% das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

#### 4.4.3. A MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DOS DEZ PRIMEIROS GRUPOS DE EXPORTAÇÃO DO MUNDO.

Por sua vez, analisando a MC dos primeiros dez grupos exportados pelo MUNDO a todos os destinos analisados pode-se concluir que é distinta da MC do total de exportações. Ou seja, ao contrário da estrutura comercial argentina, os dez primeiros grupos exportados pelo MUNDO não determinam, necessariamente, a forma da matriz do total de exportações.

Para o destino OCDE, a MC dos dez primeiros grupos revela que as Oportunidades Perdidas estão mais presentes que na MC do total das exportações, em especial no segundo e no terceiro subperíodos. Por outro lado, os grupos em Situação Ótima estão menos presentes na matriz dos dez primeiros, sendo, em 2007, 26% das exportações à OCDE. Em 2010 essa proporção é superada, concentrando-se mais de um terço das exportações totais.

TABELA 21 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (por destino, % ponderado em ano final)

Exportações à OCDE	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	0,00	15,76	25,95	18,42
Situação Ótima	31,71	24,27	25,73	36,58
Oportunidade Perdida em Retirada	30,59	54,60	34,81	10,88
	37,71	5,36	13,54	34,10
Exportações ao MERCOSUL	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	64,68	13,74	26,10	39,01
Situação Ótima	29,65	20,59	57,05	11,23
Oportunidade Perdida em Retirada	5,68	65,67	16,87	49,76
	0,00	0,00	0,00	0,00
Exportações à ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	1985-1990	1990-2000	2000-2007	2007-2010
Vulnerável	29,44	5,54	17,89	18,95
Situação Ótima	46,86	21,26	56,36	4,61
Oportunidade Perdida em Retirada	23,74	68,61	15,63	23,13
	0,00	4,59	10,13	53,34

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

A Matriz de Competitividade dos dez primeiros grupos exportados para o MERCOSUL mostra uma grande variação entre os subperíodos analisados. É notável que esta variação venha acompanhada de uma concentração. Cada período apresenta maior concentração em alguma



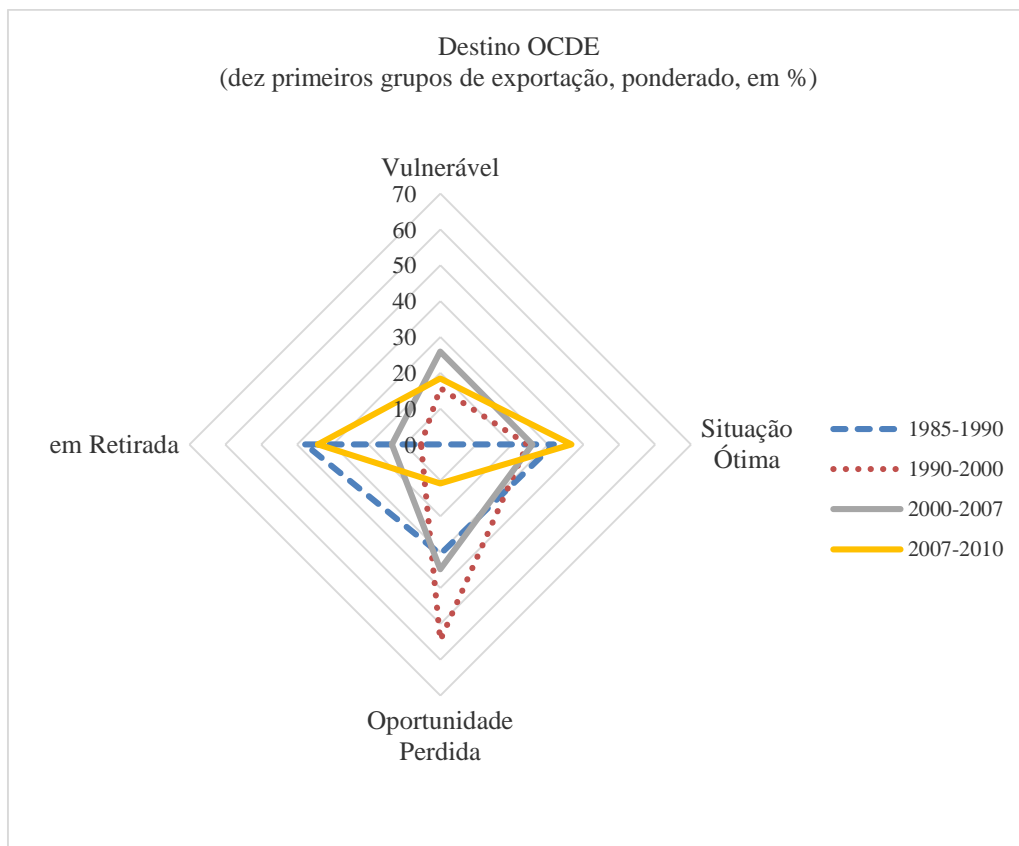
das classificações quaternárias: 1) 1985-1990: Vulneráveis, 65%; 2) 1990-2000: Oportunidades Perdidas, 66%; 3) 2000-2007: Situação Ótima, 57%; e 4) 2007-2010: Oportunidades Perdidas, 50% (acompanhada de uma participação muito alta de grupos Vulneráveis, 40%).

Analisando o subperíodo 2000-2007, é possível contrastar o resultado positivo do MUNDO com o crescimento das Oportunidades Perdidas da Argentina em suas exportações com destino ao MERCOSUL. Esse contraste evidencia as dificuldades pelas quais o país passou para readequar sua estrutura produtiva após o período em que teve vigência o Consenso de Washington e o Plano de Conversibilidade.

Por sua vez, analisando-se a MC dos dez primeiros grupos exportados pelo MUNDO à AD, verifica-se uma grande variação entre os períodos analisados. Neste caso, a variação também vem acompanhada de uma concentração, ainda que mais tênue que a do caso MERCOSUL. Caracterizando os subperíodos, essa MC se concentrou em: 1) 1985-1990: Situação Ótima; 2) 1990-2000: Oportunidades Perdidas; 3) 2000-2007: Situação Ótima; e 4) 2007-2010: em Retirada.

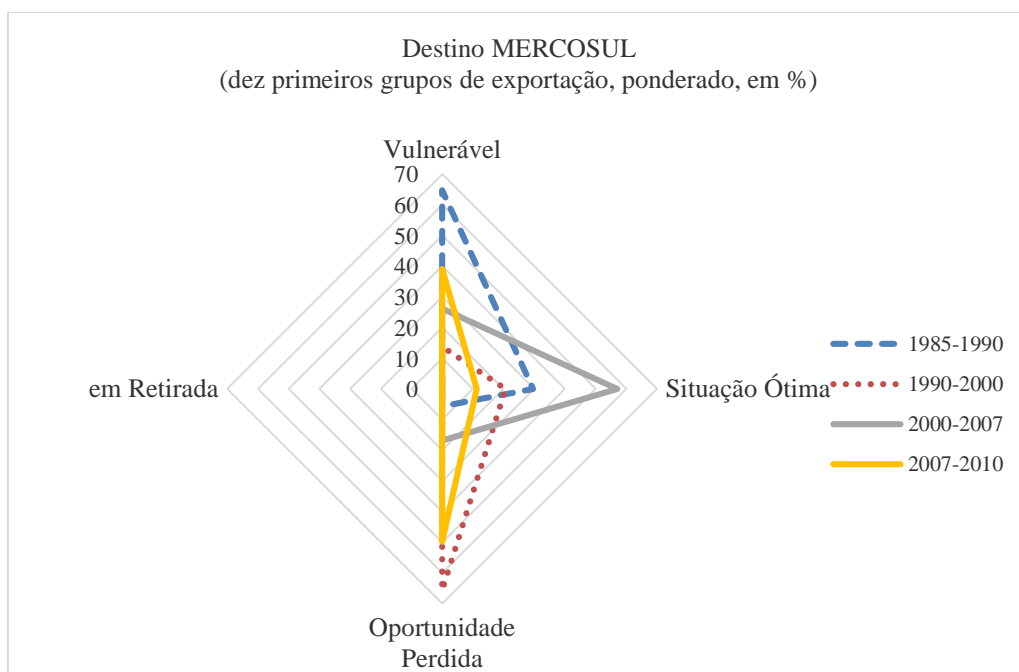
Por fim, analisando a evolução de cada MC dos dez primeiros, em termos de grupos dinâmicos e competitivos, os resultados são muito similares aos da MC do total de exportações. Aos mercados OCDE e AD, as exportações são menos dinâmicas em 2010 que em 1985; ao destino MERCOSUL as exportações são mais dinâmicas. Por outro lado, as exportações nas quais o MUNDO é competitivo se expandiram no mercado destino OCDE e se reduziram nos mercados MERCOSUL e AD. Neste caso, é também a MC com destino AD a que apresenta a pior evolução, com retrocesso dos grupos dinâmicos e competitivos.

GRÁFICO 12 -MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 DEZ PRIMEIROS GRUPOS (em % ponderado das exportações no ano final)



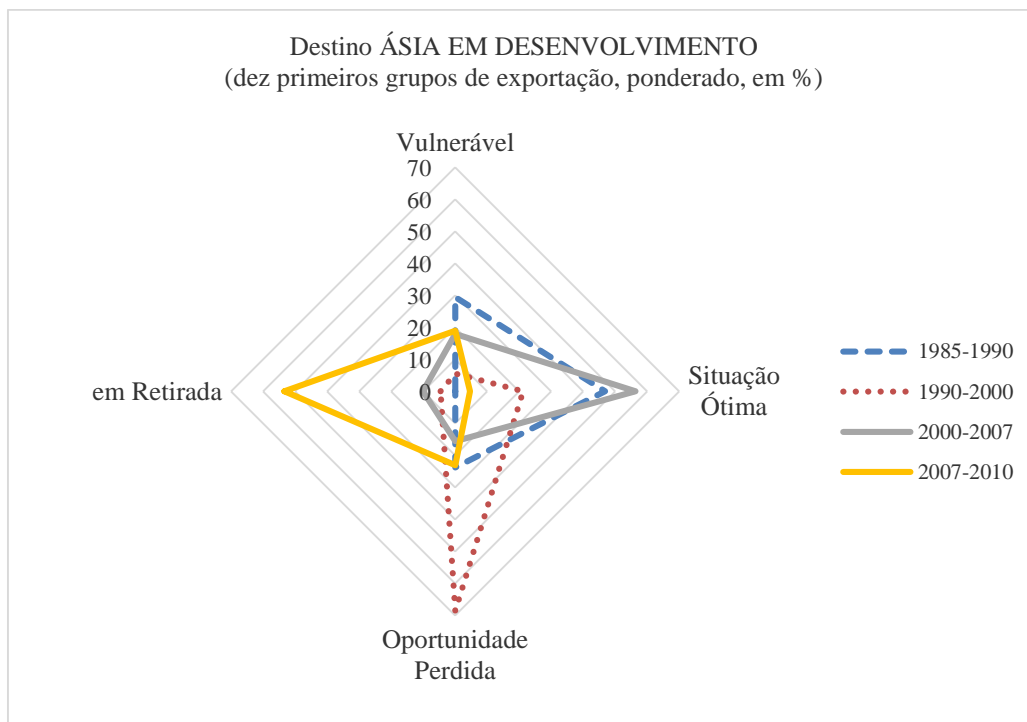
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

GRÁFICO 13 -MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 DEZ PRIMEIROS GRUPOS (em % ponderado das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

GRÁFICO 14 -MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO MUNDO 1985-2010 DEZ PRIMEIROS GRUPOS (em % ponderado das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL – Nações Unidas

## 5. O ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DA ARGENTINA

Este capítulo traz, ao presente estudo, um indicador adicional, que não foi trabalhado quando construímos a Matriz de Competitividade de Fajnzylber e Mandeng. Tampouco eles o fizeram à sua época. O propósito disto é complementar a análise do padrão de exportações argentino com base nos dados do comércio exterior total do país (exportações e importações) para os destinos analisados anteriormente. Nesta parte, chamaremos os destinos de sócios comerciais, para expressar o vínculo bilateral. Por questões de simplicidade<sup>37</sup>, selecionou-se um país referencial para exemplificar cada destino. Os sócios comerciais serão o MUNDO (este sim representando todos os países), os Estados Unidos (representando a OCDE), o Brasil (representando o MERCOSUL) e a China (como expressão da AD).

Comparando-se, portanto, as exportações e importações, pretende-se indagar as articulações existentes entre os fluxos do comércio por grupos de atividades (CUCI Revisão 3), fazendo foco na tendência deste comércio entre sócios ao longo do período analisado. Ou seja, o objetivo é conhecer como foi evoluindo a estrutura de exportações da Argentina com cada sócio, paralelamente à estrutura de importações com esse sócio. Assume-se que quaisquer modificações na estrutura comparada de exportações e importações refletirão as modificações nos padrões de consumo e produção do país e de seus sócios. Para realizar esta análise será utilizado o Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII).

O ICII é um indicador útil para analisar a interação entre os grupos pertencentes aos mesmos complexos produtivos. Estudar a evolução do índice ao longo do tempo nos dá indícios sobre a existência ou não de uma maior ou menor articulação comercial entre os grupos industriais dentro das firmas e, inclusive, intra-produtos. De alguma maneira, este índice permite visualizar se ao longo do tempo existe algum processo de integração produtiva ou especialização por parte das indústrias de cada país. Cabe destacar, igualmente, que a evolução deste indicador não expressa a determinação de causas ou efeitos, mas assinala algum tipo de tendência na intensidade do fluxo de comércio de uma economia com seus sócios comerciais. Por este motivo, os resultados apresentados a seguir são muito mais descritivos e não conterão afirmações contundentes.

---

<sup>37</sup> No item 5.3. é descrito o trabalho dedicado para obter e processar os dados para cada sócio comercial.

O ICII pode ser medido em diversos níveis de agregação. Como em todos os casos de agregações, à medida que tratamos de informações mais detalhadas, com mais dígitos, a análise torna-se mais exaustiva. No entanto, considerando que nossa análise pretende fazer uma leitura dos dados tendo como pano de fundo a linha política econômica seguida pela Argentina, considera-se relevante seguir a agregação utilizada para construir a Matriz de Competitividade, isto é, conglomerando os grupos de RN (Agricultura, FTMM), Energia e os de Manufaturas (MBRN e MnoBRN).

## 5.1. OS PRINCIPAIS FUNDAMENTOS ECONÔMICOS DO COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA

Na literatura sobre comércio internacional, parte-se da premissa de que o comércio intra-indústria permite expressar algum tipo de especialização “virtuosa” dentro da economia e, portanto, se admite que este fluxo de comércio é desejável para cada país (Martins, 2004).

O principal argumento teórico que fundamenta o *comércio intra-indústria* é baseado em que este tipo de comércio pode representar benefícios extras no comércio internacional, em especial benefícios relacionados às *economias de escala* e à *diferenciação de produtos*. Tais benefícios extras derivam da possibilidade de que o país se especialize com maior eficiência na produção e exportação de um número menor de bens e, ao mesmo tempo, que as importações garantam uma maior variedade e qualidade em termos de bens disponíveis pelos consumidores domésticos (Krugman e Obstfeld, 2001; Martins, 2004).

É importante destacar que os pressupostos deste tipo de comércio mundial são: a) que se considere um mercado de competição monopolista e b) que existam rendimentos crescentes de escala na mesma indústria. Krugman e Obstfeld (2001: 143) afirmam que, se presentes essas condições, existirão benefícios extras pela produção integrada entre países, em que se alcançarão maiores níveis de produção, concentrados em empresas de maior tamanho, que produzem com menores custos e, portanto, oferecem a um preço menor. O fio condutor deste resultado é a especialização produtiva e exportadora dos países e a oferta mais diversificada para os mercados de consumo pela via da importação.

Contudo, os autores também expressam que este tipo de comércio intra-industrial é mais

frequente entre países que possuem estruturas produtivas semelhantes. É por esta razão que o comércio intra-indústria possui um papel relevante no comércio de bens manufaturados entre os países mais industrializados. Como resultado deste tipo de comércio, existe a tendência a homogeneizarem-se os níveis de desenvolvimento tecnológico, disponibilidade de capital e trabalho qualificado. Destarte, Krugman e Obstfeld (2001: 144) afirmam que os países que mantêm um alto comércio intra-industrial manterão relações de capital e trabalho muito similares em suas estruturas produtivas.

Um caso oposto a este tipo de comércio, e aos benefícios extras por eles gerados, é o comércio *inter-indústria*. O comércio inter-indústria é o que surge quando os países estabelecem relações de comércio internacional baseadas nas *vantagens comparativas*. Neste caso, um dos países exporta alimentos e os outros bens manufaturados. Quando o que se explora é o comércio inter-indústria, os países encontram restrições para gerar economias de escala na produção integrada. A consequência disso é que as estruturas produtivas dos países sejam heterogêneas.

A leitura e processamento dos dados levam à seguinte conclusão: quando as economias possuem um ICII alto, próximo a um, é porque existe efetivamente comércio intra-indústria. Por outro lado, um ICII baixo, próximo a zero, reflete o comércio inter-indústria (Krugman e Obstfeld, 2001: 144).

Os grupos industriais são também classificados segundo o ICII. Um índice alto expressa um setor industrial que tende a ser de bens manufaturados sofisticados, como por exemplo, a indústria química e o setor farmacêutico. Um índice baixo expressa as indústrias de produtos intensivos em mão de obra, como a indústria do calçado e de acessórios nos Estados Unidos. Neste último caso, claramente o que sucede é que os benefícios derivados do comércio entre Estados Unidos e o mundo surgem das vantagens comparativas.

Acerca dos bens com ICII alto, Krugman e Obstfeld sintetizam da seguinte forma:

Esses bens são exportados principalmente por países avançados e estão provavelmente sujeitos a importantes economias de escala na produção. No outro lado da escala, as indústrias com comércio intra-indústria muito pequeno são normalmente as de produtos intensivos em trabalho, como calçados e acessórios. Esses são bens que os Estados Unidos importam dos países menos desenvolvidos, onde as vantagens comparativas são claras, e são o determinante principal do comércio dos Estados Unidos com esses países. (2001: 144, 145)

Importa destacar que frequentemente se confunde um ICII alto com um processo de transformação conhecido como maquila ou montagem, pelo qual alguns países que possuem mão-de-obra barata importam componentes muito sofisticados de países mais industrializados. Feita a importação, realizam a montagem desses componentes – o que requer o uso intensivo do fator trabalho – e então os exportam como produtos industriais de alto valor agregado. Os autores citam como “pseudo-intra-indústria” a que caracteriza a relação entre México e Estados Unidos, na qual a primeira importa “chips” para montar computadores e os exporta como “Computadores, dispositivos e acessórios”, gerando um ICII alto, mas vazio de valor agregado (2001: 144-145).

Além disso, é relevante dizer que o processo virtuoso do padrão de comércio influenciado pela melhora no ICII é característico nas economias que possuem estruturas produtivas similares, e não se pode esperar o mesmo de países que possuem estruturas produtivas diferentes – nas quais as economias de escala e a diferenciação de produtos não sejam relevantes. Nestes casos, os autores consideram haver implicações políticas negativas (2001: 146).

Considerando que a principal restrição ao crescimento econômico, apontado pelos estruturalistas latino-americanos (em especial Pinto, 1960), é a existência de uma estrutura produtiva heterogênea, na qual coexistem poucos setores com produtividade alta (vinculados à exploração das vantagens comparativas naturais) e muitos setores de baixa produtividade (intensivos em mão-de-obra de baixa qualificação), é possível convergir esse enfoque sobre o comércio intra-indústria com a literatura estruturalista latino-americana.

De fato, a heterogeneidade da estrutura produtiva dificulta o avanço tecnológico no interior do quadro produtivo nacional o que, por sua vez, restringe a inserção externa do país, que se define, então, unicamente pelas vantagens comparativas, e não a partir da diferenciação de produto ou das economias de escala.

Em outras palavras, é possível esperar que qualquer melhora na estrutura produtiva de um país – que torne mais homogêneos seus setores produtivos, e a torne mais homogênea com o resto do mundo – permitiria tanto avançar no comércio intra-indústria, quanto melhorar sua inserção externa (escapando às vantagens comparativas dos recursos naturais).

## 5.2. O SIGNIFICADO DO ÍNDICE DE COMERCIO INTRA-INDÚSTRIA E SUA MEDIÇÃO

Uma maneira de avaliar a importância relativa do comércio intra-industrial é através do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII), no qual o “intra” se refere ao comércio intra-setorial, intra-firmas, intra-produtos. (Martins, 2004).

O ICII pode apresentar o mesmo valor independentemente de ser positivo ou negativo o saldo comercial do grupo ou setor de atividades analisado. Assim, por exemplo, se temos um grupo ou setor de atividades no qual as exportações superam as importações em 100 milhões de dólares, o indicador vai apresentar o mesmo resultado de um quadro em que as importações superam as exportações em 100 milhões de dólares. Por isso, é essencial analisar este indicador em paralelo ao saldo comercial do grupo ou atividade num determinado momento.

$$ICII = 1 - \frac{|X_j - M_j|}{(X_j + M_j)}$$

Onde  $X_j$  são as exportações de um produto (grupo de atividades) denominado  $j$ , e  $M_j$  são as importações de um produto (grupo de atividades) denominado  $j$ . No numerador se mede o valor absoluto do saldo comercial e no denominador, o intercâmbio comercial.

Desta forma, o índice relaciona o saldo comercial com o intercâmbio comercial de um produto (grupo de atividades). E, portanto, mede quanto deste intercâmbio comercial excede ao saldo comercial, como proporção do próprio intercâmbio comercial (Martins, 2004: 99, 100).

O ICII varia entre 0 e 1. E por sua formulação, à medida que a distância entre o valor das exportações e importações é maior, o ICII é menor. Por isso, um índice alto expressa uma diferença pequena entre os valores de exportação e importação dos grupos, independentemente de que estes grupos sejam mais ou menos expressivos dentro da balança comercial. Por este motivo, pode-se esperar que países que possuam padrões de comércio muito especializados em poucos grupos e/ou em grupos de baixa articulação com outros grupos da mesma agregação, apresentem um ICII mais baixo. Os casos extremos do índice mostram que o ICII = 0 quando existem somente exportações ou importações, e o ICII = 1 quando as exportações e importações possuem o mesmo valor.



Analisando o caso do Brasil, e comparando os períodos 1981-1989 e 1990-1998, Martins afirma que o ICII mostrou que o comércio intra-indústria foi muito relevante para um grupo importante de produtos. Do total de 91 produtos para os quais pôde calcular o índice, aproximadamente 50% tiveram  $ICII \geq 0,5$  em ambos os períodos. Por sua vez, tal como se apontou no parágrafo anterior, os produtos com  $ICII \leq 0,5$  foram *commodities* – agrícolas, industriais e minerais, itens que historicamente configuram a pauta exportadora brasileira.

Acerca da fórmula, Martins afirma que o cálculo do ICII implica que o índice varie inversamente à magnitude do saldo comercial, mesmo sendo este positivo ou negativo. Por este motivo, propõe que uma interpretação mais sofisticada da evolução do ICII deva distinguir os produtos que apresentam queda do índice dos que apresentam alta. Além disso, considera necessário distinguir a natureza do saldo comercial dos produtos.

Os resultados a que chegou a autora, ao analisar o caso brasileiro, levou a duas constatações, que merecem destaque. A primeira é que as situações de queda do ICII se devem ao fato de que as importações cresceram relativamente muito mais que as exportações – o saldo médio positivo acumulado entre 1990-1998 foi o dobro do acumulado entre 1981-1989, enquanto o saldo médio negativo foi o quádruplo do valor no mesmo período. A segunda é que as situações de alta do ICII explicam-se pelo fato de que as importações aumentaram, enquanto as exportações reduziram (situação mais comum), ou se mantiveram próxima de seus valores no segundo período (os saldos positivos e negativos evoluíram, neste caso, de forma mais equilibrada, ainda que estes tenham crescido mais que aqueles). Em síntese, tanto os movimentos de queda como os de alta de ICII tiveram por base um crescimento relativamente mais acentuado do saldo médio negativo acumulado entre as duas décadas (Martins, 2004: 101).

Disso podemos inferir que este tipo de comércio pode ter trazido benefícios extras em termos do mercado doméstico consumidor brasileiro (familiar e industrial), visto que obteve um fluxo mais variado nas importações, isto no caso em que o ICII aumentou, embora o saldo médio comercial tenha sido negativo.

Xavier (2000) analisa os padrões de especialização comercial da economia brasileira e estuda sua interação com os saldos comerciais entre inícios da década de oitenta e meados da década de noventa. Os resultados caminham na mesma direção. Nas palavras de Schmidt (2011: 91), a economia brasileira apresenta uma intensificação da participação de setores com contribuição

negativa ao saldo comercial, produto da falta de competitividade em setores dinâmicos no comércio internacional. Dito de outra maneira, a economia brasileira apresenta um padrão de especialização comercial com saldo positivo em grupos que não são dinâmicos no comércio internacional. Em contrapartida, a parte do comércio com saldo negativo é composta por aqueles grupos que tem dinamismo no mercado internacional (Xavier, 2000: 06). De fato, Xavier também aproxima a Matriz de Competitividade dos resultados do saldo comercial brasileiro. De suas conclusões nos interessa que para o subperíodo 1993-1995 os grupos com contribuição negativa ao saldo comercial brasileiro são também os que estão sendo dinamizados na economia mundial, isto é as Oportunidade Perdidas e as Situações Ótimas apresentam saldo negativo na balança comercial. Destarte, ele conclui que existem setores dinâmicos no mercado internacional – inclusive os intensivos em mão de obra e recursos naturais – em que o país não pôde manter uma posição competitiva sustentável. A conclusões similares, para o caso argentino, nos conduzem os dados que produzimos.

### 5.3. A CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA PARA A ARGENTINA

Na construção do ICII da Argentina, serão apresentados os dados sobre o comércio externo total com cada país, com a finalidade de verificar a existência de algum processo de integração produtiva ou complementariedade entre os sócios comerciais.

O objetivo da análise é ampliar o conhecimento sobre a relevância dos recursos naturais na evolução da inserção externa da Argentina, em especial entre a última década do século XX e a primeira do século XXI. Interessa também pôr em questão a afirmação feita por Fajnzylber em 1991, que anunciou a tendência decrescente da demanda por RN, Energia e MBRN por parte dos países industrializados. Neste sentido, ao final do capítulo aproximar-se-ão os resultados do ICII aos da Matriz de Competitividade da Argentina.

Considerando que neste estudo são analisados quatro destinos diferentes (MUNDO, EUA, Brasil e China), em três períodos diferentes (1992-2000, 2000-2007, 2007-2010), por questões de organização da informação, considerou-se mais relevante agregar os dados em RN (Agricultura, FTMM), Energia e Manufaturas (MBRN e MnoBRN).

A quantidade de produtos analisados neste trabalho é muito superior ao caso brasileiro analisado por Martins, visto que os grupos aqui processados a três dígitos alcançam ao redor de 260 itens, variando segundo o período de análise e o destino.

Assim, para apresentar os dados de intercâmbio comercial argentino entre 1992 e 2010 estudamos em paralelo o ICII e o saldo comercial, além da flutuação dessas variáveis para cada período (variação do ICII e variação do Saldo Comercial).

A base de dados utilizada foi a do COMTRADE, das Nações Unidas, cujo acesso se deu entre agosto e setembro de 2014. Os dados foram classificados seguindo a CUCI Revisão 3<sup>38</sup> e obtidos, ano a ano, para cada país. Importa mencionar que originalmente considerou-se a possibilidade de estudar todos os países dos mercados trabalhados na Matriz de Competitividade (OCDE, MERCOSUL e AD). No entanto, a forma de obtenção dos dados, por país, implicaria em processar o comércio de 46 países para cada um dos anos que compõem nosso período e subperíodos. Num segundo momento, seria necessário harmonizá-los para cada ano, o que requereria tempo adicional ao disponível para esta pesquisa.

Por sua vez, dado que os três países (Estados Unidos, Brasil e China) encontram-se entre os quatro principais destinos das exportações argentinas desde 2001, concentrando uma terceira parte das mesmas, é possível considerá-los como exemplares e paradigmáticos dos mercados da OCDE, MERCOSUL e AD. Por fim, é importante mencionar que os grupos exportados e importados entre Argentina e os outros países nem sempre são coincidentes, o que implicou em tarefa adicional de verificação dos dados por grupo para cada tipo de comércio.

#### 5.4. PRINCIPAIS RESULTADOS PARA ARGENTINA

Em termos gerais, podemos dizer que os primeiros resultados da leitura do ICII da Argentina, mostra que com o MUNDO a participação dos grupos com  $ICII \geq 0,5$  oscilou, ainda que o indicador tenha apresentado crescimento entre pontas. Em 1992, Argentina comercializava 259 grupos, dos quais 65 (25,1%) possuíam um  $ICII \geq 0,5$ ; em 2000 eram 256 grupos, dos quais 85

---

<sup>38</sup> É importante destacar que os dados processados com o TRADECAN estão classificados segundo a CUCI Revisão 2. E considerando que o interesse da pesquisa é complementar as leituras da MC com o ICII, no apêndice de dados se apresentam as tabelas com os grupos harmonizados entre a CUCI Revisão 2 e Revisão 3, e adicionalmente, são aglomerados seguindo a classificação de Mandeng (1993).

(33,20%) possuíam um ICII  $\geq 0,5$ ; em 2007 eram 254, dos quais 80 (31,5%) com ICII  $\geq 0,5$ . Por fim, em 2010, de 257 grupos comercializados, apenas 78 (30,35%) possuíam um ICII  $\geq 0,5$ .

Analisando a *evolução do “ICII de Argentina entre pontas”* (anos 1992 e 2010) – calculando este como uma média para todos os grupos – houve crescimento com os sócios Brasil, China e MUNDO (em menor medida). Por sua vez, o índice com os EUA mostra oscilações, mantendo-se estável entre pontas.

Por sua vez, a média do ICII da Argentina é baixa com a maior parte dos destinos e nos diferentes períodos, sendo inferior a 0,400. Em 2010, por exemplo, é 0,343 para o destino MUNDO e 0,382 para o Brasil, o que revela certa similaridade. Entretanto, a média é baixíssima para os EUA (0,186) e mais baixa ainda para a China (0,097). Isso revela que a Argentina mantém um vínculo comercial muito mais inter-indústria com seus sócios, que intra-indústria.

TABELA 22- ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM MUNDO

Participação setorial	1992-2010					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 10	var SC 10-92	ICII 92	ICII 10	var ICII 10-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>6.429.666.308,00</b>	\$ <b>33.133.830.622,00</b>	<b>415%</b>	<b>0,249</b>	<b>0,224</b>	<b>-10%</b>
Agricultura	\$ 6.492.174.404,00	\$ 32.304.905.509,00	398%	0,305	0,235	-23%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -62.508.096,00	\$ 828.925.113,00	-1426%	0,194	0,213	10%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>657.819.977,00</b>	\$ <b>908.758.033,00</b>	<b>38%</b>	<b>0,355</b>	<b>0,328</b>	<b>-8%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-9.716.214.928,00</b>	\$ <b>-23.481.840.624,00</b>	<b>142%</b>	<b>0,335</b>	<b>0,356</b>	<b>6%</b>
Manufaturas RRNN	\$ -413.926.503,00	\$ 3.230.850.048,00	-881%	0,338	0,299	-12%
Manufaturas Não RRNN	\$ -9.302.288.425,00	\$ -26.712.690.672,00	187%	0,332	0,413	24%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-220,00</b>	\$ <b>834.120.046,00</b>	<b>-37914557%</b>	<b>0,067</b>	<b>0,241</b>	<b>262%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-2.628.728.863,00</b>	\$ <b>11.394.868.077,00</b>	<b>-533%</b>	<b>0,314</b>	<b>0,343</b>	<b>9%</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 23 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Participação setorial	1992-2010					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 10	var SC 10-92	ICII 92	ICII 10	var ICII 10-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>354.365.366,00</b>	\$ <b>875.166.099,00</b>	<b>147%</b>	<b>0,128</b>	<b>0,105</b>	<b>-18%</b>
Agricultura	\$ 369.176.418,00	\$ 896.828.651,00	143%	0,193	0,157	-19%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -14.811.052,00	\$ -21.662.552,00	46%	0,062	0,052	-16%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>282.838.853,00</b>	\$ <b>561.251.117,00</b>	<b>98%</b>	<b>0,303</b>	<b>0,086</b>	<b>-72%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-2.512.281.090,00</b>	\$ <b>-3.893.610.604,00</b>	<b>55%</b>	<b>0,193</b>	<b>0,178</b>	<b>-8%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 125.377.395,00	\$ 447.600.059,00	257%	0,195	0,133	-32%
Manufaturas Não RRNN	\$ -2.637.658.485,00	\$ -4.341.210.663,00	65%	0,190	0,222	17%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-1.658.692,00</b>	\$ <b>401.075,00</b>	<b>-124%</b>	<b>0,142</b>	<b>0,366</b>	<b>158%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-1.876.735.563,00</b>	\$ <b>-2.456.792.313,00</b>	<b>31%</b>	<b>0,185</b>	<b>0,186</b>	<b>1%</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 24 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM BRASIL

Participação setorial	1992-2010					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 10	var SC 10-92	ICII 92	ICII 10	var ICII 10-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>394.394.027,00</b>	\$ <b>1.478.099.911,00</b>	<b>275%</b>	<b>0,166</b>	<b>0,187</b>	<b>13%</b>
Agricultura	\$ 544.566.379,00	\$ 2.406.253.197,00	342%	0,222	0,243	9%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -150.172.352,00	\$ -928.153.286,00	518%	0,110	0,131	19%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>96.081.185,00</b>	\$ <b>906.148.388,00</b>	<b>843%</b>	<b>0,214</b>	<b>0,119</b>	<b>-44%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-2.156.644.442,00</b>	\$ <b>-5.909.114.845,00</b>	<b>174%</b>	<b>0,223</b>	<b>0,417</b>	<b>87%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 3.335.332,00	\$ -124.967.478,00	-3847%	0,156	0,351	125%
Manufaturas Não RRNN	\$ -2.159.979.774,00	\$ -5.784.147.367,00	168%	0,290	0,483	67%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-1.282.675,00</b>	\$ <b>689.517,00</b>	<b>-154%</b>	<b>0,074</b>	<b>0,208</b>	<b>182%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-1.667.451.905,00</b>	\$ <b>-3.524.177.029,00</b>	<b>111%</b>	<b>0,249</b>	<b>0,382</b>	<b>53%</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 25 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM CHINA

Participação setorial	1992-2010					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 10	var SC 10-92	ICII 92	ICII 10	var ICII 10-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>50.666.712,00</b>	\$ <b>4.794.391.518,00</b>	<b>9363%</b>	<b>0,000</b>	<b>0,134</b>	<b>29567%</b>
Agricultura	\$ 41.045.027,00	\$ 4.736.069.204,00	11439%	0,001	0,126	13900%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ 9.621.685,00	\$ 58.322.314,00	506%	0,000	0,141 sd	
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>467.027,00</b>	\$ <b>664.061.163,00</b>	<b>142089%</b>	<b>0,000</b>	<b>0,051 sd</b>	
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-93.240.172,00</b>	\$ <b>-3.223.978.807,00</b>	<b>3358%</b>	<b>0,037</b>	<b>0,053</b>	<b>45%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 6.279.697,00	\$ 53.810.547,00	757%	0,005	0,010	100%
Manufaturas Não RRNN	\$ -99.519.869,00	\$ -3.277.789.354,00	3194%	0,068	0,096	41%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>629,00</b>	\$ <b>-1.000,00</b>	<b>-100%</b>	<b>0,000</b>	<b>sd</b>	
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-42.105.804,00</b>	\$ <b>2.234.473.874,00</b>	<b>-5407%</b>	<b>0,050</b>	<b>0,097</b>	<b>93%</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

É notável que o ICII do destino Brasil seja mais alto (e com tendência crescente) que os dos destinos EUA e China, o que dá indícios de que as estruturas produtivas argentina e brasileira são mais semelhantes. Neste sentido, mostra-se viável detectar e fortalecer as agregações nas quais existem potencialidades de melhorar o comércio intra-indústria, em especial as de MnoBRN.

Outro detalhe: entre 1992 e 2000 a maior média do ICII era com o MUNDO, seguido pelo Brasil. No entanto desde 2007, os dados de comércio intra-indústria com Brasil assumem protagonismo.

Os resultados nos levam a concluir, contudo, que a Argentina mantém um tipo de comércio intra-indústria em que explora muito pouco as economias de escala e a diferenciação de produtos, baseando-se muito mais nas vantagens comparativas de seus recursos naturais.

Por outro lado, é com o Brasil que o indicador apresenta valores mais altos nos últimos anos. De fato, é com esse país que a Argentina possui mais semelhanças na sua estrutura produtiva e na relação de utilização de seus fatores produtivos (capital e trabalho), que com os outros sócios comerciais.

Os indicadores extremamente baixos com EUA e China expressam um tipo de comércio mais inter-industrial e bem menos intra-industrial. Neste tipo de comércio, um dos países especializa-se em manufaturados e outro em alimentos. No entanto, é importante destacar que enquanto Argentina mantém seu ICII estável ao longo do tempo com Estados Unidos, posicionando-se como exportadora histórica de alimentos e/ou *commodities*, o ICII da Argentina com a China, ainda que extremamente baixo, expressa uma tendência crescente.

Analisando qual setor produtivo apresentou melhor desempenho, as MnoBRN revelam-se à frente, em 2010, em vários destinos: Brasil, MUNDO e Estados Unidos, com indicadores de 0,483, 0,413 e 0,366 respectivamente. Com a China, o melhor ICII foi em FTMM (0,141).

Por sua vez, os *Saldos Comerciais (SC)* indicam que os sócios com saldo comercial positivo são MUNDO e China (com exceção do ano de 1992, em que ambos os destinos demonstraram uma balança comercial deficitária para Argentina). Desta forma, observando o interior dos agregados, as MnoBRN tiveram em todos os anos analisados saldo comercial negativo para o país. O resto dos agregados teve saldo positivo, com exceção de Energia, que foi deficitária com o MUNDO em 1992, e com a China, em 2000.

Em contrapartida, com os EUA e o Brasil o SC é negativo. Os componentes que acumulam o saldo deficitário com Estados Unidos e o Brasil são, em ordem de importância, as MnoBRN e as FTMM. Além disso, com o Brasil, a Argentina manteve uma balança comercial negativa nas MBRN desde 2000.

O SC do grupo Outros é positivo com o MUNDO e com a China, mas negativo com os EUA e o Brasil até 2000. Desde 2007, porém, é positivo com todos os países. O principal componente de Outros é o grupo 931 “Operações e mercadorias especiais não classificadas segundo sua natureza”; em 2000, com os EUA, aparece também o grupo 961 “Moedas (exceto de ouro)”, com valores muito baixos.

Fazendo uma *análise comparativa entre a variação do ICII e do SC*, entre 1992 e 2010, podemos afirmar que com todos os sócios as variações do ICII para as MnoBRN foram positivas. Ou seja, a Argentina teve um comércio intra-indústria crescente por estes tipos de produtos industrializados, o que expressa que a diferença entre o exportado e o importado neste agrupamento se reduziu com o tempo. Neste mesmo sentido, a variação do SC foi crescente, ainda que numa porcentagem não tão expressiva como no resto das agregações. A

particularidade das MnoBRN é que o SC da Argentina com todos os sócios é deficitário.

Detalhando os resultados para cada sócio, vê-se que com o sócio MUNDO, somente as FTMM e o agregado Outros mostraram evolução positiva conjunta – melhora do ICII e melhora do SC positivo. Para com o Brasil, foram os grupos de Agricultura e Outros. Com os EUA, unicamente o agregado Outros. E com a China, a Argentina mostra uma melhora no ICII e no superávit comercial com os agregados FTMM, Agricultura, Energia e MBRN.

Uma diferença importante entre os resultados de comércio intra-indústria da Argentina com os EUA e o Brasil é que enquanto com aquele o ICII caiu em todos os agregados (excluindo as MnoBRN), com este o ICII aumentou entre as extremidades em todos os setores – com exceção dos grupos de Energia, que concentraram-se no grupo 334 “Óleos de Petróleo e óleos obtidos de minerais betuminosos (exceto óleos virgens)” a maior parte do comércio (superavitário para Argentina); de fato, este foi o grupo que mostrou o maior aumento em SC positivo entre a Argentina e o Brasil para o período.

Por outro lado, a variação dos indicadores da China mostra incrementos positivos de ICII e de SC positivo em todos os agregados, com exceção de MnoBRN, que apresenta uma balança comercial deficitária.

Finalmente, com o MUNDO há reduções do ICII na Agricultura, Energia e MBRN, nos que se evidencia uma variação positiva do SC superavitário. Por sua vez, há um crescimento no ICII nas FTMM, que tem variação positiva do SC positivo; e em MnoBRN, com SC crescente negativo.

É importante esclarecer que *as variações dos SC foram na maioria dos casos mais intensas que as variações de ICII*. Se aceitamos a ideia de que um ICII mais alto indica mais semelhanças nas estruturas produtivas dos países que comercializam, isso poderia significar que as melhoras obtidas na evolução da balança comercial da Argentina tiveram mais a ver com o aproveitamento das vantagens comparativas vinculadas principalmente aos RN (FTMM, Agricultura), à Energia e às MBRN – e menos com as economias de escala e diferenciação de produto. No entanto, a melhora no indicador de MnoBRN mostra um esforço de mudança estrutural efetivado na estrutura produtiva nacional, que se expressa mais fortemente com o Brasil, que quase duplica o ICII passando de 0,290 a 0,483.

Em seu estudo Martins (2004) mostra que, na relação comercial do Brasil entre a década de 80 e 90, tanto os grupos em que o ICII aumentou quanto os em que diminuiu mostravam um crescimento maior das importações que das exportações. Em nosso caso, observamos que os grupos cujo ICII aumenta apresentam aumentos ainda maiores de SC positivo e SC negativo (no caso das MnoBRN, com todos os sócios; e das FTMM e as MBRN, com o Brasil). Por sua vez, os grupos que tiveram redução de ICII tiveram também elevação maior do SC superavitário. Além disto, em nenhuma agregação houve redução do ICII e aumento do SC negativo.

Por fim, se nos focamos nos resultados da análise do ICII da Argentina para aprofundar a compreensão da Matriz de Competitividade da Argentina, o principal é o seguinte.

É nas MnoBRN que a Argentina apresenta seus melhores ICII. Aliás, neste setor o índice apresenta uma tendência crescente. Isto mostra que o comércio intra-indústria mais sofisticado apresenta o indicador mais alto. Por isto, poderíamos dizer que, ao longo do período analisado, houve uma tendência da estrutura produtiva nacional a reduzir suas diferenças com a estrutura produtiva do mundo. Esta constatação condiz com a melhora do padrão de exportações da Argentina, em especial, com os destinos MUNDO e Brasil, anunciada no capítulo anterior. De fato, como visto, ocorreu um aumento da participação das MnoBRN nas exportações da Argentina, tanto para o MUNDO, quanto para o MERCOSUL.

Com os sócios Estados Unidos e China, o incremento do ICII para as MnoBRN é tênue, o que se assemelha aos resultados do capítulo anterior, visto que a Argentina mostrou uma leve melhora das MnoBRN nas exportações à OCDE. Por sua vez, houve redução da participação desse setor no mercado destino da AD.

Por sua vez, vemos que as agregações FTMM, Agricultura, Energia e MBRN alcançam resultados muito particulares para cada sócio. Para o caso da China, todos estes agregados mostram um ICII crescente, um SC positivo e uma tendência crescente do SC positivo. Apesar de que a Argentina mantém com este sócio comercial o ICII mais baixo, os maiores valores se dão nas FTMM e Agricultura. Isso mostra que com a China, a Argentina mantém principalmente um vínculo comercial baseado nas vantagens comparativas dos RN. No entanto, o saldo comercial se mantém positivo e crescente. Este aspecto mostra o paradoxo da Matriz de Competitividade da Argentina com AD, que oscila entre caracterizar suas exportações como



Vulneráveis até 2000, Situação Ótima até 2007 e Oportunidades Perdidas até 2010.

Para o caso do Brasil, com exceção de Energia, estes agregados (FTMM, Agricultura e MBRN) também mostram um ICII crescente, mesmo com um SC negativo e uma tendência crescente do SC negativo. Para Energia, Argentina mantém um SC positivo e uma queda do ICII. Com Brasil, a melhor evolução do ICII aconteceu nas manufaturas em geral, tanto nas MnoBRN como nas MBRN, mesmo com um SC negativo e com tendência positiva da variação do SC negativo.

Neste ponto é importante destacar que a evolução positiva do ICII para os diferentes agregados e, em especial, para os manufaturados diz respeito ao processo de homogeneização das estruturas produtivas de ambos os países, ainda que incipiente. Isso coincide com o que dissemos no capítulo anterior sobre as melhoras na estrutura comercial da Argentina com o MERCOSUL, como resultado dos esforços de criação e fortalecimento do bloco regional desde a década de 90, na qual o Complexo Automotivo mostra a expansão do comércio entre países, apesar de que a Argentina não tenha podido saldar seu déficit comercial. Os resultados da MC destino MERCOSUL também expressam essas ambivalências, já que as exportações oscilam entre Situação Ótima e Oportunidades Perdidas. Poderíamos afirmar, também, que o comércio com Brasil é intra-indústria, já que o ICII é mais alto e próximo a 0,400 e se especializa nas exportações de Agricultura e Energia, enquanto recebe do Brasil manufaturados e FTMM. Por ser comércio intra-indústria é possível que ambos os países obtenham benefícios extras derivados das economias de escala ou da diferenciação de produtos para alguns grupos em particular.

Os resultados para com os EUA mostram que não houve grandes variações do ICII. Podemos dizer que a Argentina mantém um comércio inter-indústria com Estados Unidos, já que o ICII é baixo e próximo a 0,200. Este comércio se especializa nas exportações de Agricultura, Energia e MBRN, enquanto recebe dos EUA manufaturados mais sofisticados e FTMM. As variações positivas do ICII entre 1992 e 2010 se deram com as agregações Outros e MnoBRN, embora neste último caso o crescimento tenha sido muito menor que o visualizado com os demais sócios comerciais.

De fato, os dados revelam a baixa integração comercial da Argentina com os Estados Unidos durante as últimas décadas. Os dados do padrão de exportações da Argentina para a OCDE e

de sua MC corrobora essa afirmação. A tênue evolução da participação das MnoBRN na estrutura de exportações Argentinas e a MC com forte componente de grupos Vulneráveis até 2007 e de Oportunidades Perdidas em 2010 reforçam a leitura apresentada dos dados da ICII com os EUA.

TABELA 26- ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM MUNDO

Participação setorial	1992-2000					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 00	var SC 00-92	ICII 92	ICII 00	var ICII 00-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>6.429.666.308,00</b>	\$ <b>10.353.183.390,00</b>	<b>61%</b>	<b>0,249</b>	<b>0,307</b>	<b>23%</b>
Agricultura	\$ 6.492.174.404,00	\$ 10.162.653.345,00	57%	0,305	0,348	14%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -62.508.096,00	\$ 190.530.045,00	-405%	0,194	0,265	37%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>657.819.977,00</b>	\$ <b>3.714.745.396,00</b>	<b>465%</b>	<b>0,355</b>	<b>0,245</b>	<b>-31%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-9.716.214.928,00</b>	\$ <b>-13.192.222.984,00</b>	<b>36%</b>	<b>0,335</b>	<b>0,379</b>	<b>13%</b>
Manufaturas RRNN	\$ -413.926.503,00	\$ 860.765.819,00	-308%	0,338	0,356	5%
Manufaturas Não RRNN	\$ -9.302.288.425,00	\$ -14.052.988.803,00	51%	0,332	0,402	21%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-220,00</b>	\$ <b>184.859.900,00</b>	<b>-84027327%</b>	<b>0,067</b>	<b>0,527</b>	<b>691%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-2.628.728.863,00</b>	\$ <b>1.060.565.702,00</b>	<b>-140%</b>	<b>0,314</b>	<b>0,371</b>	<b>18%</b>
Participação setorial	2000-2007					
	Saldo Comercial 00	Saldo Comercial 07	var SC 07-00	ICII 00	ICII 07	var ICII 07-00
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>10.353.183.390,00</b>	\$ <b>27.230.765.879,00</b>	<b>163%</b>	<b>0,307</b>	<b>0,224</b>	<b>-27%</b>
Agricultura	\$ 10.162.653.345,00	\$ 26.460.020.012,00	160%	0,348	0,239	-31%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ 190.530.045,00	\$ 770.745.867,00	305%	0,265	0,209	-21%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>3.714.745.396,00</b>	\$ <b>3.403.161.990,00</b>	<b>-8%</b>	<b>0,245</b>	<b>0,261</b>	<b>7%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-13.192.222.984,00</b>	\$ <b>-20.215.117.171,00</b>	<b>53%</b>	<b>0,379</b>	<b>0,374</b>	<b>-1%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 860.765.819,00	\$ 1.440.531.642,00	67%	0,356	0,305	-14%
Manufaturas Não RRNN	\$ -14.052.988.803,00	\$ -21.655.648.813,00	54%	0,402	0,442	10%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>184.859.900,00</b>	\$ <b>653.727.330,00</b>	<b>254%</b>	<b>0,527</b>	<b>0,449</b>	<b>-15%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>1.060.565.702,00</b>	\$ <b>11.072.538.028,00</b>	<b>944%</b>	<b>0,371</b>	<b>0,360</b>	<b>-3%</b>
Participação setorial	2007-2010					
	Saldo Comercial 07	Saldo Comercial 10	var SC 10-07	ICII 07	ICII 10	var ICII 10-07
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>27.230.765.879,00</b>	\$ <b>33.133.830.622,00</b>	<b>22%</b>	<b>0,224</b>	<b>0,224</b>	<b>0%</b>
Agricultura	\$ 26.460.020.012,00	\$ 32.304.905.509,00	22%	0,239	0,235	-2%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ 770.745.867,00	\$ 828.925.113,00	8%	0,209	0,213	2%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>3.403.161.990,00</b>	\$ <b>908.758.033,00</b>	<b>-73%</b>	<b>0,261</b>	<b>0,328</b>	<b>26%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-20.215.117.171,00</b>	\$ <b>-23.481.840.624,00</b>	<b>16%</b>	<b>0,374</b>	<b>0,356</b>	<b>-5%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 1.440.531.642,00	\$ 3.230.850.048,00	124%	0,305	0,299	-2%
Manufaturas Não RRNN	\$ -21.655.648.813,00	\$ -26.712.690.672,00	23%	0,442	0,413	-7%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>653.727.330,00</b>	\$ <b>834.120.046,00</b>	<b>28%</b>	<b>0,449</b>	<b>0,241</b>	<b>-46%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>11.072.538.028,00</b>	\$ <b>11.394.868.077,00</b>	<b>3%</b>	<b>0,360</b>	<b>0,343</b>	<b>-5%</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 27 -SÍNTESE DESTINO MUNDO (FTMM, Outros: ++)

ICII médio 2010: 0,343 (Maior ICII: MnoBRN)

Agregações	Var ICII 92-2010	Var SC 92-2010	SC 92.00.07.10
FTMM	+	+	+(1992-)
Outros	+	+	+(1992-)
MnoBRN	+	+ (-)	-
Energia	-	+	+
MBRN	-	+	+(1992-)
Agricultura	-	+	+

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 28 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Participação setorial	1992-2000					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 00	var SC 00-92	ICII 92	ICII 00	var ICII 00-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>354.365.366,00</b>	\$ <b>489.831.100,00</b>	<b>38%</b>	<b>0,128</b>	<b>0,164</b>	<b>29%</b>
Agricultura	\$ 369.176.418,00	\$ 502.889.287,00	36%	0,193	0,200	4%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -14.811.052,00	\$ -13.058.187,00	-12%	0,062	0,128	106%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>282.838.853,00</b>	\$ <b>965.173.429,00</b>	<b>241%</b>	<b>0,303</b>	<b>0,086</b>	<b>-72%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-2.512.281.090,00</b>	\$ <b>-3.091.134.526,00</b>	<b>23%</b>	<b>0,193</b>	<b>0,247</b>	<b>28%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 125.377.395,00	\$ 444.934.151,00	255%	0,195	0,235	21%
Manufaturas Não RRNN	\$ -2.637.658.485,00	\$ -3.536.068.677,00	34%	0,190	0,259	36%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-1.658.692,00</b>	\$ <b>-25.092,00</b>	<b>-98%</b>	<b>0,142</b>	<b>0,000</b>	<b>-100%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-1.876.735.563,00</b>	\$ <b>-1.636.155.089,00</b>	<b>-13%</b>	<b>0,185</b>	<b>0,229</b>	<b>24%</b>
Participação setorial	2000-2007					
	Saldo Comercial 00	Saldo Comercial 07	var SC 07-00	ICII 00	ICII 07	var ICII 07-00
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>489.831.100,00</b>	\$ <b>861.201.306,00</b>	<b>76%</b>	<b>0,164</b>	<b>0,122</b>	<b>-26%</b>
Agricultura	\$ 502.889.287,00	\$ 879.000.508,00	75%	0,200	0,168	-16%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -13.058.187,00	\$ -17.799.202,00	36%	0,128	0,075	-41%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>965.173.429,00</b>	\$ <b>1.401.855.084,00</b>	<b>45%</b>	<b>0,086</b>	<b>0,105</b>	<b>22%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-3.091.134.526,00</b>	\$ <b>-3.260.952.547,00</b>	<b>5%</b>	<b>0,247</b>	<b>0,175</b>	<b>-29%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 444.934.151,00	\$ 422.300.052,00	-5%	0,235	0,088	-63%
Manufaturas Não RRNN	\$ -3.536.068.677,00	\$ -3.683.252.599,00	4%	0,259	0,262	1%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-25.092,00</b>	\$ <b>-</b>	<b>-100%</b>	<b>0,000</b>	<b>0,000</b>	<b>0%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-1.636.155.089,00</b>	\$ <b>-997.896.157,00</b>	<b>-39%</b>	<b>0,228</b>	<b>0,210</b>	<b>-8%</b>
Participação setorial	2007-2010					
	Saldo Comercial 07	Saldo Comercial 10	var SC 10-07	ICII 07	ICII 10	var ICII 10-07
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>861.201.306,00</b>	\$ <b>875.166.099,00</b>	<b>2%</b>	<b>0,122</b>	<b>0,105</b>	<b>-14%</b>
Agricultura	\$ 879.000.508,00	\$ 896.828.651,00	2%	0,168	0,157	-7%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -17.799.202,00	\$ -21.662.552,00	22%	0,075	0,052	-31%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>1.401.855.084,00</b>	\$ <b>561.251.117,00</b>	<b>-60%</b>	<b>0,105</b>	<b>0,086</b>	<b>-18%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-3.260.952.547,00</b>	\$ <b>-3.893.610.604,00</b>	<b>19%</b>	<b>0,175</b>	<b>0,178</b>	<b>1%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 422.300.052,00	\$ 447.600.059,00	6%	0,088	0,133	51%
Manufaturas Não RRNN	\$ -3.683.252.599,00	\$ -4.341.210.663,00	18%	0,262	0,222	-15%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-</b>	\$ <b>401.075,00</b>			<b>0,366</b>	
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-997.896.157,00</b>	\$ <b>-2.456.792.313,00</b>	<b>146%</b>	<b>0,210</b>	<b>0,186</b>	<b>-11%</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 29 -SÍNTESE DESTINO ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (Outros: ++)

4º DESTINO DE ARGENTINA

ICII médio 2010: 0,186 (Maior ICII: MnoBRN)

Agregações	Var ICII 92-2010	Var SC 92-2010	SC 92.00.07.10
Outros	+	+	+(1992-)
MnoBRN	+	+ (-)	-
Agricultura	-	+	+
MBRN	-	+	+
Energia	-	+	+
FTMM	-	+ (-)	-

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 30 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM BRASIL

Participação setorial	1992-2000					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 00	var SC 00-92	ICII 92	ICII 00	var ICII 00-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>394.394.027,00</b>	\$ <b>1.385.776.805,00</b>	<b>251%</b>	<b>0,166</b>	<b>0,187</b>	<b>12%</b>
Agricultura	\$ 544.566.379,00	\$ 1.559.786.523,00	186%	0,222	0,216	-3%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -150.172.352,00	\$ -174.009.718,00	16%	0,110	0,157	43%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>96.081.185,00</b>	\$ <b>1.227.233.709,00</b>	<b>1177%</b>	<b>0,214</b>	<b>0,153</b>	<b>-28%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-2.156.644.442,00</b>	\$ <b>-2.073.655.247,00</b>	<b>-4%</b>	<b>0,223</b>	<b>0,459</b>	<b>106%</b>
Manufaturas RRNN	\$ 3.335.332,00	\$ -158.211.971,00	-4844%	0,156	0,477	206%
Manufaturas Não RRNN	\$ -2.159.979.774,00	\$ -1.915.443.276,00	-11%	0,290	0,440	52%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-1.282.675,00</b>	\$ <b>-4.897.174,00</b>	<b>282%</b>	<b>0,074</b>	<b>0,106</b>	<b>44%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-1.667.451.905,00</b>	\$ <b>534.458.093,00</b>	<b>-132%</b>	<b>0,249</b>	<b>0,364</b>	<b>46%</b>

Participação setorial	2000-2007					
	Saldo Comercial 00	Saldo Comercial 07	var SC 07-00	ICII 00	ICII 07	var ICII 07-00
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>1.385.776.805,00</b>	\$ <b>1.481.278.401,00</b>	<b>7%</b>	<b>0,187</b>	<b>0,179</b>	<b>-4%</b>
Agricultura	\$ 1.559.786.523,00	\$ 2.110.117.411,00	35%	0,216	0,292	35%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -174.009.718,00	\$ -628.839.010,00	261%	0,157	0,066	-58%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>1.227.233.709,00</b>	\$ <b>1.284.469.045,00</b>	<b>5%</b>	<b>0,153</b>	<b>0,179</b>	<b>17%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-2.073.655.247,00</b>	\$ <b>-6.939.957.039,00</b>	<b>235%</b>	<b>0,459</b>	<b>0,376</b>	<b>-18%</b>
Manufaturas RRNN	\$ -158.211.971,00	\$ -201.199.600,00	27%	0,477	0,309	-35%
Manufaturas Não RRNN	\$ -1.915.443.276,00	\$ -6.738.757.439,00	252%	0,440	0,443	1%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>-4.897.174,00</b>	\$ <b>-100%</b>	<b>-100%</b>	<b>0,106</b>	<b>0,000</b>	<b>-100%</b>
<b>TOTAL</b>	\$ <b>534.458.093,00</b>	\$ <b>-4.174.209.593,00</b>	<b>-881%</b>	<b>0,364</b>	<b>0,361</b>	<b>-1%</b>

Participação setorial	2007-2010					
	Saldo Comercial 07	Saldo Comercial 10	var SC 10-07	ICII 07	ICII 10	var ICII 10-07
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ <b>1.481.278.401,00</b>	\$ <b>1.478.099.911,00</b>	<b>0%</b>	<b>0,179</b>	<b>0,187</b>	<b>5%</b>
Agricultura	\$ 2.110.117.411,00	\$ 2.406.253.197,00	14%	0,292	0,243	-17%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ -628.839.010,00	\$ -928.153.286,00	48%	0,066	0,131	99%
<b>ENERGIA</b>	\$ <b>1.284.469.045,00</b>	\$ <b>906.148.388,00</b>	<b>-29%</b>	<b>0,179</b>	<b>0,119</b>	<b>-34%</b>
<b>MANUFATURAS</b>	\$ <b>-6.939.957.039,00</b>	\$ <b>-5.909.114.845,00</b>	<b>-15%</b>	<b>0,376</b>	<b>0,417</b>	<b>11%</b>
Manufaturas RRNN	\$ -201.199.600,00	\$ -124.967.478,00	-38%	0,309	0,351	14%
Manufaturas Não RRNN	\$ -6.738.757.439,00	\$ -5.784.147.367,00	-14%	0,443	0,483	9%
<b>OUTROS</b>	\$ <b>689.517,00</b>	\$ <b>sd</b>		<b>sd</b>	<b>0,208</b>	
<b>TOTAL</b>	\$ <b>-4.174.209.593,00</b>	\$ <b>-3.524.177.029,00</b>	<b>-16%</b>	<b>0,361</b>	<b>0,382</b>	<b>6%</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 31 -SÍNTESE DESTINO BRASIL (Agricultura e Outros: ++)

1º DESTINO DE ARGENTINA

ICII médio 2010: 0,382 (Maior ICII: MnoBRN)

Agregações	Var ICII 92-2010	Var SC 92-2010	SC 92.00.07.10
Agricultura	+	+	+
Outros	+	+	+(1992-)
MnoBRN	+	+(-)	-
MBRN	+	+(-)	-(1992+)
FTMM	+	+(-)	-
Energia	-	+	+

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 32 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA DE ARGENTINA COM CHINA

Participação setorial	1992-2000					
	Saldo Comercial 92	Saldo Comercial 00	var SC 00-92	ICII 92	ICII 00	var ICII 00-92
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ 50.666.712,00	\$ 653.561.282,00	1190%	0,000	0,064	14122%
Agricultura	\$ 41.045.027,00	\$ 625.041.420,00	1423%	0,001	0,072	7900%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ 9.621.685,00	\$ 28.519.862,00	196%	0,000	0,056	
<b>ENERGIA</b>	\$ 467.027,00	\$ -5.368.079,00	-1249%	0,000	0,000	
<b>MANUFATURAS</b>	\$ -93.240.172,00	\$ -337.821.493,00	262%	0,037	0,097	166%
Manufaturas RRNN	\$ 6.279.697,00	\$ 62.965.929,00	903%	0,005	0,089	1680%
Manufaturas Não RRNN	\$ -99.519.869,00	\$ -400.787.422,00	303%	0,068	0,105	54%
<b>OUTROS</b>	\$ 629,00	\$ -	-100%	0,000		
<b>TOTAL</b>	\$ -42.105.804,00	\$ 310.371.710,00	-837%	0,050	0,093	86%

Participação setorial	2000-2007					
	Saldo Comercial 00	Saldo Comercial 07	var SC 07-00	ICII 00	ICII 07	var ICII 07-00
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ 653.561.282,00	\$ 4.430.111.506,00	578%	0,064	0,093	45%
Agricultura	\$ 625.041.420,00	\$ 4.347.141.946,00	595%	0,072	0,153	113%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ 28.519.862,00	\$ 82.969.560,00	191%	0,056	0,032	-43%
<b>ENERGIA</b>	\$ -5.368.079,00	\$ 409.789.532,00	-7734%	0,000	0,015	
<b>MANUFATURAS</b>	\$ -337.821.493,00	\$ -2.231.979.088,00	561%	0,097	0,064	-35%
Manufaturas RRNN	\$ 62.965.929,00	\$ 88.314.149,00	40%	0,089	0,021	-76%
Manufaturas Não RRNN	\$ -400.787.422,00	\$ -2.320.293.237,00	479%	0,105	0,106	1%
<b>OUTROS</b>	\$ -	\$ -				
<b>TOTAL</b>	\$ 310.371.710,00	\$ 2.607.921.950,00	740%	0,093	0,103	11%

Participação setorial	2007-2010					
	Saldo Comercial 07	Saldo Comercial 10	var SC 10-07	ICII 07	ICII 10	var ICII 10-07
<b>RECURSOS NATURAIS</b>	\$ 4.430.111.506,00	\$ 4.794.391.518,00	8%	0,093	0,134	44%
Agricultura	\$ 4.347.141.946,00	\$ 4.736.069.204,00	9%	0,153	0,126	-18%
Fibras Têxtil, Minerais e Metais	\$ 82.969.560,00	\$ 58.322.314,00	-30%	0,032	0,141	341%
<b>ENERGIA</b>	\$ 409.789.532,00	\$ 664.061.163,00	62%	0,015	0,051	240%
<b>MANUFATURAS</b>	\$ -2.231.979.088,00	\$ -3.223.978.807,00	44%	0,064	0,053	-17%
Manufaturas RRNN	\$ 88.314.149,00	\$ 53.810.547,00	-39%	0,021	0,010	-52%
Manufaturas Não RRNN	\$ -2.320.293.237,00	\$ -3.277.789.354,00	41%	0,106	0,096	-9%
<b>OUTROS</b>	\$ -	\$ -				
<b>TOTAL</b>	\$ 2.607.921.950,00	\$ 2.234.473.874,00	-14%	0,103	0,097	-6%

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 33 -SÍNTESE DESTINO CHINA (FTMM, Agricultura, Energia, MBRN: ++)

2º DESTINO DE ARGENTINA

ICII médio 2010: 0,097 (Maior ICII: FTMM)

Agregações	Var ICII 92-2010	Var SC 92-2010	SC 92.00.07.10
FTMM	+	+	+
Agricultura	+	+	+
MnoBRN	+	+ (-)	-
Energia	+	+	+(2000-)
MBRN	+	+	+
Outros	0	-	+ em 1992

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

## 6. REFLEXÕES FINAIS

Iniciamos esta pesquisa interessados na relação entre a matriz produtiva argentina e o padrão de exportações do país. Foi a partir da leitura da obra de Fajnzylber que decidimos analisar a inserção externa da Argentina, fazendo foco na competitividade de seus produtos exportados. Entendemos que a análise da competitividade não é um fim em si mesmo, mas um instrumento para verificar as relações entre a evolução da demanda de certo mercado e o padrão de exportações de um país, com o objetivo de orientar suas políticas econômicas e possibilitar, assim, o desenvolvimento social e econômico.

O pano de fundo de nossa pesquisa foi a condição histórica da Argentina de exportadora de recursos naturais ou manufaturas com baixo valor agregado. De fato, o recente *boom* das *commodities*, em especial a demanda asiática por soja e seus derivados, vem colocando a política econômica argentina em xeque, trazendo ao centro do debate questões como política industrial, tipo de câmbio e impostos à exportação. Por outro lado, a crescente interação produtiva e comercial, entre Brasil e Argentina, do Complexo Automotivo e de Autopeças teve o condão de dinamizar o parque industrial de ambos os países, trazendo, além de dilemas à condução da política comercial, uma oportunidade de diversificar e sofisticar a matriz produtiva argentina. Foi, portanto, tendo em conta esse debate e as questões e dilemas a ele concernentes, que a atual pesquisa se desenvolveu.

Pois bem. Os resultados obtidos com o desenvolvimento das Matrizes de Competitividade (MC) e com os Índices de Comércio Intra-Indústria (ICII) confirmaram nossa hipótese: o padrão de exportações para os países desenvolvidos (OCDE) não se modificou nas últimas três décadas. Em contrapartida, as exportações para os países asiáticos em desenvolvimento (AD) e para o MERCOSUL foram totalmente reconfiguradas, imprimindo força sobre a estrutura produtiva argentina. Ademais, verificou-se que o padrão de exportação para AD evoluiu no sentido de conceder mais participação aos Recursos Naturais (RN). Por outro lado, o MERCOSUL foi o único mercado que abriu espaço para os produtos argentinos de maior valor agregado, Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais (MnoBRN).

O mercado dos países industrializados não apresentou nenhuma grande modificação ao longo do período analisado. De fato, a OCDE continua importando principalmente produtos de alto valor agregado: desde 1990, cerca de dois terços de suas importações são de MnoBRN. Por

outro lado, houve decréscimo da participação dos setores de RN e Energia, absorvidos pelo crescimento exponencial da rubrica Outros.

Em contrapartida, desde o começo da década de 90, cerca de dois terços das exportações argentinas à OCDE são de RN e apenas 17% são de MnoBRN. Em outras palavras, o Complexo Oleaginoso e o de Carnes dominam, desde 1990, a pauta de exportações a esse mercado. É importante notar que entre 1985 e 1990, antes, portanto, da implementação do Consenso de Washington e do Plano de Conversibilidade, houve melhora no padrão das exportações à OCDE. Esta melhora foi abruptamente interrompida e, desde então, não se vislumbraram alterações estruturais.

A MC dos produtos exportados a esse mercado nos mostrou que, entre 1990 e 2007, a Argentina concentrava sua exportação em grupos cuja demanda estava diminuindo. Desde 2007, essa situação se reverte, concentrando-se as exportações principalmente em setores dinâmicos, cuja demanda vem aumentando.

Quanto às interações entre os setores produtivos, tendo em vista a preponderância dos RN nas exportações à OCDE, seria inevitável que o ICII geral expressasse uma baixa integração produtiva entre a Argentina e os EUA (tomado como caso paradigma da OCDE). Os termos de troca entre a Argentina e a OCDE são tal qual sempre foram: exportar RN, importar MnoBRN, inexistindo interação produtiva que mereça ser tratada como tal.

Por sua vez, nossas reflexões sobre a AD merecem mais detalhamento, haja vista a crescente importância desse mercado para as exportações argentinas, sobretudo a partir do começo do século, quando, inclusive, se verifica uma radical transformação no padrão de exportação da Argentina.

Com efeito, tal como a OCDE, a principal demanda desse mercado é por MnoBRN: ao longo da série, a participação dos produtos com alto valor agregado gira em torno de dois terços. A demanda por RN nunca foi muito expressiva, chegando a 12% das exportações no final da série.

Entretanto, a estrutura comercial da Argentina para esse mercado apresenta uma evolução singular. Em 1990 há um equilíbrio entre a participação dos RN (49,10%) e das Manufaturas (46,56%), alcançado pela melhora ocorrida no primeiro subperíodo de nossa análise (1985-1990). Entretanto, a partir daí, vê-se uma deterioração da pauta exportadora, na qual os RN

assumem inequívoco protagonismo, chegando em 2010 a representar 85,94% das exportações a esse destino.

A trajetória dos complexos produtivos na evolução dos dez primeiros grupos exportados é exemplar para compreender o que ocorreu com esse mercado. Até 1990 havia três complexos produtivos que se destacavam, Siderúrgico (MnoBRN), Oleaginoso (Agricultura) e Carne e Couro (Agricultura e MBRN), demonstrando certa diversidade.

Entretanto, entre 1990 e 2000, o Complexo Oleaginoso ganha relevância, deixando pouca margem para outros grupos. De fato, esse complexo absorve 63% das exportações em 2000 e 70% em 2010, sem indícios de reversão. Por outro lado, a exportação de tubos de ferro e aço representava quase 13% das exportações em 1990. No final da série, essa MnoBRN sequer figura entre as dez primeiras rubricas exportadas. É dizer, o movimento foi de decréscimo singular na participação das manufaturas de alto valor agregado e de aumento radical dos recursos naturais, nas exportações. Isto, num mercado em que a composição da demanda não se alterou muito.

O que vemos, portanto, nesta relação comercial, é que, mesmo sendo um demandante histórico de MnoBRN, a AD importa cada vez mais RN da Argentina. É singular, ainda, que a MC revele que as exportações argentinas a esse mercado se concentram, ao longo da série, em grupos competitivos e, no último subperíodo, em grupos dinâmicos. De fato, a MC revela que embora o Complexo Oleaginoso seja determinante do padrão de exportações argentinas a AD, a demanda por produtos desse complexo no último subperíodo aumentou acima das possibilidades de produção ou exportação da Argentina, já que se classificam como de Oportunidades Perdidas. É dizer, a evolução das exportações não acompanhou o ritmo da demanda.

Em razão dessa radical alteração no padrão comercial, a preponderância dos RN fez com que o ICII com a China (tomada como caso paradigma da AD) fosse ainda mais baixo que o ICII com os EUA, tão baixo que revela que a relação comercial intra-indústria é inexistente: 0,097, em 2010.

Com efeito, o que faz a AD é importar recursos naturais da Argentina para agregar-lhes valor mediante processos industriais internos. Desta sorte, os ganhos decorrentes do uso de tecnologia e conhecimento aplicados ao Complexo Oleaginoso, especificamente, são apropriados apenas



pelos países importadores.

Passemos às considerações sobre o MERCOSUL.

A estrutura da demanda desse mercado se alterou radicalmente nas últimas três décadas. No começo da série, RN e Energia representavam juntos 51% das importações. Em 2010, alcançam apenas 15% das importações do bloco. Por outro lado, a demanda por MnoBRN aumentou, passando de 45,93% para 75,04%. De fato, a demanda do MERCOSUL passou a assemelhar-se mais à do MUNDO, como consequência, inclusive, da abertura econômica na década de 90.

A composição das exportações argentinas para o MERCOSUL também demonstra uma mudança estrutural radical, que evolui ao passo das mudanças na estrutura da demanda. No começo da série, 54,40% das exportações eram de RN e 22,20% de MnoBRN. Em 2010 o quadro é o inverso: 25,34% de RN e 68,55% de MnoBRN. Energia também apresenta uma trajetória decrescente, entre pontas. Desses dados, é notável o expressivo aumento da participação das MnoBRN, que triplicam ao longo do período.

Além disto, detendo-se na estrutura de exportações por subperíodos, evidencia-se que as exportações de manufaturas para o MERCOSUL, no período 1990-2000, evoluíram de forma mais tênue que nos outros períodos. Neste sentido, pode-se apontar uma relação comercial regional mais robusta, e baseada na indústria, tanto no governo de Alfonsín (1983-1989), como nos governos pós-crise de 2001, Duhalde (2001-2003), Néstor Kirchner (2003-2007) e Cristina Fernández de Kirchner (2007-2010). Em sentido oposto, os dois governos de Carlos Menem (1989-1999), baseados na liberalização comercial e no câmbio valorizado dificultaram a produção industrial e, por consequência, a exportação de bens com maior valor agregado.

Ao se comparar a evolução das exportações para o MERCOSUL com a dinâmica dos outros mercados, conclui-se, de forma inequívoca, que o MERCOSUL foi o mais receptivo aos produtos industrializados. Destarte, concluímos que este mercado vem dinamizando a indústria nacional argentina, importando-lhe produtos de médio e alto valor agregado. Este é um ponto muito importante porque nos permite valorizar os resultados positivos da formação desse bloco comercial.

Da MC destino MERCOSUL, importa ressaltar os resultados relativos ao período 2000-2007, que nos permitem sugerir que o aumento progressivo da demanda por MnoBRN ao longo da

série não foi inteiramente acompanhado pela oferta da Argentina. Com efeito, 29% dos grupos concentrados em Oportunidades Perdidas revelam que essas exportações não cresceram ao ritmo do mercado. Isso dá indícios de que outros países competidores tenham ganhado espaço no MERCOSUL.

Por fim, o ICII geral com o Brasil (tomado como caso paradigma do MERCOSUL), embora inferior àquilo que se julgaria bom para um comércio intra-industrial, é o mais alto dentre os sócios comerciais analisados: 0,382, em 2010. De fato, é com esse país que a Argentina possui mais semelhanças na sua estrutura produtiva e na relação de utilização de seus fatores produtivos (capital e trabalho), que com os outros sócios comerciais.

Analisando o ICII das MnoBRN, vê-se que com o Brasil o índice é relativamente alto, 0,483. Aliás, é o mais alto ICII encontrado, que, inclusive, apresenta uma tendência crescente ao longo da série. Por isto, poderíamos dizer que houve uma tendência da estrutura produtiva argentina a reduzir suas diferenças com a estrutura produtiva do Brasil. Esta constatação condiz com a melhora do padrão de exportações da Argentina, em especial, com o destino MERCOSUL. De fato, como visto, ocorreu um aumento da participação das MnoBRN nas exportações para este destino.

Neste ponto é importante destacar que a evolução positiva do ICII para os diferentes agregados e em especial para os manufaturados diz respeito a um processo de homogeneização das estruturas produtivas de ambos os países, ainda que incipiente. Isso coincide com o que dissemos sobre as melhoras na estrutura comercial da Argentina com o MERCOSUL, como resultado dos esforços de criação e fortalecimento do bloco regional desde a década de 90, na qual o Complexo Automotivo e de Autopeças assume protagonismo na relação comercial e integração produtiva dos países.

Ante o exposto, entendemos que as hipóteses levantadas foram demonstradas ao longo deste trabalho e corroboradas pelos dados produzidos e analisados.

Com efeito, pudemos verificar que nas últimas décadas são os países em desenvolvimento, em especial AD e MERCOSUL que vem dinamizando a demanda mundial e produzindo alterações no padrão de exportação da Argentina. Demonstrou-se, também, que a aplicação dos preceitos do Consenso de Washington e a implantação do Plano de Conversibilidade, interromperam, de forma abrupta, uma trajetória positiva para o desenvolvimento da Argentina. Visualizamos,

também, que AD e MERCOSUL desempenham papéis opostos na composição do padrão de exportações, este demandando principalmente MnoBRN, aquele importando cada vez mais RN.

Posto isto, consideramos relevante que as estratégias de inserção externa da Argentina visem fortalecer ainda mais – e com mais qualidade – as interações e complementariedades produtivas com o MERCOSUL e, em especial, com o Brasil. Isto implica pensar em cadeias produtivas completas e integradas, que possam ser feitas dentro da região. A integração das cadeias produtivas poderá levar o bloco a uma ampliação da escala de produção, do mercado consumidor e a um favorecimento do avanço tecnológico e incremento da produtividade. Esses elementos permitiriam, em tese, que a região fizesse frente à alta competitividade dos países asiáticos, em especial à China, cuja competitividade mostra-se eivada de elementos espúrios.

Neste sentido, consideramos importante que, no âmbito regional, definam-se estrategicamente as cadeias de valor ou complexos produtivos prioritários, a serem constituídos no interior do bloco desde a obtenção de matéria prima até a elaboração do produto (ou serviço) final, com o que haverá escala para concorrer a nível mundial, com atividades geradoras de emprego mais qualificado, e nas quais seja mais permeável a difusão da tecnologia.

Como resultado, o comércio regional poderia potencializar diversos setores das economias latino-americanas. Conduziria, também, a sair da especialização nacional para passar a uma diversificação regional (sul-sul), em que possa se criar e institucionalizar um mercado de bens e serviços comercializáveis, que agregue mais valor que as *commodities* e garanta a comercialização, mesmo em períodos de crise. Ademais, poderia potencializar círculos virtuosos, com crescimento econômico, diversificação da estrutura produtiva e aplicação da mão-de-obra em setores mais sofisticados. Potencialmente, também seria possível a obtenção de rendimentos crescentes de escala, com a redução da dependência dos países centrais.

Além disso, seria necessário estabelecer normas mais rígidas e acordos especiais com os países da Ásia em Desenvolvimento e até com os da OCDE – através do condicionamento aos investimentos estrangeiros ou pela via de barreiras tarifárias e não tarifárias, por exemplo – para garantir a integração produtiva em algumas etapas dos complexos produtivos nacionais e estrangeiros. Isso, porém, se não viesse acompanhado do prévio fortalecimento da integração produtiva do MERCOSUL e da região, não garantiria resultados positivos ao desenvolvimento econômico e social da Argentina, que é o que buscamos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTY, R. "Industrial policy reform in six large newly industrializing countries: The resource curse thesis, World Development, vol.22, Nº 1, Oxford, Pergamon Press. janeiro, 1994.

BALASSA, B. "Trade liberalization and "revealed" comparative advantage". The Manchester School, v. XXXIII, n. º 2, p. 99-123, 1965.

BASUALDO, E. M. "Estudios de historia económica argentina: desde mediados del siglo XX a la actualidad". 2ª ed. Siglo XXI Editores, Buenos Aires, 2013.

BEKERMAN, M.; DALMASSO, G. "Políticas productivas y competitividad industrial. El caso de Argentina y Brasil". Revista de Economía Política, vol. 34, nro. 1 (134), pp. 158-180, janeiro-março 2014.

BERRETTONI, D. "América Latina en las exportaciones argentinas: la importancia del mercado regional en la calidad de la inserción internacional". Revista Argentina de Economía Internacional. Nro 2 pp. 17-40. Centro Economía Internacional, Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto de la República Argentina, diciembre 2013.

BIELSCHOWSKY, R. "Cincuenta años de la CEPAL: una reseña". Fondo de Cultura Económica, 1998.

BIELSCHOWSKY, R. (compl.) "Sesenta años de la CEPAL: textos seleccionados del decenio 1998-2008". Siglo XXI Editores, Buenos Aires, 2010.

BOLOGNA, A. B. (director) "La política exterior de Cristina Fernández: apreciaciones promediando su mandato". Tomo V. 1ª ed. UNR Editora, Rosario 2010.

BRESSER-PEREIRA, L.C. & GALA P. "O novo desenvolvimentismo e apontamentos para uma macroeconomia estruturalista". In: Oreiro, J. L., De Paula, L. F. & Basílio, F. – Macroeconomia do Desenvolvimento. Editora da UFPE, Recife 2012. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/view.asp?cod=5367>

BRESSER-PEREIRA, L.C. "Maldição dos recursos naturais". Folha de S. Paulo, 6/06, 2005.

BRESSER PEREIRA, L.C. "Globalization and Competition: Why some Emergent Countries succeed while others fall behind". Cambridge University Press, 2010.

BRESSER-PEREIRA, L.C. & GALA P. "O novo desenvolvimentismo e apontamentos para uma macroeconomia estruturalista". In: Oreiro, J. L., De Paula, L. F. & Basílio, F. – Macroeconomia do Desenvolvimento. Editora da UFPE, Recife 2012. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/view.asp?cod=5367>

CARDOSO, F.H & FALETTO, E. "Dependência e Desenvolvimento da América Latina". Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

CARDOSO DE MELLO, J.M. "O capitalismo tardio". São Paulo, Brasiliense, 1982.

CARVALHO, V. R.; LIMA, G.T. “Crescimento econômico sob restrição externa: a experiência brasileira no período 1930-2004”. In: Encontro Nacional de Economia Política (SEP), 11, 2006, Vitória. Anais. Vitória, 2006.

CASTRO, C. “De la industrialización tardía europea a la sustitución de importaciones latinoamericana: Agostino Rocca y los primeros años de la Organización Techint, 1946-1954”. In: Ciclos en la Historia, la Economía y la Sociedad, Nro 25/26, Año XIII, Vol XIII, 2003.

CASTRO, C. “Una multinacional dirigida desde Buenos Aires. La internacionalización temprana de Techint, 1946-1976”; en Guillermo Guajardo Soto (Coordinador), Innovación y empresa. Estudios Históricos de México, España y América Latina, UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO-FUNDACIÓN GAS NATURAL, MÉXICO DF 2008.

CASTRO, C. “Cooperación, internacionalización temprana y organización empresaria en América Latina: el caso de la Organización Techint”. Revista Investigaciones en Historia Económica, Nro 20, Facultad de Economía y Empresa de la Universidad de Salamanca, España 2011.

CATELA, E. Y. S. Ensaio sobre Comércio Internacional, tecnologia e crescimento. Tese de doutoramento. PPGDE- Universidade Federal do Paraná, 2009.

CATELA, E. Y; PORCILE, G. Estrutura das exportações e crescimento econômico: uma análise empírica, 1985-2003. Economia e Sociedade, Campinas, v. 19, n. 2, (39), p. 291-313, ago. 2010.

CEPAL. “El Mercado Común Latinoamericano” (E/CN. 12/ 531), Publicación de las Naciones Unidas, N° de venta: S.59.11.G.4. Naciones Unidas, Santiago de Chile, 1959.

CEPAL. “Transformación productiva con equidad” (LC/G.1601-P), Naciones Unidas, Santiago de Chile, marzo 1990.

CEPAL. “Desarrollo productivo y cambio estructural en América Latina”, 2007a.

CEPAL. “Progreso técnico y cambio estructural en América Latina”, documento de proyecto, CEPAL e IDRC (LC/W.136), octubre 2007b.

CEPAL. “La transformación productiva 20 años después: Viejos problemas, nuevas oportunidades” (LC/G.2367 (SES.32/3)), Naciones Unidas, Santiago de Chile, mayo 2008.

CEPAL, “La hora de la igualdad: brechas por cerrar, caminos por abrir”. Trigésimo tercer período de sesiones de la CEPAL, Naciones Unidas, Santiago de Chile, mayo 2010.

CEPAL, “Cambio estructural para la igualdad: una visión integrada del desarrollo”. Trigésimo cuarto período de sesiones de la CEPAL, Naciones Unidas, Santiago de Chile, agosto 2012a.

CEPAL, “Guía de Usuario TRADECAN”, 2012b.

CEPAL, “Guía de Ejercicios TRADECAN”, 2012c.

CIMOLI, M. "Technological gaps and institucional asymmetries in a North-Sul model with a continuum of goods". *Metroeconomica*, v.39, n° 3, pp. 245-274. 1988.

CIMOLI, M. (ed.) "Heterogeneidad estructural, asimetrías tecnológicas y crecimiento en América, Latina (LC/W.35), CEPAL/BID, Santiago de Chile, 2005.

CIMOLI, M & ROVIRA, S. "Elites and Structural Inertia in Latin America: An introductory Note on the Political Economy of Development". *Journal of Economic Issues*, Vol. XLII, N°2, June 2008.

CIMOLI, M. & PORCILE, G. "Technology, heterogeneity and Growth: A Structuralist Toolbox". MPRA Paper No. 33801, posted 1. October 2011 15:27 UTC.

CYPHER J. M. "South America's Commodities Boom: Developmental Opportunity or Path Dependent Reversion?" In: *Canadian Journal of Development Studies* 30, nos. 3-4 (2010): 635-662. ISSN 0225-5199.

CONDLIFFE, J. B. "Comment on Baldwin's commodity composition of trade", *The Review of Economics and Statistics*, vol. 40 (1), part 2, Harvard University Press, Cambridge, Mass. 1958.

CORDEN, W. M. & NEARY, J. P. "Booming sector and de-industrialization in a small open economy". *Economic Journal* 92: 825-848, 1982.

DIAMAND, M. "La Estructura Productiva Desequilibrada Argentina y el Tipo de Cambio". *Desarrollo Económico* Vol. 12 N° 45, Argentina, 1972.

DOSI, G, K. PAVITT & L. SOETE. "The economics of technical change and international trade" Harvester Wheatsheaf, Brighton, 1990.

DOSMAN, E.J. "Raúl Prebisch (1901-1983): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo" Contraponto Editora Ltda. Centro Internacional Celso Furtado. Rio de Janeiro, 2011.

FAJNZYLBER, F. "Reflexiones sobre la industrialización exportadora del sudeste asiático". *Revista de la CEPAL* (15) Santiago de Chile, 1981:117-138.

FAJNZYLBER, F. "La industrialización trunca de América Latina". México: Editorial Nova Imagem, 1983.

FAJNZYLBER, F. "Competitividad internacional: evolución y lecciones". *Revista de la CEPAL* (36) diciembre 1988: 7-24.

FAJNZYLBER, F. "Industrialización en América Latina: de la "caja negra" al "casillero vacío". 1989. In: TORRES OLIVOS, M. (compl.) "Fernando Fajnzylber: Una visión renovadora del desarrollo en América Latina". CEPAL Editora, Naciones Unidas, Santiago de Chile, noviembre de 2006.

FAJNZYLBER, F. "Inserción internacional e innovación institucional". *Revista de la CEPAL*

(44) agosto 1991: 149-178.

FRENKEL, R., FANELLI, R. y ROZENWURCEL, G. “Crítica al Consenso de Washington”, Fondad, Documento de Trabajo Nro. 1, Buenos Aires, 1992.

FERREIRA e CUNHA, S. “Especialização Comercial Intraproduto: o Desempenho Exportador Brasileiro e Chinês em Variedades Verticalmente Diferenciadas”. Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas - Campinas, São Paulo 2014.

FERRER, A. “Raúl Prebisch y el dilema del desarrollo en el mundo global”. Revista Cepal 101. Agosto. 2010.

FERRER, A. “Historia de la globalización: los orígenes del orden económico mundial”. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 1996.

FERRER, A. “La Economía Argentina. Las Etapas de su Desarrollo y Problemas Actuales”. Fondo de Cultura Económica, 1973.

FURTADO, C. “Desarrollo y Subdesarrollo”. Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1961.

FURTADO, C. “Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 1ra ed., 1959.

GOLDENSTEIN, L. Repensando a Dependência. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1994.

HARROD, R. “International Economics”, Cambridge, 1933.

HIRATUKA, C. “Inserção comercial brasileira frente às transformações na economia global: desafios pós-crise”. Em impressão para publicar na coletânea "Industria e Desenvolvimento Produtivo no Brasil: quais devem ser as estratégias para os próximos anos?" Fundação Getúlio Vargas. IBRE. Inédito, 2014.

KALDOR, N. “The Case for Regional Policies”, Scottish Journal of Political Economy, November, 1970.

KATZ J. “Cambios en la estructura y comportamiento del aparato productivo latinoamericano en los años noventa: después del "Consenso de Washington", ¿qué?”, Serie Desarrollo Productivo N° 65, CEPAL, 2000.

KRUGMAN, P.R., & OBSTFELD, M. “Economía internacional – teoría e práctica”. Makron Books, São Paulo, 2001.

MAGEE, S. “Prices, incomes, and foreign trade”, P.B. Kenen (comp.), International trade and finance, Cambridge, Mass., Cambridge University Press.

MANCINI, M. “Tendencias actuales y transformaciones incipientes en China: sus implicancias para las economías latinoamericanas.” Revista Entrelíneas de la Política Económica, N° 40-Año 7, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, diciembre 2014: 12 -21.

MANDENG, O. J. “Análisis de competitividad: Argentina: estudio de caso basado en el programa computacional CAN”. *Indicadores Económicos FEE. Análise Conjuntural* 21(2) agosto 1993: 189-203.

MANDENG, O. J. “Competitividad internacional y especialización”. *Revista de la CEPAL* (45) diciembre 1991a: 25-42.

MANDENG, O. J. “Metodología para un análisis de la competitividad internacional de los países”. *Industrialización y Desarrollo Tecnológico* (10) agosto 1991b: 7-10.

MARTINS, M. A. “O comércio exterior brasileiro nos anos 1980 e 1990: estrutura e evolução do padrão de especialização”. Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas - Campinas, São Paulo 2004.

NASSIF, A. “Há evidências de desindustrialização no Brasil?” *Revista de Economia Política*. vol.28 n.º.1 São Paulo Jan./Mar. 2008.

NETTO, A. D. “Meio Século de Economia Brasileira: desenvolvimento e restrição externa”. IN: *Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004)*. Orgs: Giambiagi, F; Vilella, A; Barros de Castro, L e Hermann, J. São Paulo: Editora Campus, 2005.

NOGUEIRA BATISTA, P. Jr. “O Consenso de Washington. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos”. São Paulo, 1994.

NONNENBERG, M. J. B., & MESENTIER, A. “A Criação do Mercosul Contribuiu para Aumentar a Intensidade Tecnológica das Exportações da Região?” *Textos para discussão* 1644, IPEA, 2011.

NONNENBERG, M. J. B. “Exportações e Inovação: uma análise para América Latina e Sul-Sudeste da Ásia”, *Textos para discussão*, IPEA, 2011.

OCAMPO, J.A. “Más allá del Consenso de Washington: una visión desde la CEPAL”. *Revista de la CEPAL* nro 66: 7-28, Naciones Unidas, 1998.

OREIRO, J.L & FEIJÓ, C. A. “Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro”. *Revista de Economia Política* Vol. 30, n.º2, Abril 2010.

OREIRO, J.L. & PAULA, L.F. de. “Novo-Desenvolvimentismo e a Agenda de Reformas Macroeconômicas para o Crescimento Sustentado com Estabilidade de Preços e Equidade Social”. Artigo apresentado no II Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira, 2009.

PALMA, J. G. “Four sources of deindustrialization and a new concept of the Dutch disease”. In: Ocampo, J.A. (ed.) *Beyond Reforms*. Palo Alto (CA): Stanford University Press, 2005.

PEREZ, C. “Una Visión para América Latina: Dinamismo tecnológico e inclusión social mediante una estrategia basada en los recursos naturales”. *Working Paper Series* No. 08-04 ISBN: 978-970-701-963-8. GLOBELICS, julio 2005.



PÉREZ, C. “Dinamismo tecnológico e inclusión social en América Latina: una estrategia de desarrollo productivo basada en los recursos naturales”. Revista de la CEPAL (100), Santiago de Chile, abril 2010: 123-145.

PINTO, A. “Estabilidad y desarrollo: ¿metas incompatibles o complementarias?” El Trimestre económico, vol. 27, nro. 2. Fondo de Cultura Económica. México, 1960.

PREBISCH, R. “Problemas teóricos y prácticos del crecimiento económico”, serie conmemorativa del vigésimo quinto aniversario de la CEPAL, Santiago de Chile, 1973. 1ra ed., 1951.

PREBISCH, R. “El desarrollo Económico de América Latina y alguno de sus principales problemas”, Boletín Económico de América Latina, vol. 7, febrero, 1962. 1ra ed., 1949.

RAMOS, J. “Una estrategia de desarrollo a partir de complejos productivos en torno a los recursos naturales.” Revista de la CEPAL (66), Santiago de Chile, diciembre 1998: 105-125.

RAPOPORT, M. “Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)”. 6ª ed. Emecé Editores S.A., Buenos Aires, agosto 2013.

RODRIGUEZ, O. “El estructuralismo latinoamericano”. Siglo XXI Editores: CEPAL. México, 2006.

SCHVARZER, J. “La industria que supimos conseguir: una historia político-social de la industria argentina”, Grupo Editorial Planeta, Buenos Aires, 1996.

SCHMIDT, R. F. “Uma perspectiva Schumpeteriana/Estruturalista do Padrão de Competitividade Internacional Brasileiro: 1985-2007. Tese de doutoramento. PPGDE-Universidade Federal do Paraná, 2011.

SEERS, D. “A model of Comparative Rates of Growth of the World Economy”, Economic Journal, March, 1962.

SUNKEL, O. (comp.) “El desarrollo desde dentro: un enfoque neoestructuralista para la América Latina”. Fondo de Cultura Económica. México, 1991.

SUNKEL O. “Subdesarrollo Latinoamericano y la Teoría del Desarrollo”. Siglo XXI Editora. México, 1970.

THIRWALL, A. “The balance of Payments Constraint as an Explanation of International Growth Rates Differences”, Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review, Vol. 128, 1979.

THIRWALL, A. “Foreing Trade Elasticities in Centre-Periphery Models of Growth and Development”. Universities of Messina and Palermo, Istituto di Economia, Statistica e Analisi del Territorio, May, 1983.

TOBAR, J. C. “Notas sobre la estructura económica argentina”. 1ª ed. Homo Sapiens Ediciones, Rosario, 1998.

TORRES OLIVOS, M. (compl.) “Fernando Fajnzylber: Una visión renovadora del desarrollo en América Latina”. CEPAL Editora, Naciones Unidas, Santiago de Chile, noviembre de 2006.

WILLIAMSON, J. (org.) “The progress of policy reform in Latin America.” In Williamson, John Latin America Adjustment: How Much Has Happened? Institute for International Economics: 353-420, Washington, 1990.

XAVIER, C. “Padrões de Especialização e Saldos Comerciais no Brasil”. Apresentado na ANPEC, Faculdades de Valinhos. Valinhos, 2001.

XAVIER, C. “Padrões de especialização e competitividade no comércio exterior brasileiro”. Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas - Campinas, São Paulo 2000.

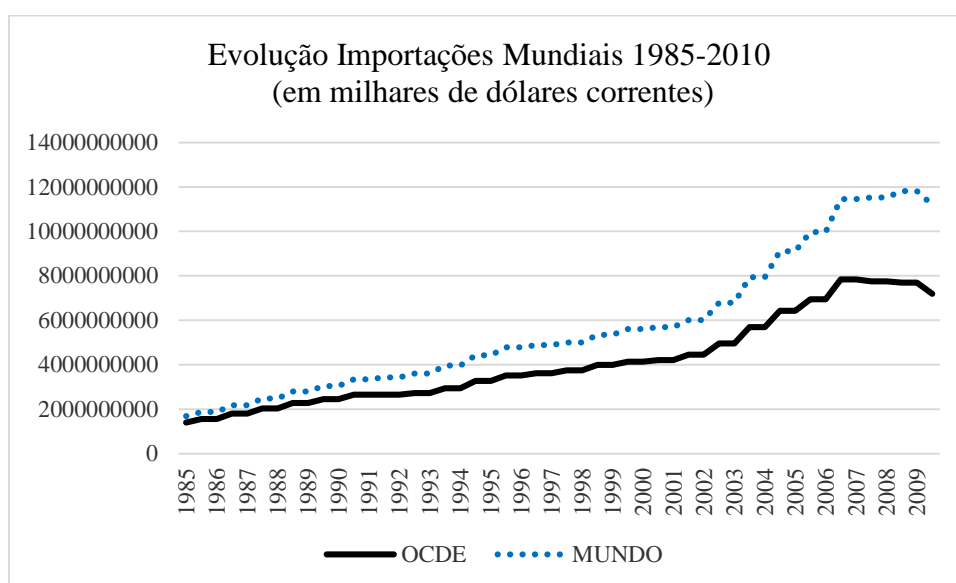
APÊNDICE 1 – TABELAS COM DADOS REFERENTES ÀS QUOTAS DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DO MUNDO, OCDE, MERCOSUL, ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO. POR BLOCOS E PAÍSES. (TRADECAN 2012)

TABELA 34 - QUOTA DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (em %)

Bloque Importador	1985	1990	2000	2007	2010
OCDE	83,20	80,70	73,66	68,46	64,19
MERCOSUL	1,32	1,04	1,54	1,63	1,89
ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO	11,85	14,87	19,21	24,42	28,12

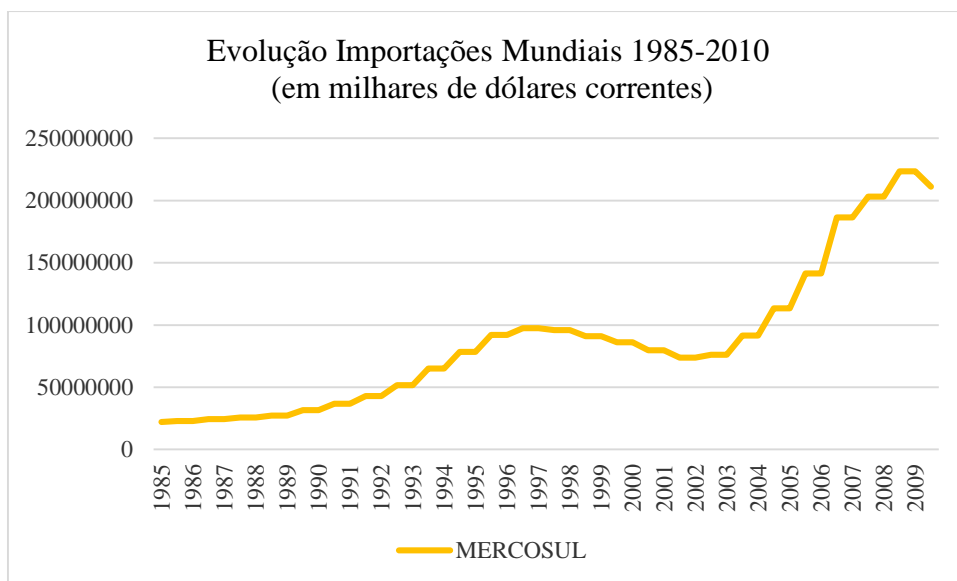
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 15 - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (em milhares de dólares correntes)



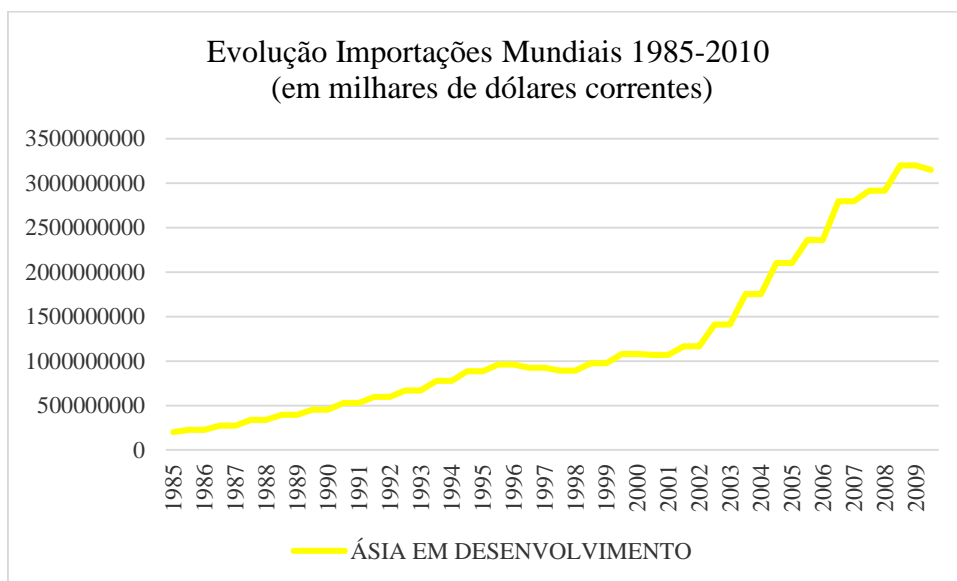
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 16 - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 17 - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

TABELA 35 - QUOTA DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES DO MUNDO (em %)

País Exportador	1985	1990	2000	2007	2010
Argentina	0,38	0,37	0,44	0,45	0,48
Brasil	1,38	1,10	0,95	1,35	1,43
China	1,61	2,80	6,47	11,56	12,78
<b>Total</b>	<b>3,37</b>	<b>4,27</b>	<b>7,86</b>	<b>13,36</b>	<b>14,69</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

TABELA 36 - QUOTA DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES DA OCDE (em %)

País Exportador	1985	1990	2000	2007	2010
Argentina	0,31	0,27	0,22	0,22	0,24
Brasil	1,35	1,02	0,83	1,05	1,03
China	1,03	1,85	5,52	10,37	11,96
<b>Total</b>	<b>2,68</b>	<b>3,14</b>	<b>6,57</b>	<b>11,47</b>	<b>13,23</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

TABELA 37 - QUOTA DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES DO MERCOSUL (em %)

País Exportador	1985	1990	2000	2007	2010
Argentina	3,77	6,05	9,12	6,07	6,43
Brasil	4,73	4,94	8,01	9,36	8,42
China	2,11	0,81	3,00	11,28	13,67
<b>Total</b>	<b>10,61</b>	<b>11,80</b>	<b>20,12</b>	<b>26,71</b>	<b>28,52</b>

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

TABELA 38 - QUOTA DE MERCADO PONDERADA NAS IMPORTAÇÕES DO MERCOSUL (em %)

País Exportador	1985	1990	2000	2007	2010
Argentina	35,54	51,29	45,30	22,73	22,54
Brasil	44,61	41,85	39,80	35,04	29,51
China	19,85	6,86	14,90	42,24	47,94
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

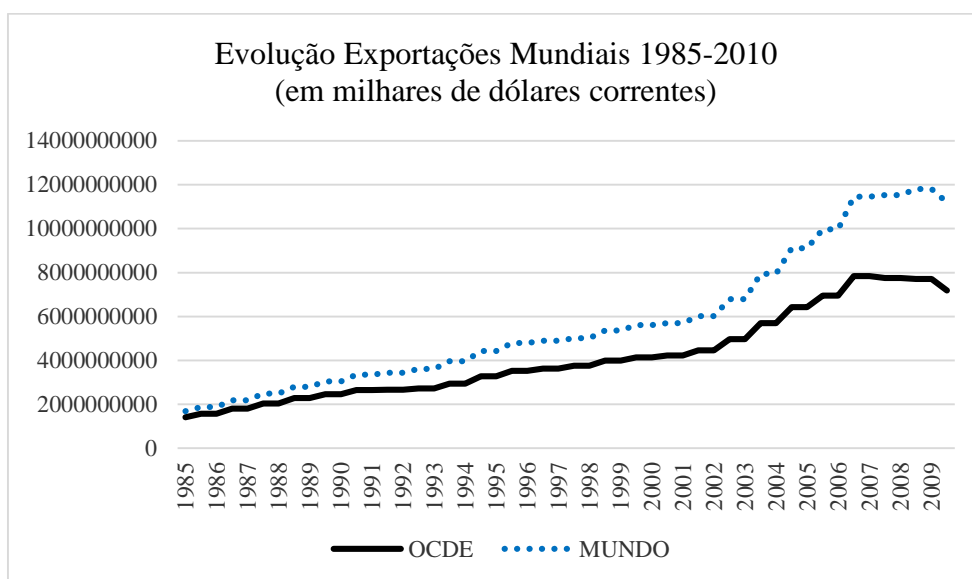
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

TABELA 39 - QUOTA DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES DA ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO (em %)

País Exportador	1985	1990	2000	2007	2010
Argentina	0,18	0,25	0,28	0,40	0,34
Brasil	0,74	0,88	0,54	1,16	1,57
China	5,92	8,63	11,63	15,37	14,76
<b>Total</b>	<b>6,84</b>	<b>9,75</b>	<b>12,46</b>	<b>16,93</b>	<b>16,67</b>

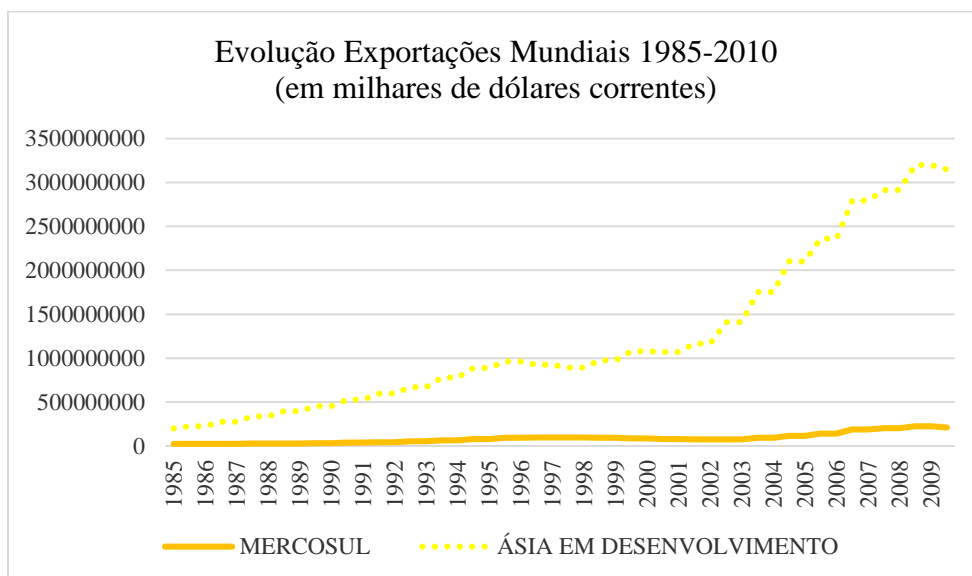
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 18 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS (em milhares de dólares correntes)



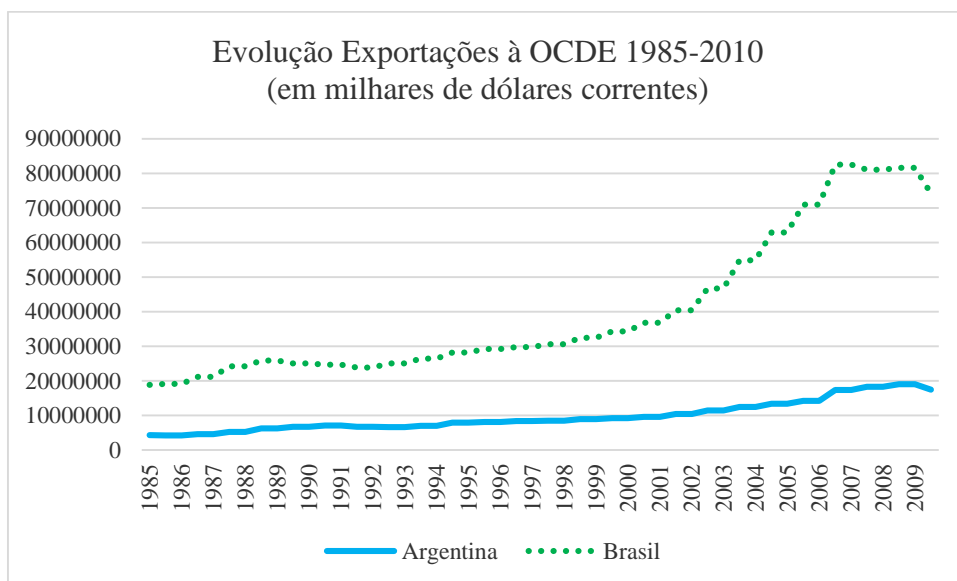
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 19 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS (em milhares de dólares correntes)



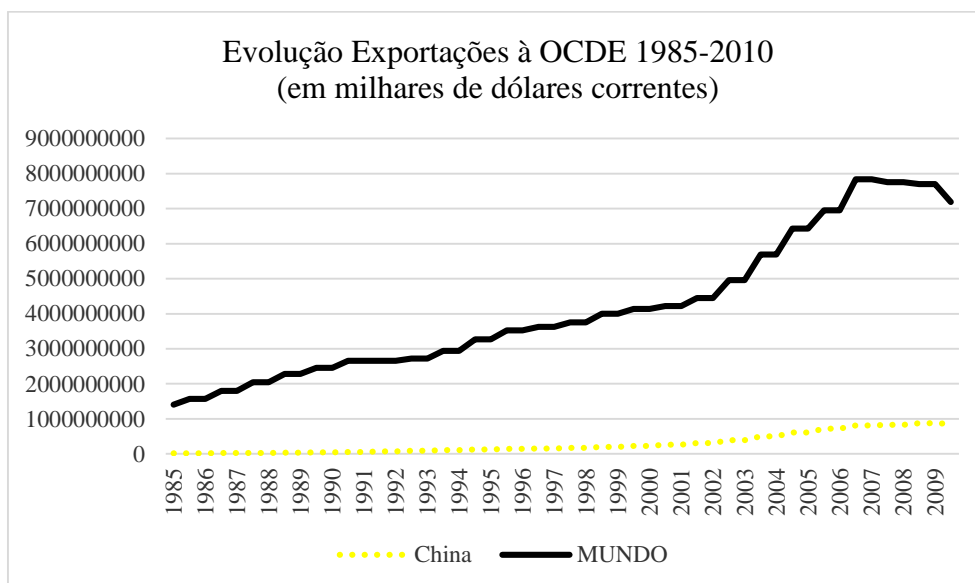
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 20 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES À OCDE (em milhares de dólares correntes)



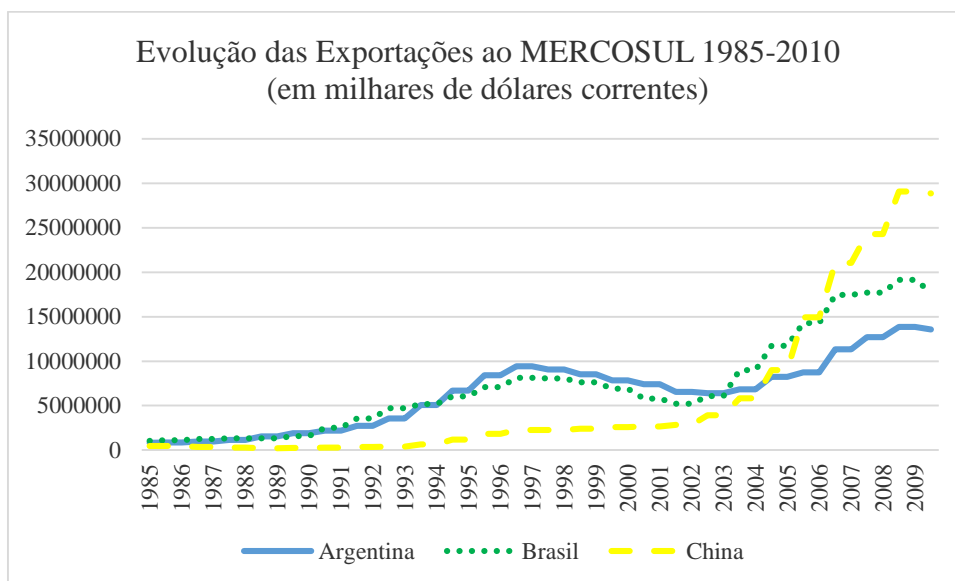
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 21 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES À OCDE (em milhares de dólares correntes)



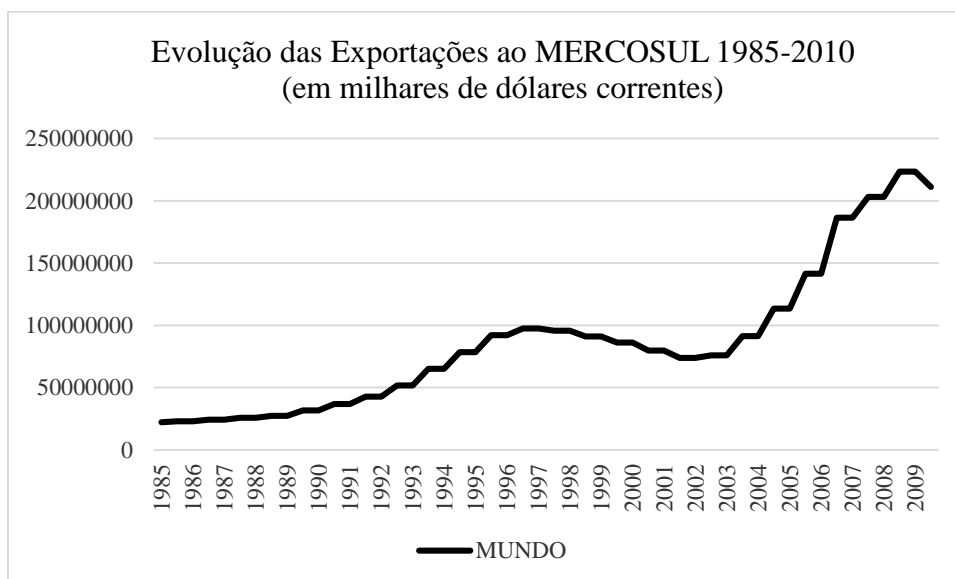
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 22 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES AO MERCOSUL (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

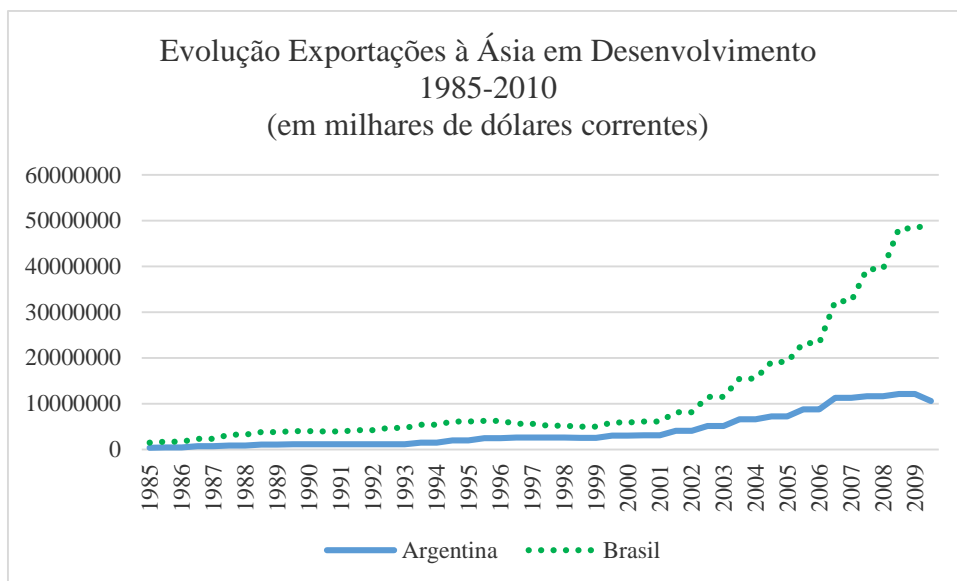
GRÁFICO 23 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES AO MERCOSUL (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

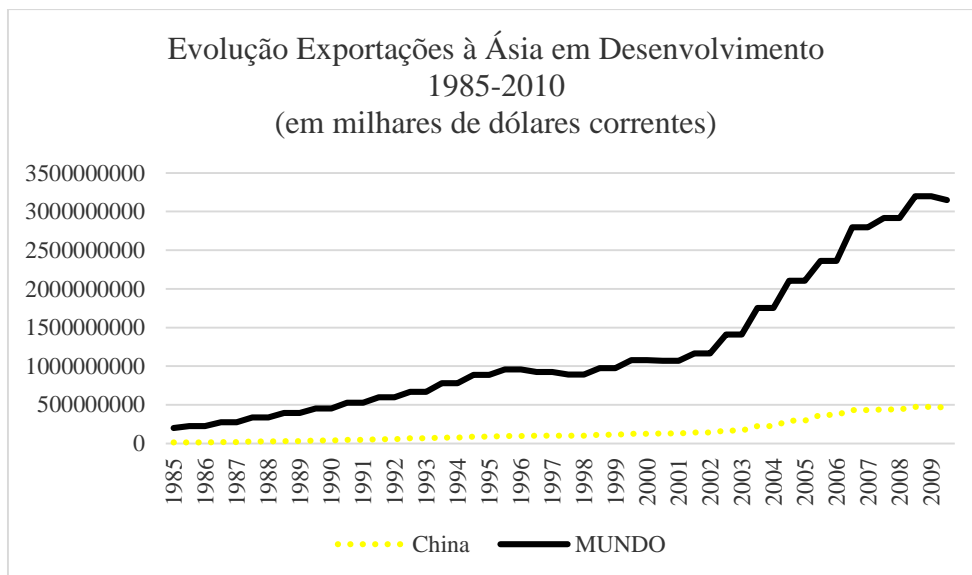


GRÁFICO 24 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES À ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 25 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES À ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

APÊNDICE 2 – TABELA DE HARMONIZAÇÃO DOS GRUPOS DO CUCI REVISÃO 2 E REVISÃO 3, DADOS DESAGREGADOS A TRÊS DÍGITOS DE ACORDO COM A CLASSIFICAÇÃO DE MANDENG 1993.

TABELA 40 - HARMONIZAÇÃO CÓDIGOS CUCI Revisão 2 e CUCI Revisão 3, SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DE MANDENG 1993

COD MANDENG*	COD CUCI Revisão 2**	COD CUCI Revisão 3***
Agricultura	001 Animais vivos destinados à alimentação;	001 -Animais vivos não incluídos no capítulo 03
Agricultura	011 Carnes e miúdos comestíveis, frescos, refrig. Ou congelados;	011 - Carne de gado bovino fresca, refrigerada ou congelada
Agricultura	012 Carnes e miúdos comestíveis (exceto fígado de aves);	012 – Outras carnes e miúdos comestíveis, frescos congelados ou refrigerados
Agricultura	014 Enbutidos, conservas de carne e miúdos comestíveis;	
Agricultura		016 - Carnes e miúdos comestíveis de carne salgados em salmoura, secos ou defumados; farinhas comestíveis de carne ou miúdos
Agricultura		017 - Carne e miúdos de carne preparados ou em conserva n.e.p.
Agricultura	022 Leite e creme;	022 – Leite, creme e produtos lácteos exceto manteiga e queijo
Agricultura	023 Manteiga;	023 – Manteiga e outras gorduras e óleos derivados do leite
Agricultura	024 Queijo e calhada;	024 – Queijo e calhada
Agricultura	025 Ovos de aves e gemas de ovo, frescos, desidratados, etc.;	025 - Ovos de ave e gemas de ovo frescos desidratados ou conservados de outro modo, adoçados ou não, albumina de ovo
Agricultura	034 Peixe fresco (vivo ou morto), refrig. Ou congelado;	034 – Peixe fresco (vivo ou morto) refrigerado ou congelado
Agricultura	035 Peixe seco, salgado ou em salmoura, peixe defumado;	035 – Peixe seco salgado o em salmoura peixe defumado (cozido ou não antes ou durante o processo de defumação)
Agricultura	036 Crustáceos e moluscos com ou sem casca;	036 - Crustáceos moluscos e invertebrados aquáticos pelados o sem pelar frescos refrig., congel, secos, salgados ou em salmoura;
Agricultura	037 Peixes, crustáceos e moluscos, preparados ou em conserva;	037 – peixes, crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos preparados ou em conserva n.e.p.
Agricultura	041 Trigo (tb. Espelta) e trigo com centeio;	041 - Trigo (incluindo espelta) e trigo com centeio sem moer
Agricultura	042 Arroz;	042 - Arroz
Agricultura	043 Cevada sem moer;	043 – Cevada sem moer
Agricultura	044 Milho sem moer;	044 – Milho (exceto milho doce) sem moer
Agricultura	045 Cereais sem moer (exceto trigo, arroz, cevada, milho);	045 - Cereais sem moer (exceto trigo, arroz, cevada e milho)
Agricultura	046 Sêmola e farinha fina de trigo e de trigo com centeio;	046 - Sêmola e farinha de trigo; farinha de trigo com centeio
Agricultura	047 Outras sêmolos e farinhas finas de cereais;	047 – Outras sêmolos e farinhas de cereais
Agricultura	048 Preparados de cereais e farinha fina;	048 - Preparados de cereais e preparados de farinha ou fécula de frutas ou legumes
Agricultura	054 Legumes frescos, refrigerados, congelados, em conserva;	054 – Legumes frescos, refrig. Congel.o conservados raízes, tubérculos e produtos vegetais comestíveis frescos ou secos, n.e.p
Agricultura	056 Legumes, raízes e tubérculos, preparados ou em conserva;	056 – Legumes raízes e tubérculos preparados ou em conserva, n.e.p.
Agricultura	057 Frutas e nozes (exc. nozes oleaginosas) frescas ou secas;	057 - Frutas e nozes (exceto nozes oleaginosas frescas ou secas)
Agricultura	058 Frutas em conserva e preparados de frutas;	058 - Frutas em conserva e preparados de frutas (exceto sucos de frutas)
Agricultura		059 – Sucos de frutas e sucos de legumes sem fermentar e sem adição de álcool com ou sem adição açúcar ou adoçante
Agricultura	061 Açúcar e mel;	061 – Açúcares, melado e mel
Agricultura	062 Art. de confeitaria e outros prep. de açúcar (ex. Chocolate);	062 – Artigos de confeitaria preparados com açúcar
Agricultura	071 Café e substitutos do café;	071 - Café e substitutos do café
Agricultura	072 Cacau;	072 – Cacau
Agricultura	073 Chocolate e outros prep. alimentícios que contenham cacau;	073 - Chocolate e outros preparados alimentícios que contenham cacau n.e.p.
Agricultura	074 Chá e mate;	074 - Chá e mate
Agricultura	075 Temperos;	075 – Temperos
Agricultura	081 Ração para animais (exceto cereais sem moer);	081 - Ração para animais (exceto cereais sem moer)
Agricultura	091 Margarina e manteigas de panificação;	
Agricultura	098 Produtos e preparados comestíveis;	098 – Produtos e preparados comestíveis n.e.p.
Agricultura	111 Bebidas não alcoólicas	111 - Bebidas não alcoólicas n.e.p.
Agricultura	112 Bebidas alcoólicas;	112 - Bebidas alcoólicas
Agricultura	121 Tabaco não bruto; resíduos de tabaco;	121 - Tabaco sem tratamento, resíduos de tabaco
Agricultura	122 Tabaco manufaturado;	122 - Tabaco manufaturado (contenha ou não traços do tabaco)
Agricultura	211 Couros e peles (exceto peles finas), sem curtir;	211 – Couros e peles (exceto peles finas) sem curtir
Agricultura	212 Peles finas sem curtir (inc. Astracá, caracul, persa, etc.);	212 – Peles finas sem curtir exceto as peles e os couros do grupo 211
Agricultura	222 Sem. e frutas oleag. inteiras ou cortadas;	
Agricultura	223 Sem. e frutas oleag. inteiras ou cortadas, fixos;	223 – Sementes e frutos oleaginosos inteiros ou partidos do tipo utilizado p. extração de outros óleos vegetais fixos
Agricultura	232 Látex de borracha nat.; borrachas semelhantes, nat.;	231 – Borracha natural balata, guta-percha, guaiule, chicletes e borrachas naturais e análogos em formas primárias
Agricultura	233 Látex de borracha sintética e deriv. de óleos;	232 – Borracha sintética borracha regenerada Desperdícios recortes e descartes de borracha sem endurecer
Agricultura	244 Borracha natural, bruta e desperdícios;	244 – Cortiça natural
Agricultura	245 Lenha (exc. desperdícios de madeira) e cavão vegetal;	245 - Lenha (exceto desperdícios de madeira) e carvão vegetal
Agricultura	246 Madeira para pasta (inc. Serragem e desperd. de madeira);	246 - Madeira em serragem ou pedaços e desperdícios de madeira
Agricultura	247 Outras madeiras brutas ou cortadas rusticamente;	247 - Madeira brutas ou cortadas rusticamente
Agricultura	248 Madeira trabalhada simpl. e travessas para trilhos;	248 - Madeira trabalhada e travessas para trilhos
Agricultura	251 Pasta e desperdícios de papel;	251 - Pasta e desperdícios de papel
FTMM	261 Seda;	261 - Seda
FTMM	263 Algodão;	263 – Algodão
FTMM	264 Juta e outras fibras de liber, em ramos, elaborados;	264 - Juta e outras fibras têxteis de liber em rama ou elaboradas, mas sem fiar; desperdícios destas fibras (incl. desperdícios)n.e.p.
FTMM	265 Fibras text. vegetais (exc. Algodão e juta) e desperdícios;	265 - Fibras têxteis vegetais (exceto algodão e juta) em rama ou elaboradas, mas sem fiar; desperdícios destas fibras
FTMM	266 Fibras sintéticas adequadas para fios;	266 - Fibras sintéticas adequadas para fios
FTMM	267 Outras fibras artificiais para fios e seus desperdícios;	267 - Outras fibras manufaturadas adequadas para fios e desperdícios de fibras manufaturadas
FTMM	268 Lãs e outros pelos de animais (exc. mechas pentiadas);	268 - Lã e outros pelos de animais (incluindo mechas (tops) de Lã)
FTMM	269 Roupas velhas e outros artigos têxteis velhos; trapos;	269 - Roupas velhas e outros artigos têxteis velhos; trapos

continua

FTMM	271 Fertilizantes puros;	272 - Fertilizantes puros, exceto os do capítulo 56
FTMM	273 Pedra, areia e cascalho;	273 - Pedra, areia e cascalho
FTMM	274 Enxofre e pepitas de ferro sem tostar;	274 - Enxofre e pepita de ferro sem tostar
FTMM	277 Abrasivos naturais (incluindo diamantes industriais);	277 - Abrasivos naturais n.e.p. (incluindo diamantes industriais)
FTMM	278 Outros minerais no bruto;	278 - Outros minerais no bruto
FTMM	281 Mineral de ferro e concentrados;	281 - Mineral de ferro e seus concentrados
FTMM	282 Fragmentos e desperdícios de ferro e aço;	282 - Desperdícios e descartes ferrosos (sucata), ligas refundidas de ferro ou aço
FTMM		283 - Minerais de cobre e seus concentrados; mantas de cobre, cobre de cimentação
FTMM		284 - Minerais níquel e concen.; manta de níquel, produtos sintetizados de óxido de níquel e prod. intern. da metalurgia do níquel
FTMM		285 - Minerais de alumínio e seus concentrados (incluindo alumina)
FTMM	286 Minerais de urânio e tório e seus concentrados;	286 - Minerais e concentrado de urânio ou tório
FTMM	287 Minerais de metais comuns e seus concentrados;	287 - Minerais de metais comuns e seus concentrados n.e.p.
FTMM	288 Desperdícios e descartes de metais comuns não ferrosos;	288 - Desperdícios e descartes não ferrosos (sucata) de metais comuns n.e.p.
FTMM	289 Minerais de metais preciosos e seus concentrados;	289 - Minerais de metais preciosos e seus concentrados, desperdícios, descartes de metais preciosos (exceto ouro)
Agricultura	291 Produtos animais no bruto;	291 - Produtos animais no bruto n.e.p.
Agricultura	292 Produtos vegetais no bruto;	292 - Produtos vegetais no bruto n.e.p.
Energia		321 - Carvão pulverizado o não, mas sem aglomerar
Energia	322 Carvão, linhita e turfa;	322 - Carvão, linhita e turfa
Energia	323 Briquetes; coque e semicoque de carvão, linhita e turfa;	325 - Coque e semicoque (incluindo resíduos) de carvão de linhita ou de turfa, aglomerado ou não, carvão de retorta
Energia	333 Óleos de petróleo puros, óleos puros de min. bitumin.;	
Energia	334 Produtos derivados do petróleo, refinados;	334 - Óleos petróleo e óleos de minerais betum.preparados c. ao menos 70% peso em óleo de petróleo ou minerais betum. n.e.p.
Energia	335 Produtos residuais deriv. do petróleo e produtos relacionados;	335 - Produtos residuais derivados do petróleo e produtos conexos, n.e.p.
Energia	341 Gás natural e artificial;	
Energia		342 - Propano e butano líquidos
Energia		343 - Gás natural líquido ou não
Energia		344 - Gases de petróleo e outros hidrocarburetos gasosos n.e.p.
Energia		345 - Gás de carvão, gás de água, gás pobre e outros gases análogos exceto os gases de petróleo e outros hidrocarburetos gasosos
Energia	351 Corrente elétrica;	351 - Corrente elétrica;
Agricultura	411 Óleos e gorduras de origem animal;	411 - Óleos e gorduras de origem animal
Agricultura	423 Óleos fixos de origem vegetal;	421 - Óleos e gorduras fixos de origem vegetal "bandos" no bruto refinados o fracionados
Agricultura	424 Outros óleos fixos de origem vegetal;	422 - Gorduras e óleos fixos de origem vegetal no bruto refinados o fracionados exceto los "bandos"
Agricultura	431 Óleos, gordura e cera de origem animal e vegetal elaborados;	431 - Gorduras e óleos origem ani. ou veg. elaborados ceras e preparados óleos de origem ani. ou veg. n.e.p.
MnoBRN	511 Hidrocarburetos derivados halogenados, sulfonados, etc.;	511 - Hidrocarburetos n.e.p. e seus derivados halogenados sulfonados nitrados o nitrosados
MnoBRN	512 Álcoois, fenóis, fenóis-álcoois e seus derivados;	512 - Álcoois fenóis feno-álcoois e seus derivados halogenado sulfonados nitrados ou nitrosados
MnoBRN	513 Ácidos carboxílicos e seus anidridos, halogenos;	513 - Ácidos carboxílicos e anidridos halogenos peróxidos e perácidos derivados halogenados sulfonados nitrados o nitrosados
MnoBRN	514 Compostos de funções nitrogenadas;	514 - Compostos de funções nitrogenadas;
MnoBRN	515 Compostos organominerais e heterocíclicos;	515 - Compostos orgânicos-inorgânicos compostos heterocíclicos ácidos nucleicos e seus sais
MnoBRN	516 Outros produtos químicos orgânicos;	516 - Outros produtos químicos orgânicos
MnoBRN	522 Elem. químicos inorgânicos, óxidos e sais halogenados;	522 - Elementos químicos inorgânicos óxidos e halogenos
MnoBRN	523 Outros produt. químicos inorgânicos;	523 - Sais metálicos e saisais de ácidos hipocloritos hipo. de clcio comercial inorgânicos cloritos hipobromitos cloratos
MnoBRN	524 Materiais radioativos e relacionados;	524 - Outros produtos químicos inorgânicos compostos orgânicos e inorgânicos de metais preciosos
MnoBRN		525 - Materiais radioativos e similares;
MnoBRN	531 Mat. tintoriais org. e sent., índigo nat. Esmaltes coloridos;	531 - Materiais colorantes e materiais corantes sintéticos ou orgânicos e preparados baseados nelas
MnoBRN	532 Extratos tintoriais e curtume e mat. Curtumes sent.;	532 - Extractos tintórios e corantes e materiais corantes sintéticos
MnoBRN	533 Pigmentos, tinturas, vernizes e materiais relacionados;	533 - Pigmentos pinturas
MnoBRN	541 Produtos medicinais e farmacêuticos;	541 - Produtos medicinais e farmacêuticos exceto os medicamentos do grupo 542
MnoBRN		542 - Medicamentos (incluindo medicamentos veterinários)
MnoBRN	551 Óleos essenciais, materiais aromatizantes e essências;	551 - Óleos essenciais materiais aromatizantes e saporíferos
MnoBRN	553 Produt. de perfumaria, cosméticos e produtos de higiene;	553 - Produtos de perfumaria cosméticos ou preparados de perfumaria (exceto sabonetes)
MnoBRN	554 Sabão e produtos para limpar e polir;	554 - Sabão e preparados para limpar e polir
MnoBRN	562 Fertilizantes manufaturados;	562 - Fertilizantes (exceto os do grupo 272)
MnoBRN		571 - Polímeros de etileno em formas primárias
MnoBRN	572 Explosivos e produtos de pirotecnia;	572 - Polímeros de estireno em formas primárias
MnoBRN		573 - Polímeros de cloreto de vinil o de outras oelafinas halogenadas em formas primárias
MnoBRN		574 - Poliacetis, outros poliéteres e resinas epoxídicas formas primárias, policarboneto, s resinas líquidas e outros poliésteres primári
MnoBRN		575 - Outros plásticos em formas primárias
MnoBRN		579 - Desperdícios, recortes e descartes de plásticos
MnoBRN		581 - Tubos canos e mangueiras de plásticos
MnoBRN		582 - Pranchas, folhas, películas, cintas e tiras de plásticos
MnoBRN	582 Produt. de condensação, policondensação;	583 - Monofilamentos dimensões transversal superior 1mm, varinhas, bastões tratados ou não em sua superfície
MnoBRN	583 Produtos de polimerização e copolimerização;	
MnoBRN	584 Celulose regenerada, esterres e eteres de celulose;	
MnoBRN	585 Outras resenas artificiais e matérias plásticas;	
MnoBRN	591 Desinsetantes, inseticidas, fungicidas, herbicidas;	591 - Insecticidas, raticidas, fungicidas, herbicidas, prod. antigermnantes e reguladores crescimento plantas, desinfectantes e prod.aná
MnoBRN	592 Amidos e féculas, inulina e glúten de trigo; colas;	592 - Amido inulina e glúten de trigo substâncias albuminoideas colas;
MnoBRN		593 - Explosivos e produtos de pirotecnia
MnoBRN		597 - Aditivos prep. p óleos minerais e prod. análogos; líqui. para transmissões hidráulicas; anticongelantes e prep.lubrificantes
MnoBRN	598 Produtos químicos diversos;	598 - Produtos químicos diversos n.e.p.
MBRN	611 Couro;	611 - Couro
MBRN	612 Manufaturas de couro natural, artificial ou regenerado;	612 - Manufaturas de couro natural ou sintético, artigos de selaria e guarnição n.e.p.
MBRN	613 Peleteria curtida ou marinada, desperdícios ou retalhos;	613 - Peles finas curtidas ou marinadas, montados ou sem montagem exceto as dos grupo 848.3
MnoBRN	621 Materiais de borracha;	621 - Materiais de borracha (por exemplo, pastas, pranchas, folhas em varas, fios e tubos de borracha)
MnoBRN	625 Borrachas, pneus, câmaras de ar, etc.;	625 - Pneus. Bandas de rodagem, faixas de proteção da câmara de ar (flaps) e câmaras de ar para todo tipo de rodas
MnoBRN	628 Artigos de borracha;	
MnoBRN		629 - Artigos de borracha n.e.p.
MBRN	633 Manufaturas de cortiça;	633 - Manufaturas de cortiça

MBRN	634 Chapas, madeira de faia, "melhorada" ou regenerada, etc.;	634 - Folhas de madeira para chapas de madeira terciada, aglomerado de madeira e outras formas de madeira lavrada n.e.p.
MBRN	635 Manufaturas de madeira;	635 - Manufaturas de madeira n.e.p.
MnoBRN	641 Papel e cartão;	641 - Papel e cartão
MnoBRN	642 Papéis e cartões recortados em forma determinada;	642 - Papéis e cartões recortados em tamanhos ou formas determinadas e artigos de papel o cartão.
MnoBRN	651 Fios de fibras têxteis;	651 - Fios de fibra sextil
MnoBRN	652 Tecidos de algodão;	652 - Tecidos de algodão (exceto tecidos estreito ou especiais)
MnoBRN	653 Tecidos de fibras artificiais;	653 - Tecidos de materiais têxteis manufaturadas (exceto tecidos estreitos ou especial)
MnoBRN	654 Tecidos de fibras têxteis, exc. algodão ou fibras artificiais;	654 - Outros tecidos de fibras têxteis
MnoBRN	655 Tecidos de malha ou crochê;	655 - Tecidos de malha ou crochê (incluindo tecidos de ponto tubulares, tecidos aveludados e conjuntos n.e.p.)
MnoBRN	656 Tules, encaixes, bordados, fitas passadeira e outros;	656 - Tules, encaixes, bordados, fitas passadeira e outras confecções pequenas)
MnoBRN	657 Tecidos especiais de fibras têxteis e produt. similares;	657 - Fios especiais, tecidos especiais de fibras têxteis e produtos similares
MnoBRN	658 Art. confeccionados total o princ. com mat. Têxteis;	658 - Artigos confeccionados total ou parcialmente de materiais têxteis n.e.p.
MnoBRN	659 Tapetes, etc.;	659 - Tapetes etc.
MBRN	661 Cal, cimento e materiais elaborados de construção;	661 - Cal, cimento e materiais elaborados de construção (exceto materiais de vidro e arcilla)
MBRN	662 Mat. de construção de argila e mat. refratários;	662 - Materiais de construção de argila e materiais refratários de construção
MBRN	663 Manufaturas de minerais;	663 - Manufaturas de minerais n.e.p.
MnoBRN	664 Vidro;	664 - Vidro
MnoBRN	665 Manufaturas de vidro;	665 - Artigos de vidro
MnoBRN	666 Artigos de cerâmica;	666 - Artigos de cerâmica
MBRN	667 Pérolas, pedras preciosas e semipreciosas, no bruto o trabalh;	667 - Pérolas, pedras preciosas e semipreciosas no bruto o lavradas
MBRN	671 Ferro fundido, ferro spiegel e ferro granulado macio;	671 - Ferro fundido e ferro spiegel, ferro granulado macio e pó ou aço e ferro, ligas de ferro
MnoBRN	672 Lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço;	672 - Lingotes e outras formas primárias de ferro o aço produtos semiterminados de ferro o aço
MnoBRN	673 Barras, hastes, ângulos, perfis e seções de ferro e aço;	673 - Produtos laminados planos de ferro ou de aço não ligado que não estão banhados revestidos nem cobertos
MnoBRN	674 Planos universais, chapas e pranchas de ferro o aço;	674 - Produtos laminados planos de ferro ou de aço não ligado desviados revestido ou cobertos
MnoBRN	675 Fletes e cintas de ferro o aço, laminado em frio ou calor;	675 - Produtos laminados plataformas de aço
MnoBRN	676 Trilhos e elementos para vias férreas de ferro o aço;	676 - Barras de ferro. Ângulos perfis e secciones (incluindo empilhadeiras) de ferro e aço
MnoBRN	677 Arame de ferro o aço revestido o no; mas no aislado;	677 - Carros e elementos para a construção de vias férreas de ferro ou aço;
MnoBRN	678 Tubos e acessórios de cabos de ferro o aço;	678 - Arame de ferro o aço
MnoBRN	679 Manufat. de ferro o aço colado;	679 - Tubos canos e perfis ocos e acessórios para tubos ou canos de ferro ou aço
MBRN	681 Prata, platino e outros metais do grupo do platino;	681 - Prata e outros metais deste grupo
MBRN	682 Cobre;	682 - Cobre
MBRN	683 Níquel;	683 - Níquel
MBRN	684 Alumínio;	684 - Alumínio
MBRN	685 Plomo;	685 - Plomo
MBRN	686 Zinco;	686 - Zinco
MBRN	687 Estanho;	687 - Estanho
MBRN	688 Urânio empobrecido em U235 e tório, e ligas, etc.;	
MBRN	689 outros metais comuns no ferrosos;	689 - Diversos metais comuns no ferrosos utilizados em metalurgia e ligas metalocerâmicas
MnoBRN	691 Estruturas e partes de estrut. de ferro, aço o alumínio;	691 - Estruturas e partes de estruturas n.e.p. De ferro, aço ou alumínio
MnoBRN	692 Recipientes de metal para armazenamento e transporte;	692 - Recipientes de metal para armazenamento ou transporte
MnoBRN	693 Artigos de arame e acessórios para cercas;	693 - Artigos de arame (exceto cabos isolados para electricidade) e arranjos para cercas
MnoBRN	694 Pregos, parafusos, porcas, parafusos, rebites ;	694 - Pregos, parafusos, porcas, rebites e artigos análogos de ferro aço cobre ou alumínio
MnoBRN	695 Ferramentas de uso manual ou em máquinas;	695 - Ferramentas de uso manual o de uso em máquinas
MnoBRN	696 Faqueiros;	696 - Faqueiros
MnoBRN	697 Equipamentos domésticos de metais comuns;	697 - Equipamentos domésticos de metais comuns n.e.p.
MnoBRN	699 Manufaturas de metais comuns;	699 - Manufaturas de metais comuns n.e.p.
MnoBRN	711 Painéis geradoras de vapor;	711 - Painéis geradoras de vapor de água ou de vapores de outras classes painéis de água superaquecida e acessórios auxiliares n.e.;
MnoBRN	712 Máquinas de vapor de água e outros vapores;	712 - Turbinas de vapor de água e de vapores de outras classes e suas partes e peças n.e.p.
MnoBRN	713 Motores de Combustão interna, de pistão e suas partes	713 - Motores de Combustão interna, de pistão e suas partes
MnoBRN	714 Máquinas e motores não elétricos, partes e peças;	714 - Máquinas e motores não elétricos (exceto os dos grupos 712 713 e 718) partes e peças n.e.p. destas máquinas e motores
MnoBRN	716 Aparatos elétricos rotativos e suas partes e peças soltas;	716 - Aparelhos elétricos rotativos e suas partes e peças n.e.p.;
MnoBRN	718 Outro maquinário gerador de energia e suas partes;	718 - Máquinas geradoras de potência e suas partes e peças n.e.p.
MnoBRN	721 Maquinário Agrícola e suas partes;	721 - Maquinário agrícola (exceto tratores) e suas partes e peças
MnoBRN	722 Tratores com ou semdispositivo de PTO;	722 - Tratores (exceto os dos grupos 744.14 e 744.15)
MnoBRN	723 Maquinário e equipe de engenharia civil;	723 - Maquinário e equipamento de engenharia civil e para empreiteiros;
MnoBRN	724 Maquinário têxtil e para trabalhar couros, e suas partes;	724 - Maquinário têxtil e para trabalhar couros e suas partes n.e.p.
MnoBRN	725 Máquinas e aparatos para fabricar polpa e papel;	725 - Máquinas para fabricar papel ou polpa cortadoras de papel e outras máquinas para fabricar artigos de papel suas partes e peças
MnoBRN	726 Maquinário e aparelho para imprimir e encadernar e suas partes;	726 - Máquinas para imprimir e encadernar e suas partes e peças
MnoBRN	727 Máquina para elaborar alimentos, suas partes e peças soltas;	727 - Máquinas para elaborar alimentos (exceto las de uso doméstico)
MnoBRN	728 Outras máq. e eq. espec. p/ outras indústrias e partes;	728 - Outras máquinas e equipamentos especiais para determinadas indústrias e suas partes e peças n.e.p.
MnoBRN		731 - Máquinas ferramentas que trabalham por remoção de metal ou outro material;
MnoBRN		733 - Máquinas ferramentas para trabalhar metais carbonos metálicos ou materiais metalocerâmicas sem remoção de material
MnoBRN		735 - Partes e peças n.e.p. e acessórios adequados para máquinas rubros 731 e 733, porta ferramentas p. ferramenta de trabalho manu
MnoBRN	736 Máquinas, ferramentas para trabalhar met. Ou carbonetos metálicos;	
MnoBRN	711 Caldeiras geradoras de vapor	737 - Máquinas para trabalhar metais (exceto máquinas ferramentas) e suas partes e peças n.e.p.
MnoBRN	741 Equipamento de aquecimento e refrigeração e suas partes;	741 - Equipamento de aquecimento e refrigeração e suas partes e peças n.e.p.
MnoBRN	742 Bombas para líq., com ou semdispositivo medidor, etc.;	742 - Bombas p. líquidos com e sem dispositivo de medição, elevadores de líquidos partes e peças das bombas e elevadores de líquido
MnoBRN	743 Bombas e compressores ventiladores e sopradores, etc.;	743 - Bombas (exceto bombas para líquidos) compressores e ventiladores de ar ou outros gases campanas de ventilação ou reciclage
MnoBRN	744 Equipamento mec. de manipulação de mercadorias e suas partes;	
MnoBRN	745 Outros maq. Ferramentas e aparatos mec. não elétricos.;	745 - Outras máquinas ferramentas e aparelhos mecânicos não elétricos e suas partes e peças n.e.p.
MnoBRN		746 - Rolamentos de esferas ou rolos;
MnoBRN		747 - Chave torneiras e válvulas de dispositivos semelhantes, para cubas de tubos de caldeiras e tanques como recipientes
MnoBRN		748 - Eixos transmissão, caixas rolamentos e rolamentos simples p. eixos de balanço de parafusos e engranagens de energia
MnoBRN	749 Partes e acessórios não elétricos das máquinas;	749 - Partes e acessórios não elétricos de máquinas n.e.p.

MnoBRN	751 Máquinas de gabinete;	751 - Máquinas de gabinete
MnoBRN	752 Máquinas para a elaboração de dados suas unidades;	752 - Máquinas de processamento automático de dados e unidades, leitores magnéticos ou óticos
MnoBRN	759 Partes, n.e.p. ex. Destinadas a grupos 751 a 752;	759 - Partes e peças e acessórios para usar com máquinas dos grupos 751 e 752
MnoBRN	761 Receptores de televisão;	761 - Receptores de televisão combinados ou não numa mesma unidade com radior-receptores ou aparelhos para a gravação
MnoBRN	762 Rádio receptores;	762 - Rádio-receptores combinados ou não numa mesma unidade com aparelhos gravadores ou reprodutores de som ou com um relóg
MnoBRN	763 Fonógrafos, gravadores de voz, ap. p/ gravação e reprod. de som;	763 - Gravadores ou reprodutores de som gravadores ou reprodutores de imagem e som de televisão materiais preparados para grava
MnoBRN	764 Equipamentos de telecomunicações, partes e acessórios;	764 - Equipamentos de telecomunicações n.e.p. e suas partes e peças n.e.p. e acessórios dos aparelhos correspondentes ao capítulo
MnoBRN	771 Acessórios de electricidade e suas partes;	771 - Aparelhos de electricidade e suas partes e peças
MnoBRN	772 Acessórios elétricos para união e corte de circuitos eléct.;	772 - Aparelhos elétricos para emenda corte proteção ou conexão de circuitos elétricos, resistências eléctricas
MnoBRN	773 Material de distribuição de electricidade;	773 - Equipamento para distribuição de electricidade n.e.p.
MnoBRN	774 Acessórios elétricos e radiológicos para uso médico;	774 - Aparelhos elétricos de diagnóstico para usos médicos cirúrgicos dentais ou veterinários e aparelhos radiológicos
MnoBRN	775 Acessórios de uso doméstico, elétricos e não elétricos;	775 - Aparelhos de uso doméstico elétricos e não eléctricos n.e.p.
MnoBRN	776 Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo;	776 - Válvulas e tubos termoiológicos com cátodo frio ou com fotocátodo, diodos transitivos e dispositivos semicondutores análog
MnoBRN	778 Máquinas e acessórios elétricos;	778 - Máquinas e aparelhos elétricos n.e.p.
MnoBRN	781 Automóveis para passageiros;	781 - Automóveis e outros veiculos automotivos para o transporte de pessoas exceto veiculos do tipo utilizado para transportes públ
MnoBRN	782 Veículos automotivos p/ o transporte de mercadorias;	782 - Veículos automotivos para o transporte de mercadorias e veiculos automotivos para usos especiais
MnoBRN	783 Veículos automotivos com careta;	783 - Veículos automotivos de careta n.e.p.
MnoBRN	784 Partes e acessórios de veículos automotivos;	784 - Partes peças e acessórios dos automotivos dos grupos 722/781
MnoBRN	785 Motocicletas, motonetas e outros veículos, com ou sem motor;	785 - Motocicletas (incluindo velocípedes) com ou sem motor o sem, cadeia de rodas para inválidos
MnoBRN	786 Reboques e outros veículos sem motor e contêineres;	786 - Trailers e semi-trailers e outros veiculos, contêineres especialmente desenhados e equipados para transporte
MnoBRN	791 Veículos para ferrovias e equipamentos similares;	791 - Veículos para ferrovias (incluindo trens aéreos, subterrâneos e equipamentos similares
MnoBRN	792 Aeronaves e equipamentos similares e suas partes;	792 - Aeronaves e equipamento similar naves espaciais e veiculos de lançamento de naves espaciais suas partes e peças
MnoBRN	793 Navios, embarcações e estruturas flutuantes;	793 - Navios, embarcações e estruturas flutuantes, caixas para pó de arroz, estojos para faqueiros e artigos similares
MnoBRN	812 Peças e acessórios sanitários;	811 - Edifícios prefabricados, caixas para garrafas;
MnoBRN	821 Móveis e suas partes;	812 - Artefatos e acessórios sanitários e para sistemas de condução de águas e aquecimento n.e.p. bolsos deportivos
MnoBRN	831 Artigos de viagem, bolsas, maletas, etc.;	813 - Artefatos e acessórios de iluminação n.e.p. tabaqueiras, bolsas para ferramentas;
MnoBRN	842 Roupa exterior para homens e meninos, de tecido;	821 - Móveis e suas partes, camas, colchões, estrados, almofadas e artigos almofadados similares
MnoBRN	843 Roupa exterior para mulheres, meninas e bebes, de tecido;	831 - Baús, maletas, kits, maletas para documentos, carteiras portifólios, maletas escolares, estojos para prismas, estojos fotográfica
MnoBRN	844 Roupa interior de tecidos (ex. Crochê);	841 - Abrigos, jaquetas, trajes desportivos, calças, bermudas, roupa íntima, pijamas e similares para homens e crianças de tecido
MnoBRN	845 Roupa exterior e acessórios de vestir de ponto de crochê	842 - Abrigos, capas, jaquetas, trajes, calças, bermudas, camisas, vestidos, saias, roupa interior, pijama similares p. mulheres e menin
MnoBRN	846 Roupa interior de crochê;	843 - Abrigos, jaquetas, trajes desportivos, calças, bermudas, roupa íntima, pijamas e similares para homens e crianças
MnoBRN	847 Acessórios de vestuário, de tecidos n.e.p.;	844 - Abrigos, capas, jaquetas, trajes, calças, bermudas, camisas, vestidos, saias, roupa interior, pijama e similares p. mulheres e men
MnoBRN	848 Adornos e acessórios de vestuário, exc. de tecidos, sombrinhas;	845 - Adornos de vestimenta de trico ou crochê ou de outros tecidos n.e.p.
MnoBRN	851 Calçado;	846 - Acessórios de vestir de tela sejam de trico ou crochê (exceto os acessórios para bebês)
MnoBRN	871 Instrumentos e utensílios de ótica;	848 - Adornos e acessórios de vestir que não sejam de materiais têxteis sombreros e outros artigos de tocado de todo tipo de materi
MnoBRN	872 Instrumentos e aparelhos de medicina;	851 - Caçado
MnoBRN	873 Medidores e contadores;	871 - Instrumentos e aparelhos de ótica n.e.p.
MnoBRN	874 Instrumentos e aparelhos de medição;	872 - Instrumentos e aparatos n.e.p. de medicina cirúrgica odontologia ou veterinária
MnoBRN	881 Aparelhos e equipamentos fotográficos;	873 - Medidores e contadores n.e.p.
MnoBRN	882 Materiais fotográficos e cinematográficos;	874 - Instrumentos e aparelhos de medição e verificação e análise e controle n.e.p.
MnoBRN	883 Filmes impressos e revelados;	881 - Aparatos e equipamentos fotográficos n.e.p.
MnoBRN	884 Artigos de ótica;	882 - Materiais fotográficos e cinematográficos
MnoBRN	885 Relógios;	883 - Películas cinematográficas impressas e reveladas que tenham ou não bandas de som ou impressão de som
MnoBRN	892 Impressos;	884 - Artigos de ótica n.e.p.
MnoBRN	893 Artigos dos materiais descritos no cap. 58;	885 - Relógios;
MnoBRN	894 Carrinhos de bebe, jogo e artigos esportivos;	891 - Armas e munições
MnoBRN	895 Artigos de escritório e papelaria;	892 - Impressos
MnoBRN	896 Obras de arte, peças de coleção e antiguidades;	893 - Artigos n.e.p. de materiais plásticos
MnoBRN	897 Joias e objetos de ourives prataria e outros;	894 - Carrinhos para crianças e jogos e artigos desportivos
MnoBRN	898 Instrumentos musicais e suas partes e acessórios;	895 - Artigos de oficina e papelaria n.e.p.
MnoBRN	899 Outros artigos manufaturados diversos;	896 - Obras de arte peças de coleção e antiguidade;
Outros	911 Pacotes postais não classificados segundo sua natureza;	897 - Joias e objetos de ourives e prataria e outros artigos de materiais preciosos ou semipreciosos n.e.p.
Outros	931 Operações e mercadorias especiais não classificadas;	898 - Instrumentos musicais e suas partes, peças e acessórios, discos fonográficos, outras gravações sonoras ou similares
Outros	941 Animais vivos n.e.p.;	899 - Outros artigos manufaturados diversos n.e.p.
Outros	951 Veículos blindados, armas de guerra e munições;	911 - Pacotes postais não classificados segundo sua natureza
Outros	961 Moedas que não tenham curso legal;	931 - Operações e mercadorias especiais não classificadas segundo sua natureza
MnoBRN	971 Ouro não monetário;	961 - Moedas (exceto de ouro que tenham aacuro legal)
		971 - Ouro não monetário (exceto minerais e concentrados de ouro);
		Seção: I - Ouro monetário
		Seção: II - Moedas de ouro e moedas em circulação

FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2010 e COMTRADE 2014 - Nações Unidas

\* Mandeng (1993: 190)

\*\* TRADECAN 2012

\*\*\* <http://unstats.un.org/unsd/cr/registre/regcst.asp?Cl=14&Lg=3>

APÊNDICE 3 – TABELAS COM DADOS DEZ PRIMEIROS GRUPOS DE EXPORTAÇÃO DO MUNDO AOS MERCADOS: OCDE, MERCOSUL, ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO.

TABELA 41 - EXPORTAÇÕES DO MUNDO À OCDE - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (ordenadas por % exportações no ano final)

Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1985	1990
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Situação Ótima	5,69	5,95
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	em Retirada	9,82	5,77
MnoBRN	752	Máq. para elaboração automát. de dados e suas unidades	Situação Ótima	1,39	2,60
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	em Retirada	2,65	2,46
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	em Retirada	4,33	1,94
MnoBRN	792	Óleos de petróleo bruto, óleos brutos de min. Betumin.	Oportunidade Perdida	1,04	1,79
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não classificadas	Oportunidade Perdida	1,30	1,68
MnoBRN	641	Papel e cartão	Oportunidade Perdida	1,46	1,66
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Oportunidade Perdida	1,27	1,57
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações suas partes e acessórios	Oportunidade Perdida	1,25	1,55
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>30,21</b>	<b>26,97</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				1990	2000
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Oportunidade Perdida	5,95	6,46
Energia	333	Óleo de petróleo bruto, óleos brutos de min. Betumin.	Vulnerável	5,77	5,26
MnoBRN	752	Máq. para a elaboração automát. de dados e suas unidades	Oportunidade Perdida	2,60	3,93
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não clasificadas	Oportunidade Perdida	1,68	3,04
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Situação Ótima	1,55	2,98
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodos	Situación Ótima	1,57	2,81
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Oportunidade Perdida	2,46	2,63
MnoBRN	759	Partes, n.e.p. exc. destinadas aos grupos 751 a 752	Situación Ótima	1,53	2,31
MnoBRN	541	Produtos medicinais e farmacêuticos	Oportunidade Perdida	1,10	2,16
MnoBRN	792	Aeronaves, equipamentos e suas partes	em Retirada	1,79	1,79
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>26,00</b>	<b>33,37</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2000	2007
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não classificadas	Oportunidade Perdida	3,04	7,72
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. betumin.	Situación Ótima	5,26	7,25
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Vulnerável	6,46	5,50
MnoBRN	541	Produtos medicinais e farmacêuticos	Oportunidade Perdida	2,16	3,68
MnoBRN	752	Máquinas para a elaboração automática de dados e suas unida	em Retirada	3,93	2,59
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Vulnerável	2,63	2,47
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações suas partes e acessórios	em Retirada	2,98	2,36
Energia	341	Gás natural e artificial	Situación Ótima	1,27	2,16
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodos	Vulnerável	2,81	1,52
MnoBRN	821	Móveis e suas partes	Oportunidade Perdida	1,33	1,34
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>31,86</b>	<b>36,57</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz de Competitividade	Anos	
				2007	2010
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não classificadas	Situação Ótima	7,72	9,06
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. betumin.	em Retirada	7,25	6,75
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Vulnerável	5,50	4,74
MnoBRN	541	Produtos medicinais e farmacêuticos	Situação Ótima	3,68	4,67
MnoBRN	752	Máquinas para a elaboração automática de dados e suas unida	em Retirada	2,59	2,53
Energia	341	Gás natural e artificial	Oportunidade Perdida	2,16	2,42
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações suas partes e acessórios	em Retirada	2,36	2,19
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Vulnerável	2,47	2,17
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodos	Oportunidade Perdida	1,52	1,67
MnoBRN	821	Móveis e suas partes	em Retirada	1,34	1,32
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>36,57</b>	<b>37,51</b>

FONTE: Elaboração própria em base a TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 42 - EXPORTAÇÕES DO MUNDO AO MERCOSUL - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (ordenadas por % exportações no ano final)

Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividade	Anos	
				1985	1990
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	Vulnerável	27,42	16,14
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Situação Ótima	1,50	2,40
Energia	322	Hulla, lignito e turba	Vulnerável	2,62	2,16
MnoBRN	749	Partes e acessórios não elétricos de máquinas	Situação Ótima	1,73	2,03
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Situação Ótima	1,39	2,02
FTMM	287	Minerais de metais comuns e seus concentrados	Oportunidade Perdida	1,11	1,92
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Vulnerável	2,11	1,91
MnoBRN	514	Compostos de funções nitrogenadas	Situação Ótima	1,41	1,83
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Situação Ótima	1,67	1,75
Energia	341	Gás natural e artificial	Vulnerável	2,29	1,67
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>43,25</b>	<b>33,83</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividade	Anos	
				1990	2000
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Oportunidade Perdida	2,02	5,08
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Oportunidade Perdida	2,40	4,66
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	Vulnerável	16,14	4,35
MnoBRN	541	Produtos medicinais e farmacêuticos	Oportunidade Perdida	1,67	3,32
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Oportunidade Perdida	1,91	3,20
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Oportunidade Perdida	1,75	2,69
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Situação Ótima	0,79	2,59
MnoBRN	752	Máquinas para a elaboração de dados e suas unidades	Situação Ótima	1,20	2,11
MnoBRN	778	Máquinas e aparelhos elétricos	Oportunidade Perdida	1,29	1,85
MnoBRN	562	Fertilizantes manufaturados	Situação Ótima	1,54	1,83
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>30,70</b>	<b>31,66</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividade	Anos	
				2000	2007
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não classificadas	Situação Ótima	0,09	8,82
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	Oportunidade Perdida	4,35	6,29
MnoBRN	562	Fertilizantes manufaturados	Situação Ótima	1,83	3,72
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Situação Ótima	2,59	3,60
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Situação Ótima	3,20	3,33
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Vulnerável	5,08	3,30
MnoBRN	541	Produtos medicinais e farmacêuticos	Vulnerável	3,32	2,84
MnoBRN	749	Partes e acessórios não elétricos de máquinas	Situação Ótima	1,75	1,80
MnoBRN	583	Produtos de polimerização e copolimerização	Vulnerável	1,80	1,79
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Vulnerável	2,69	1,79
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>26,69</b>	<b>37,29</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividade	Anos	
				2007	2010
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não classificadas	Vulnerável	8,82	7,26
MnoBRN	781	Automóveis para passageiros	Oportunidade Perdida	3,60	5,11
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	Vulnerável	6,29	3,87
MnoBRN	541	Produtos medicinais e farmacêuticos	Oportunidade Perdida	2,84	3,64
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Oportunidade Perdida	3,33	3,47
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Oportunidade Perdida	3,30	3,39
MnoBRN	562	Fertilizantes manufaturados	Vulnerável	3,72	2,59
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Situação Ótima	1,79	2,06
Energia	341	Gás natural e artificial	Situação Ótima	1,62	1,90
MnoBRN	583	Produtos de polimerização e copolimerização	Oportunidade Perdida	1,79	1,89
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>37,10</b>	<b>35,17</b>

FONTE: Elaboração própria em base a TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 43 - EXPORTAÇÕES DO MUNDO À ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO - DEZ PRIMEIROS GRUPOS (ordenadas por % exportações no ano final)

Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividade	Anos	
				1985	1990
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	Vulnerável	10,25	5,31
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Situação Ótima	3,46	4,56
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Oportunidade Perdida	1,74	2,61
MnoBRN	728	Outras máquinas e equip. espec. p/ outras indústrias e suas pa	Situação Ótima	1,61	2,38
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Vulnerável	3,41	2,38
MnoBRN	792	Aeronaves e equipamento conexo e suas partes	Situação Ótima	1,59	1,91
MnoBRN	784	Partes e acessórios de veículos automotivos	Situação Ótima	1,18	1,87
MnoBRN	583	Produtos de polimerização e copolimerização	Oportunidade Perdida	1,50	1,86
MnoBRN	674	Planos universais, chapas e pranchas de ferro ou aço	Oportunidade Perdida	1,35	1,73
MnoBRN	724	Maquinário têxtil, para trabalhar couros e suas partes	Situação Ótima	0,69	1,52
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>26,79</b>	<b>26,12</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividadee	Anos	
				1990	2000
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Oportunidade Perdida	4,56	11,58
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	Oportunidade Perdida	5,31	7,74
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Situação Ótima	2,61	4,47
MnoBRN	759	Partes, n.e.p. exc. destinadas a Grupos 751 a 752	Oportunidade Perdida	1,40	3,75
MnoBRN	752	Máq. para a elaboração automát. de dados e suas unidades	Oportunidade Perdida	1,11	2,30
Energia	334	Produtos derivados do petróleo, refinados	Vulnerável	2,38	2,22
MnoBRN	772	Aparelhagem elétric. para emenda, corte de circuito elétric.	Oportunidade Perdida	1,31	2,12
MnoBRN	583	Produtos de polimerização e copolimerização	Situação Ótima	1,86	2,07
MnoBRN	778	Máquinas e aparelhos elétricos	Situação Ótima	1,19	1,98
MnoBRN	728	Outras máquinas e equip. espec. p/ outras indústrias e suas pa em Retirada		2,38	1,84
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>24,10</b>	<b>40,08</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividadee	Anos	
				2000	2007
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	Situação Ótima	11,58	11,93
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	Situação Ótima	7,74	8,12
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não classificadas	Oportunidade Perdida	0,73	6,71
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	Vulnerável	4,47	3,88
MnoBRN	759	Partes, n.e.p. exc. destinadas a Grupos 751 ó 752	em Retirada	3,75	2,46
MnoBRN	772	Aparelhagem elétric. para emenda, corte de circuito elétric.	Situação Ótima	2,12	2,35
MnoBRN	752	Máq. para a elaboração automát. de dados e suas unidades	Vulnerável	2,30	1,95
MnoBRN	778	Máquinas e aparelhos elétricos	em Retirada	1,98	1,89
MnoBRN	583	Produtos de polimerização e copolimerização	Vulnerável	2,07	1,85
MnoBRN	871	Intrumentos e aparelhos de ótica	Situação Ótima	0,56	1,80
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>37,31</b>	<b>42,94</b>
Cod. Mandeng	CódGrup	Grupos	Matriz Competitividadee	Anos	
				2007	2010
MnoBRN	776	Lâmpadas, tubos e válvulas eletrônicas de cátodo	em Retirada	11,93	11,49
Outros	931	Operações e mercadorias especiais não classificadas	Oportunidade Perdida	6,71	7,54
Energia	333	Óleos de Petróleo brutos, óleos brutos de min. Betumin	em Retirada	8,12	7,42
MnoBRN	764	Equipamento de telecomunicações e suas partes e acessórios	em Retirada	3,88	3,43
MnoBRN	772	Aparelhagem elétric. para emenda, corte de circuito elétric.	Vulnerável	2,35	2,27
FTMM	281	Mineral de ferro e seus concentrados	Oportunidade Perdida	1,49	2,15
MnoBRN	759	Partes, n.e.p. exc. destinadas a Grupos 751 a 752	Vulnerável	2,46	1,93
MnoBRN	583	Produtos de polimerização e copolimerização	Situação Ótima	1,85	1,93
MnoBRN	752	Máq. para a elaboração automát. de dados e suas unidades	Vulnerável	1,95	1,92
MnoBRN	778	Máquinas e aparelhos elétricos	Vulnerável	1,89	1,82
<b>10 primeiros</b>	<b>total</b>			<b>42,63</b>	<b>41,90</b>

FONTE: Elaboração própria em base a TRADECAN 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)



APÊNDICE 4 – TABELAS COM DADOS DE SALDO COMERCIAL, ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA (ICII) DA ARGENTINA, VARIAÇÃO ICII COM SÓCIOS COMERCIAIS: MUNDO, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, BRASIL, CHINA. (COMTRADE 2014)

TABELA 44 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA (ICII) DA ARGENTINA COM O MUNDO (1992-2010)

Cod. Mandeng*	Cod. CUCI Rev.3**	Saldo Comercial***				ICII				Variação ICII		
		1992	2000	2007	2010	1992	2000	2007	2010	1992-2000	2000-2007	2007-2010
Agricultura	001 - Animais vivos não inclu	\$ -29.129.960	\$ 933.362	\$ 18.253.125	\$ 12.501.254	0,373	0,970	0,516	0,677	1,599	-0,467	0,310
Agricultura	011 - Carne de Gado	\$ 319.980.786	\$ 482.889.038	\$ 1.204.279.827	\$ 1.044.293.626	0,101	0,059	0,008	0,009	-0,413	-0,860	0,077
Agricultura	012 - Outras carnes e miúdos	\$ 26.677.136	\$ 6.811.737	\$ 344.517.724	\$ 510.355.492	0,881	0,972	0,266	0,336	0,102	-0,726	0,260
Agricultura	016 - Carnes e miúdos comest	\$ -4.088.746	\$ -21.137.209	\$ -1.359.303	\$ -4.201.995	0,019	0,012	0,767	0,732	-0,368	62,059	-0,045
Agricultura	017 - Carne e miúdos de carne	\$ 299.951.264	\$ 137.114.909	\$ 191.819.008	\$ 185.895.680	0,026	0,324	0,104	0,139	11,343	-0,680	0,336
Agricultura	022 - Leite	\$ -61.390.386	\$ 239.168.837	\$ 438.651.249	\$ 635.498.374	0,410	0,088	0,034	0,024	-0,785	-0,612	-0,289
Agricultura	023 - Manteiga e outras gord	\$ -21.441.854	\$ 12.700.623	\$ 48.477.701	\$ 54.717.044	0,019	0,030	0,000	0,195	0,571	-0,985	432,919
Agricultura	024 - Queijo e calhada	\$ -7.626.554	\$ 37.423.590	\$ 135.883.036	\$ 178.361.283	0,772	0,546	0,137	0,140	-0,292	-0,749	0,023
Agricultura	025 - Ovos de ave e gemas de	\$ -6.266.732	\$ -4.706.093	\$ 20.737.973	\$ 19.657.497	0,235	0,345	0,004	0,044	0,466	-0,989	10,537
Agricultura	034 - Peixe fresco	\$ 263.454.194	\$ 331.674.909	\$ 569.745.010	\$ 586.189.699	0,109	0,067	0,062	0,096	-0,381	-0,082	0,555
Agricultura	035 - Peixe seco	\$ 15.446.442	\$ 9.183.279	\$ 21.918.793	\$ 29.851.731	0,219	0,395	0,101	0,090	0,800	-0,745	-0,108
Agricultura	036 - Crustáceos	\$ 212.460.618	\$ 455.364.152	\$ 454.125.029	\$ 651.652.367	0,056	0,049	0,021	0,019	-0,123	-0,560	-0,125
Agricultura	334 - Óleos de petróleo e óleos	\$ 18.370.208	\$ -47.259.469	\$ -61.579.474	\$ -69.750.975	0,717	0,300	0,281	0,275	-0,581	-0,063	-0,024
Agricultura	041 - Trigo (incluindo espelta)	\$ 713.330.489	\$ 1.218.110.873	\$ 2.015.943.461	\$ 901.798.777	0,007	0,000	0,000	0,000	-0,990	-0,475	0,423
Agricultura	042 - Arroz	\$ 51.320.230	\$ 99.794.654	\$ 144.426.716	\$ 228.586.658	0,065	0,073	0,054	0,043	0,115	-0,250	-0,210
Agricultura	043 - Cevada sem moer	\$ 22.472.993	\$ 2.272.915	\$ 93.445.437	\$ 107.433.580	0,000	0,705	0,001	0,000	1415,939	-0,999	-0,529
Agricultura	044 - Milho (exceto milho do	\$ 632.626.671	\$ 1.006.846.852	\$ 2.236.012.230	\$ 3.120.522.181	0,012	0,026	0,015	0,016	1,106	-0,425	0,060
Agricultura	045 - Cereais sem moer (excet	\$ 119.554.500	\$ 69.017.941	\$ 146.555.911	\$ 231.191.339	0,004	0,078	0,033	0,017	20,337	-0,580	-0,490
Agricultura	046 - Sêmola e farinha de trigo	\$ 27.916.641	\$ 66.032.344	\$ 254.280.663	\$ 290.716.639	0,006	0,016	0,003	0,001	1,843	-0,841	-0,748
Agricultura	047 - Outras sêmolas e farin	\$ 123.370	\$ 3.917.161	\$ 7.814.381	\$ 6.367.569	0,299	0,339	0,063	0,074	0,134	-0,813	0,167
Agricultura	048 - Preparados de cereais e	\$ 11.749.544	\$ 89.270.474	\$ 247.584.011	\$ 407.162.438	0,812	0,490	0,157	0,129	-0,396	-0,680	-0,179
Agricultura	054 - Legumes frescos	\$ 156.897.073	\$ 173.320.924	\$ 380.484.445	\$ 622.068.909	0,130	0,274	0,106	0,049	1,106	-0,613	-0,533
Agricultura	056 - Legumes	\$ 1.229.272	\$ 54.997.594	\$ 173.169.304	\$ 236.972.169	0,983	0,681	0,350	0,302	-0,307	-0,486	-0,137
Agricultura	057 - Frutas e nozes (exceto r	\$ 230.542.776	\$ 287.230.475	\$ 925.226.133	\$ 998.108.813	0,403	0,530	0,187	0,264	0,316	-0,648	0,414
Agricultura	058 - Frutas em conserva e p	\$ -4.194.536	\$ -6.030.788	\$ 298.186.761	\$ 330.049.331	0,935	0,940	0,209	0,211	0,006	-0,777	0,006
Agricultura	059 - Sucos de frutas (inclu	\$ 192.255.529	\$ 132.202.861	\$ 301.127.323	\$ 300.787.012	0,055	0,252	0,096	0,097	3,589	-0,621	0,020
Agricultura	061 - Açúcares	\$ 94.893.083	\$ 149.187.496	\$ 255.551.603	\$ 335.253.755	0,077	0,047	0,069	0,153	-0,393	0,479	1,213
Agricultura	062 - Artigos de confeitaria	\$ -6.043.274	\$ 44.835.210	\$ 69.726.033	\$ 75.090.927	0,861	0,555	0,399	0,461	-0,355	-0,281	0,156
Agricultura	071 - Café e substitutos do c	\$ -44.947.712	\$ -60.937.103	\$ -92.859.133	\$ -111.959.199	0,008	0,031	0,046	0,044	3,119	0,477	-0,053
Agricultura	072 - Cacau	\$ -37.732.082	\$ -40.834.811	\$ -84.716.809	\$ -149.866.583	0,020	0,006	0,001	0,003	-0,702	-0,800	1,470
Agricultura	073 - Chocolate e outros prep	\$ -30.494.396	\$ -50.616.458	\$ 96.196.139	\$ 99.458.279	0,129	0,537	0,331	0,431	3,151	-0,384	0,304
Agricultura	074 - Chá e mate	\$ 45.087.037	\$ 60.955.462	\$ 84.636.352	\$ 135.563.103	0,047	0,090	0,052	0,038	0,899	-0,423	-0,260
Agricultura	075 - Temperos	\$ -7.975.177	\$ -13.425.415	\$ -9.940.870	\$ -15.816.872	0,139	0,111	0,214	0,210	-0,204	0,938	-0,020
Agricultura	081 - Ração para animais (ex	\$ 1.448.951.114	\$ 2.392.978.716	\$ 6.161.656.263	\$ 8.724.268.886	0,014	0,031	0,011	0,014	1,216	-0,639	0,218
Agricultura	091 - Margarina e manteigas	\$ 3.477.490	\$ 41.690.973	\$ 153.422.072	\$ 181.316.001	0,001	0,080	0,150	0,168	78,189	0,870	0,123
Agricultura	098 - Produtos e preparados	\$ -5.327.588	\$ -40.520.650	\$ 152.902.234	\$ 199.292.184	0,928	0,821	0,535	0,524	-0,115	-0,348	-0,019
Agricultura	111 - Bebidas não alcoólicas	\$ -41.951.262	\$ 12.928.375	\$ 7.804.150	\$ 25.835.288	0,023	0,520	0,704	0,524	21,801	0,354	-0,255
Agricultura	112 - Bebidas alcoólicas;	\$ -31.644.044	\$ 116.680.437	\$ 500.539.083	\$ 729.427.459	0,716	0,491	0,107	0,158	-0,314	-0,782	0,472
Agricultura	121 - Tabaco sem tratamento	\$ 138.434.979	\$ 113.757.077	\$ 250.585.823	\$ 279.576.611	0,058	0,109	0,063	0,079	0,891	-0,421	0,244
Agricultura	122 - Tabaco manufaturado (	\$ 4.500.374	\$ 19.537.312	\$ -7.846.246	\$ -27.796.629	0,363	0,401	0,805	0,549	0,103	1,008	-0,318
Agricultura	211 - Couros e peles (exceto	\$ 3.214.849	\$ 3.302.725	\$ 2.967.719	\$ 6.195.536	0,279	0,521	0,736	0,587	0,871	0,412	-0,202
Agricultura	212 - Peles finas sem curtir (	\$ 15.342	\$ 608.462	\$ 1.863.240	\$ 2.146.724	0,985	0,578	0,373	0,124	-0,414	-0,355	-0,667
Agricultura	222 - Sementes e frutos oleo	\$ 781.261.441	\$ 945.799.463	\$ 2.998.987.755	\$ 5.273.470.084	0,008	0,112	0,306	0,008	12,601	1,738	-0,975
Agricultura	223 - Sementes e frutos olea	\$ -111.506	\$ 469.054	\$ 11.618.083	\$ 12.742.393	0,747	0,461	0,084	0,139	-0,382	-0,819	0,662
Agricultura	231 - Borracha natural	\$ -28.080.659	\$ -22.367.059	\$ -84.658.024	\$ -120.366.434	0,001	0,012	0,006	0,001	8,143	-0,468	-0,905
Agricultura	232 - Borracha sintética	\$ -16.619.674	\$ -11.271.026	\$ -53.179.575	\$ -75.658.139	0,579	0,835	0,636	0,585	0,443	-0,238	-0,081
Agricultura	244 - Cortiça natural	\$ -7.159.013	\$ -2.587.050	\$ -1.792.646	\$ -947.670	0,000	0,011	0,000	0,000	25,724	-0,996	-1,000
Agricultura	245 - Lenha (exceto desperdi	\$ 5.659.175	\$ 9.519.651	\$ 35.816.205	\$ 44.825.731	0,004	0,004	0,000	0,041	0,258	-1,000	sd
Agricultura	246 - Madeira em serragem o	\$ -29.585	\$ 7.165.889	\$ -2.786.162	\$ -1.111.566	0,124	0,221	0,328	0,795	0,781	0,481	1,427
Agricultura	247 - Madeira brutas ou corta	\$ 40.558.524	\$ 4.277.933	\$ 7.149.387	\$ 3.723.337	0,068	0,412	0,016	0,056	5,092	-0,962	2,565
Agricultura	248 - Madeira tabulhada e tr	\$ -49.160.887	\$ -41.100.366	\$ 74.332.374	\$ 58.593.936	0,040	0,438	0,486	0,415	10,031	0,111	-0,147
Agricultura	251 - Pasta e desperdícios de	\$ -1.403.228	\$ 81.009.396	\$ 43.151.559	\$ 73.968.816	0,984	0,645	0,801	0,742	-0,344	0,242	-0,074
FTMM	261 - Seda	\$ -120.815	\$	\$ -23.138	\$ -23.731	0,083	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
FTMM	263 - Algodão	\$ 67.521.416	\$ 45.571.956	\$ -31.660.290	\$ 58.051.445	0,231	0,301	0,440	0,467	0,303	0,463	0,061
FTMM	264 - Juta e outras fibras têx	\$ 19.908	\$	\$	\$ -240.461	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	sd
FTMM	265 - Fibras têxteis vegetais (	\$ -349.191	\$ -190.437	\$ -173.626	\$ -44.795.610	0,048	0,304	0,023	0,000	5,337	-0,924	-0,997
FTMM	266 - Fibras sintéticas adequ	\$ -15.924.054	\$ -10.771.246	\$ -50.362.380	\$ -28.398.786	0,375	0,744	0,200	0,140	0,982	-0,732	-0,298
FTMM	267 - Outras fibras manufatu	\$ -21.284.309	\$ -18.473.838	\$ -23.461.731	\$ 227.292.860	0,021	0,067	0,029	0,061	2,193	-0,571	1,113
FTMM	268 - Lã e outros pelos de an	\$ 129.722.280	\$ 131.773.062	\$ 226.822.936	\$ 25.952	0,060	0,026	0,056	0,020	-0,559	1,125	-0,646
FTMM	269 - Roupas velhas e outros a	\$ -993.131	\$ -9.659	\$ 82.707	\$ -35.030.878	0,048	0,895	0,439	0,607	17,622	-0,509	0,382

continua

Continuação

FTMM	272 - Fertilizantes puros, exc	\$	-591.258	\$	-1.132.144	\$	-15.607.893	\$	-9.930.034	0,027	0,101	0,006	0,001	2,707	-0,944	-0,798
FTMM	273 - Pedra, areia e cascalho	\$	-3.520.216	\$	-6.860.030	\$	-9.057.446	\$	-25.525.596	0,601	0,449	0,538	0,540	-0,252	0,197	0,004
FTMM	274 - Enxofre e pepita de fer	\$	-5.057.142	\$	-6.998.762	\$	-15.519.523	\$	-457.737	0,015	0,013	0,004	0,003	-0,106	-0,669	-0,311
FTMM	277 - Abrasivos naturais n.e.	\$	-399.388	\$	-376.823	\$	-335.082	\$	5.404.687	0,602	0,468	0,396	0,242	-0,221	-0,154	-0,389
FTMM	278 - Outros minerais no brut	\$	-13.848.407	\$	8.220.749	\$	541.779	\$	-823.099.044	0,531	0,851	0,993	0,949	0,603	0,166	-0,044
FTMM	281 - Mineral de ferro e seus	\$	-138.704.288	\$	-165.686.278	\$	-472.441.782	\$	-3.343.938	0,000	0,000	0,000	0,008	sd	0,007	61,162
FTMM	282 - Desperdícios e descarte	\$	-2.560.918	\$	3.771.336	\$	10.358.397	\$	1.494.372.053	0,000	0,086	0,476	0,000	3245,232	4,524	-1,000
FTMM	283 - Minerais de cobre e seu	\$	-10.226	\$	307.046.986	\$	1.357.972.359	\$	-5.634	0,855	0,000	0,000	0,000	-1,000	0,319	0,580
FTMM	284 - Minerais de níquel e se	\$	-203.941	\$	-48.202	\$		\$	-265.834.257	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	285 - Minerais de alumínio e	\$	-50.604.254	\$	-106.270.468	\$	-193.632.241	\$	-1.266	0,006	0,000	0,002	0,001	-0,958	8,249	-0,571
FTMM	286 - Minerais e concentrad	\$	-516	\$		\$	-1.692	\$	-8.635.267	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	287 - Minerais de metais cor	\$	-3.651.034	\$	-7.725.922	\$	-60.744.175	\$	-5.397.695	0,736	0,444	0,293	0,892	-0,396	-0,340	2,039
FTMM	288 - Desperdícios e descarte	\$	-1.897.070	\$	18.689.765	\$	-2.763.924	\$	294.498.050	0,028	0,026	0,276	0,547	-0,088	9,686	0,979
FTMM	289 - Minerais de metais prec	\$	-51.542	\$		\$	50.752.612	\$	42.349.737	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	291 - Produtos amiais no br	\$	4.121.179	\$	-1.823.319	\$	38.982.798	\$	-68.441.255	0,713	0,944	0,599	0,614	0,324	-0,366	0,026
Agricultura	292 - Produtos vegetais no b	\$	-53.536.834	\$	-87.782.922	\$	-62.509.985	\$	-324.375.415	0,205	0,232	0,494	0,546	0,131	1,131	0,103
Energia	321 - Carvão	\$	-66.249.595	\$	-47.640.686	\$	-198.346.904	\$	-1.205.789	0,004	0,000	0,008	0,011	-0,907	19,839	0,341
Energia	322 - Linhita e turfa	\$	-156.118	\$	-994.877	\$	-1.215.840	\$	-1.091.307	0,161	0,080	0,348	0,377	-0,506	3,375	0,082
Energia	325 - Coque e semicoque (inc	\$	978.142	\$	-4.378.730	\$	-31.976.386	\$	2.583.530.427	0,005	0,430	0,116	0,919	88,674	-0,729	6,904
Energia	333 - Óleos de petróleo puro	\$	347.492.877	\$	2.485.716.741	\$	1.276.980.525	\$	-973.904.265	0,008	0,206	0,029	0,000	26,320	-0,860	-1,000
Energia	334 - Produtos derivados do	\$	430.532.000	\$	854.724.305	\$	1.507.992.470	\$	53.821.536	0,481	0,419	0,702	0,766	-0,129	0,673	0,092
Energia	335 - Produtos residuais deri	\$	36.017.856	\$	45.503.626	\$	78.576.655	\$	601.298.779	0,514	0,505	0,526	0,609	-0,019	0,042	0,159
Energia	342 - Propano e butano líquid	\$	1.226.039	\$	134.039.377	\$	646.824.880	\$	-580.791.383	0,964	0,192	0,064	0,015	-0,800	-0,669	-0,758
Energia	343 - Gás natural líquido ou r	\$	-119.295.675	\$	185.166.867	\$	315.482.467	\$	223.298.522	0,004	0,007	0,469	0,426	0,826	61,956	-0,091
Energia	344 - Gases de petróleo e out	\$	26.005.025	\$	115.800.258	\$	172.642.343	\$	-671.823.072	0,039	0,003	0,000	0,008	-0,923	-0,866	19,830
Energia	345 - Gás de carvão	\$	739.306	\$	-169	\$		\$	-15.933.399	0,763	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
Energia	351 - Corrente elétrica;	\$	530.120	\$	-53.191.316	\$	-363.798.220	\$	4.847.224.119	0,965	0,848	0,346	0,152	-0,121	-0,591	-0,562
Agricultura	411 - Óleos e gorduras de or	\$	1.047.166.956	\$	2.574.261	\$	6.815.246	\$	-4.800.252	0,001	0,886	0,732	0,603	789,688	-0,174	-0,177
Agricultura	421 - Óleos e gorduras fixos	\$	37.256.340	\$	1.567.368.159	\$	5.185.986.848	\$	130.154.089	0,230	0,027	0,002	0,001	-0,884	-0,920	-0,307
Agricultura	422 - Gorduras e óleos fixos	\$	-1.257.706	\$	2.596.093	\$	-997.238	\$	-154.405.036	0,905	0,861	0,970	0,861	-0,049	0,127	-0,112
Agricultura	431 - Gorduras e óleos de or	\$	18.830.180	\$	21.298.519	\$	110.889.260	\$	-73.204.320	0,813	0,583	0,212	0,239	-0,283	-0,636	0,129
MnoBRN	511 - Hidrocarburetos	\$	-14.698.548	\$	-73.491.935	\$	31.882.742	\$	-401.193.392	0,831	0,695	0,919	0,559	-0,163	0,321	-0,391
MnoBRN	512 - Álcoois	\$	-71.531.786	\$	-62.201.740	\$	-14.725.478	\$	-287.268.784	0,479	0,650	0,960	0,793	0,356	0,477	-0,175
MnoBRN	513 - Ácidos carboxílicos e s	\$	-99.326.184	\$	-164.123.352	\$	-310.478.306	\$	-897.202.833	0,435	0,404	0,386	0,322	-0,072	-0,043	-0,167
MnoBRN	514 - Compostos de funções	\$	-218.255.216	\$	-116.943.604	\$	-199.288.458	\$	-195.042.439	0,190	0,526	0,324	0,368	1,769	-0,385	0,137
MnoBRN	515 - Compostos orgânicos-	\$	-38.377.960	\$	-497.880.641	\$	-800.297.719	\$	-90.055.713	0,472	0,085	0,081	0,080	-0,820	-0,045	-0,018
MnoBRN	516 - Outros produtos quím	\$	-17.109.676	\$	-64.152.442	\$	-227.389.428	\$	-54.647.520	0,799	0,579	0,300	0,422	-0,275	-0,483	0,408
MnoBRN	522 - Elementos químicos ino	\$	-71.293.917	\$	2.766.409	\$	-32.406.252	\$	-68.819.702	0,239	0,980	0,867	0,678	3,106	-0,115	-0,218
MnoBRN	523 - Sais metálicos e máxas	\$	1.664.518	\$	-32.175.065	\$	-29.292.119	\$	-9.274.839	0,909	0,807	0,901	0,845	-0,112	0,116	-0,062
MnoBRN	524 - Outros produtos quím	\$	-1.051.828	\$	-26.311.639	\$	-28.207.645	\$	-688.704.105	0,739	0,634	0,693	0,461	-0,142	0,092	-0,335
MnoBRN	525 - Materiais radioativos e	\$	-21.466.388	\$	4.248.066	\$	-6.561.700	\$	58.144.593	0,722	0,837	0,608	0,706	0,159	-0,273	0,161
MnoBRN	531 - Materiais colorantes e r	\$	36.209.255	\$	-27.612.166	\$	-44.848.948	\$	-231.259.400	0,232	0,637	0,492	0,440	1,750	-0,227	-0,106
MnoBRN	532 - Extractos tintórios e cor	\$	-71.957.472	\$	29.584.207	\$	53.517.797	\$	-688.704.105	0,180	0,575	0,474	0,476	2,203	-0,177	0,006
MnoBRN	533 - Pigmentos	\$	-158.676.424	\$	-147.053.663	\$	-186.477.861	\$	-284.797.947	0,231	0,383	0,450	0,413	0,659	0,175	-0,083
MnoBRN	541 - Produtos medicinais e	\$	-54.888.172	\$	-225.562.364	\$	-367.194.165	\$	114.507.252	0,576	0,374	0,353	0,351	-0,351	-0,057	-0,005
MnoBRN	542 - Medicamentos (incluind	\$	12.988.770	\$	-260.458.797	\$	-169.545.280	\$	-83.009.695	0,714	0,650	0,843	0,803	-0,090	0,298	-0,048
MnoBRN	551 - Óleos essenciais materi	\$	-2.385.954	\$	47.798.177	\$	101.332.159	\$	-82.796.925	0,951	0,610	0,549	0,561	-0,358	-0,100	0,022
MnoBRN	553 - Produtos de perfumaria	\$	-31.058.877	\$	-21.990.394	\$	78.829.821	\$	-875.248.492	0,484	0,903	0,846	0,903	0,864	-0,063	0,067
MnoBRN	554 - Sabão e preparados pa	\$	-66.128.757	\$	-73.983.988	\$	-59.991.864	\$	-237.995.767	0,053	0,586	0,792	0,796	10,011	0,351	0,005
MnoBRN	562 - Fertilizantes (exceto os	\$	-25.795.548	\$	-243.923.879	\$	-1.012.435.150	\$	-61.466.109	0,770	0,009	0,154	0,123	-0,989	16,565	-0,197
MnoBRN	571 - Polímeros de etileno em	\$	-14.731.113	\$	-208.399.165	\$	-137.138.479	\$	31.785.937	0,489	0,345	0,826	0,724	-0,293	1,391	-0,124
MnoBRN	572 - Polímeros de estireno e	\$	-25.222.818	\$	871.405	\$	-69.088.709	\$	-174.786.889	0,420	0,989	0,336	0,448	1,353	-0,661	0,335
MnoBRN	573 - Polímeros de cloreto de	\$	-39.270.711	\$	4.319.748	\$	28.579.868	\$	-297.654.699	0,347	0,958	0,819	0,839	1,762	-0,145	0,024
MnoBRN	574 - Poliactetis	\$	-87.358.476	\$	-57.914.261	\$	-210.944.751	\$	25.122.655	0,402	0,764	0,423	0,499	0,902	-0,446	0,180
MnoBRN	575 - Outros plásticos em fo	\$	-12.267	\$	-97.996.709	\$	-218.277.267	\$	-20.702.740	0,976	0,686	0,660	0,624	-0,297	-0,038	-0,054
MnoBRN	579 - Desperdícios	\$	-21.315.656	\$	1.586.696	\$	27.761.319	\$	-152.524.469	0,155	0,034	0,002	0,073	-0,782	-0,931	30,312
MnoBRN	581 - Tubos	\$	-74.088.854	\$	-41.326.045	\$	-22.039.179	\$	-3.122.067	0,377	0,445	0,818	0,883	0,178	0,840	0,080
MnoBRN	582 - Pranchas	\$	-475.808	\$	-144.599.633	\$	-116.910.846	\$	-117.439.188	0,735	0,518	0,784	0,757	-0,296	0,514	-0,033
MnoBRN	583 - Monoofilamentos qualq	\$	-62.244.872	\$	-2.619.375	\$	-3.559.293	\$	128.035.361	0,537	0,543	0,608	0,820	0,010	0,120	0,349
MnoBRN	591 - Insecticidas	\$	-303.130	\$	-64.158.429	\$	-44.287.955	\$	-13.970.639	0,994	0,775	0,935	0,876	-0,220	0,206	-0,063
MnoBRN	592 - Amido	\$	-4.972.062	\$	17.662.639	\$	93.053.869	\$	-142.188.528	0,350	0,863	0,610	0,556	1,464	-0,293	-0,088
MnoBRN	593 - Explosivos e produtos e	\$	-51.397.246	\$	-12.319.795	\$	-8.321.020	\$	927.176.673	0,425	0,439	0,537	0,493	0,035	0,223	-0,082
MnoBRN	597 - Aditivos preparados pa	\$	-92.220.430	\$	-50.419.810	\$	-132.613.556	\$	955.799.830	0,415	0,487	0,250	0,277	0,172	-0,486	0,107
MnoBRN	598 - Produtos químicos div	\$	455.434.594	\$	-156.433.920</											

MBRN	634 - Folhas de madeira para	\$	-6.895.924	\$	13.050.062	\$	86.484.643	\$	-605.894.730	0,361	0,832	0,534	0,667	1,307	-0,359	0,250
MBRN	635 - Manufaturas de madeira	\$	-258.958.939	\$	-24.806.075	\$	-20.541.613	\$	46.548.671	0,110	0,366	0,679	0,457	2,325	0,858	-0,327
MnoBRN	641 - Papel e cartão	\$	-71.237.418	\$	-550.714.477	\$	-529.189.376	\$	-196.335.849	0,229	0,170	0,422	0,447	-0,258	1,482	0,059
MnoBRN	642 - Papéis e cartões recorta	\$	-38.486.720	\$	-79.501.972	\$	108.034.203	\$	-106.716.449	0,724	0,741	0,662	0,868	0,023	-0,107	0,311
MnoBRN	651 - Fios de fibra sextil	\$	-39.142.908	\$	2.485.679	\$	-234.412.767	\$	-151.116.216	0,563	0,991	0,350	0,400	0,762	-0,647	0,143
MnoBRN	652 - Tecidos de algodão (exc	\$	-136.178.382	\$	-58.755.811	\$	-111.547.206	\$	-22.653.115	0,085	0,308	0,403	0,262	2,640	0,311	-0,351
MnoBRN	653 - Tecidos de materiais têx	\$	-15.294.320	\$	-101.653.160	\$	-122.333.812	\$	-116.098.615	0,197	0,255	0,146	0,110	0,292	-0,425	-0,252
MnoBRN	654 - Outros tecidos de fibras	\$	-8.111.412	\$	-25.159.663	\$	-21.889.181	\$	-12.685.764	0,581	0,080	0,041	0,146	-0,863	-0,483	2,537
MnoBRN	655 - Tecidos de malha ou cro	\$	-21.237.817	\$	-47.305.354	\$	-88.157.030	\$	-80.595.988	0,037	0,213	0,226	0,182	4,774	0,061	-0,196
MnoBRN	656 - Tules	\$	-34.835.470	\$	-9.295.602	\$	-11.042.582	\$	-104.526.195	0,407	0,398	0,324	0,326	-0,023	-0,187	0,007
MnoBRN	657 - Fios especiais	\$	-37.247.215	\$	-30.233.202	\$	-67.355.766	\$	-13.454.655	0,221	0,806	0,722	0,760	2,650	-0,105	0,053
MnoBRN	658 - Artigos confeccionados	\$	-14.530.573	\$	-102.938.894	\$	-99.870.159	\$	49.829.719	0,187	0,131	0,199	0,221	-0,300	0,518	0,112
MnoBRN	659 - Tapetes etc.	\$	6.320.415	\$	-21.988.860	\$	-9.715.750	\$	-40.769.844	0,676	0,123	0,572	0,571	-0,818	3,655	-0,003
MBRN	661 - Cal	\$	-6.076.276	\$	-9.354.556	\$	24.346.562	\$	-96.942.741	0,883	0,851	0,757	0,558	-0,037	-0,111	-0,263
MBRN	662 - Materiais de construçã	\$	-33.269.598	\$	-16.422.565	\$	-38.020.629	\$	-113.347.676	0,167	0,813	0,747	0,765	3,855	-0,082	0,024
MBRN	663 - Manufaturas de minera	\$	-9.236.290	\$	-62.939.321	\$	-56.905.886	\$	-94.887.755	0,786	0,176	0,525	0,459	-0,776	1,986	-0,127
MnoBRN	664 - Vidro	\$	-17.271.218	\$	-52.769.444	\$	-74.797.391	\$	-16.303.636	0,625	0,406	0,381	0,354	-0,351	-0,060	-0,071
MnoBRN	665 - Artigos de vidro	\$	-16.960.931	\$	-31.685.651	\$	-53.977.093	\$	1.351.468	0,098	0,461	0,392	0,271	3,712	-0,149	-0,309
MnoBRN	666 - Artigos de cerâmica	\$	-352.962	\$	-18.757.701	\$	-16.720.193	\$	-134.834.456	0,461	0,089	0,119	0,076	-0,806	0,334	-0,362
MBRN	667 - Pérolas	\$	-3.925.555	\$	444.687	\$	620.328	\$	-197.183.516	0,799	0,488	0,266	0,092	-0,389	-0,454	-0,656
MBRN	671 - Ferro fundido	\$	-31.868.335	\$	-30.311.982	\$	-155.764.333	\$	37.177.654	0,020	0,329	0,369	0,499	15,849	0,120	0,333
MnoBRN	672 - Lingotes e outras forma	\$	-208.378.232	\$	-13.958.936	\$	-78.669.542	\$	-162.432.702	0,351	0,506	0,573	0,230	0,441	0,133	-0,599
MnoBRN	673 - Produtos laminados pla	\$	-54.088.600	\$	129.411.839	\$	-19.333.564	\$	-260.207.323	0,455	0,580	0,951	0,869	0,274	0,639	-0,085
MnoBRN	674 - Produtos laminados pla	\$	-62.568.249	\$	82.335.006	\$	-6.613.647	\$	-170.945.017	0,022	0,508	0,967	0,389	22,047	0,903	-0,598
MnoBRN	675 - Produtos laminados plata	\$	-23.087.600	\$	-62.568.686	\$	-233.136.125	\$	-28.852.589	0,605	0,020	0,059	0,036	-0,967	-1,974	-0,397
MnoBRN	676 - Barras	\$	26.015.429	\$	-6.120.610	\$	-95.305.021	\$	-27.184.747	0,028	0,957	0,720	0,652	33,051	0,428	-0,093
MnoBRN	677 - Carros e elementos par	\$	-6.661.183	\$	-1.593.032	\$	-14.257.071	\$	740.188.688	0,473	0,041	0,013	0,006	-0,914	-0,692	-0,501
MnoBRN	678 - Arame de ferro o aço	\$	266.416.704	\$	-3.794.416	\$	-20.711.873	\$	179.531.727	0,195	0,896	0,681	0,685	3,587	-0,239	0,006
MnoBRN	679 - Tubos	\$	-1.625.833	\$	307.067.808	\$	944.428.280	\$	-248.361.129	0,062	0,380	0,419	0,362	5,105	0,104	-0,137
MBRN	681 - Prata e outros metais c	\$	-130.197.504	\$	-17.337.716	\$	-39.355.700	\$	-30.524.502	0,028	0,213	0,360	0,368	6,649	0,688	0,023
MBRN	682 - Cobre	\$	-7.005.174	\$	-102.688.491	\$	-280.041.999	\$	539.338.853	0,012	0,238	0,072	0,138	18,492	-0,699	0,919
MBRN	683 - Níquel	\$	79.927.024	\$	-7.117.963	\$	-43.575.752	\$	48.724.957	0,465	0,019	0,010	0,004	-0,958	-0,464	-0,593
MBRN	684 - Alumínio	\$	-230.188	\$	239.843.958	\$	371.068.544	\$	-3.004.693	0,732	0,533	0,413	0,388	-0,271	-0,226	-0,059
MBRN	685 - Plomo	\$	3.241.929	\$	2.981.980	\$	59.105.112	\$	-28.600.451	0,800	0,558	0,009	0,087	-0,302	-0,983	8,179
MBRN	686 - Zinco	\$	-5.735.221	\$	-39.591	\$	-10.460.300	\$	-11.046.954	0,004	0,998	0,924	0,921	221,276	-0,074	-0,003
MBRN	687 - Estanho	\$	-3.867.504	\$	-6.465.064	\$	-17.575.616	\$	-20.081.820	0,042	0,002	0,002	0,002	-0,951	-0,014	-0,182
MBRN	689 - Diversos metais comun	\$	-2.928.393	\$	-4.621.066	\$	-11.263.084	\$	-284.308	0,590	0,172	0,188	0,215	-0,709	0,093	0,145
MnoBRN	691 - Estruturas e partes de e	\$	-37.586.841	\$	-47.445.258	\$	-23.113.543	\$	-7.756.366	0,271	0,345	0,776	0,805	0,275	1,249	0,037
MnoBRN	692 - Recipientes de metal pa	\$	-12.715.371	\$	-23.048.502	\$	45.030.893	\$	-149.796.081	0,388	0,675	0,625	0,998	0,741	-0,074	0,597
MnoBRN	693 - Artigos de arame (excet	\$	-31.819.061	\$	-12.534.507	\$	-17.578.568	\$	-169.751.035	0,154	0,651	0,897	0,905	3,232	0,378	0,009
MnoBRN	694 - Pregos	\$	-31.808.324	\$	-57.554.892	\$	-122.207.285	\$	-100.762.514	0,674	0,194	0,174	0,211	-0,712	-0,103	0,208
MnoBRN	695 - Ferramentas de uso ma	\$	-23.246.262	\$	-102.690.075	\$	-126.081.201	\$	-53.886.968	0,480	0,355	0,363	0,280	-0,259	0,021	-0,228
MnoBRN	696 - Faqueiros	\$	-31.491.033	\$	-77.797.848	\$	-77.178.905	\$	-459.602.667	0,283	0,025	0,145	0,045	-0,911	4,778	-0,629
MnoBRN	697 - Equipamentos doméstic	\$	-64.366.557	\$	-61.653.488	\$	-54.102.616	\$	-106.497.365	0,337	0,249	0,351	0,350	-0,261	0,410	-0,003
MnoBRN	697 - Equipamentos doméstic	\$	17.142	\$	-185.098.941	\$	-321.029.800	\$	-23.766.677	0,993	0,309	0,423	0,424	-0,689	0,368	0,002
MnoBRN	711 - Painéis geradoras de va	\$	-6.306.352	\$	-42.971.211	\$	-35.753.492	\$	-1.168.690.190	0,008	0,046	0,122	0,072	4,544	1,647	-0,413
MnoBRN	712 - Turbinas de vapor de ág	\$	-167.703.608	\$	-826.963	\$	-9.286.145	\$	-208.312.943	0,514	0,317	0,039	0,000	-0,383	-0,877	-1,000
MnoBRN	713 - Motores de Combustão	\$	-31.511.425	\$	-200.711.079	\$	-780.450.051	\$	-715.413.695	0,090	0,672	0,438	0,309	6,464	-0,348	-0,295
MnoBRN	714 - Máquinas e motores nã	\$	-73.536.857	\$	-62.565.688	\$	-117.159.988	\$	-19.111.476	0,133	0,313	0,293	0,148	1,353	-0,064	-0,495
MnoBRN	716 - Aparelhos elétricos rou	\$	-4.064.384	\$	-245.453.753	\$	-492.028.048	\$	-205.996.228	0,647	0,152	0,092	0,164	-0,765	-0,392	0,776
MnoBRN	718 - Máquinas geradoras de	\$	-43.080.026	\$	1.747.172	\$	-40.831.383	\$	-192.611.330	0,277	0,956	0,346	0,799	2,453	-0,638	1,308
MnoBRN	721 - Maquinário agrícola (e	\$	-33.663.647	\$	-59.278.443	\$	-256.127.466	\$	-469.179.721	0,068	0,352	0,421	0,552	4,164	0,197	0,311
MnoBRN	722 - Tratores (exceto os dos	\$	-41.350.810	\$	-33.611.115	\$	-231.739.812	\$	-180.212.237	0,282	0,105	0,065	0,152	-0,628	-0,378	1,329
MnoBRN	723 - Maquinário e equipame	\$	-234.834.506	\$	-76.558.178	\$	-502.707.672	\$	-38.531.383	0,035	0,323	0,089	0,120	8,232	-0,723	0,343
MnoBRN	724 - Maquinário têxtil e par	\$	-25.452.329	\$	-85.003.329	\$	-203.414.038	\$	-82.577.491	0,249	0,074	0,033	0,077	-0,702	-0,558	1,349
MnoBRN	725 - Máquinas para fabricar	\$	-96.093.852	\$	-27.787.609	\$	-33.127.862	\$	-33.728.718	0,047	0,120	0,271	0,305	1,570	1,260	0,126
MnoBRN	726 - Máquinas para imprimir	\$	-44.990.667	\$	-52.860.431	\$	-54.379.778	\$	-318.069.703	0,208	0,086	0,163	0,092	-0,587	0,890	-0,433
MnoBRN	727 - Máquinas para elaborar	\$	-164.968.330	\$	-29.055.946	\$	-8.563.286	\$	-68.951.334	0,186	0,331	0,888	0,626	0,780	1,681	-0,295
MnoBRN	728 - Outras máquinas e equi	\$	-50.631.120	\$	-195.096.461	\$	-318.422.593	\$	-48.320.938	0,116	0,312	0,285	0,351	1,681	-0,084	0,231
MnoBRN	731 - Máquinas ferramentas	\$	-12.641.400	\$	-31.741.006	\$	-96.575.712	\$	-21.818.652	0,419	0,315	0,094	0,132	-0,247	-0,702	0,407
MnoBRN	733 - Máquinas ferramentas p	\$	-13.243.586	\$	-19.345.808	\$	-51.884.524	\$	-63.326.182	0,117	0,283	0,151	0,192	1,424	-0,467	0,275
MnoBRN	735 - Partes e peças	\$	-22.380.148	\$	-9.295.858	\$	-22.212.505	\$	-334.375.679	0,213	0,179	0,146	0,183	-0,157	-0,183	0,247
MnoBRN	737 - Máquinas para trabalha	\$	-93.323.908	\$	-18.562.037	\$	-52.239.456	\$	-127.238.216	0,413	0,602	0,544	0,447	0,458	-0,096	

MnoBRN	751 - Máquinas de gabinete	\$	-252.098.648	\$	-63.931.033	\$	-188.887.249	\$	-348.226.030	0,349	0,059	0,044	0,039	-0,831	-0,262	-0,111
MnoBRN	752 - Máquinas de processar	\$	-90.109.488	\$	-769.339.014	\$	-833.415.860	\$	-244.430.178	0,484	0,060	0,046	0,018	-0,875	-0,240	-0,609
MnoBRN	759 - Partes e peças e acessórios	\$	-186.371.939	\$	-317.440.432	\$	-363.499.895	\$	-160.326.895	0,006	0,081	0,040	0,052	12,349	-5,003	0,296
MnoBRN	761 - Receptores de televisão	\$	-203.991.260	\$	-86.118.227	\$	-156.520.617	\$	-165.191.306	0,001	0,136	0,135	0,037	215,729	-0,005	-0,727
MnoBRN	762 - Rádio-receptores	\$	-64.787.982	\$	-106.500.190	\$	-146.495.718	\$	-2.621.017.535	0,018	0,158	0,458	0,289	7,639	1,903	-0,370
MnoBRN	763 - Gravadores ou reproduz	\$	-639.775.970	\$	-55.617.974	\$	-210.692.734	\$	-206.791.061	0,024	0,029	0,007	0,013	0,221	-0,761	0,920
MnoBRN	764 - Equipamentos de telec	\$	-49.162.755	\$	-1.791.532.542	\$	-2.225.296.418	\$	-451.302.004	0,253	0,037	0,036	0,013	-0,852	-0,040	-0,640
MnoBRN	771 - Aparelhos de eletricida	\$	-141.437.844	\$	-125.093.433	\$	-146.466.071	\$	-330.323.881	0,155	0,171	0,379	0,388	0,105	1,211	0,024
MnoBRN	772 - Aparelhos elétricos par	\$	-83.875.797	\$	-237.364.002	\$	-358.335.272	\$	-120.064.873	0,122	0,253	0,284	0,302	1,071	0,121	0,062
MnoBRN	773 - Equipamento para dist	\$	-49.926.626	\$	-106.929.227	\$	-171.589.923	\$	-311.109.412	0,055	0,544	0,486	0,318	8,916	-0,108	-0,346
MnoBRN	774 - Aparelhos elétricos de	\$	-211.389.257	\$	-84.848.029	\$	-90.405.573	\$	-331.728.005	0,050	0,105	0,219	0,086	1,105	1,077	-0,604
MnoBRN	775 - Aparelhos de uso dom	\$	-250.887.850	\$	-269.390.374	\$	-377.380.203	\$	-857.367.836	0,017	0,051	0,237	0,248	2,108	3,611	0,050
MnoBRN	776 - Válvulas e tubos termi	\$	-225.593.226	\$	-192.320.882	\$	-316.861.480	\$	-559.155.189	0,146	0,013	0,018	0,008	-0,908	0,341	-0,545
MnoBRN	778 - Máquinas e aparelhos e	\$	-692.418.552	\$	-438.006.803	\$	-605.164.620	\$	1.514.587.596	0,225	0,250	0,263	0,161	0,112	0,052	-0,388
MnoBRN	781 - Automóveis e outros v	\$	-143.772.777	\$	-67.694.829	\$	-532.565.618	\$	-193.151.294	0,146	0,956	0,891	0,933	5,567	-0,068	0,048
MnoBRN	782 - Veículos automotivos p	\$	-22.003.050	\$	173.868.879	\$	889.838.861	\$	-2.247.821.623	0,281	0,825	0,646	0,564	1,935	-0,217	-0,128
MnoBRN	783 - Veículos automotivos d	\$	-488.186.480	\$	4.684.090	\$	-157.631.896	\$	-462.970.193	0,487	0,976	0,739	0,665	1,004	-0,243	-0,100
MnoBRN	784 - Partes peças	\$	-265.224.749	\$	-639.248.593	\$	-1.215.590.752	\$	6.113.159	0,033	0,621	0,657	0,536	17,827	0,059	-0,184
MnoBRN	785 - Motocicletas (incluindo	\$	-9.288.619	\$	-165.375.380	\$	-383.144.743	\$	-20.653.829	0,269	0,048	0,023	0,017	-0,822	-0,519	-0,242
MnoBRN	786 - Trailers e semi-trailers	\$	7.716.713	\$	-25.274.299	\$	-5.703.603	\$	-726.337.801	0,213	0,305	0,906	0,923	0,434	1,972	0,018
MnoBRN	791 - Veículos para ferrovias	\$	-165.474.872	\$	-18.653.889	\$	-91.320.235	\$	-40.689.558	0,170	0,342	0,155	0,526	1,004	-0,545	2,390
MnoBRN	792 - Aeronaves e equipamen	\$	-68.917.844	\$	-80.374.372	\$	-466.489.918	\$	-6.323.216	0,395	0,869	0,588	0,635	1,198	-0,323	0,079
MnoBRN	793 - Navios	\$	-2.801.572	\$	17.922.771	\$	1.885.173	\$	-11.374.630	0,531	0,798	0,985	0,653	0,503	0,234	-0,337
MnoBRN	811 - Edifícios prefabricados	\$	-1.347.684	\$	-9.525.707	\$	-3.413.451	\$	-58.031.657	0,794	0,195	0,817	0,874	-0,754	3,188	0,069
MnoBRN	812 - Artefatos e acessórios	\$	-15.901.530	\$	-11.282.349	\$	-12.478.947	\$	-241.467.301	0,216	0,353	0,324	0,510	0,635	-0,082	0,572
MnoBRN	813 - Artefatos e acessórios	\$	-31.326.719	\$	-30.256.569	\$	-28.650.712	\$	-88.592.938	0,501	0,331	0,544	0,410	-0,340	0,645	-0,247
MnoBRN	821 - Móveis e suas partes	\$	-18.240.279	\$	-5.446.312	\$	-127.655.843	\$	-69.368.821	0,285	0,986	0,609	0,391	2,466	-0,383	-0,357
MnoBRN	831 - Baús	\$	-89.952.892	\$	-45.989.325	\$	-65.032.193	\$	-45.798.780	0,032	0,127	0,234	0,147	3,021	0,844	-0,371
MnoBRN	841 - Abrigos	\$	-36.617.242	\$	-77.831.144	\$	-55.752.678	\$	-19.252.100	0,030	0,048	0,271	0,270	0,609	4,629	-0,020
MnoBRN	842 - Abrigos	\$	-22.735.493	\$	-52.276.870	\$	-30.680.582	\$	-11.835.092	0,026	0,167	0,440	0,348	5,511	1,633	-0,208
MnoBRN	843 - Abrigos	\$	-15.385.353	\$	-16.493.489	\$	-4.783.017	\$	-79.342.675	0,096	0,124	0,777	0,485	0,290	5,256	-0,376
MnoBRN	844 - Abrigos	\$	-67.707.431	\$	-15.709.263	\$	-1.961.688	\$	-14.523.246	0,101	0,293	0,918	0,624	1,914	2,132	-0,320
MnoBRN	845 - Adornos de vestimenta	\$	-36.536.456	\$	-80.060.492	\$	-29.849.076	\$	-61.044.901	0,051	0,271	0,731	0,477	4,358	1,697	-0,347
MnoBRN	846 - Acessórios de vestir d	\$	36.285.580	\$	-23.624.321	\$	-6.432.407	\$	-337.599.513	0,509	0,249	0,654	0,507	-0,511	1,626	-0,225
MnoBRN	848 - Adornos e acessórios d	\$	-65.470.352	\$	-9.726.698	\$	-31.242.092	\$	-53.000.224	0,612	0,846	0,586	0,303	0,383	-0,308	-0,484
MnoBRN	851 - Caçado	\$	-5.653.531	\$	-173.168.024	\$	-267.053.419	\$	-136.147.817	0,012	0,242	0,201	0,152	20,031	-0,171	-0,243
MnoBRN	871 - Instrumentos e aparelh	\$	-76.359.411	\$	-7.030.049	\$	-11.998.724	\$	-47.515.040	0,191	0,035	0,127	0,046	-0,816	2,623	-0,635
MnoBRN	872 - Instrumentos e aparatos	\$	-14.837.511	\$	-97.432.608	\$	-76.279.049	\$	-499.815.760	0,354	0,148	0,502	0,372	-0,581	2,383	-0,259
MnoBRN	873 - Medidores e contadore	\$	-123.780.608	\$	-19.920.288	\$	-22.437.650	\$	-10.857.095	0,218	0,642	0,745	0,546	1,949	0,160	-0,267
MnoBRN	874 - Instrumentos e aparelh	\$	-50.713.544	\$	-216.205.037	\$	-380.601.313	\$	-10.875.166	0,015	0,324	0,321	0,278	20,621	-0,008	-0,135
MnoBRN	881 - Aparatos e equipament	\$	-42.967.892	\$	-32.071.527	\$	-16.593.031	\$	5.882.059	0,626	0,051	0,041	0,042	-0,918	-0,204	0,014
MnoBRN	882 - Materiais fotográficos	\$	-25.484	\$	-85.113.144	\$	-49.606.403	\$	-61.178.653	0,977	0,590	0,745	0,934	-0,395	0,262	0,252
MnoBRN	883 - Películas cinematográfi	\$	-12.711.433	\$	11.681.909	\$	6.374.868	\$	-45.964.110	0,331	0,072	0,142	0,133	-0,784	0,987	-0,061
MnoBRN	884 - Artigos de ótica	\$	-66.355.736	\$	-64.648.309	\$	-46.856.425	\$	1.848.837	0,060	0,230	0,178	0,188	2,829	-0,224	0,055
MnoBRN	885 - Relógios;	\$	-14.287.687	\$	-39.321.061	\$	-38.944.425	\$	-56.218.026	0,267	0,152	0,216	0,060	-0,432	0,428	-0,724
MnoBRN	891 - Armas e munições	\$	-9.670.876	\$	-7.490.432	\$	8.037.192	\$	-190.329.959	0,924	0,596	0,680	0,952	-0,355	0,141	0,400
MnoBRN	892 - Impressos	\$	-120.140.324	\$	-136.279.802	\$	-56.024.843	\$	-381.786.211	0,281	0,601	0,759	0,765	1,137	0,264	0,009
MnoBRN	893 - Artigos	\$	-180.853.035	\$	-152.007.868	\$	-128.084.249	\$	-69.925.555	0,063	0,490	0,742	0,688	6,822	0,516	-0,073
MnoBRN	894 - Carrinhos para crianças	\$	-39.624.746	\$	-183.475.403	\$	-255.106.730	\$	4.728.073	0,168	0,147	0,168	0,075	-0,124	0,139	-0,552
MnoBRN	895 - Artigos de gabinete e p	\$	-512.489	\$	-46.992.975	\$	-52.779.820	\$	-26.334.844	0,647	0,077	0,056	0,062	-0,881	-0,268	0,100
MnoBRN	896 - Obras de arte	\$	-4.247.591	\$	4.344.867	\$	5.149.610	\$	-162.125.687	0,651	0,521	0,439	0,558	-0,200	-0,157	0,271
MnoBRN	897 - Jóias e objetos de ouri	\$	-122.465.669	\$	-4.356.856	\$	-12.648.122	\$	-201.652.159	0,090	0,585	0,359	0,214	5,474	-0,387	-0,405
MnoBRN	898 - Instrumentos musicais	\$	-75.687.045	\$	-191.737.429	\$	-125.593.159	\$	852.236.731	0,134	0,175	0,434	0,302	0,302	1,483	-0,303
MnoBRN	899 - Outros artigos manufat	\$	-6.596.963	\$	-106.306.742	\$	-151.350.294	\$	-18.116.685	0,197	0,162	0,210	0,210	-0,181	0,300	-0,002
MnoBRN	931 Operações e mercadorias	\$	-480	\$	184.876.631	\$	653.727.330	\$	2.012.796.749	0,000	0,625	0,449	0,483	62490,624	-0,282	0,076
MnoBRN	961 - Moedas (exceto ouro)	\$	260	\$	-16.731	\$	-	\$	-	0,133	0,430	-	0,000	2,224	-1,000	sd
MnoBRN	971 Ouro não monetário;	\$	-	\$	96.141.712	\$	563.505.515	\$	-	0,000	0,001	0,000	0,000	sd	-0,724	-0,707
<b>Total</b>		\$	<b>-2.628.728.863</b>	\$	<b>1.060.565.702</b>	\$	<b>11.072.538.028</b>	\$	<b>11.394.868.077</b>	<b>0,314</b>	<b>0,371</b>	<b>0,360</b>	<b>0,341</b>	<b>0,183</b>	<b>-0,030</b>	<b>-0,053</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

\* Mandeng (1993: 190)

\*\* <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Lg=3>

\*\*\* Em dólares correntes

TABELA 45 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA (ICII) DA ARGENTINA COM ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA (1992-2010)

Cod. Mandeng*	Cod. CUCI Rev.3**	Saldo Comercial***				ICII				Variação ICII		
		1992	2000	2007	2010	1992	2000	2007	2010	1992-2000	2000-2007	2007-2010
Agricultura	001 - Animais vivos não inclu	\$ -175.873	\$ 1.707.598	\$ 3.803.230	\$ -1.657.557	0,940	0,793	0,693	0,849	-0,156	-0,127	0,226
Agricultura	011 - Carne de Gado	\$ 51.257	\$ 37.909.648	\$ -	\$ -	0,674	0,000			-1,000	-1,000	sd
Agricultura	012 - Outras carnes e miúdos	\$ -1.130.255	\$ -1.008.699	\$ 37.304	\$ -	0,013	0,869	0,000		66,619	-1,000	sd
Agricultura	016 - Carnes e miúdos comes	\$ -	\$ -165.204	\$ -51.614	\$ -		0,000	0,000		sd	sd	sd
Agricultura	017 - Carne e miúdos de cam	\$ 141.366.640	\$ 65.206.613	\$ 66.595.498	\$ 61.745.823	0,007	0,021	0,001	0,000	2,091	-0,934	-1,000
Agricultura	022 - Leite	\$ -1.359.357	\$ -2.124.664	\$ 98.409	\$ -805.460	0,027	0,129	0,928	0,186	3,842	6,165	-0,800
Agricultura	023 - Manteiga e outras gord	\$ -158.373	\$ 107.224	\$ 2.527.842	\$ 39.520	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	024 - Queijo e calhada	\$ 7.149.549	\$ 21.047.284	\$ 24.540.464	\$ 18.644.383	0,021	0,145	0,001	0,076	5,838	-0,993	72,839
Agricultura	025 - Ovos de ave e gemas d	\$ -436.507	\$ -301.262	\$ -34.331	\$ -436.644	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	034 - Peixe fresco	\$ 37.787.842	\$ 69.601.382	\$ 56.270.205	\$ 52.263.392	0,001	0,002	0,000	0,001	1,570	-0,981	13,112
Agricultura	035 - Peixe seco	\$ 559.435	\$ 1.090.453	\$ 1.223.741	\$ 1.118.155	0,091	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
Agricultura	036 - Crustáceos	\$ 8.652.836	\$ 20.412.683	\$ 17.975.687	\$ -	0,014	0,008	0,000	0,000	-0,420	-0,981	-0,302
Agricultura	037 - Peixes, crustáceos, mo	\$ 875.304	\$ 3.737.205	\$ 1.486.472	\$ 2.432.256	0,241	0,234	0,000	0,000	-0,028	-1,000	sd
Agricultura	041 - Trigo (incluindo espelta	\$ -1.473.841	\$ -8.808	\$ -1.266	\$ -1.325	0,566	0,000	0,422	0,000	-1,000	sd	-1,000
Agricultura	042 - Arroz	\$ -145.255	\$ 2.230	\$ 1.772.545	\$ 1.537.832	0,000	0,916	0,044	0,016	sd	-0,952	-0,636
Agricultura	043 - Cevada sem moer	\$ -381	\$ -7.244	\$ 225	\$ -	0,837	0,170	0,717		-0,797	3,226	-1,000
Agricultura	044 - Milho (exceto milho do	\$ 5.130.123	\$ 26.656.653	\$ 26.927.520	\$ 29.457.654	0,539	0,331	0,454	0,363	-0,385	0,370	-0,201
Agricultura	045 - Cereais sem moer (exce	\$ -207.897	\$ -914.776	\$ -734.446	\$ -639.321	0,038	0,008	0,499	0,200	-0,781	58,323	-0,600
Agricultura	046 - Sêmola e farinha de trig	\$ -45.983	\$ -133.783	\$ 34.351	\$ 51.480	0,106	0,143	0,007	0,004	0,347	-0,950	-0,428
Agricultura	047 - Outras sêmolas e farinh	\$ 989	\$ -804.225	\$ 34.009	\$ 71.719	0,000	0,035	0,357	0,070	sd	9,231	-0,804
Agricultura	048 - Preparados de cereais e	\$ -1.205.545	\$ -6.976.108	\$ 6.998.500	\$ 5.659.528	0,406	0,263	0,267	0,421	-0,352	0,015	0,578
Agricultura	054 - Legumes frescos	\$ 2.139.671	\$ 6.343.795	\$ 25.220.096	\$ 17.992.876	0,533	0,436	0,117	0,302	-0,182	-0,732	1,582
Agricultura	056 - Legumes	\$ -9.665.866	\$ -5.311.835	\$ 20.419.469	\$ 8.094.040	0,267	0,359	0,222	0,503	0,342	-0,382	1,269
Agricultura	057 - Frutas e nozes (exceto r	\$ 13.751.250	\$ 51.820.259	\$ 96.302.748	\$ 101.012.812	0,479	0,067	0,022	0,057	-0,860	-0,665	1,531
Agricultura	058 - Frutas em conserva e p	\$ 2.810.038	\$ 7.093.992	\$ 34.447.225	\$ 33.419.989	0,519	0,239	0,010	0,020	-0,539	-0,956	0,927
Agricultura	059 - Sucos de frutas (inclu	\$ 154.715.347	\$ 115.791.286	\$ 171.377.044	\$ 125.723.273	0,016	0,012	0,000	0,002	-0,272	-0,981	7,593
Agricultura	061 - Açúcares	\$ 28.337.539	\$ 58.052.299	\$ 42.609.756	\$ 95.194.490	0,022	0,039	0,057	0,047	0,791	0,442	-0,172
Agricultura	062 - Artigos de confeitaria	\$ 5.727.248	\$ 22.307.903	\$ 25.166.022	\$ 30.951.669	0,418	0,051	0,027	0,023	-0,878	-0,467	-0,155
Agricultura	071 - Café e substitutos do c	\$ -83.794	\$ -105.534	\$ 493.915	\$ -605.288	0,035	0,184	0,058	0,090	4,199	-0,686	0,556
Agricultura	072 - Cacau	\$ -37.650	\$ -14.891	\$ -19.143	\$ -125.211	0,000	0,059	0,000	0,000	sd	-1,000	sd
Agricultura	073 - Chocolate e outros prep	\$ -2.033.433	\$ 3.077.585	\$ 1.906.792	\$ 230.108	0,054	0,467	0,577	0,883	7,656	0,233	0,531
Agricultura	074 - Chá e mate	\$ 13.434.363	\$ 28.080.708	\$ 37.104.238	\$ 62.604.616	0,006	0,005	0,001	0,020	-0,274	-0,795	20,402
Agricultura	075 - Temperos	\$ 8.593	\$ 124.338	\$ 61.511	\$ 24.865	0,955	0,107	0,504	0,566	-0,888	3,707	0,122
Agricultura	081 - Ração para animais (exc	\$ -1.223.515	\$ -17.394.087	\$ -7.776.074	\$ -12.149.916	0,708	0,037	0,364	0,530	-0,948	8,828	0,457
Agricultura	091 - Margarina e manteigas	\$ 42.318	\$ -731.554	\$ 7.140.001	\$ 5.331.548	0,058	0,078	0,084	0,121	0,348	0,070	0,447
Agricultura	098 - Produtos e preparados	\$ 4.563.602	\$ -11.561.766	\$ -12.743.727	\$ -13.364.415	0,759	0,339	0,360	0,373	-0,553	0,060	0,038
Agricultura	111 - Bebidas não alcoólicas	\$ -31.549.727	\$ -274.052	\$ -2.005.354	\$ -1.762.444	0,000	0,936	0,326	0,360	2532,917	-0,652	0,105
Agricultura	112 - Bebidas alcoólicas;	\$ -7.843.272	\$ 33.282.468	\$ 119.071.039	\$ 249.884.510	0,527	0,186	0,009	0,015	-0,648	-0,951	0,622
Agricultura	121 - Tabaco sem tratamento	\$ 50.319.208	\$ 26.675.429	\$ 43.300.687	\$ 15.709.832	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	9,468	-1,000
Agricultura	122 - Tabaco manufaturado (	\$ -447.715	\$ -1.317.590	\$ -1.302.708	\$ -1.491.401	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	211 - Couros e peles (exceto	\$ -9.953	\$ -520.412	\$ -107.034	\$ -843.935	0,370	0,260	0,186	0,000	-0,298	-0,286	-1,000
Agricultura	212 - Peles finas sem curtir (	\$ -193.975	\$ 499	\$ 39.960	\$ -	0,000	0,996	0,000		sd	-1,000	sd
Agricultura	222 - Sementes e frutos oleo	\$ -1.915.650	\$ 18.627.915	\$ 10.178.113	\$ 9.961.349	0,293	0,194	0,316	0,334	-0,337	0,628	0,059
Agricultura	223 - Sementes e frutos olea	\$ -2.957	\$ 38.736	\$ 1.071.534	\$ 1.233.853	0,000	0,843	0,074	0,423	sd	-0,912	4,695
Agricultura	231 - Borracha natural	\$ -25.585	\$ -55.579	\$ -646	\$ -3.474	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	232 - Borracha sintética	\$ -13.838.355	\$ -9.546.587	\$ -28.604.417	\$ -32.639.095	0,042	0,631	0,000	0,000	13,900	-1,000	sd
Agricultura	244 - Cortiça natural	\$ -3.479	\$ -685	\$ -6.634	\$ -462	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	245 - Lenha (exceto desperdi	\$ 18.122	\$ 211.484	\$ 3.640.393	\$ 3.293.579	0,138	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
Agricultura	246 - Madeira em serragem o	\$ -30.863	\$ -285.886	\$ -477.706	\$ -846.515	0,000	0,000	0,117	0,009	sd	sd	-0,926
Agricultura	247 - Madeira brutas ou corta	\$ -9.479	\$ -63.978	\$ 16.549	\$ -12.880	0,000	0,013	0,000	0,000	sd	-1,000	sd
Agricultura	248 - Madeira trabalhada e tr	\$ -461.699	\$ 10.424.055	\$ 46.264.033	\$ -	0,000	0,129	0,045	0,045	sd	-0,652	0,004
Agricultura	251 - Pasta e desperdícios de	\$ -24.610.980	\$ -53.544.459	\$ -37.232.118	\$ -40.212.428	0,002	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
FTMM	263 - Algodão	\$ -527.047	\$ -3.217.893	\$ -676.094	\$ -1.620.711	0,000	0,251	0,340	0,602	sd	0,357	0,769
FTMM	265 - Fibras têxteis e vegetajs	\$ -3.207	\$ -	\$ -	\$ -	0,000				sd	sd	sd
FTMM	266 - Fibras sintéticas adecua	\$ -2.879.601	\$ -3.693.181	\$ -2.423.084	\$ -537.832	0,000	0,013	0,000	0,000	sd	-1,000	sd
FTMM	267 - Outras fibras manufatur	\$ -4.091.249	\$ 135.315	\$ -326.307	\$ -766.789	0,086	0,447	0,000	0,000	4,177	-1,000	sd
FTMM	268 - Lã e outras peles de ani	\$ 1.107.735	\$ 530.494	\$ 2.655.121	\$ 1.647.369	0,041	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
FTMM	269 - Roupas velhas e outros a	\$ -609.069	\$ -15.844	\$ -20.936	\$ -	0,000	0,000	0,016	0,000	sd	sd	-1,000

continua

continuação

FTMM	272 - Fertilizantes puros, exce	\$	-110.691	\$	-21.136	\$	-23.606	\$	-1.061	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
FTMM	273 - Pedra, areia e cascalho	\$	-1.745.612	\$	-3.600.631	\$	-7.490.062	\$		0,000	0,003	0,021	0,006	sd		6,394	-0,722
FTMM	274 - Enxofre e pepita de fer	\$	-10.825	\$	-3.213	\$	-1.507.440	\$	-7.055.107	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd		-1,000
FTMM	277 - Abrasivos naturais (in	\$	-345.202	\$	-186.252	\$	-146.809	\$	-115.344	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
FTMM	278 - Outros minerais no brut	\$	-4.999.848	\$	-3.334.058	\$	-7.575.591	\$	-9.372.111	0,001	0,501	0,059	0,177		623,654	-0,882	1,997
FTMM	281 - Mineral de ferro e seus	\$	-	\$	-	\$	-56	\$				0,000			sd	sd	
FTMM	282 - Desperdícios e descarte	\$	-983	\$	2.878	\$	587.563	\$	-545.660	0,000	0,000	0,693	0,000	sd	sd		-1,000
FTMM	283 - Minerais de cobre e seu	\$	-	\$	-	\$	-1	\$				0,000			sd	sd	
FTMM	284 - Minerais de níquel e se	\$	-2.631	\$	-	\$	-	\$		0,000				sd	sd	sd	
FTMM	285 - Minerais de alumínio e	\$	-476.221	\$	-595.967	\$	-991.068	\$	-705.996	0,055	0,000	0,000	0,000		-1,000	sd	sd
FTMM	286 - Minerais e concentrad	\$	-516	\$	-	\$	-	\$		0,000				sd	sd	sd	
FTMM	287 - Minerais de metais cor	\$	-107.821	\$	-8.005	\$	-51.377	\$	-24.391	0,000	0,580	0,000	0,000	sd		-1,000	sd
FTMM	288 - Desperdícios e descarte	\$	-8.264	\$	949.306	\$	300	\$	5.534	0,870	0,000	0,000	0,000		-1,000	sd	sd
FTMM	289 - Minerais de metais prec	\$	-	\$	-	\$	190.245	\$	4.732.134			0,000	0,000		sd	sd	
Agricultura	291 - Produtos animais no br	\$	-2.065.908	\$	-4.632.878	\$	-6.931.448	\$	-8.421.498	0,201	0,262	0,217	0,156		0,305	-0,173	-0,280
Agricultura	292 - Produtos vegetais no b	\$	-20.499.138	\$	-27.858.247	\$	-8.261.402	\$	-13.088.563	0,024	0,044	0,684	0,605		0,839	14,415	-0,116
Energia	321 - Carvão	\$	-32.808.696	\$	-10.850.981	\$	-36.422.647	\$	-78.288.326	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
Energia	322 - Linhita e turfa	\$	-85.091	\$	-3.935	\$	-29.407	\$	-65.756	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
Energia	325 - Coque e semicoque (inc	\$	-	\$	-	\$	-39	\$	-1.385			0,000	0,000		sd	sd	
Energia	333 - Óleos de petróleo puro	\$	255.582.781	\$	559.371.956	\$	708.096.320	\$	888.899.915	0,000	0,000	0,000	0,000		-1,000	sd	82,377
Energia	334 - Óleos de petróleo e óle	\$	56.382.824	\$	402.735.148	\$	685.389.491	\$	-283.209.951	0,382	0,165	0,468	0,642		-0,568	1,837	0,372
Energia	335 - Produtos residuais deri	\$	3.610.870	\$	13.992.315	\$	34.825.647	\$	34.057.326	0,843	0,312	0,361	0,136		-0,630	0,158	-0,623
Energia	342 - Propano e butano líquid	\$	164.409	\$	-24.395	\$	10.005.552	\$	-124.101	0,107	0,000	0,013	0,000		-1,000	sd	-1,000
Energia	343 - Gás natural líquido ou n	\$	-	\$	-1.580	\$	50	\$	330		0,210	0,000	0,000	sd		-1,000	sd
Energia	344 - Gases de petróleo e out	\$	-8.244	\$	-45.099	\$	-9.883	\$	-16.935	0,791	0,004	0,000	0,000		-0,994	-1,000	sd
Agricultura	411 - Óleos e gorduras de or	\$	-3.452.500	\$	-2.640.341	\$	19.785	\$	38.815	0,016	0,000	0,002	0,003		-0,997	34,067	1,205
Agricultura	421 - Óleos e gorduras fixos	\$	13.936.180	\$	22.497.032	\$	86.171.243	\$	42.130.703	0,014	0,011	0,001	0,001		-0,238	-0,936	0,730
Agricultura	422 - Gorduras e óleos fixos	\$	5.504.857	\$	2.097.555	\$	2.147.566	\$	4.004.251	0,023	0,076	0,133	0,115		2,261	0,756	-0,137
Agricultura	431 - Gorduras e óleos de or	\$	-1.361.133	\$	-2.831.890	\$	794.855	\$	1.246.628	0,000	0,463	0,684	0,543	sd		0,478	-0,206
MnoBRN	511 - Hidrocarburetos	\$	9.433.210	\$	-20.869.869	\$	25.866.674	\$	-43.694.050	0,585	0,363	0,753	0,262		-0,380	1,076	-0,652
MnoBRN	512 - Álcoois	\$	-2.395.232	\$	-23.590.715	\$	21.022.808	\$		0,903	0,496	0,882	0,582		-0,450	0,778	-0,341
MnoBRN	513 - Ácidos carboxílicos e s	\$	-19.541.765	\$	-89.413.800	\$	-165.280.283	\$	-155.006.892	0,473	0,220	0,135	0,179		-0,534	-0,387	0,326
MnoBRN	514 - Compostos de funções	\$	-38.934.570	\$	-65.222.868	\$	-67.160.232	\$	-81.868.443	0,036	0,163	0,043	0,035		3,517	-0,739	-0,171
MnoBRN	515 - Compostos orgânicos-	\$	-64.861.872	\$	-205.226.546	\$	-113.297.510	\$	-247.563.009	0,032	0,027	0,010	0,048		-0,155	-0,622	3,758
MnoBRN	516 - Outros produtos quím	\$	-5.327.768	\$	-9.711.251	\$	-27.150.514	\$	-29.044.372	0,726	0,602	0,368	0,595		-0,171	-0,389	0,618
MnoBRN	522 - Elementos químicos ind	\$	-4.529.507	\$	-7.784.057	\$	-17.331.647	\$	-24.441.827	0,483	0,094	0,029	0,065		-0,805	-0,692	1,245
MnoBRN	523 - Sais metálicos e maxia	\$	-25.028.075	\$	-2.283.150	\$	5.002.538	\$	16.878.560	0,009	0,955	0,924	0,790		111,005	-0,032	-0,145
MnoBRN	524 - Outros produtos quím	\$	-470.366	\$	2.585.867	\$	294.701	\$	122.332	0,650	0,285	0,838	0,944		-0,561	1,936	0,126
MnoBRN	525 - Materiais radioativos e	\$	-82.419	\$	-1.467.747	\$	-902.047	\$	-1.518.189	0,966	0,535	0,469	0,014		-0,446	-0,122	-0,970
MnoBRN	531 - Materiais colorantes e r	\$	-5.058.429	\$	-5.400.061	\$	-5.563.564	\$	-8.356.394	0,232	0,207	0,069	0,179		-0,107	-0,667	1,601
MnoBRN	532 - Extractos tintórios e co	\$	3.376.481	\$	2.739.608	\$	2.830.179	\$	4.968.698	0,153	0,197	0,156	0,019		0,283	-0,206	-0,877
MnoBRN	533 - Pigmentos	\$	-9.186.333	\$	-51.794.756	\$	-62.748.140	\$	-90.616.515	0,009	0,003	0,058	0,038		-0,613	15,913	-0,335
MnoBRN	541 - Produtos medicinais e	\$	-26.733.597	\$	-51.792.861	\$	-80.443.089	\$	-124.246.366	0,191	0,167	0,089	0,071		-0,126	-0,463	-0,203
MnoBRN	542 - Medicamentos (incluin	\$	-9.076.129	\$	-92.058.830	\$	-109.149.980	\$	-160.514.914	0,366	0,008	0,016	0,035		-0,978	0,999	1,189
MnoBRN	551 - Óleos essenciais materi	\$	9.631.958	\$	20.997.245	\$	40.409.730	\$	41.652.806	0,516	0,564	0,504	0,475		0,093	-0,106	-0,057
MnoBRN	553 - Produtos de perfumari	\$	-9.893.697	\$	-28.598.983	\$	-10.720.765	\$	-19.854.886	0,009	0,130	0,469	0,221		13,983	2,611	-0,529
MnoBRN	554 - Sabão e preparados pa	\$	-17.861.759	\$	-33.287.320	\$	-37.290.410	\$	-43.085.693	0,012	0,011	0,193	0,037		-0,112	17,307	-0,809
MnoBRN	562 - Fertilizantes (exceto os	\$	-36.189.404	\$	-71.060.475	\$	-187.763.832	\$	-115.328.546	0,002	0,000	0,000	0,000		-1,000	1,334	-1,000
MnoBRN	571 - Polímeros de etileno	\$	-19.162.899	\$	-59.594.556	\$	-52.341.544	\$	-87.587.747	0,003	0,001	0,008	0,000		-0,742	9,858	-0,989
MnoBRN	572 - Polímeros de estireno	\$	-6.595.604	\$	-6.323.182	\$	-10.551.707	\$	-9.382.948	0,035	0,000	0,000	0,019		-1,000	-0,880	99646,637
MnoBRN	573 - Polímeros de cloreto de	\$	-7.386.387	\$	-3.236.464	\$	-13.764.265	\$	-52.957.627	0,000	0,752	0,008	0,000	sd		-0,989	-0,991
MnoBRN	574 - Poliacetis,	\$	-22.260.298	\$	-39.866.485	\$	-73.510.657	\$	-68.613.244	0,000	0,002	0,005	0,011	sd		1,896	1,231
MnoBRN	575 - Outros plásticos em fo	\$	-31.376.717	\$	-58.804.249	\$	-119.821.623	\$	-158.042.928	0,210	0,294	0,179	0,085		0,397	-0,391	-0,524
MnoBRN	579 - Desperdícios	\$	-141.563	\$	92.372	\$	1.055.676	\$	2.628.189	0,000	0,000	0,000	0,417	sd	sd	sd	
MnoBRN	581 - Tubos	\$	-9.293.046	\$	-15.671.692	\$	-10.788.061	\$	-5.302.026	0,000	0,043	0,076	0,643		193,965	0,777	7,464
MnoBRN	582 - Pranchas	\$	-19.489.705	\$	-52.825.775	\$	-38.005.237	\$	-46.284.350	0,176	0,095	0,354	0,102		-0,461	2,734	-0,713
MnoBRN	583 - Monofilamentos qualq	\$	-448.385	\$	-397.873	\$	-197.600	\$	-393.725	0,036	0,205	0,377	0,076		4,725	0,834	-0,797
MnoBRN	591 - Insecticidas	\$	-37.775.702	\$	-34.300.059	\$	-56.789.625	\$	-104.823.581	0,003	0,267	0,056	0,013		94,116	-0,789	-0,764
MnoBRN	592 - Amido	\$	-182.152	\$	-1.904.498	\$	37.659.730	\$	44.812.297	0,981	0,931	0,354	0,356		-0,051	-0,620	0,006
MnoBRN	593 - Explosivos e produtos e	\$	-904.971	\$	-2.808.759	\$	-453.832	\$	-104.107	0,274	0,055	0,493	0,943		-0,801	8,039	0,913
MnoBRN	597 - Aditivos preparados pa	\$	-40.972.003	\$	-30.377.418	\$	-46.323.520	\$	-70.072.253	0,016	0,107	0,053	0,026		5,880	-0,500	-0,513
MnoBRN	598 - Produtos químicos div	\$	-36.570.502	\$	-75.195.810	\$	-27.389.062	\$	-143.224.332	0,259	0,293	0,877	0,035		0,130	1,995	-0,960
MBRN	611 - Couro	\$	112.789.527	\$	305.103.569	\$	105.139.025	\$	87.418.411	0,005	0,009	0,017	0,039		0,907	0,817	1,278
MBRN	612 - Manufaturas de couro	\$	11.059.601	\$	13.851.000	\$	63.614.476	\$	6.873.402	0,020	0,008	0,001	0,008		-0,590	-0,898	7,889
MBRN	613 - Peles finas curtidas ou	\$	998.528	\$	1.712.600	\$	4.658.847	\$	3.938.299	0,369	0,564	0,005	0,207		0,528	-0,991	37,687
MnoBRN	621 - Materiais de borracha	\$	-5.954.869	\$	-276.9												

continuação

MBRN	634 - Folhas de madeira para	\$	962.065	\$	4.443.104	\$	21.614.056	\$	8.714.590	0,523	0,269	0,036	0,064	-0,485	-0,866	0,770
MBRN	635 - Manufaturas de madeira	\$	-1.186.644	\$	-1.396.184	\$	5.241.440	\$	425.523	0,105	0,839	0,514	0,916	7,012	-0,387	0,781
MnoBRN	641 - Papel e cartão	\$	-9.470.702	\$	-47.063.229	\$	-34.966.271	\$	-60.377.700	0,069	0,027	0,341	0,073	-0,611	11,786	-0,786
MnoBRN	642 - Papéis e cartões recorta	\$	-17.027.717	\$	-26.541.172	\$	-5.683.168	\$	-10.983.190	0,020	0,137	0,691	0,297	5,795	4,059	-0,570
MnoBRN	651 - Fios de fibra sextil	\$	-11.657.256	\$	-7.407.972	\$	-13.238.091	\$	-10.351.550	0,202	0,346	0,078	0,102	0,711	-0,774	0,313
MnoBRN	652 - Tecidos de algodão (exc	\$	-6.716.319	\$	-1.305.706	\$	-1.761.618	\$	-791.234	0,713	0,270	0,120	0,263	-0,622	-0,555	1,194
MnoBRN	653 - Tecidos de materiais tê	\$	-18.589.569	\$	-1.452.755	\$	-3.994.465	\$	-2.681.653	0,042	0,733	0,070	0,217	16,610	-0,905	2,111
MnoBRN	654 - Outros tecidos de fibras	\$	-2.032.735	\$	-418.772	\$	-1.966.286	\$	-4.639.867	0,197	0,796	0,005	0,000	3,043	-0,993	-1,000
MnoBRN	655 - Tecidos de malha ou cre	\$	-2.820.460	\$	-2.490.637	\$	1.832.712	\$	2.119.867	0,140	0,060	0,696	0,731	-0,571	10,593	0,050
MnoBRN	656 - Tules	\$	-12.509.905	\$	-805.602	\$	-159.265	\$	-446.062	0,007	0,173	0,245	0,123	23,718	0,421	-0,497
MnoBRN	657 - Fios especiais	\$	-7.758.577	\$	-19.212.753	\$	-10.827.888	\$	-19.728.125	0,007	0,019	0,214	0,126	1,640	10,021	-0,412
MnoBRN	658 - Artigos confeccionado	\$	-8.749.309	\$	-2.471.124	\$	-2.041.259	\$	-1.961.128	0,128	0,488	0,204	0,178	2,797	-0,582	-0,130
MnoBRN	659 - Tapetes	\$	-8.357.905	\$	-9.247.795	\$	-1.985.855	\$	-3.151.965	0,025	0,007	0,479	0,405	-0,721	67,253	-0,155
MBRN	661 - Cal	\$	1.329.598	\$	3.602.700	\$	7.638.782	\$	2.002.771	0,276	0,291	0,122	0,138	0,056	-0,581	0,134
MBRN	662 - Materiais de construã	\$	2.614.832	\$	15.464.579	\$	28.061.342	\$	12.036.280	0,395	0,129	0,051	0,364	-0,675	-0,607	6,202
MBRN	663 - Manufaturas de minera	\$	-4.291.319	\$	-10.314.493	\$	-12.731.021	\$	-16.368.848	0,021	0,052	0,111	0,100	1,459	1,134	-0,095
MnoBRN	664 - Vidro	\$	-4.933.946	\$	-10.426.198	\$	-5.325.445	\$	-20.040.084	0,062	0,073	0,446	0,058	0,183	5,067	-0,871
MnoBRN	665 - Artigos de vidro	\$	-2.515.546	\$	-2.196.307	\$	-2.379.562	\$	-2.421.094	0,291	0,293	0,402	0,278	0,007	0,374	-0,309
MnoBRN	666 - Artigos de cerâmica	\$	-2.706.214	\$	291.045	\$	89.441	\$	35.058	0,097	0,249	0,447	0,057	1,575	0,795	-0,872
MBRN	667 - Pérolas	\$	-49.857	\$	114.503	\$	186.944	\$	457.332	0,653	0,220	0,154	0,087	-0,663	-0,302	-0,436
MBRN	671 - Ferro fundido	\$	4.033.117	\$	1.878.310	\$	8.799.706	\$	9.113.834	0,395	0,459	0,485	0,309	0,160	0,057	-0,361
MnoBRN	672 - Lingotes e outras forma	\$	-85.034	\$	8.383	\$	-245.805	\$	-14.614	0,000	0,570	0,000	0,000	sd	-1,000	sd
MnoBRN	673 - Produtos laminados pl	\$	9.892.311	\$	66.589.451	\$	-3.647.968	\$	3.838.038	0,209	0,011	0,000	0,080	-0,949	-1,000	sd
MnoBRN	674 - Produtos laminados pl	\$	-2.924.681	\$	31.977.842	\$	-658.063	\$	-1.306.575	0,751	0,099	0,382	0,033	-0,869	2,877	-0,913
MnoBRN	675 - Produtos laminados plata	\$	-2.637.423	\$	-1.275.956	\$	-4.616.135	\$	-8.739.122	0,000	0,137	0,000	0,000	sd	-1,000	-0,524
MnoBRN	676 - Barras	\$	-541.529	\$	23.810.840	\$	12.755.499	\$	-2.947.971	0,454	0,060	0,384	0,607	-0,868	5,426	0,578
MnoBRN	677 - Carros e elementos par	\$	563.326	\$	-215.957	\$	-446.666	\$	-278.282	0,251	0,001	0,000	0,000	-0,997	-1,000	sd
MnoBRN	678 - Arame de ferro o aço	\$	446.190	\$	2.931.493	\$	-231.036	\$	-697.020	0,696	0,265	0,892	0,143	-0,620	2,370	-0,839
MnoBRN	679 - Tubos □	\$	21.135.104	\$	30.935.762	\$	81.286.879	\$	155.281.631	0,353	0,404	0,430	0,234	0,144	0,065	-0,456
MBRN	681 - Prata e outros metais c	\$	-153.296	\$	-138.522	\$	-220.816	\$	55.705.286	0,000	0,000	0,000	0,007	sd	sd	sd
MBRN	682 - Cobre	\$	-3.036.012	\$	1.635.905	\$	-2.328.860	\$	-3.375.560	0,014	0,718	0,153	0,012	50,934	-0,786	-0,920
MBRN	683 - Níquel	\$	-1.345.193	\$	-1.043.082	\$	-4.069.871	\$	-4.563.659	0,000	0,050	0,000	0,013	sd	-1,000	sd
MBRN	684 - Alumínio	\$	2.219.126	\$	108.230.653	\$	195.760.624	\$	282.387.374	0,834	0,247	0,065	0,092	-0,703	-0,736	0,405
MBRN	685 - Plomo	\$	-9.128	\$	-19.278	\$	3.055.578	\$	471.289	0,000	0,000	0,013	0,141	sd	sd	9,836
MBRN	686 - Zinco	\$	997.675	\$	-128.045	\$	-15.701	\$	-927.156	0,034	0,017	0,001	0,000	-0,488	-0,956	-1,000
MBRN	687 - Estanho	\$	-230.795	\$	-336.652	\$	-8.997	\$	-107.762	0,051	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
MBRN	689 - Diversos metais comun	\$	-1.266.930	\$	-129.728	\$	-1.870.089	\$	-1.509.670	0,000	0,801	0,000	0,148	sd	-1,000	sd
MnoBRN	691 - Estruturas e partes de e	\$	-344.749	\$	-10.127.450	\$	-5.598.214	\$	-3.863.833	0,601	0,025	0,280	0,147	-0,958	9,979	-0,476
MnoBRN	692 - Recipientes de metal p	\$	-9.571.943	\$	-7.880.030	\$	-7.615.257	\$	-14.974.204	0,011	0,092	0,189	0,046	7,154	1,070	-0,759
MnoBRN	693 - Artigos de arame (exce	\$	485.177	\$	-301.186	\$	-605.386	\$	889.364	0,783	0,771	0,441	0,789	-0,015	-0,428	0,788
MnoBRN	694 - Pregos	\$	-3.289.648	\$	-8.536.151	\$	-15.971.134	\$	-17.213.971	0,084	0,065	0,086	0,055	-0,222	0,313	-0,362
MnoBRN	695 - Ferramentas de uso ma	\$	-11.592.988	\$	-22.219.549	\$	-28.668.026	\$	-29.831.460	0,247	0,153	0,079	0,162	-0,381	-0,483	1,054
MnoBRN	696 - Faqueiros	\$	-7.473.747	\$	-9.414.935	\$	-12.197.514	\$	-15.445.564	0,197	0,088	0,350	0,155	-0,552	-2,967	-0,558
MnoBRN	697 - Equipamentos domést	\$	-1.882.595	\$	144.118	\$	2.666.632	\$	572.404	0,733	0,951	0,141	0,610	0,298	-0,852	3,321
MnoBRN	699 - Manufaturas de metais	\$	-11.159.142	\$	-26.994.407	\$	-30.671.970	\$	-48.182.062	0,265	0,448	0,464	0,226	0,690	0,036	-0,513
MnoBRN	711 - Painéis geradoras de v	\$	-459.343	\$	-2.748.292	\$	-3.085.040	\$	-2.014.574	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
MnoBRN	712 - Turbinas de vapor de a	\$	-519.574	\$	-539.201	\$	-2.316.781	\$	-1.887.190	0,000	0,384	0,000	0,000	sd	-1,000	sd
MnoBRN	713 - Motores de Combustã	\$	-14.101.970	\$	-19.547.621	\$	-65.622.602	\$	-56.956.915	0,561	0,624	0,495	0,455	0,113	-0,207	-0,081
MnoBRN	714 - Máquinas e motores nã	\$	-4.851.581	\$	-12.597.506	\$	-44.566.256	\$	-62.706.660	0,347	0,614	0,369	0,253	0,768	-0,398	-0,314
MnoBRN	716 - Aparelhos elétricos rot	\$	-23.597.129	\$	-29.255.430	\$	-63.825.759	\$	-112.708.438	0,041	0,234	0,060	0,019	4,740	-0,746	-0,679
MnoBRN	718 - Máquinas geradoras de	\$	-1.523.886	\$	-841.972	\$	-12.042.190	\$	-14.090.460	0,355	0,918	0,261	0,124	1,588	-0,716	-0,525
MnoBRN	721 - Maquinário agrícola (e	\$	-19.026.425	\$	-32.404.830	\$	-74.838.502	\$	-80.848.319	0,062	0,049	0,126	0,072	-0,210	1,573	-0,428
MnoBRN	722 - Tratores (exceto os dos	\$	-14.084.242	\$	-12.138.605	\$	-39.136.128	\$	-30.287.533	0,000	0,041	0,002	0,003	sd	-0,945	0,502
MnoBRN	723 - Maquinário e equipame	\$	-20.520.613	\$	-44.644.676	\$	-121.006.893	\$	-108.131.020	0,033	0,076	0,075	0,043	1,275	-0,007	-0,431
MnoBRN	724 - Maquinário têxtil e par	\$	-31.022.876	\$	-4.523.054	\$	-4.689.716	\$	-5.085.129	0,002	0,014	0,028	0,013	4,680	1,007	-0,541
MnoBRN	725 - Máquinas para fabricar	\$	-6.911.035	\$	-2.933.808	\$	-3.022.084	\$	-3.662.507	0,103	0,048	0,023	0,091	-0,538	-0,522	3,013
MnoBRN	726 - Máquinas para imprimi	\$	-47.249.497	\$	-12.040.576	\$	-6.553.455	\$	-9.320.890	0,003	0,021	0,004	0,011	5,936	-0,830	1,977
MnoBRN	727 - Máquinas para elabora	\$	-5.903.070	\$	-9.570.219	\$	-7.270.222	\$	-11.165.475	0,142	0,082	0,377	0,163	-0,428	3,623	-0,567
MnoBRN	728 - Outras máquinas e equ	\$	-29.313.095	\$	-49.640.611	\$	-50.716.791	\$	-51.157.489	0,153	0,198	0,109	0,050	0,295	-0,450	-0,537
MnoBRN	731 - Máquinas ferramentas	\$	-4.930.359	\$	-4.063.855	\$	-11.005.635	\$	-13.591.326	0,059	0,160	0,007	0,008	1,691	-0,956	0,112
MnoBRN	733 - Máquinas ferramentas	\$	-3.003.988	\$	-3.513.135	\$	-3.718.026	\$	-4.022.520	0,086	0,054	0,084	0,096	-0,371	0,559	0,141
MnoBRN	735 - Partes e peças	\$	-2.404.610	\$	-1.362.069	\$	-3.269.285	\$	-4.243.903	0,071	0,128	0,115	0,107	0,802	-0,097	-0,074
MnoBRN	737 - Máquinas para trabalha	\$	-3.663.093	\$	3.261.217	\$	-1.107.462	\$	822.195	0,009	0,694	0,962	0,951	78,362	-0,387	-0,011
MnoBRN	741 - Equipamento de aqueci	\$	-29.816.392	\$	-63.425.988	\$	-53.405.413	\$	-57.290.423	0,035	0,026	0,078	0,099	-0,235	1,953	0,260
MnoBRN	742 - Bombas para líquidos c	\$	-41.492.129	\$	-27.691.611	\$	-52.698.856	\$	-31.615.041	0,088	0,180	0,324	0,557	1,056		

MnoBRN	751 - Máquinas de gabinete	\$	-38.733.916	\$	-12.418.861	\$	-9.991.194	\$	-6.811.516	0,015	0,013	0,124	0,025	-0,134	8,604	-0,802
MnoBRN	752 - Máquinas de processar	\$	-234.945.873	\$	-210.050.330	\$	-92.711.221	\$	-63.575.579	0,115	0,135	0,063	0,102	0,171	-0,534	0,631
MnoBRN	759 - Partes e peças e acessórios	\$	-89.024.634	\$	-123.827.509	\$	-39.696.447	\$	-24.452.991	0,355	0,155	0,191	0,328	-0,563	0,234	0,713
MnoBRN	761 - Receptores de televisão	\$	-51.699.486	\$	-3.376.660	\$	-1.162.074	\$	-1.412.153	0,001	0,063	0,174	0,187	97,576	1,777	0,078
MnoBRN	762 - Rádio-receptores	\$	-49.746.177	\$	-732.266	\$	1.032.228	\$	-33.962	0,000	0,054	0,245	0,773	536,560	3,509	2,149
MnoBRN	763 - Gravadores ou reprodu	\$	-23.322.669	\$	-2.938.058	\$	-5.783.618	\$	-5.017.215	0,000	0,040	0,022	0,066	327,338	-0,445	1,948
MnoBRN	764 - Equipamentos de telec	\$	-175.704.564	\$	-501.995.121	\$	-130.985.416	\$	-108.403.301	0,020	0,035	0,089	0,063	0,781	1,528	-0,291
MnoBRN	771 - Aparelhos de eletricida	\$	-7.858.039	\$	-18.715.748	\$	-11.909.787	\$	-9.150.677	0,076	0,240	0,276	0,306	2,172	0,152	0,110
MnoBRN	772 - Aparelhos elétricos par	\$	-22.980.370	\$	-54.416.219	\$	-42.572.619	\$	-41.189.924	0,131	0,033	0,151	0,199	-0,744	3,513	0,321
MnoBRN	773 - Equipamento para dist	\$	-32.305.388	\$	-49.497.856	\$	-30.144.915	\$	-33.465.896	0,017	0,056	0,082	0,061	2,224	0,465	-0,259
MnoBRN	774 - Aparelhos elétricos de	\$	-24.491.821	\$	-37.767.221	\$	-30.134.087	\$	-36.721.057	0,001	0,099	0,074	0,084	116,108	-0,250	0,127
MnoBRN	775 - Aparelhos de uso dom	\$	-21.441.748	\$	-6.143.858	\$	-5.614.623	\$	-4.672.949	0,001	0,007	0,226	0,057	4,858	30,027	-0,749
MnoBRN	776 - Válvulas e tubos termi	\$	-27.120.695	\$	-33.427.805	\$	-17.691.401	\$	-15.068.563	0,058	0,036	0,049	0,071	-0,383	0,372	0,442
MnoBRN	778 - Máquinas e aparelhos e	\$	-56.828.369	\$	-112.686.687	\$	-47.686.533	\$	-54.729.776	0,034	0,125	0,181	0,075	2,631	0,450	-0,585
MnoBRN	781 - Automóveis e outros v	\$	-53.022.004	\$	-35.830.092	\$	-46.635.856	\$	-71.874.526	0,002	0,036	0,021	0,011	22,821	-0,408	-0,492
MnoBRN	782 - Veículos automotivos p	\$	-15.275.748	\$	-11.574.093	\$	-30.135.488	\$	-21.277.317	0,000	0,182	0,014	0,051	sd	-0,921	2,557
MnoBRN	783 - Veículos automotivos d	\$	2.184.015	\$	-170.251	\$	399.150	\$	-1.616.211	0,485	0,000	0,656	0,000	-1,000	sd	-1,000
MnoBRN	784 - Partes	\$	-15.514.908	\$	-81.412.045	\$	15.730.253	\$	-29.740.831	0,652	0,485	0,915	0,793	-0,256	0,885	-0,133
MnoBRN	785 - Motocicletas (incluindo	\$	-75.585.070	\$	-691.524	\$	-2.242.586	\$	-3.797.653	0,008	0,777	0,487	0,363	90,946	-0,374	-0,254
MnoBRN	786 - Trailers e semi-trailers	\$	-1.677.512	\$	-3.475.327	\$	-1.676.170	\$	-1.896.759	0,320	0,016	0,428	0,489	-0,951	26,217	0,142
MnoBRN	791 - Veículos para ferrovias	\$	-410.727	\$	-472.101	\$	-1.554.114	\$	-1.269.362	0,020	0,455	0,141	0,218	21,556	-0,690	0,544
MnoBRN	792 - Aeronaves e equipame	\$	-169.375.000	\$	-241.516.554	\$	-574.328.884	\$	-375.937.640	0,002	0,425	0,072	0,273	232,107	-0,830	2,788
MnoBRN	793 - Navios	\$	-26.502.133	\$	13.543.621	\$	-2.376.038	\$	-4.405.937	0,083	0,607	0,711	0,389	6,306	0,170	-0,452
MnoBRN	811 - Edifícios prefabricados	\$	-457.766	\$	-1.934.437	\$	-220.606	\$	-1.740.679	0,000	0,043	0,064	0,000	sd	0,497	-0,996
MnoBRN	812 - Artefatos e acessórios	\$	84.793	\$	-2.176.608	\$	-2.021.506	\$	-2.510.060	0,920	0,236	0,137	0,086	-0,743	-0,420	-0,374
MnoBRN	813 - Artefatos e acessórios	\$	-2.829.393	\$	-4.628.994	\$	-1.079.239	\$	-2.992.973	0,185	0,274	0,627	0,221	0,479	1,288	-0,647
MnoBRN	821 - Móveis e suas partes	\$	329.783	\$	150.060.160	\$	32.168.820	\$	7.906.037	0,973	0,195	0,251	0,506	-0,800	0,288	1,016
MnoBRN	831 - Baús	\$	-4.273.564	\$	87.916	\$	2.088.455	\$	1.215.975	0,119	0,959	0,230	0,248	7,035	-0,760	0,075
MnoBRN	841 - Abrigos	\$	-5.005.236	\$	-594.014	\$	-48.064	\$	303.675	0,008	0,061	0,866	0,031	6,868	13,092	-0,964
MnoBRN	842 - Abrigos	\$	-7.207.670	\$	-65.025	\$	135.515	\$	83.362	0,001	0,957	0,807	0,674	1211,037	-0,157	-0,165
MnoBRN	843 - Abrigos	\$	-1.493.526	\$	-160.222	\$	57.804	\$	272.187	0,052	0,497	0,517	0,073	8,648	0,040	-0,860
MnoBRN	844 - Abrigos	\$	-2.471.103	\$	-87.654	\$	413.521	\$	212.386	0,048	0,705	0,145	0,157	13,774	-0,795	0,087
MnoBRN	845 - Adornos de vestimenta	\$	-7.972.852	\$	-180.554	\$	803.197	\$	750.786	0,058	0,921	0,580	0,246	14,853	-0,588	-0,353
MnoBRN	846 - Acessórios de vestir d	\$	-7.545.108	\$	-441.145	\$	-71.884	\$	-50.991	0,000	0,530	0,554	0,709	sd	0,045	0,281
MnoBRN	848 - Adornos e acessórios d	\$	17.633.476	\$	13.097.622	\$	6.589.690	\$	2.976.522	0,262	0,130	0,102	0,248	-0,502	-0,215	1,423
MnoBRN	851 - Caçado	\$	8.064.622	\$	4.077.808	\$	2.355.563	\$	1.340.073	0,829	0,045	0,030	0,056	-0,946	-0,339	0,887
MnoBRN	871 - Instrumentos e aparelh	\$	-1.678.742	\$	-942.427	\$	-442.202	\$	-701.211	0,019	0,107	0,449	0,357	4,678	3,202	-0,205
MnoBRN	872 - Instrumentos e aparato	\$	-26.025.812	\$	-40.725.489	\$	-25.885.200	\$	-42.061.831	0,107	0,121	0,178	0,078	0,123	0,473	-0,561
MnoBRN	873 - Medidores e contadore	\$	-3.515.291	\$	-9.719.350	\$	-2.819.104	\$	-2.588.361	0,301	0,004	0,073	0,168	-0,986	16,263	1,311
MnoBRN	874 - Instrumentos e aparelh	\$	-51.845.444	\$	-100.359.723	\$	-111.043.014	\$	-132.753.866	0,036	0,070	0,110	0,138	0,956	0,586	0,256
MnoBRN	881 - Aparatos e equipament	\$	-11.350.912	\$	-4.961.949	\$	-2.077.589	\$	-1.167.259	0,008	0,061	0,048	0,000	6,693	-0,212	-1,000
MnoBRN	882 - Materiais fotográficos	\$	-14.048.080	\$	-31.336.237	\$	-67.047.799	\$	-39.149.376	0,350	0,071	0,002	0,045	-0,797	-0,976	25,248
MnoBRN	883 - Películas cinematográfi	\$	-298.949	\$	81.506	\$	398.941	\$	135.006	0,212	0,811	0,553	0,797	2,825	-0,319	0,442
MnoBRN	884 - Artigos de ótica	\$	-5.023.520	\$	-16.519.350	\$	-5.263.390	\$	-6.575.830	0,436	0,468	0,260	0,204	0,074	-0,445	-0,217
MnoBRN	885 - Relógios;	\$	-16.801.430	\$	691.517	\$	-158.290	\$	-158.919	0,020	0,470	0,461	0,614	22,347	-0,019	0,331
MnoBRN	891 - Armas e munições	\$	-5.625.474	\$	371.371	\$	6.016.000	\$	7.148.747	0,376	0,951	0,408	0,537	1,530	-0,571	0,315
MnoBRN	892 - Impressos	\$	-12.973.546	\$	-25.411.248	\$	-10.538.353	\$	-10.403.891	0,191	0,188	0,476	0,326	-0,015	1,531	-0,314
MnoBRN	893 - Artigos	\$	-40.148.195	\$	-32.592.892	\$	-31.048.050	\$	-39.749.058	0,026	0,189	0,185	0,102	6,289	-0,020	-0,448
MnoBRN	894 - Carrinhos para crianç	\$	-36.012.918	\$	-14.062.304	\$	-48.209.408	\$	-108.173.862	0,056	0,385	0,138	0,019	5,860	-0,642	-0,863
MnoBRN	895 - Artigos de oficina e pa	\$	-10.152.746	\$	-8.525.315	\$	-5.614.598	\$	-6.505.507	0,009	0,004	0,032	0,011	-0,559	6,668	-0,665
MnoBRN	896 - Obras de arte	\$	-440.962	\$	5.592.679	\$	3.873.576	\$	2.483.100	0,393	0,024	0,267	0,265	-0,939	10,163	-0,006
MnoBRN	897 - Jóias e objetos de our	\$	-3.798.067	\$	1.563.545	\$	246.530	\$	64.115	0,193	0,243	0,793	0,901	0,257	2,265	0,136
MnoBRN	898 - Instrumentos musicais	\$	-64.313.311	\$	-97.385.294	\$	-28.367.200	\$	-36.312.822	0,012	0,090	0,416	0,290	6,481	3,652	-0,302
MnoBRN	899 - Outros artigos manufat	\$	-23.547.535	\$	-28.061.368	\$	-39.609.986	\$	-49.862.354	0,023	0,089	0,065	0,045	2,952	-0,269	-0,311
MnoBRN	931 - Operações e mercadori	\$	-1.658.692	\$	-6.613	\$	-	\$	401.075	0,142	0,000	0,000	0,366	-1,000	sd	sd
MnoBRN	961 - Moedas (exceto de our	\$	-	\$	-18.479	\$	-	\$	-	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
MnoBRN	971 - Ouro não monetário (e	\$	-	\$	2.467.036	\$	-14.180	\$	4.949.366	0,010	0,000	0,016	sd	-1,000	sd	-0,102
<b>Total</b>		\$	<b>-1.876.735.563</b>	\$	<b>-1.636.155.089</b>	\$	<b>-997.896.157</b>	\$	<b>-2.446.252.372</b>	<b>0,185</b>	<b>0,228</b>	<b>0,207</b>	<b>0,186</b>	<b>0,231</b>	<b>-0,091</b>	<b>-0,102</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

\* Mandeng (1993: 190)

\*\* <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Lg=3>

\*\*\* Em dólares correntes



TABELA 46 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA (ICII) DA ARGENTINA COM BRASIL (1992-2010)

Cod. Mandeng*	Cod. CUCI Rev.3**	Saldo Comercial***				ICII				Variação ICII		
		1992	2000	2007	2010	1992	2000	2007	2010	1992-2000	2000-2007	2007-2010
Agricultura	001 - Animais vivos não incluídos	\$ -11.386.903	\$ 2.533.147	\$ -2.556.641	\$ -3.713.444	0,210	0,298	0,210	0,378	0,418	-0,295	0,798
Agricultura	011 - Carne de Gado	\$ 10.482.707	\$ 32.047.395	\$ 47.651.340	\$ 69.058.402	0,023	0,017	0,000	0,000	-0,275	-1,000	sd
Agricultura	012 - Outras carnes e miúdos	\$ -77.144.145	\$ -85.933.161	\$ -53.664.939	\$ -102.216.706	0,155	0,197	0,126	0,153	0,274	-0,358	0,209
Agricultura	016 - Carnes e miúdos de aves	\$ -174.989	\$ -967.725	\$ -332.473	\$ -1.787.704	0,269	0,069	0,699	0,321	-0,743	9,120	-0,541
Agricultura	017 - Carne e miúdos de carneiros	\$ -720.470	\$ -21.394.125	\$ -9.173.858	\$ -13.253.248	0,667	0,013	0,003	0,093	-0,981	-0,737	26,488
Agricultura	022 - Leite	\$ -3.022.311	\$ 192.583.376	\$ 83.158.428	\$ 165.968.746	0,484	0,036	0,059	0,041	-0,926	0,640	-0,302
Agricultura	023 - Manteiga e outras gorduras	\$ 14.051	\$ 8.078.039	\$ 691.609	\$ 3.992.506	0,820	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
Agricultura	024 - Queijo e calhada	\$ 226.207	\$ 15.734.535	\$ -1.737.732	\$ 54.059.637	0,946	0,378	0,845	0,148	-0,600	1,237	-0,825
Agricultura	025 - Ovos de ave e gemas de ovos	\$ -4.102.044	\$ -4.139.715	\$ -104	\$	0,249	0,000	0,000		-1,000	-1,000	sd
Agricultura	034 - Peixe fresco	\$ 19.392.147	\$ 60.336.408	\$ 108.873.383	\$ 155.375.295	0,398	0,045	0,038	0,014	-0,887	-0,158	-0,642
Agricultura	035 - Peixe seco	\$ 386.280	\$ 54.279	\$ 41.283	\$ 3.290	0,243	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
Agricultura	036 - Crustáceos	\$ -608.813	\$ 978.097	\$ 2.418.793	\$ 8.254.379	0,245	0,004	0,418	0,000	-0,982	95,096	-1,000
Agricultura	037 - Peixes, crustáceos, moluscos e outros	\$ -3.851.487	\$ -6.718.647	\$ -13.282.558	\$ -5.570.833	0,213	0,432	0,249	0,591	1,029	-0,424	1,374
Agricultura	041 - Trigo (incluindo espelta)	\$ 396.097.184	\$ 836.178.806	\$ 1.135.695.264	\$ 771.103.209	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	-0,821
Agricultura	042 - Aroz	\$ 41.424.996	\$ 38.765.098	\$ 91.751.836	\$ 124.910.080	0,026	0,094	0,034	0,024	2,576	-0,640	-0,301
Agricultura	043 - Cevada sem moer	\$ 12.825.503	\$ 4.970.256	\$ 30.661.804	\$ 53.674.543	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	044 - Milho (exceto milho doce)	\$ 49.790.093	\$ 145.523.994	\$ 4.554.542	\$ 5.312.426	0,005	0,010	0,554	0,777	1,134	56,019	0,403
Agricultura	045 - Cereais sem moer (exceto milho)	\$ 12.089.348	\$ 38.239.691	\$ 3.576.669	\$ 6.020.188	0,000	0,001	0,186	0,077	sd	123,451	-0,588
Agricultura	046 - Sêmola e farinha de trigo	\$ 3.428.098	\$ 34.808.557	\$ 177.935.727	\$ 210.158.772	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	50,214	0,446
Agricultura	047 - Outras sêmolas e farinhas	\$ 11.718	\$ -72.407	\$ -87.242	\$ -89.128	0,277	0,000	0,282	0,000	-1,000	10192,193	-1,000
Agricultura	048 - Preparados de cereais e leguminosas	\$ 15.000.559	\$ 65.252.764	\$ 112.252.982	\$ 180.894.411	0,381	0,266	0,170	0,107	-0,300	-0,361	-0,371
Agricultura	054 - Legumes frescos	\$ 60.305.420	\$ 68.549.390	\$ 147.008.057	\$ 294.772.003	0,149	0,262	0,137	0,015	0,759	-0,478	-0,890
Agricultura	056 - Legumes	\$ 19.213.028	\$ 89.739.385	\$ 125.555.458	\$ 201.176.570	0,445	0,117	0,138	0,059	-0,737	0,179	-0,572
Agricultura	057 - Frutas e nozes (exceto frutas em conserva)	\$ 40.125.116	\$ 55.614.170	\$ 157.820.430	\$ 231.125.633	0,533	0,439	0,122	0,111	-0,176	-0,721	-0,093
Agricultura	058 - Frutas em conserva e produtos	\$ -8.732.350	\$ 415.813	\$ 17.142.254	\$ 18.411.566	0,415	0,964	0,174	0,156	1,324	-0,820	-0,103
Agricultura	059 - Sucos de frutas (incluindo sucos)	\$ -1.041.050	\$ -13.569.462	\$ -9.866.001	\$ -7.392.618	0,112	0,322	0,361	0,376	1,865	0,120	0,041
Agricultura	061 - Açúcares	\$ 5.863.978	\$ 3.690.661	\$ 2.839.959	\$ -13.860.651	0,076	0,343	0,511	0,282	3,527	0,487	-0,447
Agricultura	062 - Artigos de confeitaria	\$ -9.892.988	\$ -12.824.322	\$ -13.158.143	\$ -17.969.479	0,069	0,436	0,233	0,344	5,309	-0,466	0,477
Agricultura	071 - Café e substitutos do café	\$ -33.304.678	\$ -53.710.024	\$ -90.556.582	\$ -103.310.805	0,000	0,003	0,000	0,000	9,806	-0,948	-0,978
Agricultura	072 - Cacau	\$ -33.178.800	\$ -34.675.068	\$ -76.816.824	\$ -126.955.388	0,000	0,006	0,000	0,002	sd	-1,000	2761,278
Agricultura	073 - Chocolate e outros produtos	\$ -3.565.368	\$ -2.913.070	\$ 3.776.885	\$ 8.065.615	0,101	0,913	0,905	0,860	8,081	-0,009	-0,050
Agricultura	074 - Chá e mate	\$ 1.085.820	\$ 3.121.479	\$ 2.568.678	\$ 3.739.091	0,007	0,315	0,331	0,252	43,015	0,049	-0,240
Agricultura	075 - Temperos	\$ -1.098.816	\$ -4.781.048	\$ -4.304.200	\$ -4.310.324	0,291	0,111	0,206	0,310	-0,619	0,855	0,504
Agricultura	081 - Ração para animais (exceto ração)	\$ -2.755.688	\$ -3.720.973	\$ -6.824.095	\$ -6.910.797	0,056	0,590	0,553	0,690	9,627	-0,063	0,248
Agricultura	091 - Margarina e manteigas	\$ 560.477	\$ 483.912	\$ 324.625	\$ 1.492.693	0,000	0,647	0,748	0,543	sd	0,156	-0,274
Agricultura	098 - Produtos e preparados	\$ -7.017.963	\$ -60.872.934	\$ 3.015.619	\$ 42.546.838	0,413	0,367	0,952	0,411	-0,110	1,590	-0,569
Agricultura	111 - Bebidas não alcoólicas	\$ -3.611.068	\$ -1.532.638	\$ 512.937	\$ 1.775.311	0,000	0,016	0,133	0,191	sd	7,435	0,437
Agricultura	112 - Bebidas alcoólicas	\$ -7.051.668	\$ 3.364.493	\$ 37.431.916	\$ 55.715.055	0,218	0,737	0,145	0,142	2,386	-0,803	-0,022
Agricultura	121 - Tabaco sem tratamento	\$ 2.656.060	\$ 2.474.260	\$ 947.924	\$ 3.393.964	0,697	0,722	0,898	0,676	0,036	0,245	-0,248
Agricultura	122 - Tabaco manufaturado (exceto cigarros)	\$ 251.239	\$ -1.462.550	\$ -18.837.059	\$ -31.669.922	0,122	0,125	0,089	0,007	0,029	-0,293	-0,926
Agricultura	211 - Couros e peles (exceto couros)	\$ 800.149	\$ 10.665	\$ 44.101	\$ 133.782	0,000	0,000	0,406	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	222 - Sem. e frutas oleag. inte.	\$ 48.997.062	\$ 5.215.147	\$ 3.173.954	\$ 4.274.454	0,000	0,040	0,001	0,005	149,179	-0,965	2,874
Agricultura	223 - Sementes e frutos oleag.	\$ -11.649	\$ 164.991	\$ 122.943	\$ 3.821.530	0,000	0,205	0,007	0,000	sd	-0,967	-1,000
Agricultura	231 - Borracha natural balata	\$ -14.532	\$ 37.818	\$ 131.179	\$ -38.429	0,000	0,000	0,495	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	232 - Caucho sintético	\$ -2.659.238	\$ -1.573.098	\$ -7.049.445	\$ -5.347.093	0,106	0,905	0,905	0,941	7,570	0,000	0,040
Agricultura	244 - Corcho natural									sd	sd	sd
Agricultura	245 - Leña (excepto desperdícios)	\$ 899	\$ 7.296		\$ 490.829	0,000	0,599	sd	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	246 - Madera en astillas o partículas y desperdícios de madera			\$ 83.534	\$ 527.487			0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	247 - Madera en bruto o simple	\$ 1.020	\$ 1.881	\$ 90.093	\$ 142.320	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	248 - Madeira trabalhada e transformada	\$ -5.541.953	\$ 4.206	\$ -7.332.985	\$ -2.195.519	0,000	0,000	0,570	0,796	-1,000	sd	0,397
Agricultura	251 - Pasta y desperdícios de celulosa	\$ -4.196.117	\$ 225.646	\$ 54.035.810	\$ 112.841.875	0,516	0,000	0,390	0,231	-1,000	sd	-0,407
FTMM	261 - Seda			\$ -640				0,000		sd	sd	sd
FTMM	263 - Algodão	\$ 13.742.331	\$ -26.576.076	\$ -30.235.591	\$ -3.066.468	0,083	0,017	0,180	0,925	-0,802	9,921	4,125
FTMM	265 - Fibras têxteis vegetais (exceto algodão)	\$ -134.437	\$ 80.860.405	\$ -1.369		0,000	0,071	0,000		sd	-1,000	sd
FTMM	266 - Fibras sintéticas adequadas	\$ -902.719	\$ 18.085.901	\$ -25.093.181	\$ -10.633.716	0,855	0,202	0,317	0,394	-0,764	0,571	0,244
FTMM	267 - Outras fibras manufaturadas	\$ -4.778.289	\$ -1.030	\$ -14.974.843	\$ -5.952.020	0,005	0,000	0,004	0,093	-1,000	sd	21,206
FTMM	268 - Lã e outros pelos de animais	\$ 1.992.956	\$ 3.475.973	\$ 1.043.320	\$ 1.211.206	0,019	0,824	0,000	0,000	41,507	-1,000	sd
FTMM	269 - Roupas velhas e outros artigos	\$ -10.643	\$ -13.848.946	\$ 91.463	\$ 13.552	0,000	0,031	0,000	0,000	sd	-1,000	sd

continua

continuação

FTMM	272 - Fertilizantes	\$	-42.067	\$	359.536	\$	-29.058	\$	-147.002	0,000	0,000	0,001	0,000	sd	sd	-1,000
FTMM	273 - Pedra	\$	-907.927	\$	5.435	\$	-1.458.340	\$	-1.287.988	0,000	0,000	0,005	0,021	sd	sd	2,855
FTMM	274 - Enxofre e pepita de fer	\$	1.100	\$	-14.893	\$	-6.122	\$	-36.354	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	277 - Abrasivos naturais (in	\$	75.730	\$	-792.600	\$	29.286	\$	11.256	0,000	0,039	0,000	0,060	sd	sd	-0,998 872,502
FTMM	278 - Outros minerais no bru	\$	-3.475.342	\$	-689	\$	10.652.583	\$	19.636.589	0,740	0,000	0,656	0,601	-1,000	sd	-0,083
FTMM	281 - Mineral de ferro e seus	\$	-133.192.304	\$	23.638	\$	-464.892.110	\$	-823.193.900	0,000	0,014	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 sd
FTMM	282 - Desperdícios e descarte	\$	-409.997	\$	9.472.568	\$	-1.427.410	\$	-812.443	0,000	0,645	0,017	0,000	sd	sd	-0,973 -1,000
FTMM	283 - Minerais de cobre e seu	\$	-16.302	\$	-165.691.680	\$	85.845.421	\$	49.447.981	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	285 - Minerais de alumínio e	\$	-17.396.748	\$	-51.668	\$	-185.321.359	\$	-150.676.684	0,000	0,830	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 -0,839
FTMM	287 - Minerais de metais cor	\$	-4.615.393	\$	14.389.942	\$	-3.553.917	\$	-5.264.041	0,166	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
FTMM	288 - Desperdícios e descarte	\$	-102.301	\$	-93.705.534	\$	492.857	\$	2.596.746	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 sd
Agricultura	291 - Produtos animais no b	\$	241.749	\$	-1.098.943	\$	-5.093.276	\$	-4.245.386	0,208	0,036	0,387	0,648	-0,827	9,757	0,676
Agricultura	292 - Produtos vegetais no b	\$	-1.623.006	\$	5.217.663	\$	-5.486.568	\$	-6.826.264	0,244	0,000	0,494	0,533	-1,000	10915,204	0,079
Energia	321 - Carvão	\$	88.653	\$	-1.187.178	\$	-399.004	\$	954.386	0,517	0,612	0,216	0,249	0,183	-0,646	0,152
Energia	322 - Linhita e turfa	\$		\$		\$	63.844	\$	71.839			0,000	0,000	sd	sd	sd
Energia	325 - Coque e semicoque (inc	\$	255.537	\$	-5.466.837	\$	1.505.432	\$	4.187.415	0,000	0,181	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 sd
Energia	333 - Óleos de petróleo puros	\$	34.121.144	\$	-151.869	\$	-202	\$	21.583.555	0,000	0,000	0,828	0,000	sd	sd	-1,000
Energia	334 - Óleos de petróleo e óle	\$	54.691.800	\$	4.320	\$	1.052.715.429	\$	920.495.004	0,460	0,000	0,312	0,167	-1,000	sd	-0,463
Energia	335 - Produtos residuais deri	\$	3.762.825	\$	718.896	\$	8.597.626	\$	-2.754.975	0,518	0,000	0,423	0,656	-1,000	sd	0,550
Energia	342 - Propano e butano líquid	\$	-36.394	\$	976.755.104	\$	292.232.663	\$	281.032.330	0,000	0,018	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 sd
Energia	343 - Gás natural	\$		\$		\$	37.552.487	\$				0,000		sd	sd	sd
Energia	344 - Gases de petróleo	\$	3.197.620	\$	256.561.273	\$	-71	\$	6.631.213	0,000	0,262	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 sd
Energia	351 - Corrente elétrica;	\$		\$		\$	-107.799.159	\$	-326.052.379			0,011	0,000	sd	sd	-0,996
Agricultura	411 - Óleos e gorduras de or	\$	-646.569	\$	2.223.166	\$	-3.584.742	\$	-678.610	0,707	0,772	0,398	0,912	0,092	-0,484	1,290
Agricultura	421 - Óleos e gorduras fixos	\$	31.872.078	\$	108.810.530	\$	76.581.004	\$	56.587.776	0,001	0,000	0,011	0,026	-0,997	2445,367	1,468
Agricultura	422 - Gorduras e óleos fixos	\$	-269.681	\$	904.862	\$	4.662	\$	-252.130	0,521	0,000	0,994	0,817	-1,000	sd	-0,178
Agricultura	431 - Gorduras e óleos de or	\$	-1.352.263	\$	45.384.107	\$	7.387.196	\$	15.027.399	0,605	0,000	0,481	0,327	-1,000	5975,436	-0,320
MnoBRN	511 - Hidrocarburetos	\$	-9.451.733	\$	94.119.315	\$	-60.903.905	\$	-101.082.105	0,618	0,059	0,660	0,396	-0,905	10,204	-0,399
MnoBRN	512 - Álcoois	\$	-19.034.609	\$	3.300.855	\$	-21.856.922	\$	-15.088.055	0,269	0,634	0,775	0,871	1,357	0,223	0,123
MnoBRN	513 - Ácidos carboxílicos e s	\$	-22.185.449	\$	75.411.282	\$	5.264.436	\$	-14.252.843	0,369	0,000	0,939	0,841	-1,000	453903,986	-0,105
MnoBRN	514 - Compostos de funções	\$	-6.267.630	\$	671.257	\$	-7.872.716	\$	-5.472.611	0,692	0,658	0,867	0,929	-0,049	0,318	0,071
MnoBRN	515 - Compostos orgânicos-	\$	-8.935.760	\$	4.093.962	\$	-74.526.801	\$	-29.659.080	0,681	0,654	0,168	0,292	-0,039	-0,744	0,742
MnoBRN	516 - Outros produtos quimi	\$	-10.619.660	\$	-12.809.105	\$	-111.493.588	\$	-44.557.973	0,366	0,866	0,138	0,429	1,366	-0,841	2,111
MnoBRN	522 - Elementos químicos inc	\$	-7.201.623	\$	-18.110.007	\$	8.949.714	\$	-17.340.012	0,784	0,698	0,919	0,841	-0,110	0,317	-0,085
MnoBRN	523 - Sais metálicos e maxisa	\$	-1.076.015	\$	-8.208.112	\$	24.163.828	\$	25.848.078	0,934	0,822	0,535	0,536	-0,120	-0,349	0,001
MnoBRN	524 - Outros produtos quimi	\$	-906.631	\$	-7.061.010	\$	-23.597.171	\$	-57.933.956	0,599	0,897	0,379	0,187	0,497	-0,578	-0,507
MnoBRN	525 - Materiais radioativos e	\$	-4.052	\$	-8.894.713	\$	365.891	\$	4.578.038	0,000	0,454	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 sd
MnoBRN	531 - Materiais colorantes e r	\$	2.844.237	\$	-19.784.251	\$	-3.726.819	\$	-1.312.696	0,779	0,537	0,794	0,898	-0,311	0,478	0,131
MBRN	532 - Extractos tintórios e co	\$	851.591	\$	18.471.563	\$	12.557.227	\$	11.874.039	0,564	0,761	0,332	0,377	0,349	-0,564	0,137
MnoBRN	533 - Pigmentos	\$	-9.080.422	\$	5.995.179	\$	-62.734.950	\$	-61.121.368	0,172	0,551	0,482	0,470	2,195	-0,125	-0,025
MnoBRN	541 - Produtos medicinais e	\$	-1.987.267	\$	-333.903	\$	-6.176.811	\$	-2.081.291	0,560	0,970	0,780	0,965	0,733	-0,195	0,237
MnoBRN	542 - Medicamentos (incluind	\$	-3.082.549	\$	721.678	\$	-638.032	\$	10.178.239	0,672	0,113	0,996	0,948	-0,832	7,808	-0,048
MnoBRN	551 - Óleos essenciais materi	\$	345.745	\$	-5.754.193	\$	423.415	\$	-10.962.283	0,567	0,612	0,985	0,551	0,078	0,610	-0,441
MnoBRN	553 - Produtos de perfumaria	\$	-2.190.534	\$	4.145.665	\$	-26.350.559	\$	-2.858.754	0,077	0,579	0,854	0,992	6,479	0,477	0,161
MnoBRN	554 - Sabão e preparados pa	\$	-4.105.675	\$	-20.943.798	\$	-68.623.773	\$	-113.160.680	0,325	0,653	0,110	0,071	1,008	-0,832	-0,351
MnoBRN	562 - Fertilizantes (exceto os	\$	-3.169.116	\$	7.638.050	\$	23.021.372	\$	-25.354.332	0,014	0,715	0,726	0,563	49,770	0,016	-0,225
MnoBRN	571 - Polímeros de etileno	\$	-22.181.540	\$	-90.005	\$	-116.639.758	\$	-106.703.056	0,621	0,999	0,813	0,821	0,608	-0,186	0,009
MnoBRN	572 - Polímeros de estireno	\$	-2.814.879	\$	-1.099.930	\$	-36.733.027	\$	-22.596.707	0,167	0,927	0,124	0,343	4,557	-0,866	1,756
MnoBRN	573 - Polímeros de cloreto de	\$	-4.716.114	\$	4.644.442	\$	22.428.328	\$	75.787.920	0,580	0,895	0,782	0,176	0,543	-0,127	-0,775
MnoBRN	574 - Poliacetis	\$	-5.082.880	\$	-34.715.927	\$	-40.529.959	\$	-22.041.284	0,450	0,297	0,469	0,630	-0,339	0,576	0,344
MnoBRN	575 - Outros plásticos em fo	\$	-9.548.990	\$	-10.705.134	\$	-31.767.464	\$	-50.934.764	0,676	0,077	0,879	0,842	-0,886	10,435	-0,042
MnoBRN	579 - Desperdícios	\$	-19.876	\$	-123.844.969	\$	323.299	\$	324.966	0,000	0,335	0,000	0,000	sd	sd	-1,000 sd
MnoBRN	581 - Tubos	\$	-3.099.319	\$	17.869.387	\$	-3.875.711	\$	-11.743.405	0,077	0,602	0,903	0,791	6,824	0,502	-0,125
MnoBRN	582 - Pranchas	\$	-14.179.682	\$	562.779	\$	-59.603.174	\$	-30.351.999	0,556	0,986	0,636	0,858	0,775	-0,355	0,349
MnoBRN	583 - Monofilamentos qualq	\$	446.295	\$	26.428.507	\$	-133.396	\$	-17.091	0,138	0,782	0,928	0,995	4,658	0,187	0,072
MnoBRN	591 - Inseticidas	\$	691.725	\$	14.437.334	\$	-5.400.572	\$	4.720.357	0,972	0,824	0,984	0,988	-0,152	0,194	0,004
MnoBRN	592 - Amido	\$	-1.344.290	\$	134.661	\$	28.494.751	\$	30.067.334	0,687	0,000	0,625	0,673	-1,000	sd	0,077
MnoBRN	593 - Explosivos e produtos d	\$	-762.595	\$	-13.038.343	\$	-1.084.074	\$	-575.922	0,024	0,237	0,564	0,763	8,810	1,379	0,353
MnoBRN	597 - Aditivos preparados pa	\$	7.421.078	\$	-7.879.314	\$	-29.731.618	\$	-24.908.705	0,449	0,908	0,399	0,484	1,025	-0,561	0,213
MnoBRN	598 - Produtos químicos div	\$	-27.082.676	\$	89.598	\$	-3.639.809	\$	-6.612.410	0,201	0,956	0,978	0,967	3,758	0,023	-0,011
MBRN	611 - Couro	\$	79.433.003	\$	-12.705.447	\$	34.422.224	\$	17.364.660	0,012	0,827	0,167	0,236	67,433	-0,798	0,409
MBRN	612 - Manufaturas de couro	\$	-9.725	\$	10.246.541	\$	1.300.792	\$	65.681	0,707	0,702	0,082	0,668	-0,008	-0,883	7,167
MBRN	613 - Peles finas curtidas ou	\$	186.968	\$	-845.028	\$	64.224	\$	27.327	0,000	0,728	0,145	0,802	sd	sd	-0,801 4,531
MnoBRN	621 - Materiais de borracha	\$	-3.076.312	\$	-819.989	\$	-8.502.500	\$	-18.777.820	0,306	0,954	0,790	0,741	2,122	-0,172	-0,062
MnoBRN	625 - Pneus	\$	-69.959.365	\$	-28.651.266	\$	-123.998.445	\$	-108.041.523	0,112	0,541	0,654	0,759	3,839	0,209	0,160
MnoBRN	629 - Artigos de borracha	\$	-10.961.334	\$	84.348.950	\$	-17.113.998	\$	-47.326.612	0,146	0,147	0,671	0,495	0,008		

MBRN	634 - Folhas de madeira para	\$	-11.608.155	\$	-29.952	\$	38.293.937	\$	17.044.028	0,054	0,332	0,587	0,757	5,136	0,766	0,291
MBRN	635 - Manufaturas de madeira	\$	-2.336.306	\$	-8.543.156	\$	-4.036.013	\$	-3.831.999	0,250	0,540	0,142	0,142	1,161	-0,737	-0,002
MnoBRN	641 - Papel e cartão	\$	-109.991.382	\$	-61.769.382	\$	-345.004.535	\$	-367.597.519	0,055	0,596	0,186	0,199	9,891	-0,687	0,068
MnoBRN	642 - Papéis e cartões recorta	\$	-26.323.214	\$	-9.229.363	\$	18.247.681	\$	-9.297.351	0,203	0,612	0,787	0,859	2,023	0,285	0,092
MnoBRN	651 - Fios de fibra textil	\$	-9.837.576	\$	-268.867	\$	-56.568.057	\$	-9.018.549	0,839	0,734	0,631	0,921	-0,125	-0,141	0,460
MnoBRN	652 - Tecidos de algodão (exc	\$	-15.863.421	\$	14.778.047	\$	-78.209.467	\$	-55.341.466	0,140	0,664	0,428	0,352	3,750	-0,356	-0,176
MnoBRN	653 - Tecidos de materiais têx	\$	-10.863.274	\$	-7.962.031	\$	-17.022.582	\$	-14.408.301	0,063	0,098	0,365	0,427	0,556	2,711	0,172
MnoBRN	654 - Outros tecidos de fibras	\$	-1.648.227	\$	-219.889.610	\$	-2.926.630	\$	-2.844.327	0,121	0,088	0,108	0,190	-0,270	0,227	0,753
MnoBRN	655 - Tecidos de malha ou cro	\$	-4.619.515	\$	-54.142.814	\$	-29.596.793	\$	-18.434.318	0,011	0,487	0,072	0,069	43,096	-0,852	-0,050
MnoBRN	656 - Tules	\$	-2.834.847	\$	65.588.225	\$	-3.892.388	\$	-3.387.456	0,009	0,609	0,429	0,517	69,468	-0,296	0,204
MnoBRN	657 - Fios especiais	\$	-8.852.692	\$	-52.374.033	\$	-38.828.551	\$	-31.189.662	0,527	0,121	0,715	0,837	-0,770	4,903	0,170
MnoBRN	658 - Artigos confeccionados	\$	-17.759.434	\$	1.756.930	\$	-70.280.164	\$	-59.376.337	0,059	0,922	0,042	0,099	14,559	-0,954	1,344
MnoBRN	659 - Tapetes	\$	-2.360.202	\$	-3.070.895	\$	-3.796.818	\$	-7.591.393	0,093	0,002	0,455	0,382	-0,978	219,917	-0,160
MBRN	661 - Cal	\$	-884.930	\$	-14.079.141	\$	-1.472.852	\$	5.052.875	0,406	0,258	0,891	0,728	-0,364	2,453	-0,183
MBRN	662 - Materiais de construção	\$	-10.370.837	\$	-585.752	\$	-45.503.873	\$	-33.231.062	0,086	0,866	0,005	0,004	9,127	-0,994	-0,264
MBRN	663 - Manufaturas de minera	\$	-8.670.687	\$	4.131.043	\$	-17.282.863	\$	-38.705.934	0,180	0,938	0,416	0,391	4,203	-0,556	-0,061
MnoBRN	664 - Vidro	\$	-5.696.034	\$	-75.627.441	\$	-49.511.655	\$	-60.980.191	0,402	0,074	0,071	0,235	-0,816	-0,045	2,334
MnoBRN	665 - Artigos de vidro	\$	-7.607.483	\$	-5.632.347	\$	-15.189.835	\$	-30.827.335	0,598	0,283	0,306	0,170	-0,528	0,187	-0,493
MnoBRN	666 - Artigos de cerâmica	\$	-2.005.125	\$	-5.538.938	\$	-2.006.851	\$	-5.450.353	0,000	0,389	0,199	0,047	sd	-0,488	-0,763
MBRN	667 - Pérolas □	\$	-71.360	\$	-28.926.839	\$	38.567	\$	-16.592	0,000	0,027	0,553	0,351	sd	19,817	-0,364
MBRN	671 - Ferro fundido	\$	-3.337.569	\$	-15.970.851	\$	-80.051.998	\$	-59.922.684	0,004	0,226	0,048	0,222	51,999	-0,788	3,645
MnoBRN	672 - Lingotes e outras forma	\$	-20.416.888	\$	-23.644.911	\$	-113.164.327	\$	-196.057.048	0,000	0,137	0,032	0,014	sd	-0,769	-0,566
MnoBRN	673 - Produtos laminados pla	\$	-200.902.988	\$	-8.755.709	\$	-137.326.067	\$	-84.787.442	0,015	0,401	0,004	0,219	25,622	-0,990	51,300
MnoBRN	674 - Produtos laminados pl	\$	-27.377.418	\$	-2.803.278	\$	-70.505.028	\$	-130.966.111	0,082	0,039	0,022	0,095	-0,522	-0,450	3,400
MnoBRN	675 - Produtos laminados plat	\$	-8.267.887	\$	-25.450	\$	-142.142.781	\$	-141.592.118	0,013	0,252	0,005	0,002	18,473	-0,981	-0,551
MnoBRN	676 - Barras	\$	-16.049.776	\$	-21.170.812	\$	-58.590.481	\$	-133.106.858	0,208	0,008	0,677	0,526	-0,960	81,375	-0,224
MnoBRN	677 - Carros e elementos par	\$	6.514.189	\$	-20.693.677	\$	-1.335.639	\$	-1.312.518	0,002	0,002	0,015	0,082	0,334	5,434	4,344
MnoBRN	678 - Arame de ferro o aço	\$	-4.250.882	\$	-47.213.843	\$	-10.589.348	\$	-8.572.418	0,132	0,244	0,632	0,811	0,847	1,589	0,284
MnoBRN	679 - Tubos	\$	-5.365.602	\$	6.972.495	\$	-134.595.237	\$	-16.328.532	0,250	0,805	0,162	0,673	2,224	-0,799	3,161
MBRN	681 - Prata	\$	24.375	\$	-31.128.636	\$	1.098.958	\$	-930.386	0,486	0,004	0,597	0,001	-0,992	157,432	-0,999
MBRN	682 - Cobre	\$	-18.921.443	\$	-16.082.383	\$	-116.492.705	\$	-107.355.373	0,059	0,717	0,023	0,133	11,083	-0,968	4,713
MBRN	683 - Níquel	\$	-3.010.187	\$	-189.566	\$	-27.655.531	\$	-13.620.355	0,018	0,000	0,004	0,000	-1,000	sd	-0,997
MBRN	684 - Alumínio	\$	-8.318.014	\$	-2.090.881	\$	-24.401.326	\$	53.197.694	0,385	0,878	0,096	0,751	1,278	-0,093	-0,057
MBRN	685 - Plomo	\$	-105.292	\$	-20.611.053	\$	55.533.527	\$	49.897.476	0,000	0,464	0,004	0,000	sd	-0,992	-1,000
MBRN	686 - Zinco	\$	-4.115.336	\$	4.761	\$	-7.447.219	\$	3.870.779	0,170	0,990	0,938	0,839	4,823	-0,053	-0,106
MBRN	687 - Estanho	\$	-4.161.260	\$	-21.096.987	\$	-7.409.753	\$	-13.481.563	0,000	0,446	0,000	0,000	sd	-1,000	-1,000
MBRN	689 - Diversos metais comun	\$	60.772	\$	-1.158.241	\$	940.577	\$	663.367	0,152	0,000	0,386	0,540	-0,999	4651,983	0,401
MnoBRN	691 - Estruturas e partes de e	\$	-2.049.040	\$	-61.500.175	\$	-22.423.273	\$	-8.894.059	0,006	0,209	0,112	0,470	34,494	-0,464	3,195
MnoBRN	692 - Recipientes de metal p	\$	-11.444.580	\$	4.795.784	\$	1.391.077	\$	5.327.495	0,110	0,009	0,943	0,824	-0,922	108,608	-0,126
MnoBRN	693 - Artigos de arame (exce	\$	-4.649.551	\$	-1.083.774	\$	-9.618.452	\$	1.813.999	0,291	0,932	0,658	0,937	2,201	-0,294	0,424
MnoBRN	694 - Pregos	\$	-11.769.144	\$	-4.378.333	\$	-26.298.064	\$	-29.922.959	0,101	0,000	0,261	0,378	-1,000	6810,840	0,444
MnoBRN	695 - Ferramentas de uso ma	\$	-3.191.598	\$	-395.455	\$	-21.256.865	\$	-19.915.222	0,885	0,489	0,509	0,579	-0,447	0,041	0,137
MnoBRN	696 - Faqueiros	\$	-15.059.864	\$	-16.883.524	\$	-51.865.588	\$	-51.427.786	0,007	0,132	0,002	0,000	16,655	-0,986	-0,867
MnoBRN	697 - Equipamentos doméstic	\$	-10.555.296	\$	-14.915.059	\$	-31.354.174	\$	-26.046.741	0,009	0,546	0,039	0,037	57,942	-0,929	-0,055
MnoBRN	699 - Manufaturas de metais	\$	-21.390.912	\$	-94.046	\$	-84.753.778	\$	-115.821.918	0,225	0,992	0,430	0,536	3,410	-0,567	0,246
MnoBRN	711 - Pannels geradoras de v	\$	-181.396	\$	-14.043.173	\$	-347.369	\$	-479.036	0,071	0,274	0,507	0,612	2,840	0,851	0,206
MnoBRN	712 - Turbinas de vapor de a	\$	-17.123	\$	-25.694.393	\$	-1.675.823	\$	-8.936.637	0,000	0,356	0,002	0,000	sd	-0,994	-1,000
MnoBRN	713 - Motores de Combustão	\$	-71.643.324	\$	-54.926.170	\$	-411.923.922	\$	-622.944.362	0,583	0,001	0,417	0,359	-0,999	508,822	-0,126
MnoBRN	714 - Máquinas e motores nã	\$	-24.839	\$	-31.233.202	\$	7.794.524	\$	2.410.487	0,612	0,021	0,000	0,000	-0,966	-0,986	-1,000
MnoBRN	716 - Aparelhos elétricos rot	\$	-13.004.474	\$	-38.983.822	\$	-46.152.880	\$	-57.771.996	0,046	0,324	0,300	0,602	6,070	-0,074	1,007
MnoBRN	718 - Máquinas geradoras de	\$	-665.200	\$	-362.595	\$	-6.620.085	\$	13.994.871	0,521	0,425	0,392	0,504	-0,183	-0,077	0,284
MnoBRN	721 - Maquinário agrícola (e	\$	-20.936.890	\$	-85.389	\$	-187.449.187	\$	-130.567.160	0,065	0,000	0,087	0,205	-1,000	sd	1,366
MnoBRN	722 - Tratores (exceto os dos	\$	-13.836.550	\$	-7.214.410	\$	-172.702.698	\$	-151.082.697	0,018	0,977	0,000	0,000	53,114	-1,000	sd
MnoBRN	723 - Maquinário e equipame	\$	-18.492.402	\$	250.743	\$	-138.480.628	\$	-121.788.965	0,012	0,016	0,052	0,089	0,321	2,228	0,698
MnoBRN	724 - Maquinário têxtil e par	\$	-10.883.715	\$	-8.421.601	\$	-8.861.571	\$	-4.145.294	0,082	0,753	0,023	0,647	8,226	-0,969	26,824
MnoBRN	725 - Máquinas para fabricar	\$	-662.013	\$	5.234.521	\$	-8.918.127	\$	-5.738.833	0,678	0,368	0,096	0,309	-0,458	-0,738	2,203
MnoBRN	726 - Máquinas para imprimir	\$	-1.099.932	\$	-12.245.853	\$	-1.032.768	\$	-1.475.548	0,550	0,610	0,618	0,292	0,108	0,012	-0,528
MnoBRN	727 - Máquinas para elabora	\$	-3.148.421	\$	-16.705.154	\$	8.635.037	\$	-2.861.289	0,485	0,020	0,560	0,698	-0,958	26,644	0,245
MnoBRN	728 - Outras máquinas e equ	\$	-17.092.012	\$	-13.594.608	\$	-39.823.020	\$	-28.786.733	0,255	0,200	0,346	0,579	-0,217	0,735	0,672
MnoBRN	731 - Máquinas ferramentas	\$	-2.521.185	\$	-2.231.830	\$	-4.647.101	\$	-430.326	0,297	0,522	0,475	0,867	0,760	-0,091	0,826
MnoBRN	733 - Máquinas ferramentas p	\$	-400.632	\$	-13.332.406	\$	-935.116	\$	2.931.535	0,878	0,093	0,700	0,311	-0,894	6,529	-0,555
MnoBRN	735 - Partes e peças	\$	-955.182	\$	-2.087.651	\$	-379.813	\$	-911.166	0,470	0,221	0,779	0,591	-0,531	2,531	-0,242
MnoBRN	737 - Máquinas para trabalha	\$	-2.984.561	\$	-4.620.698	\$	-8.050.419	\$	-7.043.950	0,403	0,546	0,572	0,588	0,356	0,047	0,202
MnoBRN	741 - Equipamento de aqueci	\$	-17.848.558	\$	-5.843.497	\$	-56.091.045	\$	-35.510.390	0,331	0,855	0,502	0,693	1,585	-0,413	0,382

MnoBRN	751 - Máquinas de gabinete	\$	-1.310.500	\$	2.053.883	\$	-59.359.047	\$	-58.773.788	0,557	0,934	0,010	0,003	0,676	-0,990	-0,647
MnoBRN	752 - Máquinas de processar	\$	-8.361.251	\$	1.229.231	\$	-86.317.411	\$	-62.662.569	0,548	0,947	0,007	0,055	0,727	-0,993	6,820
MnoBRN	759 - Partes e peças e acessórios	\$	475.696	\$	3.863.838	\$	-788.013	\$	-410.784	0,882	0,868	0,592	0,672	-0,015	-0,318	0,134
MnoBRN	761 - Receptores de televisão	\$	-113.386	\$	-2.335.444	\$	-37.000.680	\$	-1.639.703	0,000	0,936	0,000	0,001	sd	-1,000	82,513
MnoBRN	762 - Rádio-receptores	\$	-77.946	\$	-831.270	\$	-29.545.626	\$	-20.532.647	0,000	0,945	0,520	0,729	sd	-0,449	0,401
MnoBRN	763 - Gravadores ou reprodu	\$	-32.369	\$	-3.406.209	\$	-2.712.944	\$	18.869	0,000	0,316	0,121	0,543	sd	-0,616	3,473
MnoBRN	764 - Equipamentos de telec	\$	-10.850.136	\$	-183.256.514	\$	-806.309.270	\$	-432.153.699	0,064	0,006	0,015	0,008	-0,904	1,438	-0,460
MnoBRN	771 - Aparelhos de eletrici	\$	-422.361	\$	-3.470.928	\$	-39.113.344	\$	-78.826.875	0,651	0,211	0,218	0,224	-0,676	0,035	0,026
MnoBRN	772 - Aparelhos elétricos par	\$	-16.061.719	\$	-65.837.405	\$	-42.508.608	\$	-38.417.662	0,104	0,003	0,466	0,615	-0,970	147,919	0,321
MnoBRN	773 - Equipamento para dist	\$	-25.811.348	\$	-1.322.120	\$	-105.326.715	\$	-174.888.775	0,066	0,935	0,306	0,217	13,144	-0,673	-0,288
MnoBRN	774 - Aparelhos elétricos de	\$	-5.869.602	\$	-8.054.462	\$	16.809	\$	-115.398	0,112	0,006	0,844	0,826	-0,945	136,375	-0,022
MnoBRN	775 - Aparelhos de uso dom	\$	-54.226.672	\$	-442.748.743	\$	-179.955.347	\$	-119.364.293	0,022	0,013	0,118	0,034	-0,407	8,103	-0,712
MnoBRN	776 - Válvulas e tubos termi	\$	-25.717.000	\$	-11.334.985	\$	-28.452.043	\$	-33.592.940	0,002	0,352	0,012	0,018	167,446	-0,967	0,558
MnoBRN	778 - Máquinas e aparelhos e	\$	-36.363.758	\$	-13.236.327	\$	-169.578.622	\$	-253.206.009	0,252	0,719	0,437	0,264	1,855	-0,392	-0,397
MnoBRN	781 - Automóveis e outros v	\$	-278.886.424	\$	-4.060.976	\$	-248.606.563	\$	848.354.188	0,370	0,955	0,931	0,871	1,582	-0,025	-0,064
MnoBRN	782 - Veículos automotivos p	\$	-91.981.000	\$	446.704	\$	-38.132.106	\$	723.119.845	0,088	0,282	0,973	0,698	2,218	2,445	-0,282
MnoBRN	783 - Veículos automotivos d	\$	-22.703.140	\$	-85.697.046	\$	-284.578.630	\$	-253.460.625	0,000	0,065	0,332	0,428	sd	4,150	0,289
MnoBRN	784 - Partes peças	\$	-269.710.264	\$	-30.948.601	\$	-406.231.680	\$	-1.165.853.089	0,445	0,028	0,758	0,597	-0,936	25,815	-0,212
MnoBRN	785 - Motocicletas (incluindo	\$	-24.461.041	\$	-57.172.452	\$	-53.304.622	\$	-45.180.624	0,052	0,612	0,046	0,057	10,870	-0,926	0,262
MnoBRN	786 - Trailers e semi-trailers	\$	-7.208.559	\$	219.745.080	\$	-18.972.286	\$	-8.841.606	0,002	0,793	0,235	0,673	317,398	-0,703	1,859
MnoBRN	791 - Veículos para ferrovias	\$	-156.660	\$	194.502.134	\$	-49.410.267	\$	-3.754.555	0,000	0,731	0,132	0,792	sd	-0,819	4,989
MnoBRN	792 - Aeronaves e equipame	\$	12.964.569	\$	19.326.520	\$	226.308	\$	-324.550.047	0,001	0,890	0,054	0,016	961,256	-0,939	-0,700
MnoBRN	793 - Navios	\$	102.893	\$	-116.436.293	\$	1.128.754	\$	2.890.594	0,884	0,815	0,072	0,009	-0,078	-0,911	-0,876
MnoBRN	811 - Edifícios prefabricados,	\$	-1.010.117	\$	-42.925.997	\$	54.398	\$	-2.048.866	0,000	0,027	0,917	0,711	sd	32,507	-0,225
MnoBRN	812 - Artefatos e acessórios	\$	-1.299.825	\$	-18.120.298	\$	-1.652.622	\$	-770.489	0,028	0,020	0,179	0,549	-0,283	7,911	2,069
MnoBRN	813 - Artefatos e acessórios	\$	-334.163	\$	-7.649.458	\$	286.703	\$	175.994	0,372	0,427	0,877	0,953	0,147	1,057	0,086
MnoBRN	821 - Móveis e suas partes	\$	-16.724.361	\$	-491.660	\$	-85.821.547	\$	-133.821.587	0,017	0,119	0,079	0,121	5,900	-0,334	5,284
MnoBRN	831 - Baús	\$	-1.413.442	\$	-55.973	\$	-702.007	\$	-704.013	0,031	0,698	0,527	0,158	21,489	-0,245	-0,701
MnoBRN	841 - Abrigos	\$	-2.443.972	\$	-652.466	\$	-6.731.192	\$	-781.057	0,028	0,112	0,272	0,896	3,024	1,431	2,291
MnoBRN	842 - Abrigos	\$	-2.440.135	\$	-2.504.487	\$	-2.827.802	\$	-244.161	0,171	0,173	0,205	0,919	0,010	0,189	3,474
MnoBRN	843 - Abrigos	\$	-2.763.193	\$	917.417	\$	746.866	\$	4.040.778	0,001	0,631	0,894	0,429	728,879	0,417	-0,521
MnoBRN	844 - Abrigos	\$	-2.587.131	\$	-83.745.293	\$	-2.868.618	\$	-1.851.299	0,000	0,119	0,430	0,581	sd	2,601	0,352
MnoBRN	845 - Adornos de vestimenta	\$	-18.015.807	\$	-2.119.822	\$	-13.232.494	\$	-5.255.969	0,007	0,212	0,388	0,733	31,083	0,830	0,869
MnoBRN	846 - Acessórios de vestir de	\$	-2.163.740	\$	-12.125.720	\$	661.137	\$	2.190.661	0,158	0,021	0,508	0,266	-0,865	22,812	-0,477
MnoBRN	848 - Adornos e acessórios d	\$	-1.636.362	\$	-8.970.661	\$	-1.285.635	\$	-802.487	0,067	0,095	0,496	0,703	0,413	4,231	0,417
MnoBRN	851 - Caçado	\$	-12.420.759	\$	-10.004.631	\$	-186.817.313	\$	-197.140.341	0,037	0,005	0,018	0,022	-0,857	2,303	0,277
MnoBRN	871 - Instrumentos e aparelh	\$	-382.119	\$	-12.238.758	\$	49.896	\$	71.777	0,000	0,043	0,171	0,354	sd	3,030	1,064
MnoBRN	872 - Instrumentos e aparatos	\$	-1.048.619	\$	-26.824.925	\$	-5.265.202	\$	-1.434.447	0,727	0,136	0,601	0,933	-0,813	3,419	0,552
MnoBRN	873 - Medidores e contador	\$	-2.545.868	\$	-4.470.351	\$	-21.576.010	\$	-43.804.387	0,179	0,438	0,367	0,137	1,444	-0,162	-0,627
MnoBRN	874 - Instrumentos e aparelho	\$	-5.225.214	\$	-342.277	\$	5.895.065	\$	-25.618.546	0,494	0,748	0,932	0,798	0,514	0,245	-0,144
MnoBRN	881 - Aparatos e equipament	\$	-2.238.442	\$	-133.626.057	\$	-315.873	\$	-1.437	0,124	0,009	0,164	0,106	-0,925	16,598	-0,355
MnoBRN	882 - Materiais fotográficos	\$	-4.178.735	\$	-95.461	\$	13.988.684	\$	20.950.102	0,885	0,109	0,691	0,494	-0,877	5,349	-0,286
MnoBRN	883 - Películas cinematográfi	\$	-42.824	\$	-8.916.023	\$	961	\$	7.010	0,079	0,057	0,000	0,137	-0,273	-1,000	sd
MnoBRN	884 - Artigos de ótica	\$	-1.088.554	\$	-5.516.229	\$	-14.158.311	\$	-7.147.040	0,181	0,732	0,052	0,371	3,037	-0,929	6,173
MnoBRN	885 - Relógios;	\$	-878.286	\$	13.128.485	\$	-124.224	\$	-156.755	0,105	0,769	0,802	0,097	6,356	0,043	-0,878
MnoBRN	891 - Armas e munições	\$	-3.945.256	\$	-81.889	\$	-2.395.590	\$	-3.757.131	0,001	0,304	0,398	0,350	427,738	0,311	-0,123
MnoBRN	892 - Impressos	\$	-1.902.861	\$	-29.178.825	\$	-2.138.737	\$	1.319.455	0,752	0,684	0,912	0,895	-0,090	0,333	-0,018
MnoBRN	893 - Artigos	\$	-36.041.858	\$	2.465	\$	8.278.004	\$	-18.367.539	0,185	0,043	0,942	0,897	-0,765	20,684	-0,048
MnoBRN	894 - Carrinhos para crianças	\$	-4.791.289	\$	-12.203.317	\$	-6.194.261	\$	-5.212.928	0,243	0,020	0,545	0,286	-0,920	26,902	-0,476
MnoBRN	895 - Artigos de gabinete e p	\$	-754.474	\$	-425.075	\$	-7.943.344	\$	-10.082.621	0,802	0,380	0,023	0,053	-0,526	-0,940	1,294
MnoBRN	896 - Obras de arte peças	\$	20.000	\$	-2.347.910	\$	46.155	\$	111.259	0,000	0,113	0,360	0,402	sd	2,193	0,118
MnoBRN	897 - Jóias e objetos de ouri	\$	-177.384	\$	19.127.652	\$	-3.918.565	\$	-3.693.925	0,000	0,474	0,002	0,010	sd	-0,996	3,686
MnoBRN	898 - Instrumentos musicais	\$	-714.809	\$	-20.614.608	\$	-394.636	\$	-323.841	0,646	0,649	0,928	0,949	0,005	0,429	0,023
MnoBRN	899 - Outros artigos manufat	\$	-8.136.847	\$	-6.707.382	\$	-18.921.336	\$	-19.302.340	0,092	0,255	0,199	0,310	1,764	-0,218	0,554
MnoBRN	931 - Operações e mercadori	\$	-1.282.675	\$	-4.897.174	\$		\$	689.517	0,074	0,106	sd	0,208	0,443	sd	sd
MnoBRN	971 - Ouro não monetário (ex	sd		sd		266.200	\$	46.723	sd	sd	0,000	0,000	sd	sd	sd	sd
<b>Total</b>		\$	<b>-1.667.451.905</b>	\$	<b>534.458.093</b>	\$	<b>-4.174.209.593</b>	\$	<b>-3.524.177.029</b>	<b>0,249</b>	<b>0,364</b>	<b>0,361</b>	<b>0,382</b>	<b>0,461</b>	<b>-0,007</b>	<b>0,058</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

\* Mandeng (1993: 190)

\*\* <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Lg=3>

\*\*\* Em dólares correntes

TABELA 47 - ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA (ICII) DA ARGENTINA COM ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO (1992-2010)

Cod. Mandeng*	Cod. CUCI Rev.3**	Saldo Comercial***				ICII				Variação ICII		
		1992	2000	2007	2010	1992	2000	2007	2010	1992-2000	2000-2007	2007-2010
Agricultura	001 - Animais vivos não incluídos	\$ -	\$ 24.610	\$ 5.100	\$ 138.335	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	011 - Carne de Gado	\$ -	\$ 26.500	\$ 500	\$ 305.021	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	012 - Outras carnes e miúdos	\$ 95.100	\$ 4.952.943	\$ 25.793.619	\$ 66.807.791	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	017 - Carne e miúdos de carne	\$ 61.022	\$ 81.871	\$ 30.907		0,000	0,000	0,001		sd	sd	-1,000
Agricultura	022 - Leite, creme e produtos	\$ -	\$ 21.066	\$ 8.770.488	\$ 17.694.771		0,000	0,000	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	023 - Manteiga e outras gorduras	\$ -	\$ -	\$ 247.411	\$ 1.910.734			0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	024 - Queijo e calhada	\$ -	\$ 2.918	\$ -	\$ 2.329.457		0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	034 - Peixe fresco	\$ 3.030.076	\$ 8.397.669	\$ 10.871.111	\$ 19.958.351	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	035 - Peixe seco	\$ 18.597	\$ -	\$ -	\$ 784.898	0,000			0,000	sd	sd	sd
Agricultura	036 - Crustáceos	\$ 1.847.408	\$ 1.299.707	\$ 23.905.437	\$ 19.438.693	0,023	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd
Agricultura	037 - Peixes	\$ -	\$ 71.361	\$ 138.353	\$ -80.878		0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	041 - Trigo (incluindo espelta)	\$ 5.436.119	\$ -	\$ -		0,000				sd	sd	sd
Agricultura	042 - Arroz	\$ -11.948	\$ -	\$ -		0,000				sd	sd	sd
Agricultura	043 - Cevada sem moer	\$ 2.909	\$ -	\$ -		0,000				sd	sd	sd
Agricultura	044 - Milho (exceto milho doce)	\$ 729.000	\$ 15.115	\$ 521	\$ 28.310	0,000	0,000	0,015	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	045 - Cereais sem moer (exceto milho)	\$ -	\$ -589	\$ -	\$ 303.565		0,000		0,000	sd	sd	sd
Agricultura	046 - Sêmola e farinha de trigo	\$ -	\$ -	\$ 16	\$ -855			0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	047 - Outras sêmolas e farinhas	\$ -	\$ -	\$ -1.210	\$ -12.193			0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	048 - Preparados de cereais e leguminosas	\$ -63.630	\$ 18.050	\$ -45.069	\$ 90.431	0,000	0,280	0,396	0,711	sd	0,412	0,794
Agricultura	054 - Legumes frescos, refrigerados	\$ 103.020	\$ -551.069	\$ -3.029	\$ -201.668	0,000	0,000	0,989	0,787	sd	sd	-0,204
Agricultura	056 - Legumes raízes e tubérculos	\$ -53.641	\$ -5.174.533	\$ -1	\$ -14.100.157	0,000	0,007	0,857	0,000	sd	127,097	-1,000
Agricultura	057 - Frutas e nozes (exceto frutas em conserva)	\$ -179.117	\$ -67	\$ 1.045.316	\$ 455.517	0,000	0,000	0,034	0,129	sd	sd	2,769
Agricultura	058 - Frutas em conserva e produtos	\$ 36.723	\$ -25.063	\$ 3.182.386	\$ 670.168	0,000	0,231	0,090	0,542	sd	-0,610	5,024
Agricultura	059 - Sucos de frutas (incluindo sucos de frutas)	\$ -	\$ 16.195	\$ 658.836	\$ 3.879.124		0,654	0,048	0,000	sd	-0,927	-1,000
Agricultura	061 - Açúcares, melado e mel	\$ 18.690	\$ 5.149	\$ -536.718	\$ -752.846	0,000	0,862	0,134	0,239	sd	-0,844	0,780
Agricultura	062 - Artigos de confeitaria	\$ -	\$ 693.554	\$ -922.384	\$ -1.982.107		0,475	0,606	0,537	sd	0,277	-0,115
Agricultura	071 - Café e substitutos do café	\$ -	\$ 53.925	\$ -110			0,000	0,000		sd	sd	sd
Agricultura	072 - Cacau	\$ -	\$ -	\$ -341.579	\$ -2.238.901			0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	073 - Chocolate e outros produtos	\$ -	\$ 322.272	\$ 535.547	\$ 1.275.013		0,000	0,087	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	074 - Chá e mate	\$ -7.775	\$ -18.860	\$ -276.455	\$ -105.394	0,000	0,002	0,040	0,848	sd	17,009	20,201
Agricultura	075 - Temperos	\$ -37.186	\$ -92.730	\$ -280.047	\$ -725.854	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	081 - Ração para animais (exceto aves)	\$ -13.197	\$ 56.651.667	\$ 9.051.305	\$ 50.199.995	0,000	0,016	0,487	0,326	sd	30,339	-0,330
Agricultura	091 - Margarina e manteigas	\$ -	\$ 1.427	\$ 49.453	\$ 801.134		0,000	0,011	0,008	sd	sd	-0,255
Agricultura	098 - Produtos e preparados de carne	\$ -33.882	\$ -4	\$ -	\$ 52.235	0,000	0,000	1,000	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	111 - Bebidas não alcoólicas	\$ -	\$ -	\$ -13.747	\$ -39.907			0,741	0,572	sd	sd	-0,228
Agricultura	112 - Bebidas alcoólicas;	\$ -	\$ 354.661	\$ 3.268.241	\$ 10.272.476		0,071	0,012	0,011	sd	-0,836	-0,098
Agricultura	121 - Tabaco sem tratamento	\$ 50.111	\$ -	\$ 14.063.766	\$ 51.563.611	0,000		0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	122 - Tabaco manufaturado (exceto cigarros)	\$ -	\$ -18.736	\$ -	\$ 3.429.162		0,000		0,000	sd	sd	sd
Agricultura	211 - Couros e peles (exceto couros)	\$ -	\$ 310.496	\$ 659.505	\$ 5.076.361		0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	212 - Peles finas sem curtir (exceto couros)	\$ -	\$ 32.570	\$ 63.754			0,000	0,000		sd	sd	sd
Agricultura	222 - Sementes e frutos oleaginosos	\$ 5.845.050	\$ 531.219.356	\$ 2.662.693.062	\$ 4.120.142.014	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	-1,000
Agricultura	223 - Sementes e frutos oleaginosos	\$ -	\$ -180	\$ -	\$ -42.813		0,000		0,000	sd	sd	sd
Agricultura	231 - Borracha natural	\$ -	\$ -	\$ -11				0,000		sd	sd	sd
Agricultura	232 - Borracha sintética	\$ -	\$ -	\$ -310.609	\$ 495.765			0,000	0,697	sd	sd	sd
Agricultura	244 - Cortiça natural	\$ -	\$ -101.731	\$ -7.800			0,000	0,000		sd	sd	sd
Agricultura	247 - Madeira brutas ou cortadas	\$ -	\$ -	\$ 3.972.722	\$ 2.087.006			0,000	0,000	sd	sd	sd
Agricultura	248 - Madeira trabalhada e transformada	\$ -	\$ -32.025	\$ 13.225.695	\$ 15.383.907		0,000	0,000	0,069	sd	sd	sd
Agricultura	251 - Pasta e desperdícios de madeira	\$ 276.316	\$ -	\$ 3.422.338	\$ 28.706.355	0,000		0,006	0,000	sd	sd	-1,000
FTMM	263 - Algodão	\$ 113.598	\$ 123.088	\$ 87.320	\$ 6.570.772	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	266 - Fibras sintéticas adequadas para tecidos	\$ -40.731	\$ -159.498	\$ -1.092.319	\$ -933.484	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	267 - Outras fibras manufaturadas	\$ -	\$ -	\$ 266.706	\$ -56.642			0,009	0,941	sd	sd	100,843
FTMM	268 - Lã e outras peles de animais	\$ 12.055.312	\$ 26.930.231	\$ 37.705.308	\$ 43.217.037	0,000	0,000	0,011	0,005	sd	57,454	-0,559
FTMM	269 - Roupas velhas e outros artigos	\$ -	\$ -	\$ -2	\$ 3.894			0,000	0,000	sd	sd	sd

continua

continuação

FTMM	272 - Fertilizantes puros, exc	\$ -	\$ -	\$ -286.816	\$ -152.109	0,000	0,000	sd	sd	sd		
FTMM	273 - Pedra, areia e cascalho	\$ -	\$ 9.501	\$ 65.554	\$ -124.981	0,550	0,149	0,755	sd		-0,729	4,071
FTMM	274 - Enxofre e pepita de ferr	\$ -	\$ -	\$ -10.778	\$ -2.200	0,000	0,000	sd	sd	sd		
FTMM	277 - Abrasivos naturais (gr	\$ -	\$ -34.256	\$ -	\$ -	0,000	0,000	sd	sd	sd		
FTMM	278 - Outros minerais no br	\$ -907.248	\$ -1.400.002	\$ -4.434.411	\$ -4.996.475	0,000	0,009	0,182	0,270	sd	20,383	0,482
FTMM	281 - Mineral de ferro e seus concentrados	\$ -	\$ -	\$ -	\$ 3.427.419			0,000		sd		
FTMM	282 - Desperdícios e descart	\$ -	\$ 863.491	\$ -	\$ -	0,000			sd	sd	sd	
FTMM	283 - Minerais de cobre e seu	\$ -	\$ -	\$ 56.408.778	\$ 19.755.634		0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	285 - Minerais de alumínio e	\$ -1.599.246	\$ -1.480.641	\$ -5.739.780	\$ -8.520.457	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
FTMM	287 - Minerais de metais con	\$ -	\$ -8.081	\$ -	\$ -4.895		0,000	0,000	sd	sd	sd	
FTMM	288 - Desperdícios e descart	\$ -	\$ 3.676.029	\$ -	\$ 138.801		0,000	0,000	sd	sd	sd	
Agricultura	291 - Produtos animais no br	\$ -271.283	\$ -891.084	\$ -714.347	\$ -1.982.179	0,000	0,190	0,621	0,021	sd	2,272	-0,967
Agricultura	292 - Produtos vegetais no b	\$ -72.972	\$ -260.255	\$ -905.875	\$ -5.511.683	0,000	0,014	0,707	0,136	sd	50,126	-0,807
Energia	321 - Carvão	\$ -	\$ -	\$ -153.479	\$ -238.658			0,000	0,000	sd	sd	sd
Energia	325 - Coque e semicoque (inc	\$ -1.451	\$ -6.025.132	\$ -12.257.907	\$ -	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
Energia	333 Óleos de petróleo puros,	\$ -	\$ -	\$ 422.897.263	\$ 665.971.119			0,000	0,000	sd	sd	
Energia	334 - Produtos residuais der	\$ 511.576	\$ 704.863	\$ -307.547	\$ -126.349	0,000	0,001	0,076	0,255	sd	84,626	2,367
Energia	335 - Produtos residuais der	\$ -43.098	\$ -47.646	\$ -389.298	\$ -1.541.218	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
Energia	342 - Propano e butano líquid	\$ -	\$ -164	\$ -	\$ -			0,000		sd	sd	sd
Energia	344 - Gás natural e outros hidrocarbonetos gasosos;	\$ -	\$ -	\$ -	\$ -3.731				0,000	sd	sd	sd
Agricultura	411 - Óleos e gorduras de or	\$ -	\$ 25.804	\$ -	\$ -		0,000			sd	sd	sd
Agricultura	421 - Óleos e gorduras fixos	\$ 16.921.892	\$ 26.593.460	\$ 1.562.492.590	\$ 339.283.827	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	-0,978	-0,351
Agricultura	422 - Gorduras e óleos fixos	\$ 7.317.625	\$ 1.016.000	\$ 3.394.631	\$ 313.724	0,000	0,000	0,011	0,049	sd	sd	3,382
Agricultura	431 - Gorduras e óleos de or	\$ -	\$ -	\$ -41.673	\$ -31.112			0,001	0,000	sd	sd	-1,000
MnoBRN	511 - Hidrocarburetos	\$ -52.548	\$ -604.811	\$ -5.392.428	\$ -5.536.665	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
MnoBRN	512 - Álcoois	\$ -57.430	\$ -172.766	\$ -6.787.135	\$ 9.356.806	0,000	0,000	0,403	0,703	sd	sd	0,746
MnoBRN	513 - Ácidos carboxílicos e s	\$ -1.202.663	\$ -7.862.756	\$ -40.893.085	\$ -63.477.818	0,021	0,026	0,001	0,002	sd	0,220	-0,970
MnoBRN	514 - Compostos de funções	\$ -1.991.975	\$ -5.311.844	\$ -43.405.743	\$ -72.854.037	-0,000	0,365	0,021	0,010	sd		-0,942
MnoBRN	515 - Compostos orgânicos-	\$ -3.311.067	\$ -46.908.987	\$ -391.159.590	\$ -374.033.045	0,006	0,000	0,001	0,001	sd	-0,926	1,187
MnoBRN	516 - Outros produtos quim	\$ -373.881	\$ -2.582.028	\$ -5.683.853	\$ -9.293.720	0,000	0,000	0,103	0,374	sd	sd	2,614
MnoBRN	522 - Elementos químicos in	\$ -142.680	\$ -9.518.109	\$ -	\$ 6.845.665	0,000	0,000	1,000	0,000	sd	sd	-1,000
MnoBRN	523 - Sais metálicos e maxia	\$ -761.118	\$ -3.855.728	\$ -25.406.348	\$ -36.236.404	0,000	0,000	0,480	0,424	sd	sd	-0,116
MnoBRN	524 - Outros produtos quim	\$ -119.690	\$ -86.718	\$ -2.830.590	\$ -3.774.033	0,562	0,847	0,010	0,000	sd	0,507	-0,988
MnoBRN	525 - Materiais radioativos e	\$ -	\$ -8.934	\$ 1.018.745	\$ -4		0,000	0,087	0,000	sd	sd	-1,000
MnoBRN	531 - Materiais colorantes e r	\$ -1.859.947	\$ -3.468.054	\$ -15.681.786	\$ -20.070.228	0,000	0,179	0,039	0,015	sd		-0,782
MnoBRN	532 - Extractos tintórios e co	\$ -	\$ 837.365	\$ 6.410.010	\$ 5.945.183		0,000	0,000	0,169	sd		5963,203
MnoBRN	533 - Pigmentos	\$ -132.638	\$ -169.514	\$ -4.055.647	\$ -8.037.855	0,000	0,634	0,187	0,188	sd		-0,704
MnoBRN	541 - Produtos medicinais e	\$ -980.429	\$ -5.238.815	\$ 157.319	\$ 273.598	0,000	0,049	0,000	0,000	sd		-0,999
MnoBRN	542 - Medicamentos (incluim	\$ -	\$ 155.978	\$ -8.586.677	\$ -6.855.556		0,038	0,507	0,702	sd		12,265
MnoBRN	551 - Óleos essenciais	\$ 75.659	\$ -5.377	\$ -248.950	\$ 6.355.937	0,622	0,911	0,457	0,368	sd	0,466	-0,498
MnoBRN	553 - Produtos de perfumaria	\$ -18.876	\$ -1.295.128	\$ -2.633.401	\$ -3.509.296	0,000	0,007	0,000	0,005	sd		-0,971
MnoBRN	554 - Sabão e preparados pa	\$ -44.254	\$ -51.455	\$ -334.085	\$ -1.147.832	0,000	0,055	0,211	0,212	sd		2,873
MnoBRN	562 - Fertilizantes (exceto os	\$ -	\$ -24.465	\$ -79.085.918	\$ -86.641.344		0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
MnoBRN	571 - Polímeros de etileno	\$ 1.724.184	\$ 192.464	\$ -303.788	\$ -1.227.219	0,000	0,000	0,004	0,000	sd	sd	-0,885
MnoBRN	572 - Polímeros de estireno	\$ -	\$ -	\$ -2.044.842	\$ -4.316.441			0,000	0,219	sd	sd	sd
MnoBRN	573 - Polímeros de cloreto de	\$ -	\$ 111.344	\$ -878.350	\$ -691.022		0,133	0,014	0,010	sd		-0,892
MnoBRN	574 - Poliacetis	\$ -	\$ 1.198.262	\$ -26.728.787	\$ -39.372.346		0,197	0,012	0,002	sd		-0,941
MnoBRN	575 - Outros plásticos em fo	\$ 971.333	\$ 2.776.308	\$ -7.783.423	\$ -17.212.454	0,089	0,190	0,209	0,487	sd	1,132	0,098
MnoBRN	579 - Desperdícios	\$ -	\$ 638.168	\$ 23.606.950	\$ 17.224.585		0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
MnoBRN	581 - Tubos	\$ -726	\$ -302.206	\$ -3.520.523	\$ -5.458.892	0,000	0,000	0,033	0,000	sd	sd	-0,999
MnoBRN	582 - Pranchas	\$ -37.027	\$ -3.599.754	\$ -23.265.640	\$ -46.565.169	0,000	0,000	0,145	0,000	sd	2970,105	-0,997
MnoBRN	583 - Monofilamentos qualq	\$ -	\$ -13.219	\$ -404.185	\$ -1.922.835		0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
MnoBRN	591 - Inseticidas	\$ -970.931	\$ -5.084.006	\$ -29.299.769	\$ -47.633.975	0,158	0,002	0,065	0,019	sd	-0,990	40,000
MnoBRN	592 - Amido inulina e glúten	\$ -25.315	\$ 123.196	\$ -1.534.884	\$ -423.593	0,000	0,751	0,301	0,902	sd		-0,600
MnoBRN	593 - Explosivos e produtos d	\$ -982.523	\$ -10.616.268	\$ -7.037.435	\$ -7.200.623	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd
MnoBRN	597 - Aditivos preparados pa	\$ -	\$ 222.904	\$ 5.131	\$ 125.416		0,005	0,985	0,686	sd		190,609
MnoBRN	598 - Produtos químicos div	\$ -163.664	\$ -1.624.978	\$ -15.298.093	\$ -21.944.034	0,000	0,037	0,045	0,026	sd		0,213
MBRN	611 - Couro	\$ 6.792.864	\$ 71.383.801	\$ 171.568.201	\$ 137.184.671	0,034	0,001	0,017	0,012	sd	-0,972	17,142
MBRN	612 - Manufaturas de couro	\$ -2.621	\$ -33.223	\$ 3.582.346	\$ -558.560	0,000	0,925	0,182	0,109	sd		-0,804
MBRN	613 - Peles finas curtidas ou	\$ -	\$ 1.139.491	\$ 670.524	\$ 1.469.331		0,010	0,071	0,037	sd		5,874
MnoBRN	621 - Materiais de borracha	\$ -14.948	\$ -224.663	\$ -4.656.272	\$ -8.848.807	0,000	0,000	0,001	0,000	sd		9,955
MnoBRN	625 - Pneus	\$ -182.677	\$ -4	\$ -	\$ -		0,000	0,000		sd	sd	sd
MnoBRN	629 - Artigos de borracha	\$ -114.778	\$ -1.846.089	\$ -5.950.729	\$ -17.152.521	0,000	0,011	0,236	0,079	sd		19,962
MBRN	633 - Manufaturas de cortiça	\$ -	\$ -41.051	\$ -24.334	\$ -73.384		0,269	0,000	0,000	sd		-1,000

continua

continuação

MBRN	634 - Folhas de madeira para	\$ -	\$ 23.494	\$ 356.081	\$ 1.308.649	0,027	0,000	0,000	0,000	sd			-1,000	sd
MBRN	635 - Manufaturas de madeira	\$ -227.406	\$ -4	\$ 151	\$ 126.981	0,000	0,000	0,050	0,000	sd				-0,999
MnoBRN	641 - Papel e cartão	\$ -	\$ -112.979	\$ -7.293.117	\$ -14.582.805	0,000	0,013	0,020	0,020	sd				0,534
MnoBRN	642 - Papéis e cartões recorta	\$ -32.658	\$ -6.098.359	\$ -9.807.490	\$ -17.343.722	0,415	0,006	0,003	0,000			-0,985	-0,592	-0,803
MnoBRN	651 - Fios de fibra têxtil	\$ -363.617	\$ -2.787.934	\$ -31.292.530	\$ -28.519.116	0,230	0,098	0,000	0,011			-0,573	-1,000	sd
MnoBRN	652 - Tecidos de algodão (ex	\$ -9.066.476	\$ -744.968	\$ -23.792.442	\$ -39.846.146	0,000	0,000	0,000	0,001	sd				6,745
MnoBRN	653 - Tecidos de materiais têx	\$ -17.673.584	\$ -7.891.285	\$ -33.151.816	\$ -77.452.548	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	654 - Outros tecidos de fibras	\$ -76.795	\$ -764.133	\$ -3.024.005	\$ -4.627.700	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	655 - Tecidos de malha ou cro	\$ -	\$ -407.628	\$ -39.567.245	\$ -88.504.681	0,000	0,000	0,001	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	656 - Tules, encaixes, bordad	\$ 17.619	\$ -550.554	\$ -2.675.211	\$ -4.417.290	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	657 - Fios especiais, tecidos	\$ -28.027	\$ -1.920.442	\$ 123.815	\$ 16.562	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				6,473
MnoBRN	658 - Artigos confeccionados	\$ -766.321	\$ -11.654.031	\$ -17.503.448	\$ -30.839.680	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	659 - Tapetes	\$ -117.637	\$ -	\$ -602.967	\$ -1.003.357	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	661 - Cal	\$ -32.320	\$ -79.843	\$ -3.143.333	\$ -4.443.766	0,000	0,011	0,056	0,000	sd			4,015	-0,995
MBRN	662 - Materiais de construção de argila e materiais refratários de construção	\$ -	\$ -	\$ -	\$ 5.816	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	663 - Manufaturas de minera	\$ -129.741	\$ -2.784.715	\$ -9.257.376	\$ -15.479.377	0,000	0,000	0,000	0,008	sd				sd
MnoBRN	664 - Vidro	\$ -80.432	\$ 912	\$ -4	\$ -4	0,000	0,009	0,000	0,000	sd			-1,000	sd
MnoBRN	665 - Artigos de vidro	\$ -93.861	\$ -4	\$ -11.257.775	\$ -23.052.030	0,000	0,000	0,002	0,000	sd				-0,804
MnoBRN	666 - Artigos de cerâmica	\$ -1.161.491	\$ -9.565.080	\$ -13.480.658	\$ -7.340.470	0,000	0,000	0,000	0,001	sd				sd
MBRN	667 - Pérolas, pedras precios	\$ -2.135	\$ -	\$ -4	\$ -4	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	671 - Ferro fundido e ferro spa	\$ -	\$ -4.306.412	\$ -46.967.763	\$ -6.963.885	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	672 - Lingotes e outras formas primárias de ferro o aço produtos semiterminados de ferro o aço	\$ -	\$ -	\$ -	\$ -2.129	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	673 - Produtos laminados pla	\$ 714.909	\$ 3.228.847	\$ -9.562.548	\$ -9.099.450	0,000	0,000	0,066	0,003	sd				-0,957
MnoBRN	674 - Produtos laminados pla	\$ 891.082	\$ -	\$ 1.649.652	\$ -1.495.998	0,000	0,000	0,457	0,052	sd				-0,885
MnoBRN	675 - Produtos laminados plata	\$ -	\$ -5.136	\$ -6.293.761	\$ -2.807.955	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	676 - Barras	\$ 1.441.750	\$ -	\$ -1.863.648	\$ -10.383.294	0,000	0,112	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	677 - Carros e elementos para a construção de vias férreas de ferro ou aço;	\$ -	\$ -	\$ -	\$ -21.942	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	678 - Arame de ferro o aço	\$ -	\$ -184.390	\$ -4.488.155	\$ -4.255.630	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	679 - Tubos	\$ 57.494.638	\$ 29.389.819	\$ -6.223.320	\$ -13.053.091	0,007	0,139	0,831	0,575		18,877	4,980		-0,308
MBRN	681 - Prata e outros metais d	\$ -	\$ -	\$ -276.379	\$ -398.076	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	682 - Cobre	\$ -	\$ -821.067	\$ -17.807.116	\$ -34.313.638	0,000	0,006	0,001	0,001	sd				-0,770
MBRN	683 - Níquel	\$ -	\$ -19.725	\$ -301.324	\$ -485.999	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	684 - Alumínio	\$ -	\$ -182.835	\$ -2.910.037	\$ -14.823.505	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				-1,000
MBRN	685 - Plomo	\$ -	\$ -	\$ -32.685	\$ -30.457	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	686 - Zinco	\$ -	\$ -	\$ -6.880	\$ -7.603	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	687 - Estanho	\$ -	\$ -23.254	\$ -58.231	\$ -46.981	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MBRN	689 - Diversos metais comun	\$ -118.944	\$ -1.288.728	\$ -7.077.692	\$ -8.716.002	0,000	0,000	0,000	0,010	sd				sd
MnoBRN	691 - Estruturas e partes de e	\$ -6.521	\$ -620.422	\$ -4.776.683	\$ -10.756.209	0,000	0,000	0,004	0,001	sd				-0,858
MnoBRN	692 - Recipientes de metal pa	\$ -3.982	\$ -66.283	\$ -398.565	\$ -3.797.773	0,980	0,000	0,259	0,000		-1,000			-1,000
MnoBRN	693 - Artigos de arame (exce	\$ -501.552	\$ -1.149.684	\$ -5.180.745	\$ -6.637.173	0,000	0,000	0,010	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	694 - Pregos, parafusos, por	\$ -832.573	\$ -1.755.770	\$ -16.904.447	\$ -25.671.836	0,000	0,001	0,000	0,001	sd			-0,264	0,719
MnoBRN	695 - Ferramentas de uso ma	\$ -2.307.799	\$ -7.534.135	\$ -23.219.548	\$ -34.642.693	0,001	0,001	0,003	0,003		0,013	3,283		0,189
MnoBRN	696 - Faqueiros	\$ -1.158.066	\$ -4	\$ -	\$ -4	0,000	0,000	1,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	697 - Equipamentos doméstic	\$ -1.257.763	\$ -	\$ 86	\$ -4	0,000	1,000	0,085	0,000	sd			-0,915	-1,000
MnoBRN	699 - Manufaturas de metais	\$ -2.131.234	\$ -13.993.896	\$ -49.564.558	\$ -73.437.054	0,000	0,002	0,007	0,001	sd			3,246	-0,907
MnoBRN	711 - Panelas geradoras de v	\$ -	\$ -3.376.231	\$ -18.045	\$ -77.612.696	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	712 - Turbinas de vapor de a	\$ -	\$ -	\$ -7	\$ -	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	713 - Motores de Combustão	\$ -121.380	\$ 18.396	\$ -4	\$ 4.748.751	0,000	0,000	0,000	0,000	sd			-1,000	sd
MnoBRN	714 - Máquinas e motores nã	\$ -567	\$ -	\$ -15.006	\$ -688.794	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	716 - Aparelhos elétricos rot	\$ -2.111.365	\$ 1.836	\$ -4	\$ 52.661	0,000	0,004	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	718 - Máquinas geradoras de	\$ -687	\$ -	\$ -4	\$ -4	0,000	1,000	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	721 - Maquinário agrícola (e	\$ -	\$ -4	\$ -4	\$ -4	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	722 - Tratores (exceto os dos	\$ -330.119	\$ -135.371	\$ -2.567.472	\$ -3.005.390	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	723 - Maquinário e equipame	\$ 112.664	\$ 3.054.145	\$ 296	\$ 10.497	0,529	0,000	0,026	0,001		-1,000	10045,556		-0,971
MnoBRN	724 - Maquinário têxtil e para	\$ -4.035.927	\$ -4	\$ -4	\$ -4	0,000	0,000	0,000	0,000	sd				sd
MnoBRN	725 - Máquinas para fabricar	\$ 161.952	\$ -4	\$ -4	\$ -4	0,268	0,000	0,000	0,000		-1,000			sd
MnoBRN	726 - Máquinas para imprimir	\$ -63.265	\$ 13.171	\$ 1	\$ -4	0,000	0,001	0,889	0,000	sd			1463,333	-1,000
MnoBRN	727 - Máquinas para elabora	\$ -1.832	\$ -	\$ -	\$ 3.300	0,000	0,000	0,000	0,002	sd				sd
MnoBRN	728 - Outras máquinas e equ	\$ 278.263	\$ 10.456	\$ -4	\$ -4	0,640	0,001	0,000	0,000		-0,999		-1,000	sd
MnoBRN	731 - Máquinas ferramentas	\$ -576.116	\$ -4.273.434	\$ -23.351.242	\$ -18.503.449	0,000	0,009	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	733 - Máquinas ferramentas p	\$ -105.938	\$ -60.745	\$ -5.581.953	\$ -16.148.184	0,000	0,744	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	735 - Partes e peças	\$ -59.386	\$ -203.285	\$ -1.343.476	\$ -1.690.282	0,000	0,143	0,120	0,001	sd			-0,162	-0,989
MnoBRN	737 - Máquinas para trabalha	\$ -143.378	\$ 9.051	\$ -4	\$ -4	0,000	0,001	0,000	0,000	sd				-1,000
MnoBRN	741 - Equipamento de aquecci	\$ 459.256	\$ -4	\$ 114.880	\$ 73.521	0,181	0,000	0,000	0,000		-1,000			0,562
MnoBRN	742 - Bombas para líquidos e	\$ -36.058	\$ 46	\$ -	\$ -4	0,000	0,148	1,000	0,000	sd			5,750	-1,000
MnoBRN	743 - Bombas (exceto bombas	\$ -3.418.065	\$ -	\$ -4	\$ -	0,000	1,000	0,000	1,000	sd				-1,000
MnoBRN	744 Equipamento mec. de ma	\$ 223.508	\$ -4	\$ -4	\$ 11.979	0,680	0,000	0,000	0,001		-1,000			sd
MnoBRN	745 - Outras máquinas ferr	\$ 197.782	\$ -	\$ -4	\$ -4	0,143	1,000	0,000	0,000		6,005			-1,000
MnoBRN	746 - Rolamentos de esferas	\$ -2.029.502	\$ 8.632	\$ -4	\$ 250	0,000	0,001	0,000	0,031	sd				-1,000
MnoBRN	747 - Chave tomeiras	\$ -148.546	\$ -5.221.339	\$ -32.358.918	\$ -55.105.899	0,000	0,196	0,209	0,159	sd			0,066	-0,238
MnoBRN	748 - Eixos de transmissão (n	\$ -1.336.442	\$ 2.812	\$ 4.959	\$ 12.213	0,000	0,003	0,002	0,001	sd			-0,432	-0,594
MnoBRN	749 - Partes e acessórios não	\$ -12.315	\$ -352.135	\$ -7.050.605	\$ -16.276.373	0,000	0,002	0,064	0,032	sd			41,057	-0,496

continua

continuação

MnoBRN	751 - Máquinas de gabinete	\$	-1.041.501	\$	-17.721.323	\$	-55.500.283	\$	-76.112.049	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	319,141	
MnoBRN	752 - Máquinas de processar	\$	393.455	\$	-91.742.767	\$	-442.997.557	\$	-801.431.979	0,547	0,000	0,000	0,000	-1,000	-0,659	3,098	
MnoBRN	759 - Partes e peças e acessórios	\$	-8.269	\$	-31.511.217	\$	-164.170.056	\$	-177.540.868	0,880	0,000	0,000	0,000	-1,000	-0,801	4,142	
MnoBRN	761 - Receptores de televisão	\$	-9.016.402	\$	-87.836	\$	-70.595.754	\$	-118.458.110	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	-0,690	
MnoBRN	762 - Rádio-receptores	\$	-5.177.244	\$	-52.351.555	\$	-124.369.193	\$	-82.357.631	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	763 - Gravadores ou reprodu	\$	-361.431	\$	-14.536.556	\$	-156.480.387	\$	-113.680.570	0,103	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	-1,000	
MnoBRN	764 - Equipamentos de telec	\$	-3.798.060	\$	9.853	\$	-4	\$	25.590	0,016	0,001	0,000	0,000	-0,949	-1,000	sd	
MnoBRN	771 - Aparelhos de eletrici	\$	-529.332	\$	138.889	\$	12.582	\$	-4	0,000	0,000	0,001	0,000	sd	sd	10,032	
MnoBRN	772 - Aparelhos elétricos par	\$	-475.306	\$	-9.754.612	\$	-57.769.314	\$	-88.423.873	0,000	0,001	0,001	0,003	sd	sd	-0,369	
MnoBRN	773 - Equipamento para dist	\$	-54.215	\$	-4.093.940	\$	-28.489.284	\$	-53.975.211	0,000	0,018	0,000	0,000	sd	sd	-0,999	
MnoBRN	774 - Aparelhos elétricos de	\$	-	\$	-4	\$	-	\$	-4	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd		
MnoBRN	775 - Aparelhos de uso dom	\$	-2.107.119	\$	548	\$	332	\$	69	0,000	0,014	0,024	0,104	sd	sd	0,635	
MnoBRN	776 - Válvulas e tubos termi	\$	-1.421.205	\$	-4	\$	53.672	\$	886	0,000	0,000	0,000	0,009	sd	sd	59,045	
MnoBRN	778 - Máquinas e aparelhos e	\$	-2.176.371	\$	-	\$	-4	\$	-4	0,000	1,000	0,000	0,000	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	781 - Automóveis e outros v	\$	-	\$	281.185	\$	-21.647.726	\$	-26.439.149	0,000	0,006	0,002	0,000	sd	sd	-0,726	
MnoBRN	782 - Veículos automotivos p	\$	-	\$	-188.748	\$	-1.218.872	\$	-1.160.355	0,298	0,684	0,000	0,000	sd	sd	1,298	
MnoBRN	783 - Veículos automotivos d	\$	-	\$	-665.589	\$	-	\$	-	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	784 - Partes peças	\$	-73.806	\$	-	\$	904.982	\$	14.480	0,050	1,000	0,000	0,001	sd	sd	18,954	
MnoBRN	785 - Motocicletas (incluind	\$	-10.921.553	\$	-4	\$	5.438	\$	-4	0,000	0,000	0,001	0,000	-1,000	sd	-1,000	
MnoBRN	786 - Trailers e semi-trailers	\$	-64.136	\$	-4	\$	26.109	\$	-	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	791 - Veículos para ferrovias	\$	-	\$	-	\$	-723	\$	-1.800.921	0,000	0,000	0,249	0,001	sd	sd	sd	
MnoBRN	793 - Navios, embarcações	\$	-	\$	-113.978	\$	-11.443.862	\$	-21.697.328	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	812 - Artefatos e acessórios	\$	-	\$	-28.820	\$	340	\$	1.536	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	813 - Artefatos e acessórios d	\$	-1.006.730	\$	2.898	\$	93	\$	22.177	0,000	0,003	0,079	0,000	sd	sd	27,772	
MnoBRN	821 - Móveis e suas partes	\$	-245.381	\$	2.546	\$	-4	\$	-	0,000	0,003	0,000	1,000	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	831 - Baús	\$	-1.057.892	\$	-4	\$	-4	\$	-	0,000	0,000	0,000	1,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	841 - Abrigos	\$	-22.618.118	\$	-4	\$	-4	\$	1.773	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	842 - Abrigos	\$	-1.359.986	\$	-4	\$	1.994	\$	2.268	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	843 - Abrigos	\$	-2.435.380	\$	-1.585.636	\$	-3.045.463	\$	-9.612.827	0,000	0,000	0,001	0,001	sd	sd	sd	
MnoBRN	844 - Abrigos	\$	-239.467	\$	-1.938.211	\$	-2.914.806	\$	-7.970.592	0,000	0,000	0,000	0,002	sd	sd	sd	
MnoBRN	845 - Adornos de vestimenta	\$	-3.725.400	\$	56	\$	-4	\$	-	0,000	0,125	0,000	1,000	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	846 - Acessórios de vestir d	\$	-1.261.845	\$	-4	\$	41	\$	-4	0,000	0,000	0,163	0,000	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	848 - Adornos e acessórios d	\$	-860.365	\$	-4	\$	-4	\$	-	0,000	0,000	0,000	1,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	851 - Caçado	\$	-6.200.728	\$	155.729	\$	1.496	\$	-4	0,000	0,000	0,005	0,000	sd	sd	102,549	
MnoBRN	871 - Instrumentos e aparelh	\$	-105.942	\$	-4	\$	-4	\$	-4	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	872 - Instrumentos e aparato	\$	-831.077	\$	98.605	\$	110.258	\$	12.050	0,000	0,000	0,000	0,001	sd	sd	-0,106	
MnoBRN	873 - Medidores e contadore	\$	-20.426	\$	-4	\$	-4	\$	737.229	0,123	0,000	0,000	0,000	-1,000	sd	sd	
MnoBRN	874 - Instrumentos e aparelh	\$	-743.226	\$	-	\$	-	\$	-	0,000	1,000	1,000	1,000	sd	sd	0,000	
MnoBRN	881 - Aparatos e equipament	\$	-201.604	\$	3.496	\$	-4	\$	-4	0,000	0,002	0,000	0,000	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	882 - Materiais fotográficos	\$	-5.745	\$	2.067.598	\$	12.359.368	\$	6.326.729	0,000	0,527	0,422	0,686	sd	sd	-0,200	
MnoBRN	884 - Artigos de ótica	\$	-102.699	\$	-4	\$	-	\$	251	0,000	0,000	1,000	0,031	sd	sd	-0,969	
MnoBRN	885 - Relógios;	\$	-1.729.094	\$	146	\$	-4	\$	176	0,000	0,052	0,000	0,043	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	891 - Armas e munições	\$	-72.378	\$	-4	\$	-	\$	-4	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	892 - Impressos	\$	-27.336	\$	-2.639.930	\$	-9.945.173	\$	-23.527.264	0,653	0,003	0,008	0,006	-0,996	sd	sd	
MnoBRN	893 - Artigos de materiais pl	\$	-1.145.976	\$	-23.002.289	\$	-53.501.783	\$	-78.961.117	0,000	0,006	0,005	0,007	sd	sd	-0,149	
MnoBRN	894 - Carrinhos para crianç	\$	-10.113.213	\$	-4	\$	100.212	\$	913	0,012	0,000	0,000	0,009	-1,000	sd	sd	
MnoBRN	895 - Artigos de oficina e pa	\$	-1.059.346	\$	-4	\$	87	\$	346	0,000	0,000	0,084	0,023	sd	sd	-0,732	
MnoBRN	896 - Obras de arte peças de coleção e antiguidade;	\$	-	\$	-	\$	-	\$	10.000	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	897 - Joias e objetos de our	\$	-41.187	\$	-1.755.387	\$	-7.768.383	\$	-18.829.622	0,000	0,000	0,008	0,011	sd	sd	sd	
MnoBRN	898 - Instrumentos musicais	\$	-407.218	\$	2.476	\$	-4	\$	-4	0,000	0,003	0,000	0,000	sd	sd	-1,000	
MnoBRN	899 - Outros artigos manufa	\$	-4.101.152	\$	79.248	\$	-4	\$	37.410	0,002	0,000	0,000	0,000	sd	sd	-0,959	
MnoBRN	931 - Operações e mercadori	\$	629	\$	-	\$	-	\$	-	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
MnoBRN	971 - Ouro não monetário (e	\$	-	\$	-	\$	-	\$	56.332	0,000	0,000	0,000	0,000	sd	sd	sd	
<b>Total</b>		\$	<b>-42.105.804</b>	\$	<b>310.371.710</b>	\$	<b>2.607.921.950</b>	\$	<b>2.234.473.874</b>	<b>0,050</b>	<b>0,093</b>	<b>0,103</b>	<b>0,097</b>		<b>0,855</b>	<b>0,108</b>	<b>-0,059</b>

FONTE: Elaboração própria com base em COMTRADE 2014. Segundo a CUCI Rev. 3 reagrupada por Mandeng (1993:190)

\* Mandeng (1993: 190)

\*\* <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Lg=3>

\*\*\* Em dólares correntes